

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE**

**ESTUDO DOS SINAIS DO TEMPO NAS  
ESTRUTURAS URBANAS E NAS PESSOAS:  
UM LANCE DE OLHAR NAS QUESTÕES  
APRESENTADAS A PARTIR DO BAIRRO DA  
BOA VISTA - RECIFE/PE**

Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega  
Orientadora: Edvânia Tórres Aguiar Gomes



Recife, 2009.

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega**

**ESTUDO DOS SINAIS DO TEMPO NAS ESTRUTURAS  
URBANAS E NAS PESSOAS: UM LANCE DE OLHAR NAS  
QUESTÕES APRESENTADAS A PARTIR DO BAIRRO DA  
BOA VISTA - RECIFE/PE**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**

**2009**

## FICHA CATALOGRÁFICA

**Nóbrega, Pedro Ricardo da Cunha.**

**Estudo dos sinais do tempo nas estruturas urbanas e nas pessoas: um lance de olhar nas questões apresentadas a partir do bairro da Boa Vista – Recife/PE / Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega. - Recife: O Autor, 2009**

**213 folhas : Il., fig., graf., tab., quadros.**

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Desenvolvimento e Meio Ambiente, 2009.**

**Inclui bibliografia.**

**1. Meio Ambiente. 2. Espaços Urbanos. 3. Espaço e tempo – Sinais. 4. População – Envelhecimento. 5. Boa Vista (Recife Região Metropolitana). I. Título.**

**504**

**577**

**CDU (2. ed.)**

**CDD (22 ed.)**

**UFPE**

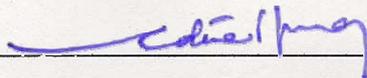
**BCFCH2009/57**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E MEIO  
AMBIENTE**

**Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega**

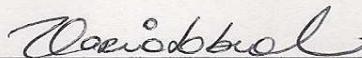
**ESTUDO DOS SINAIS DO TEMPO NAS ESTRUTURAS URBANAS E NAS  
PESSOAS: UM LANCE DE OLHAR NAS QUESTÕES APRESENTADAS A  
PARTIR DO BAIRRO DA BOA VISTA - RECIFE/PE.**

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: 29/05/2009



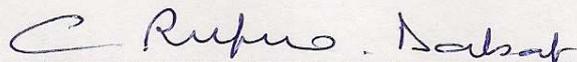
---

Dr<sup>a</sup> Edvânia Tórres Aguiar Gomes  
Universidade Federal de Pernambuco-UFPE  
(Orientadora)



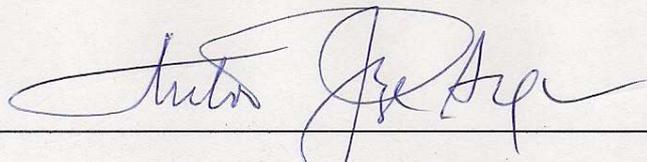
---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria do Carmo Martins Sobral  
Universidade Federal de Pernambuco-UFPE



---

Dra. Christine Paulette Yves Rufino Dabat  
Universidade Federal de Pernambuco-UFPE



---

Dr. Antônio Jorge de Siqueira  
Universidade Federal de Pernambuco-UFPE

...Dedico esse trabalho em primeiro lugar a Deus, pois sem Ele nada seria possível, é quase como uma força espiritual que impulsiona para frente e dá ânimo em momentos em que só o cansaço controla o pensamento. No plano imediato, a dedicatória só pode ser à minha família, pai, mãe e irmã, que a seu modo me ensinaram a respeitar o outro e entender que o mundo é feito de muitas coisas além da simples aparência.

## AGRADECIMENTOS

---

Ao se finalizar um trabalho que concentra tantos esforços é indispensável ter ao longo da trajetória de elaboração uma lista de pessoas que participaram, direta e indiretamente, e não apenas isso, mas, forma-se uma lista de pessoas que compartilharam angústias, sofrimentos, crises pessoais, crises profissionais, dentre tantos outros momentos que são classificados como dificuldades, mas, que compõem indubitavelmente o processo de evolução das questões, do problema e das inquietações.

Tudo isso é aumentado quando o processo de elaboração do trabalho não conta com o apoio contínuo das instituições que deveriam acompanhar e subsidiar os pesquisadores que executam um trabalho, quase que hercúleo, e que estão preocupados na construção de uma ciência envolvida com a qualidade de vida da sociedade e do seu conjunto ambiental, os entendendo de maneira associada. Compondo assim, o grupo daqueles que estão na busca por um conhecimento que não seja fragmentado e desarticulado, um conhecimento que seja aplicável à vida em todos os seus matizes, ensaiando então uma vida orientada pela complexidade que a enreda.

É por isso que as pessoas que participaram e compartilharam momentos são sem sombra de dúvidas a fonte tranquilizadora e o maior apoio que se pode ter, pois, junto a eles é possível superar as dificuldades que se apresentam e ainda ter bom humor e perceber que a vida é muito mais rica. Por isso, quando se tem a dimensão da vida como objeto de pesquisa não se pode trabalhar sem amor.

Entretanto, em primeiro lugar e acima de tudo o maior agradecimento é a Deus, que é a Força que dá sentido a permanência das ações, sem Ele não se seria possível ter vontade para avançar os estágios e para entender conexões e sentidos. Em seguida é impossível não agradecer ao apoio incondicional, ao eterno investimento na minha formação e a paciência em perceber os meus momentos mais limítrofes e ainda assim não pressionar ou entender que mesmo em tempos de crise o retorno ainda não era possível, pois, o investimento atual é na aprendizagem. Muito obrigado à minha família! Muito obrigado também por ter um ambiente harmônico, carinhoso e de intensas construções coletivas. E por isso tenho que especificar uma a uma, minha mãe: Cristine Alves da Cunha Nóbrega, meu pai: Luiz Ricardo de Pontes Nóbrega e a minha irmã Paula Rossana da Cunha Nóbrega, vocês são realmente especiais e sem vocês não haveria construção possível.

Tenho que dar o devido lugar no campo dos meus agradecimentos a minha mais que professora e orientadora, mas, mãe acadêmica: Edvânia Tôrres Aguiar Gomes que sempre que possível partilhou de pensamentos acadêmicos e pessoais, momentos de intensa cumplicidade e companheirismo, que sem egoísmos ou medos compartilhou do mundo da ciência. Não posso deixar de esquecer o tempo em que nos encontrávamos diariamente em Marburg, na Alemanha, quando estava em intercâmbio acadêmico e nas conversas e confissões feitas ali que iniciaram o processo de construção mental da pesquisa que apresento agora. E quando do meu retorno ao Brasil e da sua viagem à Alemanha para a realização do pós-doutoramento, não me senti em momento algum solitário, pois tinha em nossos encontros virtuais a possibilidade de partilhar os momentos e avançar na construção do trabalho.

Aos meus amigos íntimos a quem confiei às primeiras leituras desse trabalho: ao Carlos Gomes que, na medida do possível, me auxiliou na revisão e na melhor adequação dos vocábulos. À Andrezza Monteiro Alves, amiga que me acompanha já há sete (7) anos e com quem eu compartilho vários momentos da minha vida, é a minha fiel confidente e sem sobra de dúvidas tem um envolvimento mais do que direto na realização desse trabalho. Obrigado por tudo.

Agradecimento muito especial ao Felipe Paschoal, um amigo conquistado recentemente, mas, já confidente e companheiro das horas mais insólitas. Muito obrigado pelo carinho e dedicação a nossa amizade, são pessoas assim que justificam a fé nos humanos, e mesmo com tudo isso, ainda tenho que agradecer a ele pelo belíssimo resumo em francês que deixou a minha dissertação com um toque bem mais requintado. Agradeço também ao Diôgo Carvalho a quem confiei algumas leituras iniciais e a quem confiei a tradução para o espanhol, obrigado amigo.

Ao Gevson Silva Andrade reservo um grande obrigado, principalmente nas tardes de sábado e domingo nas conversas ao telefone, ainda na Alemanha, quando confidenciávamos nossas inquietações e discutíamos sobre os nossos respectivos trabalhos, o meu de mestrado e a tese de doutorado dele. Você tem uma participação direta nesse trabalho.

Não poderia deixar de ter na lista dos meus agradecimentos os meus amigos de mestrado, então através do nome de Arthur Batista e Michelle Midori agradeço a todos, principalmente pelos espaços de diálogos e intensas discussões sobre o pensamento sistêmico e o paradigma da complexidade, reflexões essas que trouxe já da graduação e que desenvolvi mais sistematicamente no ambiente da pós-graduação. Lembrar-me-ei

dos amigos da nova turma de mestrado que tive o prazer de conhecer quando do meu retorno da Alemanha, todos me receberam de uma maneira bastante calorosa não me fazendo sentir estranho, e por isso considero ter duas turmas, o que é um privilégio para poucos, por isso meu obrigado especial a Mateus, Janaína, Tatiana, Karla, Jorge e Vitória, valeu! Vamos em frente, sempre na luta por um mundo menos cartesiano e bem mais complexo.

Aos amigos do NEXUS, o grupo de estudos sociedade natureza eu dedico uma atenção especial e um agradecimento particular, pois, em dias de trabalho, tentamos contribuir muito para um novo pensar geográfico, muitos desses amigos ainda foram conquistados nos tempo de PET (Programa de Educação Tutorial) quando éramos bolsistas, e já compartilham alguns anos de convivência, então, muito obrigado ao Paulo Alves Silva Filho Filho, ao Michel Saturnino Barboza, ao Dirceu Cadena, e à Mariana Zerbone.

Não posso jamais deixar de agradecer a grande amiga conquistada, Solange de Paula, muito mais do que secretária, uma constante intermediadora das conversas com a coordenação, meu muito obrigado por fazer o possível e o impossível para que a convivência na universidade fosse a mais aprazível possível. Um grande amigo também conquistado pelo tempo é o Antônio Carlos de Barros Duprat que é muito mais do que um secretário de direção é um grande pai no apoio e na tentativa de ajudar sempre que possível, intermediando os contatos com os mais diversos níveis hierárquicos da Universidade, transformando as dificuldades em possibilidades. E, sempre junto a ele a presença inseparável do Marcus, eles jamais poderiam ser esquecidos.

O mesmo se dá a Didi que me acompanhou durante os 4 anos da graduação em Geografia e sempre com entusiasmo, junto com Itamar, tentaram ajudar ao máximo que podiam, meu muito obrigado, só é possível chegar a esse momento, quando as etapas anteriores são bem cumpridas, e jamais o seria sem a ajuda de pessoas maravilhosas como essas que estão além da dimensão de técnicos, mas, exercem quase o cargo de companheiros e amigos de trajetória.

Por fim e não menos importante, agradeço às conversas e às discussões sobre Filosofia e as interfaces entre as Ciências Humanas com as Ciências da Saúde travadas com os meus amigos Leonardo Carnut e Paulo Sávio Goes, inspiradores de que um caminho novo é possível para a ciência e para o pensamento socioambiental. O mundo clama por transformações.

*Antes que se abata sobre nós, a velhice é uma coisa que só concerne aos outros. Assim, pode-se compreender que a sociedade consiga impedir-nos de ver nos velhos nossos semelhantes.*

**Simone de Beauvoir**

*No mundo capitalista, o interesse a longo prazo não conta mais: os privilegiados que decidem o destino da massa não temem partilhá-lo. Quanto aos sentimentos humanitários, a despeito das tagarelices hipócritas, eles não intervêm. A economia é baseada no lucro; é a este, na prática, a que toda a civilização está subordinada: o material humano só interessa enquanto produz. Depois, é jogado fora.*

**Simone de Beauvoir**

*Saber envejecer es la mayor de las sabidurías y uno de los más difíciles capítulos del arte de vivir*

**Enrique Federico Amiel**

## RESUMO

---

Fenômeno não mais estranho à população de países em processo de desenvolvimento, o envelhecimento suscita uma série de questionamentos que ultrapassam a dimensão do “mundo vivido” do agora e se estabelece como base de reflexão para a organização da vida em seus matizes futuros. Assim, a população se reconhece como um conjunto, ainda que heterogêneo, que compartilha as mesmas necessidades básicas e instrumentais e cada vez mais se preocupa com os desdobramentos acerca da sua condição de vida, pois, a qualidade de vida na velhice está diretamente vinculada ao acesso a equipamentos e instrumentos que garantam a acessibilidade aos mecanismos de reprodução da vida. Não obstante, o envelhecimento em países que apresentam uma condição histórica de pobreza e marginalização é passível de grandes preocupações, porquanto uma população envelhecida precisa estar sob os auspícios de gestores públicos que pensem em sua condição e que não reforcem o imaginário popular de fraqueza, debilidade e incapacidade que é constantemente atribuído a esse grupo. O que se reivindica com esse trabalho é a aproximação às ciências ambientais, uma vez que a discussão sobre a gestão da vida e os seus mais diversos nuances está no centro dos debates epistemológicos, em construção, no escopo dessa nova área do conhecimento, já que as discussões sobre o tema são bastante fragmentadas, com pedaços do discurso ora presente no campo das ciências sociais e da saúde, ora no âmbito da arquitetura e urbanismo e engenharias. Partindo da perspectiva que a realidade social só pode ser analisada com base em estruturas complexas, as reflexões foram iluminadas com o apoio dos pensamentos de Morin (complexidade, Interdisciplinaridade), Lefebvre (Reprodução do espaço), Milton Santos (Sistemas) e reforçadas pela leitura e interpretação de dados oriundos de fontes primárias e secundárias de pesquisa. Como recorte amostral tomar-se-á o bairro da Boa Vista na cidade do Recife, em função aos apelos imanentes ao próprio tecido urbano que exhibe fragilidades em sua estrutura que necessitam ser investigadas na perspectiva do envelhecimento e por abrigar uma população que estatisticamente está em franco processo de envelhecimento. Constata-se, então, que o processo de envelhecimento vem sendo construído com base em estruturas de exclusão e abandono impossibilitando assim que a condição de vida seja respeitada. As dificuldades ainda se potencializam quando se constata que o processo de reprodução da vida está intimamente relacionado com o processo de reprodução do capital e justificado pela construção de um mundo mediado pela técnica. Percebe-se que a sociedade em processo de envelhecimento não está amparada pelo poder público, ainda mais se esses estão em condições sociais desfavorecidas, pois a estrutura do Estado não garante meios de inclusão social e não garante as necessidades instrumentais básicas. E, além disso, os espaços estão intensamente afetados pela fragmentação do seu tecido, gerando uma coleção de lugares que se encontram marginalizados das tendências de “desenvolvimento” e modernidade, dando condição para que o estado de obsolescência resulte em um processo de envelhecimento. A cidade com o seu conteúdo morfológico e psicossocial e a sociedade com as questões que emanam a partir da sua existência inexoravelmente vinculada ao espaço/território criam questões que precisam ser pensadas e resolvidas ambientalmente através do prisma da interdisciplinaridade, esse ambiente rico e heterônimo não pode ficar refém de visões seccionárias, pois o campo de atuação exige abordagens muito amplas e que engendram conteúdos os mais diversos, com os limites impostos pela sociedade e com os entraves apresentados por um espaço que não foi preparado para atender as necessidades desse grupo social.

Palavras-chave: Envelhecimento, População, Cidade, Boa Vista, Sinais, Temporalidade, Meio ambiente.

## RESUMEN

---

El envejecimiento de la población es un fenómeno habitual de países en proceso de desarrollo, que suscita una serie de cuestionamientos que ultrapasan la dimensión del “mundo vivido” del ahora y se establece como base de reflexión para la organización de la vida en sus matices futuros. Así, la población se reconoce como un conjunto, aunque heterogéneo, que comparte las mismas necesidades básicas e instrumentales y cada vez más, se preocupa con los desdoblamientos acerca de su condición de vida, una vez que la calidad de vida en la vejez está directamente vinculada al acceso a los equipamientos e instrumentos que garantizan la accesibilidad a los mecanismos de reproducción de la vida. No obstante, el envejecimiento en países que presentan una condición histórica de pobreza y marginación es pasible de grandes preocupaciones, una vez que una población envejecida precisa estar sob los auspicios de gestores públicos que piensen en su condición y que no refuercen el imaginario popular de debilidad e incapacidad, que es constantemente atribuido a este grupo. Lo que se reivindica con este trabajo es la aproximación a las ciencias ambientales, una vez que la discusiones sobre la gestión de la vida y sus diversos matices estan en el centro de los debates epistemológicos, en construcción, en el escopo de esa nueva área del conocimiento, una vez que las discusiones sobre el tema son muy fragmentadas, con pedazos del discurso ahora presente en el campo de las ciencias sociales, de la salud, en el ámbito de la arquitectura, urbanismo y de las ingenierías. Partiendo de la perspectiva que la realidad social solo puede ser analizada con base en estructuras complejas, las reflexiones fueron iluminadas con el apoyo de los pensamientos de Morin (complejidad, Interdisciplinaridad), Lefebvre (Reproducción del espacio), Milton Santos (Sistemas) y reforzadas por la lectura e interpretación de datos de fuentes primarias y secundarias de encuesta. Como recorte muestral se tomó el barrio Boa Vista en la ciudad de Recife, en función a los pedidos inherentes al propio tejido urbano que exhibe fragilidades en su estructura, que necesitan ser investigadas en la perspectiva del envejecimiento y por abrigar una población que estadísticamente está en franco proceso de envejecimiento. Se constata, entonces, que el proceso de envejecimiento viene siendo construido con base en estructuras de exclusión y abandono, imposibilitando así, que la condición de vida sea respetada. Las dificultades aún se potencializan cuando se constata que el proceso de reproducción de la vida está íntimamente relacionado con el proceso de reproducción del capital y justificado por la construcción de un mundo mediado por la técnica. Se percibe, que la sociedad en proceso de envejecimiento no está amparada por el poder público, aun más, están en condiciones sociales desfavorables, pues la estructura del Estado no garantiza medios de inclusión social y no garantiza suplir las necesidades instrumentales básicas. Además, los espacios están íntensamente afectados por la fragmentación de su tejido, generando una colección de lugares que se encuentran marginados de las tendencias de “desarrollo” y modernidad, dando condición para que el estado de obsolescencia resulte en un proceso de envejecimiento. La ciudad con su contenido morfológico y psicosocial, y la sociedad con las cuestiones que emanan a partir de suo existencia inexorablemente vinculada al espacio/territorio, crean cuestiones que precisan ser pensadas y resueltas ambientalmente por el prisma de la interdisciplinaridad, ese ambiente rico y diverso no o puede quedar rehén de visiones seccionadas, pues el campo de actuación exige abordajes muy amplios y que engendran contenidos diversos, con los límites impuestos por la sociedad y con las trabas presentadas por un espacio que no fue preparado para atender las necesidades de ese grupo social.

Palabras-llave: Envejecimiento, Población, Ciudad, Boa Vista, Señales, Temporalidad, Medio ambiente.

## ABSTRACT

---

As an already frequent phenomenon, aging rises a great amount of questions that cross common sense and establishes itself as a reflection basis for organization of life in the future. Hence, population, though heterogeneous, recognizes itself as a group that shares basic needs and concerns about quality of life since, on aging, it depends on equipments to assure life maintainence. Nevertheless, aging in poor and marginalized countries is an enormous source of concern, once elder population ought to be under the care of public managers who must think of their condition instead of reinforcing the popular belief of weakness, often attributed to this group. This dissertation intends to approximate of environmental sciences, since the discussion of life management and its features are, mostly, on epistemological debates which are still under construction, assembling ideas from social sciences and health care or architecture and engineering for its discourse. Considering the perspective that social reality can only be analyzed based on complex structures, reflections were supported by the ideas of Morin (complexity, interdisciplinarity), Lefebvre (space reproduction), Milton Santos (systems) and reinforced by reading and analyzing content of primary and secondary sources of research. As a sample, the neighborhood of Boa Vista will be taken, due to its permanent appeals to the urban tissue that points to fragilities in its structure that demands to be investigated in aging perspective once population is in an obvious aging process. It is verified, then, that the aging process is molded in an excludent structure violating quality of life. Difficulties are even increased when it is also observed that reproductive process of life is related to the process of capital reproduction and justified by the creation of a world managed by the technique. It is clear that the society in an aging process is not supported by the public power, specially the ones in poverty situation, since the State does not guarantee social inclusion and basic needs. Moreover, spaces are massively affected by the fragmentation of its tissue, creating a group of places apart from the development and modern tendencies, turning the state of obsolescence in an aging process. The city in its morphological and psychosocial contents and society with its arisen questions related to space/territory bring up issues that must be analyzed and solved through the perspective of interdisciplinarity, by virtue of this environment that cannot be limited to sectionary visions, once the acting field demands a wide approach that conceives varied contents, within the limits imposed by society and obstacles presented by a space that is not prepared to attend to the needs of this social group.

Key Words: Aging, Population, City, Boa Vista, Signals, Temporalidade, Environment.

## RESUMÉE

---

Phénomène non plus étrange à la population des pays dans le processus de développement, le vieillissement pose un certain nombre de questions qui vont au-delà de la taille du "vivant" et il s'établit comme base de réflexion pour l'organisation de la vie dans leur perspective à l'avenir. Ainsi, la population se reconnaît comme un groupe, même hétérogène, qui partage les mêmes besoins basiques et instrumentaux et de plus en plus s'occupe des conséquences de leur condition de vie, car la qualité de vie des personnes âgées est directement liée à l'accès aux équipements et aux outils qui assurent l'accessibilité aux mécanismes de reproduction de la vie. Cependant, il y a une grande préoccupation vers le vieillissement dans les pays qui ont une histoire de pauvreté et d'exclusion, car une population plus âgée a besoin d'être sous les auspices de l'administration publique qui pense à sa condition et ne fournit pas l'imagination populaire de faiblesse, débilité et d'incapacité toujours attribué à ce groupe. Ce que se demande par ce travail c'est l'approximation aux sciences environnementaux, une foi que le débat sur le gestion de la vie et ses nombreuses nuances est dans le centre des débats épistémologiques, en construction, dans le cible de cette nouvelle âge de la connaissance, puisque les débats sur le thème sont assez fragmentés, avec pièces du discours tantôt présent dans le champ des sciences sociaux et de la santé, tantôt dans le champ d'action de l'architecture et l'urbanisme et l'ingénierie. En regardant que la réalité social peut être évaluée seulement sous la base des structures complexes, les réflexions on été éclairées par le point d'appui des pensées de Morin (la complexité, l'interdisciplinarité), Lefbvre (reproduction du space), Milton Santos (le système) et ont été fortifiés par la lecture et interprétation des dés issus des fontaines primaires et secondaires de la recherche. Le quartier Boa Vista, à Recife, sera le coupure d'échantillon, en fonction des demandes immanents au tissu urbain lui même que montre des fragilités dans sa structure qu'ont besoin d'être fouillé sous la perspective du vieillissement et pour abriter une population qui statistiquement est en train de vieillir. On vérifie, alors, que le procès de vieillissement a ses bases construites sur les structures d'exclusion et de l'abandon, en impossibilitant, ainsi, que la condition de vie soit respectée. Les difficultés se renforcent, encore, quand on constate que le procès de reproduction de la vie est familièrement lié au procès de reproduction du capital et justifié par la construction d'un monde conduit par la technique. On perçoit qu'une société en voie de vieillissement ne sera pas appuyée pas le pouvoir publique, d'autant plus si elle est en conditions sociaux défavorables, car la structure d'État n'assure pas les nécessités instrumentales basiques. Et, en plus, les espaces sont intensément laissé par la fragmentation de son tissu, en générant une collection de places qui se trouvent marginalisés de tendances de "développement" et modernité, en donnant condition pour que l'état de réduction résulte en un procès de vieillissement. La ville avec son contenu morphologique et psychosocial et la société avec ses questions qui éminent à partir de son existence inexorablement liée à l'espace, au territoire, elles créent des questions qui ont besoin d'être pensées et résolus environnement par le point de vu de l'interdisciplinarité, ce place riche et divers ne peut pas être otage de visions fragmentées, car le champ de performance exige des approches très amples et qui engendrent des contenus les plus divers, avec les limites imposés par la société et avec des entraves présentés par un espace qui n'a pas été préparé à faire attention aux nécessités de ce groupe social.

Mots-clés: Vieillissement, population, ville, Boa Vista, signes, environnement.

## LISTA DE IMAGENS

---

Imagem 01 - Localização do Bairro da Boa Vista em relação ao Nordeste, ao estado de Pernambuco e à cidade do Recife.	32
Imagem 02 - Localização do Bairro da Boa Vista no contexto da cidade do Recife.	33
Imagem 03 – Taxa de Crescimento populacional da cidade do Recife no intervalo 1991 – 2000.	80
Imagem 04 – Taxa de Crescimento populacional da RPA 1 no intervalo 1991 – 2000.	82
Imagem 05 – Índice de envelhecimento para todos os bairros da Cidade do Recife, 2000.	83
Imagem 06 – Planta Genográfica da Villa de Santo Antônio do Recife de Pernambuco, 1749.	115
Imagem 07 – Recorte da porção edificada da cidade do Recife a partir da planta genográfica da Villa de Santo Antônio do Recife de Pernambuco de 1749, com a aglomeração da Boa Vista na zona central inferior da imagem.	116
Imagem 08 – Plano do Porto e Praça de Pernambuco e seu contorno Meridional e Ocidental, desenhado por Pedro Cronenberger, 1827.	118
Imagem 09 – Recife, 1876.	119
Imagem 10 – Ponte da Boa Vista.	119
Imagem 11 – Rua do Hospício.	120
Imagem 12 – Matriz da Boa Vista na Rua da Imperatriz Teresa Cristina.	121
Imagem 13 – Vista da Rua da Aurora, desde o Rio Capibaribe.	121
Imagem 14 – Recife, 1906-07.	123
Imagem 15 – Vista parcial do bairro da Boa Vista, início do século XX.	124
Imagem 16 – Vista parcial II do bairro da Boa Vista, início do século XX.	125
Imagem 17 – Articulação das imagens 17, 18 e 19.	130
Imagem 18 – Prédio na Rua Princesa Izabel em grande estágio de envelhecimento material.	130
Imagem 19 – Subutilização de prédios em estágio avançado de envelhecimento.	130
Imagem 20 – Condição reduzida de acesso em detrimento da instalação de barraqueiro na calçada.	130
Imagem 21 – Articulação das imagens 21, 22, 23, 24, 25 e 26.	131
Imagem 22 – Casario em intenso processo de obsolescência na Rua Velha.	131
Imagem 23 – Casario histórico da Rua Velha, exemplo material do processo de envelhecimento das estruturas urbanas.	132
Imagem 24 – Final da Rua Velha e o estado de conservação dos casarios históricos da Boa Vista.	132
Imagem 25 – Prédio eclético com influências neo-manuelinas, localizado no Pátio de Santa Cruz.	133
Imagem 26 – Casario histórico em intenso processo de envelhecimento na Rua Barão de São Borja.	133
Imagem 27 – Recorte territorial sob proteção do patrimônio histórico na Rua Barão de São Borja.	134
Imagem 28 – Localização do bairro da Boa Vista frente à cidade do Recife.	138
Imagem 29 – Mapa da condição de ocupação do imobiliário no bairro da Boa Vista.	140
Imagem 30 – Mapa do uso no bairro da Boa Vista.	142
Imagem 31 – Mapa das atividades no bairro da Boa Vista.	143
Imagem 32 – Primeira parte do passeio pelo bairro da Boa Vista com o senhor Antônio Goes.	150
Imagem 33 – Edifício Duarte Coelho, fachada do bloco A, onde no 7º andar reside o	150

senhor Antônio Goes, e um dos edifícios que representam o processo de envelhecimento no bairro da Boa Vista.	
Imagem 34 – Edifícios e Rua da Aurora no bairro da Boa Vista.	151
Imagem 35 – Avenida Conde da Boa Vista, localizada no bairro da Boa Vista.	151
Imagem 36 – Vista lateral do edifício Pessoa de Mello.	151
Imagem 37 – Ponte Duarte Coelho.	151
Imagem 38 – Ponte da Boa Vista.	152
Imagem 39 – Casa em alto grau de obsolescência à Rua da União.	154
Imagem 40 – Edifícios na proximidade da Rua da Saudade no bairro da Boa Vista.	155
Imagem 41 – Edifícios à Rua 7 de Setembro, Boa Vista.	155
Imagem 42 – Edifício habitacional por trás da Avenida Conde da Boa Vista.	155
Imagem 43 – Segunda parte do passeio pelo bairro da Boa Vista com o senhor Antônio Goes.	158
Imagem 44 – Pátio interno ao Mercado da Boa Vista.	158
Imagem 45 – Rua velha, no passeio com Antônio Goes.	158
Imagem 46 – Rua da Matriz, Boa Vista.	158
Imagem 47 – Matriz da Boa Vista.	159
Imagem 48 – Praça Maciel Pinheiro.	159
Imagem 49 – Teatro do Parque.	159
Imagem 50 – Rua Visconde de Goiânia.	163
Imagem 51 – Cinema São Luiz.	163
Imagem 52 – Antigas instalações do Cinema Veneza.	163
Imagem 53 – Atuais instalações do Atacadão de papelaria, e antigas instalações do cinema da Boa Vista.	163
Imagem 54 – Articulação das fotos tiradas durante o percurso com a Maria Fernanda.	166
Imagem 55 – Casa à Rua Marquês Amarin.	167
Imagem 56 – Rua José Alencar no cruzamento com a Rua Visconde de Goiânia.	167
Imagem 57 – Casario na Rua Barão de São Borja.	167
Imagem 58 – Casas em processo e envelhecimento à Rua da Soledade.	167
Imagem 59 – Terreno abandonada e casas transformadas em reprodutoras de cópias na Rua do Príncipe.	168
Imagem 60 – Barracas de lanche na Rua Bernardo Guimarães (Rua do Lazer).	168
Imagem 61 – Vista do bairro da Boa Vista a partir do 8º andar do bloco “G” da UNICAP.	168

## LISTA DE GRÁFICOS

---

Gráfico 01: Projeção do crescimento populacional no intervalo 1950-2050.	68
Gráfico 02: Taxa e projeção do crescimento da população brasileira (1940 – 2035).	69
Gráfico 03: Taxa de fecundidade nacional no período de 1992 a 2007.	69
Gráfico 04: Distribuição etária da população por sexo, 2000 - 2035.	71
Gráfico 05: Excedente feminino em milhares na população 1980 – 2050.	74
Gráfico 06: Proporção de idosos e “mais idosos” morando sozinhos por sexo, 1970, 1981 e 1998	77

## LISTA DE TABELAS E QUADROS

---

### TABELAS

Tabela 01 – Participação relativa percentual da população por grupos de idade na população total: 1980 – 2050.	73
Tabela 02 - Posição do Brasil com respeito à população projetada para 2008 e 2050	75
Tabela 03 – Índice de envelhecimento das capitais brasileiras, 2000.	78
Tabela 04 – População residente nos bairros centrais (1910, 1913, 1923).	81
Tabela 05 – População residente no bairro da Boa Vista (1910 - 1991).	81
Tabela 06 – Taxa de Crescimento anual da população dos bairros da cidade do Recife no intervalo de 1991-2000 e índice de envelhecimento.	84

### QUADROS

Quadro 01 – Paradigmas da Simplificação versus Paradigmas da Complexidade	34
Quadro 02 – Regras que condicionam o processo de envelhecimento versus posturas que auxiliam na subversão dos paradigmas do envelhecimento: Introdução do novo paradigma na estruturação dos pensamentos e da consciência	47
Quadro 03 – Resolução do Parlamento Europeu sobre a segunda Assembléia Mundial das Nações Unidas sobre envelhecimento de 9 de abril de 2002.	59
Quadro 04 – Considerações sobre a condição dos idosos e do processo de envelhecimento elaborada pela União Européia.	61
Quadro 05 - Evolução dos períodos técnicos ao longo da evolução da sociedade (simplificado).	109
Quadro 06 - Produtos frutos da revolução técnico-científica (simplificado).	111
Quadro 07 – Época da implantação tecnológica e tempo de aceitação pública até o pós 2ª grande guerra.	112

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

---

**ABEP** - Associação Brasileira de Estudos Populacionais

**CFCH** – Centro de Filosofia e Ciências Humanas

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IPEA** – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**PIA** – População em Idade Ativa

**PNAD** - Pesquisa Nacional de Domicílios

**PNUD** – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

**PRODEMA** – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente

**RBCEH** – Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano

**UE** – União Europeia

**UFPE** – Universidade Federal de Pernambuco

**UNESCO** – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

## SUMÁRIO

---

### **Introdução**

Os problemas no espaço e no tempo na análise socioambiental 20

Aproximando as relações teóricas das dimensões práticas do objeto da pesquisa 27

### **Capítulo 1**

1. Alguns aportes para iniciar o diálogo entre os processos de envelhecimento das pessoas num meio ambiente repleto de obsolescências e novidades 33

1.1. Buscando a natureza possível (a natureza da natureza, a natureza do homem e a natureza da cidade) para o entendimento de reprodução da vida: estruturando os diálogos. 40

### **Capítulo 2**

2. Processo e conceito de envelhecimento das pessoas e da sociedade. 50

2.1. – O envelhecimento da população brasileira. 65

2.2. – O envelhecimento nas metrópoles: o caso do Recife com ênfase no bairro da Boa Vista. 77

### **Capítulo 3**

3. Os processos de envelhecimento do espaço urbano. 87

3.1. Montando cenários teóricos para a investigação do envelhecimento das estruturas no espaço: sinais, eventos, objetos e temporalidade. 90

3.2. A técnica como elemento da construção do espaço: os nexos existentes no processo de envelhecimento do urbano. 107

### **Capítulo 4**

4. Bairro da Boa Vista: Acompanhando a evolução do bairro em relação à cidade em busca das justificativas espaciais ao processo de envelhecimento. 114

### **Capítulo 5**

5. A flânerie como uma forma de ilustração dos diálogos sobre o envelhecimento do/no bairro central da cidade do Recife – “passeando” na Boa Vista. 137

5.1. – Perspectiva de soluções para o tecido urbano envelhecido: contribuições da Alemanha para pensar os espaços do bairro da Boa Vista no Brasil. 173

### **Considerações Finais**

O direito à cidade, ao acesso, à reprodução da vida 176

### **Referências**

182

### **ANEXOS**

Anexo 1 - Estatuto do Idoso – L10741 194

Anexo 2 - Poema de Manuel Bandeira: Evocação do Recife, em que o poeta apresenta a sua melancolia frente às mudanças engendradas do Recife, e em especial no bairro da Boa Vista à sua rua, a Rua da União 213

## INTRODUÇÃO:

### *Apresentando os problemas da dimensão espaço-temporal na análise do processo de envelhecimento socioambiental*

Os seres humanos deparam-se, todos os dias, com situações que exigem uma noção, ainda que não muito precisa, das categorias *tempo* e *espaço*. O discurso e o aprofundamento dessas questões refletem o caráter “filosófico” e inquietante em que o cotidiano humano está inserido. A visão apriorística de mundo faz com que as pessoas “passem” pelas idéias sem entender a sutileza e o comprometimento delas com o processo de evolução e desenvolvimento da vida, o que, inevitavelmente, coloca temas fascinantes, apenas, como simples coadjuvantes.

A necessidade das pessoas em se localizar no espaço; as influências das mais diferentes épocas numa materialidade presente; o processo de crescimento de uma criança, acompanhado sempre pelos pais, parentes e a vizinhança do bairro, compõe e abarcam uma miríade de categorias e conceitos que, há muito, vêm sendo discutidos pelas ciências humanas e que ainda hoje colocam os cientistas da área das humanidades defronte de um conjunto de novos questionamentos e de reflexões acerca de velhas novidades.

As dimensões do tempo, do espaço, do cotidiano, do ser no mundo, da reprodução da vida e da natureza humana são apresentadas, incessantemente, todos os dias, apenas ao se observar um conjunto de cenas cotidianas.

A vida é construída a partir de vários fragmentos que aparentemente não compõe uma linha lógica de reflexão, mas que ao serem analisados em seu seio complexo e indissociável, retratam uma realidade plural e impossível de ser capturada em, apenas, um lance de olhar. Assim, essa “multivariabilidade” é uma das exigências para se entender às sofisticadas amarras e encruzilhadas montadas pela reprodução da vida<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> *Mein Flügel ist zum bereit Schwung, ich kehrte gern zurück, denn blieb ich auch lebendige Zeit, wenig hätte ich Glück.* Gerhard Scholem, ‘VOM GRUSS ANGELUS’ - Minhas asas estão prontas para o vôo, se pudesse, eu retrocederia. Se ficasse no tempo vivo, Eu teria menos sorte. (Gerhard Scholem, Saudação do Anjo). Há um quadro de Klee chamado Angelus Novus. Representa um anjo que parece a ponto de afastar-se para longe daquilo a que está olhando fixamente. Seus olhos estão arregalados, sua boca aberta, suas asas estendidas. O anjo da história deve ter este aspecto. Seu rosto está voltado para o passado. Onde diante de nós aparece um encadeamento de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que vai empilhando incessantemente escombros sobre escombros, lançando-os diante de seus pés. O anjo bem que gostaria de se deter, despertar os mortos e recompor o que foi feito em pedaços. Mas uma tempestade sopra do Paraíso e se prende em suas asas com tal força, que o anjo já não as pode fechar. A tempestade irresistivelmente o impele ao futuro, para o qual ele dá as costas, enquanto o monte de escombros cresce até o céu diante dele. (BENJAMIN, 1984, p. 26).

As categorias tempo e espaço reivindicam, a todo instante, uma atenção especial, principalmente, se o esforço da análise tem como idéia central contribuir para investigações no campo das ciências ambientais, antropológicas, psicológicas ou espaciais, pois, estas se encarregam de montar frágeis cenários sobre as possibilidades de reprodução e manutenção da “vida”, tornando-se assim, base para qualquer pensamento que queira considerar o papel do homem no mundo.

Então, a apresentação do espaço e do tempo como noções fundamentais de existência coloca a reflexão sobre as possibilidades de reprodução da vida humana num campo bastante definido e exato, pois, o que existe no mundo não existe fora da escala espaço-temporal.

Neste sentido, e caminhando para considerar o que já alertavam os mais diversos pensadores, ao longo do tempo, das mais diversas áreas e ramos das ciências, afirma-se que a vida está diretamente ligada ao espaço<sup>2</sup> - pois, ainda não foi possível ao homem se estabelecer fora dele, mesmo com os grandes avanços protagonizados pela sociedade - e inexoravelmente vinculada ao tempo<sup>3</sup> - pelo simples fato de que o homem ao produzir história, ao acumular experiências, o faz inegavelmente através do tempo. Em outras palavras, é estabelecida uma matriz espaço-temporal em que o homem e as suas ações se encontram “prisioneiros”, ainda que com todas as possibilidades de liberdade.

É nessa espécie de “fenda”, que forma-se, quando, do cruzamento das dimensões do tempo e do espaço, que a vida social se revela com todos os seus matizes. E, a partir de então, é possível perceber como e a que preço a sociedade utilizou os mais variados recursos, inclusive a natureza<sup>4</sup>, para construir e transformar o mundo.

---

<sup>2</sup> Ele é considerado como a condição da possibilidade dos fenômenos, e não como uma representação deles dependente; e é uma representação “a priori”, que é o fundamento dos fenômenos externos. (KANT, 1983, p. 17).

<sup>3</sup> O tempo é uma representação necessária que serve de base a todas as intuições. Não se pode suprimir o tempo nos fenômenos em geral, ainda que se possa separar, muito bem, estes daquele. O tempo, pois, é dado “a priori”. Só nele é possível toda realidade dos fenômenos. Estes podem todos desaparecer; mas o tempo mesmo, como condição geral de sua possibilidade, não pode ser suprimido (KANT, 1983, p. 20).

<sup>4</sup> As formas precedentes de intercâmbio produtivo entre os seres humanos e com a natureza eram, em seu conjunto, orientadas pela produção para o uso, com um amplo grau de auto-suficiência como determinação sistemática. Isso lhes impôs uma grande vulnerabilidade frente aos flagrantemente diferentes princípios de reprodução do capital já operativos, mesmo que inicialmente em uma escala muito pequena, nas fronteiras dos antigos sistemas. Pois nenhum dos elementos constitutivos do sistema orgânico do capital que se manifestava dinamicamente necessitou alguma vez ou foi capaz de, confinar a si próprio às restrições estruturais da auto-suficiência. O capital, como um sistema de controle do metabolismo social pôde emergir e triunfar sobre seus antecedentes históricos abandonando todas as considerações às necessidades humanas como ligadas às limitações dos “valores de uso” não quantificáveis, sobrepondo a estes últimos — como o pré-requisito absoluto de sua legitimação para tornarem-se objetivos de produção aceitáveis — o imperativo fetichizado do “valor de troca” quantificável e sempre expansível. É desta maneira que surgiu a forma historicamente específica do sistema capitalista, sua versão capitalista burguesa. Ela teve de adotar o irresistível modo econômico de

Ansiosos por uma proposta que transcenda os limites convencionais do que seja a idéia de natureza e as suas relações com a sociedade, tem-se que a preocupação com o meio ambiente não pode restringir-se à simples visão dicotômica do mundo, em que a produção da vida esteja destinada a seguir ou a lógica da natureza, ou a dimensão das relações sociais<sup>5</sup>. A vida, então, se apresenta como algo múltiplo e cheio de possibilidades que engloba desde elementos psicológicos e abstratos até as noções físicas e concretas do mundo.

Nessa trilha, percebe-se que, a cada dia, faz-se mais evidente que a “briga” pela natureza deixou de restringir-se, apenas, à preservação do peixe-boi ou do mangue - não que esses não sejam importantes. Mas, o que precisa, talvez, ser entendido, é que o homem também é habitante da biosfera e compõe um sistema complexo nas relações do meio ambiente, e a sua forma de viver em sociedade é, também, palco de estudos e intervenções de trabalho que estejam completamente vinculados às demandas ambientais.

Afinal de contas, modernamente, não se pode conceber o ambiente sem levar em consideração às relações sociais que se estabelecem nele, ou seja, o novo exercício de análises se concentra na possibilidade de entender às necessidades ambientais como um processo complexo<sup>6</sup>, que está preso à cadeia espaço-temporal de **modificação da vida**.

---

extração de sobretrabalho, como mais-valia estritamente quantificável — em contraste com a pré-capitalista e a pós-capitalista de tipo soviético, formas basicamente políticas de controlar a extração de sobretrabalho —, de longe, o modo mais dinâmico de realizar, a seu tempo, o imperativo da expansão do sistema vitorioso. Além do mais, graças à perversa circularidade do sistema orgânico totalmente completo do capital — no qual “cada relação econômica pressupõe outra sob a forma econômica-burguesa” e “cada elemento posto é ao mesmo tempo pressuposto” — o mundo do capital reivindica sua condição de eterna e indestrutível “gaiola de ferro”, da qual nenhuma escapatória pode ou deve ser contemplada (MÉSZÁROS, 2002, p. 165).

<sup>5</sup> "O trabalho é o Redentor dos tempos modernos... No aperfeiçoamento... do trabalho reside a riqueza, que agora pode realizar o que não foi realizado por nenhum salvador". Esse conceito de trabalho, típico do marxismo vulgar, não examina a questão de como seus produtos podem beneficiar trabalhadores que deles não dispõem. Seu interesse se dirige apenas aos progressos na dominação da natureza, e não aos retrocessos na organização da sociedade. Já estão visíveis, nessa concepção, os traços tecnocráticos que mais tarde vão aflorar no fascismo. Entre eles, figura uma concepção da natureza que contrasta sinistramente com as utopias socialistas anteriores a março de 1848. O trabalho, como agora compreendido, visa uma exploração da natureza, comparada, com ingênua complacência, à exploração do proletariado. Ao lado dessa concepção positivista, as fantasias de um Fourier, tão ridicularizadas, revelam-se surpreendentemente razoáveis. Segundo Fourier, o trabalho social bem organizado teria entre seus efeitos que quatro luas iluminariam a noite, que o gelo se retiraria dos pólos, que a água marinha deixaria de ser salgada e que os animais predatórios entrariam a serviço do homem. Essas fantasias ilustram um tipo de trabalho que, longe de explorar a natureza, libera as criações que dormem, como virtualidades, em seu ventre. Ao conceito corrompido de trabalho corresponde o conceito complementar de uma natureza, que segundo Dietzgen, "está ali, grátis" (BENJAMIN, 1984, p. 35).

<sup>6</sup> "A ciência moderna avançou fracionando e especializando o saber com o propósito de penetrar mais eficazmente no conhecimento das coisas... esse processo de simplificação do mundo gerou a emergência da complexidade", ou seja, modernamente a um movimento contrário ao da separação das disciplinas que também precisam ser analisadas como um movimento contrário a separação do homem com a natureza,

---

Ao invés de caminhar na direção contrária das necessidades humanas, é preciso que as reflexões ambientais às entendam e às incluam em sua pauta de discussões, e que os agendamentos também englobem problemas relacionados às necessidades básicas de reprodução e manutenção da vida humana. Essa preocupação exige que o mundo não seja apenas entendido como um resultado linear da evolução de um tempo absoluto, em um espaço absoluto, mas que seja lido como um produto incompleto que reflete a base de um constante *devenir*, uma constante possibilidade de mutação que deixa as suas marcas no espaço, mas que se transforma ao longo do tempo<sup>7</sup>.

Desta feita, uma das questões que se coloca é: *Se o espaço e o tempo não se materializam de maneira linear, e se as estruturas sociais deixam marcas gravadas no espaço, como se estabelece a gestão dos espaços (meio ambiente) urbanos em função dos registros do passado, das necessidades do presente e das antecipações do futuro?*

As dimensões do espaço e do tempo são colocadas como duas barreiras que limitam ou conduzem a atuação do processo investigativo e as reflexões sobre o mundo mediadas pelas relações sociais que ele contém, mas, não deixa de ser referência que se aplica a todos os processos, inadvertidamente.

Nesse sentido, a preocupação que se apresenta como problema real e que pode ser retirada da primeira pergunta, versa sobre a gestão, mas, não apenas a gestão dos espaços e as nuances na escala do tempo, mas, a gestão das pessoas e a sua contextualização junto ao tempo. Além de ser necessário o delineamento claro de como a mesma apresentará as suas interferências no espaço.

Assim, o foco de interesse está nos processos que transformam o espaço e na sociedade que é a grande força motriz desse processo. O que, então, se coloca como um catalisador dessas relações e, que aos poucos vai definindo e aproximando o objeto de estudo, é o processo de construção do mundo que está cada vez mais mediado pelas técnicas<sup>8</sup> e pela tecnologia que, no estágio atual da sociedade, encontra-se cada vez mais

---

pois a lógica dos processos complexos não tolera a divisibilidade. LEFF, Enrique. *Epistemologia Ambiental*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

<sup>7</sup> A verdadeira imagem do passado perpassa veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido. "A verdade nunca nos escapará" — essa frase de Gottfried Keller caracteriza o ponto exato em que o historicismo se separa do materialismo histórico. Pois irre recuperável é cada imagem do presente que se dirige ao presente, sem que esse presente se sinta visado por ela (BENJAMIN, 1984. p. 22).

<sup>8</sup> As características da sociedade e do espaço geográfico, em um dado momento de sua evolução, estão em relação com um determinado estado das técnicas [...] o conhecimento dos sistemas técnicos sucessivos é essencial para o entendimento das diversas formas históricas da estruturação, funcionamento e articulação dos territórios, desde os albos da história até a época atual (SANTOS, 2002, p. 171).

regido pela aceleração dos fenômenos causados por uma sociedade baseada na velocidade da informação<sup>9</sup>.

Essa sociedade está cada vez mais se tornando vítima de uma força centrífuga<sup>10</sup> que brota da modernidade contemporânea<sup>11</sup>, que liga todos os pontos do globo e reproduz a vida dos grupos vencedores através do capital<sup>12</sup>, criando, indiscriminadamente, dois grupos sociais: os que possuem e os que são possuídos, assim aos moldes da lógica desenvolvida e apresentada desde o pensamento de Karl Marx e Engels.

Com o advento da modernidade - essa modernidade que reflete a criação de espaços amnésicos<sup>13</sup> e instantâneos, a modernidade que representa o abandono das relações sociais, a superação do velho pelo novo, que reinventa formas e supera padrões, que articula tempos efêmeros – a sociedade caminha para ainda maiores discrepâncias entre os grupos excluídos e os grupos envolvidos. Não é mais o acesso ao capital que define a manutenção ou a exclusão das pessoas e das coisas desse processo, mas sim, a aptidão à realização de tal função, e que também não mais é restrito ao grupo de pessoas, não está mais centrado em pactos sociais, mas atinge, também, as coisas, os objetos<sup>14</sup>.

---

<sup>9</sup> A revolução informática e o controle tornaram possível a realização da previsão de P. Neville (1963, p. 254) quanto à mobilidade generalizada (dos homens, da energia, dos usos, dos produtos, no tempo e no espaço) uma mobilidade medida, controlada, prevista, que assegura aos centros de decisão um real poder sobre os outros pontos do espaço (SANTOS, 2002, p. 184).

<sup>10</sup> O sistema do capital é caracterizado por uma tripla fratura entre 1) produção e seu controle; 2) produção e consumo; e 3) produção e circulação de produtos (interna e internacional). O resultado é um irremediável sistema “centrífugo”, no qual as partes conflituosas e internamente antagônicas pressionam em muitos sentidos diferentes (MÉSZÁROS, 2008).

<sup>11</sup> O período atual sinaliza uma brutal transformação no tempo e nas formas de vivê-lo, mas se a chamada “pós-modernidade” é marcada pela instantaneidade no que se refere ao tempo, o tempo enquanto uso, isto é, identificado como duração da ação no espaço e revelado nos modos de apropriação, é hoje um tempo acelerado, comprimido e imposto pelo quantitativo (CARLOS, 2007b, p. 49).

<sup>12</sup> Através da redução e degradação dos seres humanos ao status de meros “custos de produção” como “força de trabalho necessária”, o capital pode tratar o trabalho vivo homogêneo como nada mais do que uma “mercadoria comercializável”, da mesma forma que qualquer outra, sujeitando-a às determinações desumanizadoras da compulsão econômica (MÉSZÁROS, 2002, p. 189).

<sup>13</sup> Espaço e tempo abstratos redefinem constantemente os usos e com eles os processos que criam a identidade, acabando por destruir as condições nas quais se gesta a memória coletiva. Nesse contexto, a espacialidade das relações sociais se inscreve num espaço que se reproduz, tendencialmente, sem referências. Esse é o processo que está na gênese do que chamo de espaço amnésico, um processo que enfoca a ruptura, uma mudança que não se apresenta como gradual, mas como produto de uma ruptura brutal, “era e não é mais”, diluindo os referenciais se diluem no espaço da metrópole e, com ele, os traços em que se baseiam a construção da identidade, produzida pela vida de relações, no interior dos bairros. (CARLOS, 2007b, p. 60).

<sup>14</sup> “vivemos segundo o seu ritmo [dos objetos] e sua incessante sucessão” (SANTOS, 2002, p. 187).

---

Como já foi mencionando anteriormente, o espaço e o tempo não são absolutos, logo a produção do mundo não pode ser entendida como um processo único e replicável para todas as lógicas, mesmo na escala da cidade, o espaço e o tempo não são reflexos de uma história única, mas sim, o resultado de um processo que não está acabado e que individualiza áreas e cresce de uma maneira desigual.

É com essa perspectiva da desigualdade que se monta a segunda questão que precisa ser trabalhada: *Se os processos de reprodução do capital têm como modelo à criação de áreas cada vez mais conectadas com os processos globais e se esses processos são por origem, excludentes, o que fazer com os espaços, e as pessoas que estão “condenados” pelo processo seletivo de circulação do capital? Qual é o lugar desses na nova configuração do mundo?*

A vida, como apresentada até então, é entendida, apenas, como um resultado do processo de construção do mundo pelo capital. No entanto, os questionamentos que são constantemente provocados exibem uma preocupação com a recolocação dos humanos como seres que têm sentimentos, necessidades, desejos, vontades que estão para além da simples posse de bens e equipamentos.

É iluminado pelo pensamento de que o homem é um ser que tem um ciclo de vida, e que para ser realizado com a plenitude e com respeito às diferentes fases desse ciclo, precisa ser garantido um mínimo de acesso às condições básicas de reprodução das atividades vitais, e garantidas às condições de que a vida seja desenvolvida em sua plenitude - quer seja em relação às necessidades de manutenção ligadas ao plano do agora, quer seja às necessidades específicas criadas com o passar do tempo que se constrói essa pesquisa na perspectiva de convidar para os debates profissionais das mais diversas áreas do conhecimento - a fim de construir propostas que vislumbrem trabalhar sistemática e correlatamente com a dimensão do espaço e do tempo, influenciando na construção de modelos de questão que contemplem os processos de envelhecimento do tecido social e do tecido urbano.

É sobre a questão e os efeitos do tempo nas estruturas sociais que se concentram os canais de observação e as tentativas de investigação, uma vez que na sociedade da informação a velocidade das coisas e a sua potência têm um papel insubstituível, ainda que contraditoriamente os postos de trabalho necessitem cada vez menos de força física - os velhos, ou aqueles que atingem certo estágio do processo de evolução humano, encontram-se sistematicamente excluídos dos processos de reprodução da vida.

O que está em análise são os movimentos da reprodução e manutenção da vida a partir dos processos sociometabólicos que apresentam um panorama de conquistas e intervenções para além do capital<sup>15</sup>. Mas, que precisam antes de tudo que o Estado assuma o controle dos mecanismos de intervenção, principalmente se estamos trabalhando com elementos (pessoas, coisas, objetos, espaços) que apresentam os “sinais” de velhice do tempo, ou seja, apresentam característica de obsolescência. Assim, nas palavras do Mészáros, a crítica a atuação do Estado é apresentada de maneira mais sistematizada, e coloca em evidência pontos que travam o funcionamento de estruturas que são elaboradas para além das necessidades do capital:

O papel totalizador do Estado moderno é essencial. Ele deve sempre ajustar suas funções reguladoras em sintonia com a dinâmica variável do processo de reprodução socioeconômico, complementando politicamente e reforçando a dominação do capital contra as forças que poderiam desafiar as imensas desigualdades na distribuição e no consumo. Além do mais, o Estado deve também assumir a importante função de comprador/consumidor direto em escala sempre crescente. Nessa função, cabe a ele prover algumas necessidades do conjunto social (da educação a saúde e da habitação e manutenção da chamada “infra-estrutura” ao fornecimento de serviços de seguridade social) e também a satisfação de “apetites em sua maioria artificiais” (por exemplo, alimentar não apenas a vasta máquina burocrática de seu sistema administrativo e de imposição da lei, mas também, o complexo militar – industrial, imensamente perdulário, ainda que diretamente benéfico para o capital) – atenuando assim, ainda que não para sempre, algumas das piores complicações e contradições que surgem da fragmentação da produção e do consumo.

E, é por isso que a cidade se torna o local onde este conjunto de interferências se torna mais visível, e, além disso, é na cidade que se acentuam as conseqüências da relação que a sociedade construiu com a natureza e a própria sociedade ao longo do tempo. É na cidade que as fragilidades e “demências” do processo de construção da vida, baseado nos moldes do capital, exhibe toda a dimensão, deixando claras as condições dos que não participam do processo de construção do seu tecido, assim, o

---

<sup>15</sup> (...) a fracassada “modernização” do assim chamado “terceiro mundo”, em conformidade com as prescrições difundidas por décadas pelos países “capitalistas avançados”, destaca o fato de que um grande número de pessoas — não apenas na Ásia, como também na África e América Latina — ficou fora da terra, por muito tempo prometida, da prosperidade capitalista liberal. Dessa forma, o capital pode conseguir adaptar-se às pressões emanadas do fim de sua “ascendência histórica” somente retrocedendo atrás de sua própria fase progressiva de desenvolvimento e abandonando completamente o projeto capitalista liberal, apesar de toda mistificação ideológica auto-justificatória em contrário. É por isso que hoje se tornou mais óbvio do que nunca que o alvo da transformação socialista não pode ser somente o capitalismo, se quiser um sucesso duradouro; deve ser o próprio sistema do capital (MÉSZÁROS, 2002, p. 190).

velho, o obsoleto se torna visível e a sua existência expõe umas das fragilidades desse sistema.

Esses mesmos processos de aceleração técnica e tecnológica foram responsáveis por um conjunto de transformações na vida das pessoas que possibilitou àqueles, que durante o período de produtividade, inseridos nos grupos favorecidos pela reprodução do capital, tivessem os efeitos do tempo minimizados e a vida fosse prolongada (UNESCO, fóruns sobre o crescimento populacional, dados estatísticos e censitários). Esse prolongamento da expectativa de vida, atualmente, é aplicável a uma gama considerável da sociedade, o que fez com que nos últimos 50 anos a quantidade de idosos atingisse números jamais alcançados.

Essa condição revela uma das novas fases da exclusão do processo de reprodução do capital, pois, os mesmos indivíduos, que ocuparam durante anos os postos de trabalho, agora não estão mais inseridos no sistema e não recebem assistência das corporações para que a velhice seja vivida de uma maneira plena. Além disso, os investimentos feitos ainda há época da juventude envelheceram junto com os mesmos e as infra-estruturas que os servem não estão mais aptas a garantir qualidade de vida necessária.

### ***Aproximando as relações teóricas das dimensões práticas do objeto da pesquisa***

Numa perspectiva de aproximação dos questionamentos teóricos com a materialidade das ações, apresentar-se-á o bairro da Boa Vista como recorte temático e instrumento inspirador dos questionamentos.

O bairro da Boa Vista tem sitio definido na planície flúvio-marinha do Recife, mais especificamente na região da grande planície formada pelo baixo estuário, na cidade do Recife. Essa região está cercada por uma série de elementos naturais que imprimem uma localização física exata para o conjunto em análise, assim tem-se que ao sul e ao leste as margens são delimitadas pelo Rio Capibaribe, ao mesmo tempo que, ao leste, também se encontra o Rio Beberibe. Ao oeste e ao norte, as delimitações são identificadas através do canal Derby-Tacaruna, estabelecendo, assim, uma idéia de ilha para a região em análise.

Artificialmente, as delimitações e localizações referentes ao bairro da Boa Vista (ver imagens 01 e 02) podem ser explicitadas a partir da sua contextualização na Região Política Administrativa 1, e do mesmo modo, pode-se salientar que a área em análise

---

apresenta uma unidade territorial de aproximadamente 181,4 hectares e, de acordo com os dados da PREFEITURA DO RECIFE (2000), apresenta aproximadamente 14.033 habitantes, com uma taxa de crescimento geométrica **anual de -2,15** (a taxa se refere ao intervalo estatístico entre os anos de 1991/2000).

Os dados estatísticos revelam que a população adulta é a maior parte do universo de residentes da Boa Vista, eles são 42,53% de todos os habitantes. No entanto, os que estão na faixa de 40 a 59 representam 25,30% da população total do bairro, e os idosos, aqueles que possuem a partir de 60 anos, correspondem a **17,63 %** da população. Se reunirmos esses dois últimos subgrupos em uma nova unidade, ou seja, o daqueles que têm acima de 40 anos, essa representará 42,93 % da população do bairro, e assumem, assim, a maioria estatística relativa do lugar.

A reunião desses, como instrumento de análise da pesquisa, se justifica pelo processo de envelhecimento da sociedade nos últimos 50 anos, pois, tratar de envelhecimento não é apenas voltar os olhares à população de idosos, mas, entender como se estabelecem os processos de envelhecimento da sociedade e entender, de maneira contextualizada, que os jovens de hoje são os idosos num futuro próximo, e que os adultos que estão na faixa daqueles com 40 anos representam a próxima geração que irá sofrer os impactos do conjunto legal e do conjunto social que a geração atual está preparando. Assim, precisa-se entender que, mesmo com mudanças radicais na estrutura social, seus impactos serão sentidos apenas nas gerações seguintes.

Os dados acima apresentados reforçam as idéias que circulam no imaginário popular - daqueles que vivem a cidade do Recife - de que o bairro da Boa Vista é ocupado, em maior número, por pessoas que já atingiram certo grau de maturidade. Aliado a isso, o espaço urbano associado a esse recorte espacial é, há muito, considerado como um espaço obsoleto, ou em processo de obsolescência. Esse processo revela fragilidades no tecido urbano e essas são interpretadas pelos indivíduos como um conjunto de idéias pré-estabelecidas, o que cria imagens coletivas de atraso, marginalidade e desenvolvimento retardado. Mesmo sofrendo parcialmente nos últimos anos, algumas intervenções pontuais no sentido de restabelecer a condição de bairro difusor do desenvolvimento e modernidade, o bairro da Boa Vista sofre de constantes “espasmos”, que não constroem uma nova imagem para o local. Essa condição o coloca como recorte espacial fundamental à construção do conhecimento teórico acerca das questões voltadas ao processo de envelhecimento, aos sinais do tempo e às grandes

disputas entre os anúncios da novidade em contraponto com a materialização das heranças do passado.

### *Justificativa*

A pesquisa tem como uma das suas principais características a novidade da abordagem sobre a conservação das pessoas e das coisas no mundo, e nesta perspectiva, inaugura uma nova possibilidade de investigação das questões ambientais, uma vez que o ambiente não é apenas entendido como aquele palco das interferências humanas a fim de atingir a conservação da natureza. Nessa proposta, o ambiente é entendido, antes de tudo, como o “campo” de reprodução da vida, aliado sempre com a noção de que a natureza é um elemento que está presente inexoravelmente ao meio.

O estudo em questão pode auxiliar as pessoas a melhor entender os ciclos naturais de transformação e manutenção da vida, além de auxiliar na exibição das “rugosidades” espaciais que precisam de uma intervenção, quer seja na maneira como as pessoas enxergam os “sinais” do tempo, quer seja como as organizações e autoridades competentes gerenciam a vida e os instrumentos necessários a sua manutenção.

Os trabalhos que “deságuam” na elaboração da pesquisa podem, com o tempo, e na medida em que se vai aproximando dos objetivos, exibir uma nova perspectiva de entender e processar as informações vindas da natureza, além de colocar definitivamente o homem inserido nas questões ambientais, não apenas como um ser estranho que auxilia na destruição dos elementos naturais, mas, antes de tudo, como uma espécie que apresenta fragilidades e que precisa de um conjunto de ações que o auxiliem frente à necessidade da manutenção da vida, ainda mais, se levamos em consideração os anos em que a vida encontra uma maior fragilidade e necessita de um conjunto de ações que possibilitam a integração dos indivíduos com o espaço vivido.

A justificativa da escolha do bairro da boa vista como o recorte espacial se dá pela grande concentração de pessoas acima dos 60 anos de idade e a grande coleção de equipamentos (prédios, casas, condomínios, lojas, etc.) com os sinais evidentes do tempo, sinais esses que configuram o envelhecimento das estruturas e das formas.

Desta maneira, tem-se, nesse recorte espacial, a materialização dos “sinais de velhice” e “sinais de juventude” inerente aos grupos sociais, e aos objetos produzidos

---

pela sociedade na substituição do que era natural pelo artificial, e assim, conseqüentemente, na construção e reconstrução do espaço.

### ***Objetivos***

Investigar como pessoas e estruturas urbanas envelhecidas foram, ao longo do tempo, marginalizadas, transformando o bairro da Boa Vista numa área de notória obsolescência, como reflexo de um processo de produção sociometabólica do capital, e, com base nisso, entender os sinais do tempo existentes no ambiente e nas pessoas.

- Identificar, junto aos órgãos públicos, quais são as políticas públicas em relação ao envelhecimento das pessoas, do espaço e das coisas (objetos);
- Analisar quais são os “sinais” de envelhecimento e juventude que estão presente nas coisas, nas pessoas e no espaço;
- Estabelecer parâmetros sobre a relação sociedade natureza, com ênfase a reprodução da vida em ambientes urbanos – bairro da Boa Vista;
- Mapear os sinais de velhice e os sinais de juventude existentes no bairro da Boa Vista e comparar os usos do espaço;
- Analisar, numa escala temporal dos últimos 50 anos, os planos e projetos vinculados à área da Boa Vista no tocante a conservação das pessoas, das coisas e dos objetos;
- Em função da ausência de preocupação com a acessibilidade, analisar como se dá a forma de acesso aos edifícios e equipamentos, principalmente para a população que apresenta os sinais do tempo e as fragilidades conseqüentes do processo de desgaste natural das capacidades biológicas.

### ***Estrutura da Dissertação***

Em relação à estrutura da dissertação, apresenta-se em cinco (5) capítulos que, ao se articularem, tentam demonstrar o panorama do processo de envelhecimento da população e o processo de envelhecimento das estruturas urbanas no espaço/tempo do bairro da Boa Vista, na cidade do Recife.

As análises foram elaboradas à luz da teoria e método da complexidade do Edgar Morin, levando-se em consideração as observações das estruturas em sua perspectiva e

dimensões complexas, não obstante, as reflexões foram iluminadas com a participação teórica de Léfèbvre e Milton Santos no que tange à condição de reprodução do espaço e a organização e materialidade sistêmica dos fenômenos, reforçada pela leitura e interpretação de dados oriundos de fontes primárias e secundárias de pesquisa, acompanhado de conversas com moradores do bairro e dos diálogos possíveis entre os registros históricos e atuais.

Para isso, o primeiro capítulo inicia com um panorama geral das influências metodológicas, em seguida discute as dimensões da natureza possível em suas mais diversas nuances, com a finalidade de se construir diálogos mais intensos acerca do universo teórico que compõe e justifica o processo de envelhecimento

O segundo capítulo se apóia em bases estatísticas para se desenhar o “mapa” do processo de envelhecimento do Brasil, e apresenta também uma série de estratégias vindas de países desenvolvidos, em especial o bloco da União Européia na elaboração de políticas públicas voltadas para a parcela da sociedade idosa. Não obstante, o primeiro capítulo discute as bases fundamentais do conceito de envelhecimento social e as mais diversas nuances desse processo que se mostra inexorável à condição da vida da sociedade global. Além de apresentar a Boa Vista como um recorte espacial em que a concentração de indivíduos em grupo etário acima dos 60 anos é bastante considerável, e em consonância com isso, o capítulo também apresenta que as taxas de reposição populacional do bairro não estão evoluindo positivamente, o que configura nitidamente o processo de envelhecimento populacional.

O terceiro capítulo conduz à discussão acerca do envelhecimento dos objetos no espaço, e conseqüentemente o próprio processo de envelhecimento da cidade. A primeira grande descoberta está na discussão do conceito heideggeriano de sinal, o que já indica pista de como se estabelece o processo de constatação coletiva das evidências de envelhecimento. Para tanto, buscou-se entender as lógicas de reprodução do espaço em núcleos urbanos e a influência da técnica como um elemento definidor de novos estágios de modernidade, influenciando assim na idade social dos objetos. Discute-se, nesse, os conceitos de técnica, de sinais, reprodução do espaço, que guiam a pesquisa e a dota de uma base científica.

O quarto capítulo apresenta uma evolução do bairro da Boa Vista em busca de uma justificativa do processo de envelhecimento das estruturas e objetos do bairro, comparando os fenômenos do passado com os do presente.

O capítulo cinco segue a lógica do *flâneur* e vai apreendendo o espaço do bairro a partir de passeios e reconhecimentos, usando como recurso as dificuldades encontradas por diversos personagens para acessar o bairro, e ao mesmo tempo apresenta o bairro a partir dos seus sinais de envelhecimento, com o tecido social envelhecido tendo que conviver com a estapolação que a esfera comum ao bairro e que atende às demandas da Região Metropolitana, procurando os serviços a que o bairro se presta.

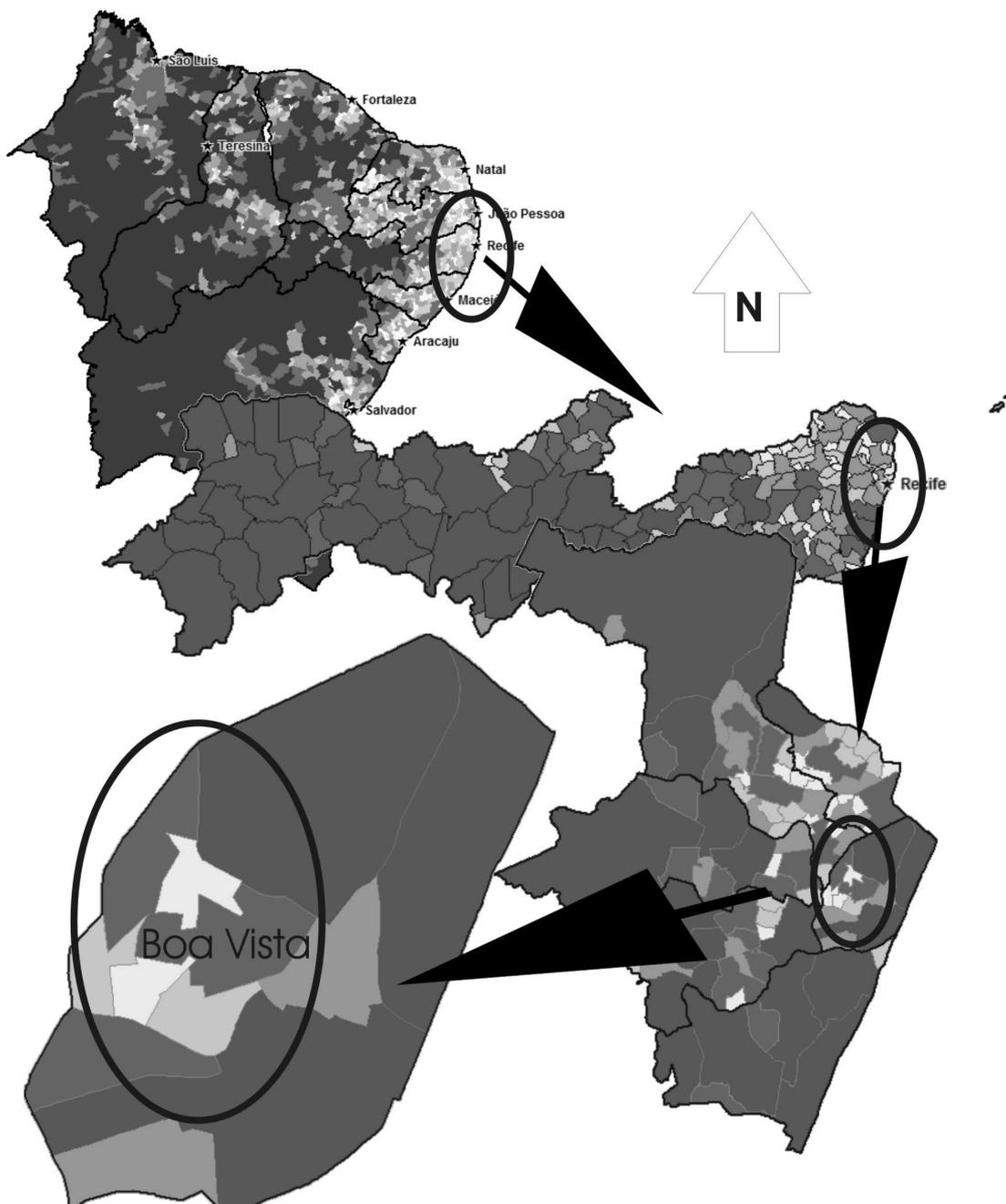


Imagem 01 - Localização do Bairro da Boa Vista em relação ao Nordeste, ao estado de Pernambuco e à cidade do Recife.

Fonte: Imagens adaptadas a partir do Atlas de Desenvolvimento Humano no Recife.



Imagem 02 - Localização do Bairro da Boa Vista no contexto da cidade do Recife.

Fonte: Mapa retirado do Atlas de Desenvolvimento Humano no Recife.

## CAPÍTULO I:

### 1. *Alguns aportes para iniciar o diálogo entre os processos de envelhecimento das pessoas num meio ambiente repleto de obsolescências e novidades.*

*(...) os idosos [...] não são nem coitadinhos, incapazes de assimilar inovações, nem triunfantemente “nova terceira idade”. Simplesmente personagens humanos do cotidiano, postos diante de possibilidades da adoção, ou não, de “ferramentas” que possam atender às necessidades, ou então que lhes pareçam inúteis no dia-a-dia (PEIXOTO; CLAVAIROLLE, 2005, p. 12).*

A análise dos processos de envelhecimento social associados aos processos de envelhecimento do tecido urbano (coisas, objetos etc.) reivindica minimamente um método que abrange as suas especificidades, mas que permita reconhecer as articulações na lógica da construção social do espaço. De acordo com Morin, é possível posicionar-se em relação ao lugar do método e da teoria no processo de construção de uma ciência com consciência.

Uma teoria não é o conhecimento; ela permite o conhecimento. Uma teoria não é uma chegada; é a possibilidade de uma partida. Uma teoria não é uma solução; é a possibilidade de tratar um problema. Em outras palavras, uma teoria só realiza seu papel cognitivo, só ganha vida com o pleno emprego da atividade mental do sujeito. É essa intervenção que dá ao termo *método* seu papel indispensável (MORIN, 2005, p. 335).

A contemplação da complexidade como método implica não só caminho para investigação, funciona também como teoria de análise. Sem dúvidas, a adoção da teoria da complexidade se insere num plano de riscos e polêmicas reconhecido assim por Morin (2005, p. 336): “*O perigo essencial é que a própria palavra complexidade se torne o instrumento e ao mesmo tempo a máscara da simplificação*”, pois,

*(...) a pior simplificação é aquela que manipula os termos complexos como termos simples, os liberta de todas as tensões antagônicas/contraditórias, lhes esvazia as entranhas de todo o seu claro-escuro. A pior simplificação seria repetir aos quatro ventos “tudo é complexo, tudo é hipercomplexo”, isto é, expulsar precisamente a resistência do real, a dificuldade de conceito e de lógica, que a complexidade tem a missão de *revelar e manter* (MORIN, 2005, p. 337).*

Nesse âmbito, e considerando ser importante distinguir a diferença entre os paradigmas da complexidade e os paradigmas da simplificação, consta no trabalho de Morin os seguintes conteúdos apresentados no quadro 01 abaixo:

<b>Paradigmas de Simplificação (Princípios da inteligibilidade da ciência clássica)</b>	<b>Para um paradigma da complexidade</b>
1. Princípio de universalidade;	1. Validade, mas, insuficiência do princípio da universalidade. Princípio complementar e inseparável de inteligibilidade a partir do local e do singular;
2. Eliminação da irreversibilidade temporal;	2. Eliminação da irreversibilidade temporal;
3. Princípio que reduz o conhecimento ao conhecimento das partes simples ou unidade elementares;	3. Reconhecimento da impossibilidade de isolar unidades elementares simples na base do universo físico. Princípio que une a necessidade de ligar o conhecimento dos elementos ou partes aos dos conjuntos ou sistemas que elas constituem;
4. Princípio que reduz o conhecimento das organizações aos princípios de ordem;	4. Princípio da incontornabilidade da problemática da organização da auto-organização;
5. Princípio da causalidade linear;	5. Princípio da causalidade complexa. Princípio da endo-exocausalidade para os fenômenos de auto-organização;
6. A inteligibilidade de um fenômeno ou objeto complexo reduz-se ao conhecimento das leis gerais e necessárias;	6. Princípios de consideração dos fenômenos segundo uma dialógica ordem/desordem/interações/organização; todas elas interagindo com a lógica da ordem, em um eterno retorno;
7. Princípio do isolamento/separação do objeto em relação ao seu meio ambiente;	7. Princípio da distinção, mas não da separação, entre o objeto ou o ser e seu ambiente;
8. Princípio da separação absoluta entre o objeto e o sujeito;	8. Princípio da relação entre o observador/concebedor e o objeto observado/concebido;
9. Ergo: Eliminação de toda a problemática do sujeito no conhecimento científico;	9. Possibilidade e necessidade de uma teoria científica do sujeito;
10. Eliminação do ser e da existência por meio da quantificação e da formalização;	10. Possibilidade, a partir de uma teoria da autoprodução e da auto-organização, de introduzir e de reconhecer física e biologicamente as categorias do ser e da existência;
11. A autonomia não é concebível;	11. Possibilidade, a partir de uma teoria da autoprodução e da auto-organização, de reconhecer cientificamente a noção de autonomia;
12. Princípio da confiabilidade absoluta da lógica;	12. Problemática das limitações da lógica. Reconhecimento dos limites da demonstração lógica nos sistemas formais complexos;
13. Pensa-se escrevendo idéias claras e distintas num discurso monológico.	13. Há que pensar de maneira dialógica e por macro-conceitos, ligando de maneira complementar noções antagônicas.

Quadro 01 – **Paradigmas da Simplificação versus Paradigmas da Complexidade.**

Fonte: Morin (2005, p. 330 – 334).

O método<sup>16</sup> e a teoria do pensamento complexo evocam a necessidade de uma atividade constante de auto-reflexão, com bases em movimentações ativas do processo

<sup>16</sup> O método, repitamos, é a atividade reorganizadora necessária à teoria: essa, como todo sistema, tende naturalmente a degradar-se, a sofrer o princípio de entropia crescente, e, como todo sistema vivo, deve

de reflexão, assim como lembra Morin (2005, p. 339) “o método é atividade pensante e consciente”<sup>17</sup>.

“O método, ou pleno emprego das qualidades do sujeito, é a parte inelutável de arte e de estratégia em toda paradigmática, toda teoria da complexidade” (MORIN, 2005, p. 338), essa dimensão aberta pelo pensamento de Morin faz com que o discurso e o sentido primeiro das coisas sejam reivindicados a partir de uma proposta de entender os “fenômenos” da vida com os seus respectivos enlaces, deixando claro então, que o acontecer no mundo é plural e polissêmico, ou seja, que a tentativa de uma resposta não está presente em um campo de análise restrito, mas, no início dos diálogos dos mais diversos saberes, o primado não é da ciência, senão dos sentidos e conjunto de influências que formam a realidade complexa do objeto em análise e do mundo que o cerca, pois esse desenvolve sempre um papel no contexto social, uma vez que nada existe sem ter uma vinculação com pensamentos, comportamentos e posturas interconectadas, o que exige então o retorno dos humanos ao centro de controle das ações, ou seja, o movimento contemporâneo tem que percorrer vias diferentes da automação gratuita e a substituição dos humanos por máquinas<sup>18</sup>.

Mais uma vez é pertinente esclarecer a constante confusão existente entre complexidade e complicação. O segundo tópico diz respeito às distintas bases

---

regenerar-se em duas fontes de neguentropia: aqui, a fonte paradigmática/teórica; a fonte dos fenômenos examinados. Em todo pensamento, em toda investigação, há sempre o perigo de simplificação, de nivelamento, de rigidez, de moleza, de enclausuramento, de esclerose, de estratégia, reflexão, arte, etc. (MORIN, 2005, p. 339).

<sup>17</sup> Essa condição de “primado” do método é colocada também por Morin quando elege os momentos em que “o método torna-se central e vital”:

- a) Quando há, necessária e ativamente, reconhecimento e presença de um sujeito procurante, conhecente, pensante;
- b) Quando se sabe que o conhecimento não é a acumulação dos dados ou informações, mas sua organização;
- c) Quando a lógica perde seu valor perfeito e absoluto;
- d) Quando a sociedade e a cultura permitem duvidar da ciência em que de fundar o tabu da crença;
- e) Quando se sabe que a teoria necessita da crítica da teoria e a teoria crítica;
- f) Quando há incerteza e tensão no conhecimento;
- g) Quando o conhecimento revela e faz renascer ignorâncias e interrogações.

<sup>18</sup> Os atrasados ainda julgam que a ciência não está bastante tecnoburocratizada, que a cidade científica ainda não é bastante análoga a uma empresa industrial; para dizer a verdade, a parte tecnoburocrática deverá refluir e regredir; o que deve desenvolver-se é o neo-artesanato científico, é a *pilotagem* das máquinas, não a maquinização do piloto, é uma inter-reação cada vez mais estreita entre pensamento e computador, não é a programação. Arte, neo-artesanato, estratégia, pilotagem, cada uma dessas noções abrange um aspecto do poliscópio *método*; acrescentamos a reflexividade, que abre a fronteira com a filosofia: a reflexão não é nem filosófica, nem não filosófica, é a aptidão mais rica do pensamento, o momento em que ele é capaz de se autoconsiderar, de se metassistemar. O pensamento é o que é capaz de transformar as condições do pensamento, isto é, de superar uma insuperável alternativa, não se esquivando, mas situando-a num contexto mais rico, em que ela dá lugar a uma nova alternativa; é a aptidão para envolver e articular o anti- no meta- (MORIN, 2005, p. 338-339).

paradigmáticas que as duas palavras representam, assim, a dimensão de complicação exige uma tentativa de redução do problema até torná-lo fácil, decomposto, reduzido. Essa é à base do paradigma imposto pelo pensamento de Descartes e que elimina a complexidade, além disso, complicado é sinônimo de difícil. Enquanto a complexidade evoca a dimensão do múltiplo, do tecido em conjunto. Assim, Almeida (2005, p. 27) expõe que “*quando agimos por simplificação, incorremos no erro de tomar a parte pelo todo [...] Na tentativa de resolver a ‘complicação’, produzimos a simplificação, isto é, fragmentamos o complexo, reduzindo-o a uma de suas dimensões*”.

O complexo, então, comporta incertezas as mais diversas, pois “*quanto maior a complexidade, maior o peso da incerteza*” (op. Cit.), o que caracteriza, então, a terceira postura intelectual que auxilia o pesquisador a entender como se compõe o pensamento complexo, e a partir do princípio da incerteza é possível então, entender de onde surgem as posturas que seguem na tentativa de montar a complexidade.

A imprevisibilidade, pensada por Paul Valery, é uma das estruturas que melhor representam o pensamento complexo, pois, a partir dela é possível perceber que de um ambiente múltiplo, repleto de elementos que interagem entre si, só é possível criar uma atmosfera de imprevisibilidade, pois, a forma como os elementos irão se agrupar não segue um padrão ou tendência.

Por não seguirem uma tendência, o quinto elemento de apoio ao entendimento da complexidade diz que, aquilo que é complexo é não-linear, não-determinístico e instável. A base para montar esse raciocínio está na organização da vida, pois, como aponta Almeida (2005, p. 28):

Não é possível determinar o futuro das organizações vivas, do ecossistema terrestre nem das sociedades. Como sistemas *hipercomplexos*, esses domínios são constituídos por trocas intensas e permanentes, tanto no seu interior quanto como a realidade que os contornam. Como é impossível identificar, conhecer e tratar de todas as informações e da relação entre elas é-nos igualmente impossível conceber deterministicamente seu devir.

Os tópicos sexto e sétimo são um desdobramento da condição não-determinística, não-linear e instável da complexidade, e por isso surge a primeira idéia de que “*o complexo se constrói e se mantém pela auto-organização*”, pois, os sistemas complexos são, na verdade, sistemas “*auto-eco-organizado*”, ou seja, toda a informação que chega a eles passa pela organização interna, e por isso quanto mais flexíveis são

esses padrões, maior é a capacidade de incorporação de elementos estranhos e de ruídos. A idéia referente ao tópico sete diz que o que é complexo é necessariamente inacabado, ou seja, não existe uma forma última para as coisas na perspectiva da complexidade, pois, tudo está em processo de “*mutação, transformação, evolução*”. Essa condição de estar inacabado, que é pertinente aos elementos complexos, faz com que tudo seja possível de se interligar, assim, todos os elementos, sistemas, fenômenos, matérias podem ser conectados entre si e entre outros. Por essa condição é que o complexo é simultaneamente dependente e autônomo; supõe, suporta e/ou expressa emergências; não reflete uma condição de equilíbrio; e, vive numa eterna tensão entre determinismo e liberdade.

Dessa forma, e em relação à dimensão de dependência e autonomia, aponta Almeida (2005, p. 29) que o complexo necessita “*de contexto, do entorno, mas, se organiza a partir de si*”.

A simbiose entre autonomia e dependência não se restringe ao processo de produção do conhecimento. É uma dinâmica essencial dos sistemas complexos. Assim, no que diz respeito à construção social do indivíduo, podemos dizer que quanto mais depende das informações, vivencia situações diversas e experimenta múltiplos “estado do ser”, mais possibilidades têm o indivíduo de se auto-organizar em patamares mais complexos e abertos. A autonomia é, pois, a face bem-sucedida de dependência.

Em relação ao caráter de emergência, ele se configura como uma necessidade de reprodução da vida humana, pois, sempre que surge algo novo, ele surge de uma relação de emergência em detrimento a uma base que existia anteriormente. Com isso, tem-se que “*a emergência diz respeito a uma combinação original de elementos ou padrões já existentes*” (ALMEIDA, 2005, p. 30).

A condição de distanciamento do que é complexo daquilo que está em equilíbrio, se justifica pelo próprio caráter heterônomo do que seja complexo, pois, a complexidade em si atrai para o seu bojo o campo das possibilidades, a dimensão do caminho múltiplo provoca situações indeterminadas e, conseqüentemente, elimina padrões e nem faz com que as coisas sejam passíveis de padrões, logo, evoca um ambiente de instabilidade que afasta conceitualmente a dimensão de equilíbrio.

O conflito entre determinismos e liberdade inerente aos sistemas complexos traz a dimensão de que mesmo repletos de imprevisibilidade, não-determinação entre outras

dimensões, os elementos complexos não estão livres de serem subjugados à condição de determinismos expressas e impressas pela natureza e os fenômenos naturais, o que faz com que todas as ações não estejam completamente regidas ao acaso ou ao saber da liberdade, o que seja uma tensão que dá a condição de que o elemento se revele nesse cenário complexo e por isso, heterogêneo.

Posto isto, percebe-se a necessidade de que os cenários das pesquisas atuais estejam de acordo com as demandas de um pensamento complexo capaz de entender as mais diversas oscilações do pensamento e que ainda assim, entenda que representa apenas uma redução da realidade, pois, o desafio que se monta é conseguir fazer com que o pensamento supere essa dimensão complexa, não a reduzindo em elementos, mas, encontrando os sentidos dos micro-pedaços que compõe um sistema que em si é entendido como heterogêneo, ou seja, é resultado de um processo dinâmico, multifatorial e contraditório de formação.

Ao se perceber a sutileza do tema que essa pesquisa enreda a única contribuição possível, em termos metodológicos só seria possível através da complexidade, pois ela em si, contém o ingrediente principal de uma análise estabelecida a partir de um campo interdisciplinar, ainda mais se esse campo tiver como elemento de investigação as dinâmicas ambientais, que já surgiram revelando a necessidade de se estabelecer novos paradigmas, e que levasse em consideração a importância do sujeito, o humano, do pensamento como grande definidor de posturas, políticas, comportamento e ações em todos os matizes da vida.

E por essa necessidade de se montar cenários múltiplos de pensamento que leve as questões da atualidade para além do simples ideal naturalista/romântico da conservação e preservação do que é natural em detrimento do que seja humano é que se reivindica, mais uma vez, o pensamento de Morin (2005, p. 340-341):

No sentido da complexidade, tudo se passa de outro modo. Reconhece-se que não há ciência pura, que há em suspensão – mesmo na ciência que se considera pura – cultura, história, política, ética, embora não se possa reduzir a ciência a essas noções. Mas, sobretudo, a possibilidade de uma crítica do sujeito na e pela epistemologia complexa, tudo isso pode esclarecer a ética, sem, evidentemente, a desencadear e comandar; de igual modo, correlativamente como vimos, uma teoria da complexidade antropossociológica leva necessariamente todo o rosto do humanismo a modificar-se, tornando-o complexo, e permite igualmente retomar a sugestão política do progresso e da revolução.

---

E, ao assumir essa dimensão investigativa comprometida, a análise dos sistemas humanos está diretamente estabelecendo uma análise da base ambiental, ainda que seja um ambiente construído, pois, a dimensão da vida acontece com os mesmos cuidados que a complexidade enreda, ou seja, é formada de uma perspectiva ampla, heterogênea que leva em consideração todos os fios que compõe a realização/manutenção da vida, e indiscutivelmente a condição da natureza, a questão ambiental e a reprodução da vida contemplam uma mesma esfera de interesses e preocupações.

***1.1. Buscando a natureza possível (a natureza da natureza, a natureza do homem e a natureza da cidade) para o entendimento de reprodução da vida: estruturando os diálogos.***

Ao propor um estudo sobre o processo de envelhecimento das estruturas urbanas e da população associada, é possível, nos primeiros momentos, aparecer perguntas acerca do enquadramento temático da proposta, e ao mesmo tempo gera-se um estranhamento quando a resposta revela que a pesquisa é campo de investigação das ciências ambientais.

*Afinal de contas, onde está a natureza nessa perspectiva?* É sempre uma pergunta possível aos leigos acerca da temática ambiental. Para tanto se faz ‘mister’ dizer e mais do que isso, provar que os discursos ambientalistas à luz de teorias e pensamentos associados à complexidade evoca uma sistematização dos saberes e uma articulação dos elementos da vida.

Além disso, a herança positiva da ciência clássica fez com que tudo o que fosse fonte de conhecimento da ciência tivesse que ser apresentado de maneira fragmentada, buscando análises setoriais, específicas e compartimentadas sempre regidas pelos signos e auspícios de métodos próprios, revelando uma verticalização dos conhecimentos e um distanciamento de uma dimensão integrada dos elementos.

Esse mecanismo de simplificação do mundo já foi apontado como um ponto a ser superado quando se apresenta no quadro 01, entretanto essa lógica de raciocínio baseado em princípios cartesianos-newtonianos<sup>19</sup> aprofundou a separação entre os humanos e a idéia de natureza, por isso, perguntas como a apresentada acima ainda não

---

<sup>19</sup> Nossa percepção da natureza envolve-se diretamente com a herança cartesiano-newtoniana e com sua ideologia propagada pelo Iluminismo e Positivismo, e que interagiu, nos últimos séculos, tanto com o imaginário popular como com o método científico (CAMARGO, 2008, p. 27).

---

possíveis nos dias de hoje, pois, o homem se habituou a se classificar como algo externo à natureza, exibindo sempre, na sua forma de pensar, sistematizar conhecimentos e analisar fenômenos, uma dimensão antropocêntrica do mundo.

Essa separação entre humanos e natureza funcionou como uma justificativa da dessacralização do homem e da natureza, quase como um artifício para estimular o processo de apropriação dos elementos naturais. Associado a isso, historicamente as intervenções dos humanos na natureza o deram a certeza de que o controle da vida estava sob a posse da raça humana, e que por ter a capacidade de raciocínio seria possível subjugar a natureza em prol do desenvolvimento, conforto e apropriação do mundo.

O determinismo físico, que dá à natureza e à sociedade a idéia de que os seus processos são eternamente reversíveis e lineares; traduz-se no meio natural associado à concepção de que o mesmo é preciso e, assim, previsível, conhecido, palpável e dominável pelo homem moderno por meio de sua ciência. Vivemos a certeza e sabemos quando e como os fatos ocorrerão; por isso, planejamos, organizamos e acreditamos no amanhã como um mecanismo linear, preciso e que não foge ao domínio humano (CAMARGO, 2008, p. 28).

Nessa dimensão, e consorciado com as preocupações dessa pesquisa ter a condição de humano é antes de tudo se responsabilizar pelas ações de ser humano, ou seja, é entender as dimensões da natureza e da natureza humana, e por isso o estudo do processo de envelhecimento das pessoas consorciado com o processo de envelhecimento do tecido urbano se configura como um elemento indispensável no processo de entendimento de que a sociedade precisa elaborar reflexões da direção das necessidades da espécie, da necessidade do meio ambiente que está ao seu entorno e das ações dessa sociedade no seu entorno, por isso que estudos ambientais não se restringem em apenas decompor a natureza da natureza, mas, antes de tudo precisam auxiliar no entendimento e nas estratégias de gestão das naturezas possíveis em relação aos grupos sociais e estes em contato com a “natureza externa”. Essa é uma das dimensões entendidas por Harvey (2004, p. 280) como sendo uma das principais dimensões que brota da necessidade humana em entender quais são as responsabilidades frente à natureza.

---

O que nos distingue parcialmente, na qualidade de arquitetos humanos, das abelhas é que somos agora obrigados (como decorrência de nossas próprias realizações) a elaborar na imaginação, bem como por meio de debates discursivos, nossas responsabilidades individuais e coletivas não só com relação a nós mesmos e aos outros como em relação àqueles “outros” formados pelo que normalmente designamos por natureza “exterior” (quer dizer, “exterior” a nós). Chegamos a uma condição evolutiva em que há necessidade de fazer opções conscientes não apenas sobre o nosso caminho evolutivo, mas também sobre o de outras espécies.

O tempo tem sido constante confidente e expectador do poder e força empregados pela espécie humana em agir de forma decisiva na produção e reprodução da vida, principalmente utilizando elementos frutos da capacidade artificializante, transformando espaços, subvertendo ordens preestabelecidas, aumentando a expectativa de vida dos seres humanos, curando doenças, destruindo outras. Essas confidências dos humanos ao tempo fizeram com que fosse possível mudar a forma de percepção do tempo, os espaços foram encurtados, as viagens ficaram mais rápidas, o poder de acesso aos lugares foi cada vez mais catalisado, e mesmo assim, ainda continua-se vulnerável a uma variedade de ações e elementos oriundos de uma força natural externa ao homem. Entretanto, essa vulnerabilidade não é ingênua, é possível que a espécie humana tenha a capacidade de ampliar os limites das possibilidades, e com isso chega-se ao momento em que os humanos precisarão refletir sobre qual futuro terá que ser tomado, terá que decidir sobre quais são as bases e ações necessárias para ser conduzida às próximas gerações, e com isso, resgatamos de Harvey a mesma reflexão que ele resgatou de Wilson, em relação à humanidade, *“logo teremos de olhar para as profundezas de nosso próprio ser e decidir o que desejamos nos tornar”*.

Coerente e cuidadosamente tem que se analisar um aspecto trazido por Harvey que sem dúvidas tem que balizar todas as discussões acerca das posturas sobre o que é definido como natural, pois, *“ser visto como “natural” é supor que se traz sobre si o manto da inevitabilidade e da proibidade”*. E, assim sendo, todos tentam se enquadrar no que seja natural, fazendo com que os temas discutidos sejam polissêmicos, os conceitos são múltiplos e junto com eles vêm um conjunto enorme de definições, de ideologias e de verdades que não são possíveis de se questionar, pois, representam bases semânticas completamente diversas. Esse exercício em estimular a criação de unidades conceituais, bases semânticas é quase que um exercício epistemológico para a ciência

ambiental, que inclusive carece de métodos, coerência teórica dentre tantos outros elementos científico-acadêmico.<sup>20</sup>

Nossas responsabilidades coletivas perante a natureza humana e perante a natureza precisam ser unidas entre si de uma maneira bem mais dinâmica e co-evolutiva que abarque uma variedade de escalas espaços-temporais. Questões como a conservação de micro-habitats, projetos de restauração ecológica, planejamento urbano, uso de combustíveis fósseis, padrões de exploração de recursos, proteção aos meios de vida, manutenção de certas formas culturais geograficamente específicas, o aumento de chances de vida em todos os níveis, do global ao local – tudo isso precisa de alguma maneira ser unido e transformado num sentido mais generalizado de como poderia surgir uma alternativa político-econômica a partir das contradições ecológicas de um sistema capitalista fundado em classes. Harvey (2004, p. 303)

A vida organizada e conduzida por um viés de integração do homem com a natureza, ou no processo de socialização dos elementos naturais, como sendo um processo natural à natureza humana fez com que ao longo do tempo a natureza fosse cada vez mais se tornando culturalizada, essa culturalização é herdeira de um processo de tecnificação do mundo, como já mostrado no capítulo 2, o mundo do homem é um mundo mediado pela técnica, e que modernamente vem se tornando o mundo realizado à luz dos processos de transformação do mundo em coisa, proporcionados pelo capital.

Nessa trajetória de identificar as naturezas possíveis e a natureza imanente ao homem, a cidade se apresenta como uma das principais materialidades da produção da natureza humana, pois, como Léfèbvre lembra a cidade a aparece enquanto obra, ou seja, é uma construção social que é ao mesmo tempo reflexo e reflete à sociedade.

---

<sup>20</sup> Examinemos alguns dos principais eixos da diferença. As concepções ecocêntricas ou biocêntricas competem com o antropocentrismo declarado. O individualismo entra em choque com o coletivismo (comunitarismo). As concepções inseridas cultural e histórico-geograficamente (em particular as de povos indígenas) não se coadunam bem com alegações e princípios universais (com frequência apresentados por cientistas). As preocupações amplamente economicistas e materialistas com relação ao acesso a oportunidades de vida (seja da espécie, de indivíduos ou grupos sociais, ou então do habitat) se opõem com frequência a leituras estéticas, espirituais ou religiosas. Atitudes presunçosas de domínio prometício contrastam com as de humildade diante das titânicas e prodigiosas forças da natureza. Inúmeros vilões (a razão iluminista, o especicism, a modernidade e a modernização, a racionalidade científica/técnica, o materialismo [tanto no sentido estrito como no amplo], a mudança tecnológica [o progresso], as multinacionais [principalmente petrolíferas], o Banco Mundial, o patriarcado, o capitalismo, o livre mercado, a propriedade privada, o consumismo [de modo geral o do tipo supostamente tolo], o poder do Estado, o imperialismo, o socialismo de Estado, os burocratas intrometidos e incompetentes, os complexos industrial-militares, a ignorância, a indiferença, a arrogância, a miopia e a estupidez humanas e assim por diante) são contemplados (sozinhos ou em alguma combinação particular) para ocupar a posição de arquiinimigo(s) da sanidade ecológica. E o debate de longa data sobre a oposição entre fins e meios (autoritários, democráticos, gerenciais, pessoais) tem uma multiplicidade de ecos na política ambiental (HARVEY, 2004, p. 281).

---

Assim, como posto por Gomes (2007, 41),

(...) legada como pressuposto-testemunho do processo emancipatório da humanidade, especialmente assimilado pelo ideário de progresso, a cidade vem sendo tomada como o espaço síntese-concreto, de implantação e arranjos de múltiplas intervenções e feitos da civilização ao longo da História.

Desta forma, a cidade é apresentada naturalmente como fruto da produção humana, revelada como força de transformação e de comprometimento de energia e informação capitaneada pelos processos de reprodução da vida embalados por uma lógica de valores, muito menos de uso e consagradamente de troca.

No âmbito do planejamento institucional e das diretrizes urbanísticas preconizadas de intervenções para esta instância espacial, em suas variadas escalas, têm sido absorvidas, privilegiadamente, na dimensão política e administrativa, representações que, guardem afinidades com um “futuro” garantidor, ou guardião, das “permanências e conquistas” atingidas pelo “progresso” perseguido nos moldes capitalistas evocados. Repousa-nos, até agora, inevitáveis prognósticos do comprometimento desde “futuro” o “adjornamento” da questão ambiental, como imprescindível variável a ser considerada nas reflexões e nas práticas das diversas classes sociais, considerando seus rebatimentos espaciais, com ênfase na cidade (GOMES, 2007, p. 41).

Pensar a natureza da e na cidade é pensar a cidade em sua formação enquanto elemento necessário à organização e sistematização da vida humana, ou seja, considerar a questão ambiental na cidade como um tema, seria como pensar a necessidade se considerar um órgão vital na constituição da análise e do funcionamento do corpo humano. Pois, quase que em contraposição a alguns discursos da arquitetura, a natureza da e na cidade é elemento essencial para a existência da cidade. À luz disso, a natureza esta para a cidade, assim como a mente está para o corpo humano.

A idéia de produção social como motor da história supõe uma natureza que pode ser transformada. Quando Marx observa que o sinal distintivo entre os homens e os animais não é o pensamento, mas o fato de que os homens produzem seus meios de existência, reitera um absoluto da natureza, presente na própria história (Op. Cit.).

A condição em que os quadros de natureza se integram à dimensão da vida é concebida entre alguns autores contemporâneos (Harvey, 2004; Gomes, 2007;

---

Camargo, 2008; Santos, 2002; Santos, 1991; Claval, 2001; Carlos, 2007; Morin, 2005; dentre outros) faz perceber que ao longo do tempo a natureza perdeu seu posto de facticidade absoluta, e por causa do grande poder transformador da cultura ela ganha uma factibilidade relativa, em que a sua concepção, realização e presença encontram-se diluídas em temas em uma série de temas originados a partir de uma sociedade organizada e orientada pela lógica dos processos sociometabólicos do capital<sup>21</sup>.

A natureza possível na contemporaneidade está subjugada às estruturas e modelos de “perversidade”. Espera-se que o modelo ideológico que se apresenta ao mundo não seja o único ditador de possibilidades, ou seja, exige-se que o pensamento esteja atento a duas dimensões bem claras:

A primeira exige pensar o mundo de maneira única, esvaziando assim de sentido a existência de um pensamento fragmentado, presente fundamentalmente na perspectiva cartesiana e newtoniana. Assim, a postura da humanidade é concentrada na direção de reagrupar os fragmentos, tomando como base as mais diversas nuances a fim de envolver o objeto de análise com a amplitude real que ele necessita.

A segunda maneira de pensar lembra que a evolução dos seres humanos, enquanto pertencentes à natureza, faz e fez com que a própria natureza evoluísse em conjunto, uma vez que apartadas dos envolvimento políticos e seccionários, a técnica é uma aliada poderosa na criação dos quadros da natureza, que tenham como característica não apenas a complexidade anunciada, mas, seja portador de uma visão sistêmica do mundo, com base em vínculos intensos e trocas de energias as mais diversas.

Nesse cenário de identificar naturalidade dos elementos surge a necessidade de se entender a natureza do próprio processo de envelhecimento, pois, a ele estabelecemos fatores quase que invariantes que inviabilizam a relação do homem com o próprio homem e do homem com o mundo que o envolve, quer seja ele criado ou naturalmente herdado.

Uma pista para estabelecer os diálogos entre os idosos e o espaço é perceber a mudança de paradigma que vem revolucionando a humanidade nos últimos tempos,

---

<sup>21</sup> A natureza estaria assim, sufocada pelo argumento inelutável da cultura. As necessidades dos indivíduos, tendo como pano de fundo a natureza, seriam ditadas por interesses externos definidos pelo artifício da sociedade (e de seus dirigentes), mas que uma vez estabelecidos, na espiral da ‘evolução cultural’, assumiriam a aparência de liberdade de escolha, de autonomia e de domínio, indo mais longe, de subordinação da natureza aos seus desígnios, aos seus aparentes desejos e vontades (GOMES, 2007, p. 43).

---

pois, pode ser aí que se configure novo conjunto de relações que possibilitem uma nova forma de gerir pessoas e espaços, simultaneamente.

Para isso, apresentado um quadro elaborado a partir das reflexões de Chopra (1994, 14-17) que apresenta de um lado 10 pontos que precisam ser alterados na consciência individual e coletiva, e do outro lado 10 posturas que auxiliam a construir uma relação dos indivíduos com os indivíduos, e desses com o espaço com base em critérios muito mais fortes e transformadores que os anteriores. O quadro 2, então tenta mostrar que existem certos elementos que conduzem os humanos a um caminho de envelhecimento, mas, não apenas isso são vícios na forma de organizar a consciência que levam as pessoas a identificarem e realizarem um mundo que os leva para a construção de decadências, separações e morte. “*O tempo é visto como uma prisão da qual ninguém escapa*” (CHOPRA, 1994, p. 14).

**Regras do condicionamento coletivo que levam ao envelhecimento do corpo e conseqüentemente da sociedade e do tecido territorial associado**

1. Há um mundo objetivo independente do observador, e nossos corpos são um aspecto deste mundo;
2. O corpo é composto de conjuntos de matéria separados um do outro no tempo e no espaço;
3. Corpo e mente são separados e independentes um do outro;
4. O materialismo é primário, a consciência, secundária. Em outras palavras, somos máquinas físicas que aprenderam a pensar;
5. A consciência humana pode ser completamente explicada como um produto da bioquímica;
6. Como indivíduos, somos entidades desconectadas e auto-suficientes;
7. Nossa percepção do mundo é automática e nos dá um quadro preciso de como as coisas realmente são;
8. Nossa verdadeira natureza é totalmente definida pelo corpo, ego e personalidade. Somos fios de lembranças e desejos envoltos em pacotes de carne e ossos;
9. O tempo existe como um valor absoluto, e nós somos cativos desse absoluto. Ninguém escapa à devastação causada pelo tempo;
10. O sofrimento é necessário – é parte da realidade. Somos vítimas inevitáveis da doença, do envelhecimento e da morte.

**Posturas que desafiam o envelhecimento, a morte e a decadência: tentativas de subverter os processos de envelhecimento e morte dos indivíduos, da sociedade e do espaço**

1. O mundo físico, inclusive nossos corpos, é uma resposta do observador. Criamos os nossos corpos assim como criamos a experiência do nosso mundo;
2. Em essência, nossos corpos são compostos de energia e informação, não de matéria sólida. Esta energia e informação que alcançam todo o universo;
3. Corpo e mente são inseparáveis. A unidade que sou “eu” separa-se em dois cursos de experiência. Experiencio o curso subjetivo como pensamentos, sentimentos e desejos. Experiencio o curso objetivo como meu corpo. Em um nível mais profundo, contudo, os dois cursos se encontram em uma única fonte criativa. É a partir desta fonte que somos destinados à vida;
4. A bioquímica do corpo é um produto da consciência. Crenças, pensamentos e emoções criam reações químicas que sustentam a vida de cada célula. Uma célula que envelhece é o produto final da consciência que se esqueceu de como permanecer jovem;
5. A percepção parece ser automática, mas na verdade é um fenômeno aprendido. O mundo onde você vive, inclusive a experiência do seu próprio corpo, é completamente ditado pelo modo como você aprendeu a percebê-lo. Se mudar a sua percepção, você mudará a experiência do seu corpo e do seu mundo;
6. Impulsos de inteligência criam o seu corpo em novas formas a cada segundo. Você se constitui na soma total desses impulsos, e, ao mudar seus padrões, você também mudará;
7. Embora cada pessoa pareça ser separada e independente, todos nós estamos ligados a padrões de inteligência que governam todo o cosmos. Nossos corpos são parte de um corpo universal, nossas mentes são um aspecto de uma mente universal;
8. O tempo não existe enquanto valor absoluto, apenas a eternidade. O tempo é a eternidade quantificada, a perenidade fragmentada em pedaços (segundo, horas, dias, anos) por nós mesmos. O que chamamos de tempo linear é um reflexo de como percebemos as mudanças. Se pudéssemos perceber o imutável, o tempo conforme o conhecemos cessaria de existir. Podemos começar a aprender a metabolizar a não-mudança, a eternidade, o absoluto. Ao fazê-lo, estaremos prontos a criar a fisiologia da imortalidade;
9. Cada um de nós habita uma realidade que jaz além de todas as mudanças. Bem no fundo, desconhecido dos cinco sentidos, existe uma essência íntima do ser, um campo de não-mudança que cria a personalidade, o ego e o corpo. Este ser é a nossa essência – quem somos nós de verdade;
10. Não somos vítimas do envelhecimento, da doença e da morte. Essas coisas são parte do cenário e não daquele que vê, o qual é imune a qualquer forma de mudança. Este que vê é o espírito, a expressão do ser eterno.

**Quadro 02 – Regras que condicionam o processo de envelhecimento versus posturas que auxiliam na subversão dos paradigmas do envelhecimento: Introdução do novo paradigma na estruturação dos pensamentos e da consciência.**

Fonte: Chopra (1994).

---

A apresentação desse quadro nos apresenta a base da análise do processo de envelhecimento humano, pois, percebe-se que quem envelhece são os indivíduos. O controle da mente pelo corpo só é possível porque os humanos estão condicionados a enxergar um mundo construído a partir de estruturas pré-definidas que impõe que o mundo é reflexo daquilo que se vê. O mundo é reflexo da forma como é visto, e conseqüentemente a velhice assume a forma que foi condicionada a apresentar. A capacidade de transformar, mudar e regenerar está presente no corpo humano, uma vez que a característica básica da estrutura corpórea é energia e informação, como lembra o Chopra (1994, p. 16) e essa é base de composição de todo o universo, o que permite aferir que a existência humana é concebida com base na possibilidade.

O tempo e o espaço não são absolutos e com eles as estruturas construídas e os humanos que os animam também não devem entender como absolutos os processos a que estão acometidos. O controle das ações não se dá pela força ou pela materialidade das estruturas, mas, sim nas conexões que se apresentam para além das formas, ou seja, o domínio é da mente. E, por isso, a mente é a responsável pela qualidade do processo de envelhecimento que os humanos estão subjugados.

## CAPÍTULO II:

### 2. Processo e conceito de envelhecimento das pessoas e da sociedade

*Para a sociedade a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar. [...] Com relação às pessoas idosas essa sociedade não é apenas culpada, mas também criminosa.* (BEAUVOIR, 1990, p. 8)

*El envejecimiento como fenómeno y la pregunta de porqué se envejece ha estado presente en todas las generaciones y en todas las épocas desde que el hombre desarrolló la capacidad de reflexión.* (FERNÁNDES, 2007, p. 59)

É recorrente em todos os níveis do conhecimento que envelhecer nas sociedades ocidentais é um processo que vem acompanhado de uma dor intensa<sup>22</sup>, pois, a imagem do desenvolvido, do progresso e do “bem disposto” está integralmente associada ao jovem e conseqüentemente a sua capacidade de realizar trabalho<sup>23</sup>, o que gera no tecido social uma exclusão forçada que aleija um conjunto de indivíduos ao meio de produção.

A participação ao mundo produtivo se apresenta indubitavelmente negada ao velho. Essa negação se manifesta como imposição social, estimulando um exercício de substituição constante do “material humano” que anima as bases produtivas. Posto isto, pode-se inferir que o trabalho humano é valorizado quando é associado com a força produtiva e a plena capacidade de realizar atividades.

Assim, ser velho ou passar pelo processo de envelhecimento, na sociedade atual, é ter que refletir a própria condição de existência; é assumir que o papel desempenhado na sociedade está chegando ao fim.

Essas considerações apresentadas acima refletem a forma como a sociedade mundial vem tratando historicamente os seus idosos, uma vez que a denúncia em relação à banalização com que o tecido social envelhecido é acometido não se apresenta mais como novidade, sendo assim, é possível, com um pequeno exercício investigativo, colecionar reportagens de revistas, matérias televisivas, notícias em sites jornalísticos, além de alguns livros e posicionamentos construídos pela sociedade civil e pelo mundo acadêmico que revelam a “marginalização” que esse grupo social sofre.

---

<sup>22</sup> Todo mundo sabe: a condição das pessoas idosas é hoje escandalosa. [...] De maneira geral, ela [a sociedade] fecha os olhos para os abusos, os escândalos e os dramas que não abalam seu equilíbrio. [...] Cada membro da sociedade deveria saber que seu futuro está em questão; e quase todos têm relações individuais e estreitas com certos velhos. (BEAUVOIR, 1990, p. 265)

<sup>23</sup> O trabalho é o caráter específico que aparece no valor da mercadoria, e, ao que interessa a esta análise, confere a mercadoria a propriedade que transita em todos os entendimentos de valor que a mesma possa ter: “que é a de serem produtos do trabalho” (PINTO, 2005).

Em função da constante elevação na expectativa de vida que a população mundial e especialmente a população dos países em processo de desenvolvimento vêm apresentando nos últimos anos, as pessoas se vêem obrigadas a não mais ignorar o grupo dos indivíduos envelhecidos ou em processo de envelhecimento, pois, esses já não representam o quadro das minorias sociais.

Com a apresentação desse novo grupo, estatisticamente consolidado e em franco processo de crescimento, se faz necessário estabelecer um novo conjunto de ordem paradigmática que estabeleçam um novo conjunto de posturas em relação às formas de interação social e inter-geracional.

Notadamente nos últimos 50 anos, os países como Índia, Brasil, Venezuela, Paquistão, Indonésia, Nigéria, México, etc.<sup>24</sup> apresentam uma significativa alteração do perfil populacional, o que reflete inevitavelmente uma alteração na forma de uso dos espaços vinculados a essa população.

A maioria das pessoas que atingem níveis elevados de idade vive nas grandes cidades desses países, sendo, contudo, esse grupo de países aqueles que abrigam uma população de proporções continentais, o que se apresenta como um primeiro problema na discussão do processo de envelhecimento na contemporaneidade, ou seja, os lugares que estão sofrendo a transformação no perfil etário populacional não apresentam estruturas urbanas planejadas e consolidadas do ponto vista ambiental para garantir um processo de envelhecimento saudável.

Essa incapacidade dos espaços abarcarem um contingente populacional envelhecido torna-se visível quando são estabelecidas análises acerca da influência exercida pelo processo de reprodução do capital acerca da organização da vida e do território dos países que são historicamente classificados como atrasados ou em processo de desenvolvimento.

O envelhecimento como se apresenta modernamente justifica a criação de uma agenda mundial em que esse tema configure na pauta de discussões como “ordem do dia”, e que necessita de atenção e aprofundamento investigativo em todos os níveis, desde aqueles elaborados por instituições de pesquisa até os esforços construídos a partir do governo de países em busca de soluções acerca das estratégias de gestão, uma vez que a condição da vida e a manutenção dela se constituem inegavelmente como um tema de abordagem social, política, econômica e cultural.

---

<sup>24</sup> De acordo com os dados da United Nations, 1998

A celeridade com que o mundo atual processa e cria nossas formas produz caminhos possíveis para a ampliação da participação dos indivíduos no tecido social, mas, paradoxalmente, essa nova capacidade é negada à sociedade que envelheceu graças aos avanços sociais coletivos e se concentra no “novo” grupo de indivíduos classificados como aptos pelo sistema vigente.

A permissão de grandes revoluções estabelecidas na base tecnológica<sup>25</sup> compartilhada em todo mundo não pode ser pensada apenas como recurso de inserção de novos objetos ao convívio social. Não se pode perder de vista que a sociedade evolui técnica e cientificamente na direção do atendimento às necessidades humanas, e por isso a base de transformação da vida precisa ser pensada na perspectiva de atender padrões de conforto e possibilidade de mobilidade para todo o grupo social e não para um conjunto de pessoas selecionadas pela “sacrossanta” influência do capital<sup>26</sup>.

A leitura de um mundo igualitário é constantemente ofuscada por uma lógica gananciosa que é conduzida por um mundo guiado pela/ para produção de mais-valia que integra fortuitamente a base tecnológica como elemento de exclusão. Para tanto, a sociedade, como está organizada hoje, é marcada pelos ditames de um modelo de reprodução do capital que se amalgama numa condição de espetáculo<sup>27</sup>, e que cria a ilusão de que a felicidade e satisfação pessoal estão condicionadas ao pertencimento ao

---

<sup>25</sup> As tecnologias têm influenciado de forma intensa o processo de desenvolvimento mundial. Numa análise histórica podemos afirmar que o desenvolvimento de novas tecnologias vem da necessidade do homem de conseguir, cada vez mais, melhores condições de vida. Nessa incessante busca humana pelo desenvolvimento o homem chega à Revolução Industrial com mudanças que influenciaram sensivelmente o modo de viver das sociedades da época. A Revolução Industrial deu um impulso no desenvolvimento tecnológico cujos resultados podem ser vistos nos dias de hoje. [...] Diante de questionamentos sobre os impactos do desenvolvimento e da tecnologia sobre o homem e o meio ambiente, constata-se a necessidade de visualizar a tecnologia em todas as suas faces. Isso implica encarar a tecnologia como variável, como sugere Reddy ao afirmar que: “toda opção tecnológica parece dispor de um código genético, de tal forma que quando em condições favoráveis consegue implantar-se em um novo meio, tende a reproduzir as condições sócio-culturais em que foi gerada” (REDDY *apud* SALAS, 1998, Não paginado) (MORAES & SANTANA, 2002).

<sup>26</sup> Essa condição catalisada pela força das permanências e interagindo com as transformações marca profundamente o movimento demográfico observado. Os avanços da medicina e o peculiar desenvolvimento da indústria farmacêutica, além das políticas para redução da miséria, auxiliaram na configuração contemporânea do envelhecimento e da condição desse envelhecimento.

<sup>27</sup> O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o *modelo* presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha *já feita* na produção, e no seu corolário — o consumo. A forma e o conteúdo do espetáculo são a justificação total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo é também a *presença permanente* desta justificação, enquanto ocupação principal do tempo vivido fora da produção moderna (DEBORD, 1991).

---

mundo do dinheiro, afrouxando assim as redes de solidariedade e a alteridade, colocando o outro como um estranho.

O conflito entre os que sobreviveram ao tempo e aqueles que tentam injetar a novidade, a juventude e o poder das transformações como único meio de avanço e progresso coloca a humanidade num dilema de gerações, em que as necessidades de grupos humanos distintos precisam ser consorciadas a fim de garantir a vida possível, como níveis de dignidade a todos que participam do tecido social.

A sociedade, no entanto, compartilha entre os seus, um conjunto de códigos e comportamentos que tendem a esconder as falhas e os defeitos e valorizar apenas o que é considerado socialmente belo, forte, novo. Essa condição de espetáculo monta uma farsa coletiva em que todos compartilham valores alienados e a verdade é cada vez mais relegada a um nível inferior da discussão.

A condição do espetáculo social engendrada pela sociedade moderna e denunciada pelo Debord (1991) precisa ser urgentemente negada, ou seja, a realidade precisa ser desvelada e o mundo precisa ser visto tal qual ele o é. As fragilidades e urgências precisam assumir o ponto principal das discussões estabelecidas pelos que detém o poder, e é a partir dessa condição de “enxergar a realidade” que o envelhecimento precisa ser pensado. E assim, se faz urgente estabelecer reflexões sérias e comprometidas não apenas com a análise do processo de envelhecimento, mas, preocupadas com as necessidades da “sociedade envelhecida” que reivindica cuidados coletivos e responsabilidade do Estado.

### ***Entendendo o Processo de Envelhecimento humano***

O entendimento do processo de envelhecimento se configura como questão fundamental e elemento de partida necessário para se estabelecer análises possíveis, além de funcionar como base para as reflexões na maioria dos estudos sobre o tema.

Em busca pela definição do que venha a ser o processo de envelhecimento muitos pesquisadores caminham na direção de estabelecer vínculos físicos biológicos, e não raro, encontra-se um conjunto bastante significativo de material acerca da contribuição da medicina tradicional em relação ao processo de envelhecimento humano natural.

Uma das contribuições mais claras sobre o funcionamento dos mecanismos de envelhecimento biológico, natural dos indivíduos é feita por um grupo alemão que está interessado em discutir as bases do processo de envelhecimento nos humanos, esses apresentam algumas definições que serviram de ponto de partida para as reflexões.

A primeira observação acerca do envelhecimento está indubitavelmente ligada à sua condição biológica, uma vez que esse é um processo físico ao qual todos os seres humanos estão fadados a passar. Contudo,

bislang ist noch nicht vollständig geklärt, warum ein Organismus altert. Es wird jedoch davon ausgegangen, dass bereits im Erbgut festgelegt ist, wie hoch die Lebenserwartung des Einzelnen maximal ist. Danach gibt es bestimmte Gene (Gerontogene), die den Alterungsprozess steuern. Wann genau diese Gene aktiviert werden bzw. ob der Alterungsprozess in Gang gesetzt wird, weil die Gene durch innere und äußere Einflüsse Schaden genommen haben, ist noch ungeklärt. Klar ist, dass sich Zellen nicht unbegrenzt teilen können – nach einer bestimmten Anzahl von Teilungen sind sie »erschöpft«. Die Zahl der Teilungen ist vermutlich genetisch bestimmt (ALTERUNGSPROZESS, 2008)<sup>28</sup>.

O grupo alemão continua na tentativa de melhor explicar esse processo afirmando que

eine ergänzende Theorie besagt, dass die Zellen zudem einerseits durch Stoffwechselprodukte (z. B. durch freie Radikale = aggressive Formen des Sauerstoffs, die im Körper z. B. bei der Atmung entstehen) geschädigt werden, andererseits nach einiger Zeit »Verschleißerscheinungen« zeigen, sodass sie ihre Funktionen nicht mehr voll erfüllen können. Sie altern somit (ALTERUNGSPROZESS, 2008)<sup>29</sup>.

Ainda que entendido como um processo biológico em que o corpo se deteriora com o tempo essa constatação está longe de contemplar as diversas nuances que o tema enreda.

---

<sup>28</sup> (...) até agora, ainda não é totalmente claro por que um organismo envelhece. No entanto, tem sido considerado que exista um gene que controla esse processo de envelhecimento, e pode controlar o tempo máximo de vida dos seres humanos. Não obstante, não é sabido quando esse gene é ativado ou quando o processo de envelhecimento é deflagrado. Sem dúvidas, as células podem dividir indefinidamente, porém existe um número máximo de cópias geneticamente determinado (Tradução do autor, 03/08/2008).

<sup>29</sup>(...) uma teoria complementar é que as células são também determinadas pelos produtos metabólicos (por exemplo, os radicais livres = agressivas formas de oxigênio no organismo, que desgastam o corpo e entram no sistema por vias respiratórias, por exemplo). Assim, o corpo se desgasta com o tempo e a atividade biológica é diminuída. Com isso, o corpo não é mais capaz de executar plenamente as suas funções. Configurando então, o envelhecimento (Tradução do autor, 03/08/2008).

É preciso então, entender que o conceito de envelhecimento não está apenas restrito ao avançar no conjunto dos anos vividos<sup>30</sup>, mas, é um conceito que se apresenta de maneira “*multidimensional, determinado socialmente, não apenas em relação às condições econômicas, e também no plano simbólico, na percepção coletiva sobre o envelhecer*” (CARVALHO, 2007, p. 25).

Dessa maneira, envelhecer é um processo que tem como base características atingir um conjunto de etapas físicas, psicológicas e sociais<sup>31</sup>. Com base em Carvalho (2007, p. 28) é possível definir que o envelhecimento biológico “*é o tempo de vida humana que o organismo sofre consideráveis mutações de declínio na sua força, disposição e aparência, as quais não incapacitam ou comprometem o processo vital*”.

As condições de saúde e enfermidades definem uma linha tênue para a qualidade de vida do idoso, e nem todos percebem, pois quando há alterações funcionais que são associadas ao envelhecimento que não estão no grau de normalidade, a pessoa pode ter o envelhecimento patológico que em nada tem associação com a condição do envelhecer saudável.

Esse envelhecimento patológico é chamado de ‘*senescência*’ e tem como característica básica a incapacidade de ser realizar tarefas, influenciando na qualidade de vida. Porém, é necessário chamar a atenção que com os estágios evolutivos, biologicamente, o corpo e a mente reagem à nova etapa da vida, sendo assim, as mudanças sofridas ao longo do tempo têm um respaldo científico e estabelecem condições de normalidade<sup>32</sup>.

O envelhecimento psicológico, que na definição de Carvalho (2007, p. 30) com base no pensamento de Gatto (2002) e Salgado (1982), “*diz respeito aos aspectos cognitivos e às emoções, que estão diretamente relacionadas com as questões sociais, com o contexto sócio-ambiental que o indivíduo está inserido*”.

O envelhecimento social se caracteriza a partir de significados produzidos pela própria sociedade.

---

<sup>30</sup> No plano individual, envelhecer não significa apenas aumentar o número de anos vividos (CARVALHO, 2007).

<sup>31</sup> Atendiendo a la etimología proceso es el conjunto de las fases sucesivas de un fenómeno, en nuestro caso nos referimos a las etapas físicas, psicológicas y sociales que pasa una persona hasta llegar a la vejez (FERNÁNDEZ, 2007, p. 61).

<sup>32</sup> La psicología evolutiva se ocupa de los cambios psicológicos que tienen lugar en el hombre a través distintas edades, desde el momento del nacimiento hasta el final de la vida. Dentro de ella se estudian los cambios relacionados con la edad y con el paso del tiempo, señalando cuáles son las causas o factores que determinan dicho cambio. Los términos evolución y desarrollo se refieren a los cambios en un sistema a partir de una situación; se trata de cambios cualitativos que afectan al ciclo vital. El término crecimiento es el que se refiere al aumento cuantitativo de las estructuras corporales (FERNÁNDEZ, 2007, p. 62).

Em sociedades antigas, ou até mesmo na sociedade oriental, o velho assume um papel de destaque, ele é muitas vezes, sinônimo de experiência e a ele é atribuída “condição de sábio”, ou seja, aquele que já experimentou demasiado e tem condições de dar uma opinião sobre a vida. O idoso atinge assim um status social elevado. Como bem definiu Carvalho (2007, p. 48) “*em geral, ser velho conferia uma posição dignificante e todos que atingiam essa etapa eram acatados como sábios*”.

Entretanto, nas sociedades contemporâneas ocidentais “*ser velho significa estar excluído de vários lugares sociais*” (CARVALHO, 2007, p. 48; BEAUVOIR, 1990). Essa condição nova que se impõe coloca o indivíduo em uma posição de tensão, choque e de, sobretudo, exclusão do tecido social.

A inadaptação do idoso aos padrões ideais estabelecidos pela sociedade, como a perda do papel profissional com a aposentadoria e a perda do papel na família como chefe de família e provedor, conduz ao isolamento, aonde o idoso vai diminuindo seus contatos com o mundo em que vive, surgindo sentimentos de inutilidade e solidão, levando à depressão e muitas vezes à morte (CARVALHO, 2007, p. 68).

Para a psicologia o processo de envelhecimento social é composto de diversas nuances, não se limitando à dimensão de abandono e não pertencimento. Neste sentido, algumas teorias exprimem bem a relação dos idosos e das pessoas no processo de envelhecimento com o tecido social, podendo a relação se estabelecer a partir de uma *desvinculação, modernização, atividade, continuidade, competência, subcultura e/ou estratificação por idades*.<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> La teoría de la *desvinculación* fue una de las primeras que intentó estructurar de una manera comprensiva la posición de los mayores en la sociedad (CUMMING e HENRY, 1961). Se considera que durante de envejecimiento las personas experimentan una separación gradual de la sociedad, un decrecimiento de interacciones entre la persona y su medio. Este retraimiento se manifiesta sobre todo en el momento de la jubilación, como referente fundamental en el alejamiento de la vida productiva. La teoría de la *modernización* pretende explicar los cambios en el estatus de las personas mayores, a partir de las modificaciones de los sistemas sociales en función del grado de industrialización que alcanzan las distintas sociedades. Se argumenta que el nivel de estatus de los mayores es inversamente proporcional al grado de industrialización. Conlleva la nostalgia de períodos anteriores, donde se supone que los mayores gozaron de una “edad de oro”. Por el contrario una revisión histórica muestra como el trato recibido por el anciano ha sido ambivalente y no se puede establecer una relación incuestionable entre la modernización y sus estatus, puesto que las transformaciones sociales derivadas de la evolución económica constituyen un proceso complejo que no ha tenido siempre las mismas consecuencias en la calidad de vida de la población de más edad (ACHEMBAUM, 1978; CRANDALL, 1991; FISHER, 1978). Teoría de la *actividad* (NEUGARTEN, 1968-1970; NEUGARTEN e HAGESTAD, 1990) constituye el polo opuesto de la teoría de la desvinculación, puesto que argumentan que cuantas más actividades se realizan más posibilidades se tienen de estar satisfechos con la vida. Una de las bases de esta teoría es considerar que los seres humanos desarrollan sus valores, significados y modos de actuar a partir de un proceso de comunicación social (BLUMER, 1982). Mucha gente mayor procura continuar con las mismas

Na perspectiva demográfica, o envelhecimento populacional é entendido como “o crescimento da população considerada idosa em uma dimensão tal que, de forma sustentada, amplia a sua participação relativa no total da população” (MOREIRA, 1999). Com isso, Carvalho & Garcia (2003) afirmam que o processo de envelhecimento da população “não se refere nem a indivíduos, nem a cada geração, mas, sim, à mudança na estrutura etária da população, o que produz um aumento do peso relativo das pessoas acima de determinada idade, considerada como definidora do início da velhice”. E, é assim que Moreira (1999) discute a intrínseca relação entre os estágios da transição demográfica e próprio processo de envelhecimento da população, e como isso “o período de declínio da fecundidade marca o início do processo de envelhecimento populacional pela base<sup>34</sup>, sendo típico daqueles países onde os níveis de fecundidade são relativamente elevados”. Quando o aumento do número percentual da população idosa acontece independente da diminuição do número de jovens na população, é que se estabelece o envelhecimento da populacional pelo topo, o que pode ter uma relação direta com queda das taxas de mortalidade<sup>35</sup>.

---

actividades de su juventud, ya que mantienen las mismas necesidades psico-sociales de etapas anteriores. Según la teoría de la *continuidad* el descenso en las cuotas de realización de las actividades se explica en función de la salud empobrecida o en minusvalías adquiridas, y no en una necesidad de desvincularse sentida por las personas mayores. Esta teoría predice que las personas en sus elecciones mostraran una inclinación hacia lo que perciben como continuidad. Así pues el éxito y la satisfacción pueden ser el resultado de esas decisiones, pero no siempre. Las personas – según la teoría tenderán más a continuar que a cambiar, eso no significa que la continuidad sea ausencia de cambio, sino que a lo largo del tiempo se da una consistencia de los modelos de ideas y comportamientos. Teoría de la *competencia* pretende explicar la interdependencia entre la persona mayores y su mundo social como un movimiento circular que estimula la visión negativa que los mayores tienen de sí mismos, por la imagen que les envían los demás. Este círculo es difícil de romper, puesto que las enfermedades y problemas propios de la edad incrementan esta mala imagen (KUYPERS e BENGTON, 1973) sugieren que se puede descomponer esta espiral desarrollando grupos de apoyo que permitan reconstruir la imagen de enfermedad e incompetencia, aunque los resultados de esta intervención resultan difíciles de medir empíricamente. La teoría de la *subcultura* (ROSE, 1968) considera que las personas mayores conforman una subcultura propia que se plasma en la organización de importantes grupos como las Panteras Grises en Alemania o la Asociación Americana de Personas Jubiladas. Hay estereotipos negativos vinculados a las personas mayores, el edadismo o prejuicio sobre el envejecimiento, da prioridad a los factores de tipo biológico, y deja en segundo plano los factores derivados de la clase social, historia de vida o políticas sociales que aportan una variación considerable al proceso del envejecimiento. La teoría de la *estratificación por edades* (RILEY, 1986-1988) esta teoría asume que la sociedad se compone de generaciones sucesivas de personas que van envejeciendo de manera distinta y que, continuamente, fuerzan a sus predecesores a abandonar roles sociales. Las personas que nacen en fechas cercanas experimentan el proceso de envejecimiento de forma similar, de tal manera, que cada generación debe afrontar un conjunto de acontecimientos y cambios relacionados con su fecha de afiliación. Puesto que la sociedad cambia, la población de distintas cohortes envejece de manera distinta (FERNÁNDEZ, 2007., p. 63-65).

<sup>34</sup> O idéia do envelhecimento populacional pela base tem como conceito a ampliação do peso relativo da população idosa como consequência de uma redução do grupo etário jovem, com base na queda da fecundidade.

<sup>35</sup> A queda da mortalidade como determinante do envelhecimento pelo topo, define a consolidação do processo de envelhecimento e é próprio das populações que já atingiram a maturidade demográfica, nas quais os níveis de fecundidade já são baixos e os níveis de mortalidade continuam a declinar,

Não raro, a baixa taxa de mortalidade e o envelhecimento da população são associados, principalmente quando se é discutido o processo de envelhecimento dos países desenvolvidos. No entanto, a simples redução das taxas de mortalidade correspondeu a um processo de rejuvenescimento populacional, pois, com baixas taxas de mortalidade a população jovem e em período produtivo aumentou, além disso, o número de mulheres que atingiram à condição de fecundidade também foi aumentado, fazendo com que o número de nascidos fosse ampliado<sup>36</sup>.

### ***Buscando influências da União Européia para sofisticar as discussões do processo de envelhecimento no Brasil***

O debate sobre o processo de envelhecimento da população teve como contribuição inicial o grupo europeu, principalmente porque antes dos demais povos do ocidente a Europa viu a sua população envelhecer significativamente, e por isso, e desse continente que surgem as primeiras contribuições acerca do entendimento do processo de envelhecimento.

A primeira grande ação internacional foi realizada na cidade de Viena, Áustria no ano de 1982 com a realização da primeira assembléia das Nações Unidas sobre o tema. As influências e discussões ali estabelecidas tiveram como preocupação central o processo biológico do envelhecimento, as preocupações acerca da previdência social e ao tratamento de doenças acometidas a população em processo de envelhecimento.

A segunda reunião internacional sobre o envelhecimento só aconteceu 20 anos depois da primeira, ou seja, em 2002. Desta vez a Espanha foi o país sede, com a concentração das atividades realizadas na cidade de Madrid.

Entre uma reunião e outra se nota uma profunda diferença na elaboração das questões voltadas ao processo de envelhecimento e a velhice em si,

---

concentrando-se, entretanto, entre as faixas etárias mais elevadas, pois os níveis de mortalidade infantil e infanto-juvenil já encontraram os limites possíveis de redução e os da mortalidade adulta estão fortemente associados a padrões de comportamento difíceis de serem mudados (MOREIRA, 1999).

<sup>36</sup> Na verdade, o declínio da mortalidade, tal como o observado até agora, teve como efeito um rejuvenescimento das populações, e não seu envelhecimento. Isto, por duas razões: (1) proporcionalmente, a queda se concentrou mais nas idades mais jovens, o que, por si só, não teve impacto direto, a não ser em curto prazo, na distribuição etária proporcional; (2) ao propiciar, em cada coorte, um número maior de mulheres sobreviventes até o final do período reprodutivo, o declínio da mortalidade teve como consequência, um número maior de nascimentos, o que, como visto, leva a uma proporção maior de jovens na população (CARVALHO & GARCIA, 2003).

---

(...) o período de vinte anos que separa uma da outra ressalta os contrastes das circunstâncias históricas em que ocorreram. Com efeito, enquanto a primeira das Assembléias teve lugar num tempo marcado, no plano internacional, pelas tensões da Guerra Fria e, regionalmente, pela prevalência de regimes de exceção, a segunda aconteceu num horizonte caracterizado pelo fim do sistema bipolar, pelo progressivo fortalecimento das democracias e pelo fenómeno da globalização (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2004, p. 4).

Percebe-se que o tratamento das questões voltadas para o processo de envelhecimento da população está centrado em questões que não obedecem a uma linha evolutiva coerente, pois, o pensamento acerca do tema, em relação à projeção internacional, foi estabelecido em unidades conceituais e contextuais diversas, sofrendo assim de um desgaste paradigmático muito forte. Notadamente porque com o avanço da base tecnológica, avança-se também na perspectiva da modernização do circuito produtivo, desta maneira, as questões são constantemente apresentadas ao passo que as respostas não são produzidas obedecendo à mesma velocidade argumentativa. Esse fato apresenta então uma temporalidade discordante entre os temas, as discussões e as soluções. No entanto, é preciso assumir os esforços na tentativa de resgatar o tempo perdido em relação à própria condição de vida dos idosos.

Assim, é resultado dessa assembléia um conjunto de ações e propostas de ação que estabeleçam a condição de bem estar da população envelhecida e em processo de envelhecimento, como mostra o quadro 03<sup>37</sup>.

Ainda que as propostas sejam voltadas para a União Européia, elas servem de modelo para a elaboração de políticas públicas que levem em consideração o processo de envelhecimento que se instaura como condição da sociedade atual, uma sociedade que vive em um mundo em que as experiências são compartilhadas a todo instante, em função conectividade da teia global, o que significa dizer que experiências e ações estabelecidas em um espaço/tempo próximo, servem como proposições para auxiliar na elaboração de políticas públicas em um espaço/tempo mais distante.

---

<sup>37</sup> O quadro referido foi simplificado em seus termos, entretanto continua escrito em português de Portugal para respeitar a fonte original do texto.

1. Exorta a Comissão, o Conselho e os Estados-Membros a apoiarem activamente, (...) uma estratégia de acção internacional (...) baseada na solidariedade entre gerações, numa imagem positiva de uma vida mais longa, no contributo das pessoas idosas para o bem estar da sociedade e no papel activo que os mesmos continuam a desempenhar no seio da família e da comunidade; (...);
2. Manifesta a sua particular apreensão face à situação das mulheres idosas (...) objecto de discriminação, sobretudo por constituírem o grupo mais pobre e mais afectado por situações de iliteracia e de dependência;
3. Exorta as instituições da UE e os Estados-Membros a preservarem e a reforçarem o modelo social europeu e, em particular, a desenvolverem sistemas de protecção social obrigatórios e promotores da coesão, alicerçados no princípio da universalidade e da solidariedade nas e entre as gerações; (...);
4. Insta o Conselho e a Comissão a integrarem as questões do envelhecimento em todos os domínios políticos pertinentes e a incluírem as pessoas idosas em todas as políticas e programas europeus relevantes nos planos social, económico e de cooperação (...);
5. Reitera a sua opinião de que é necessário incrementar a luta contra todas as formas de discriminação no mercado de trabalho, em particular a discriminação contra os trabalhadores idosos, bem como encorajar a reinserção na vida activa de pessoas excluídas do mercado de trabalho, mercê da adopção de medidas inovadoras de aperfeiçoamento profissional e da alteração a nível da organização do trabalho e do horário de trabalho e a nível da protecção da segurança e da saúde no trabalho consentânea com as necessidades dos trabalhadores idosos; (...);
6. Reitera o seu apoio a um método de coordenação aberto nos domínios das pensões, da inclusão social e da assistência na saúde (...); faz votos por que os trabalhos realizados sejam prosseguidos e aprofundados pelo Conselho, alargando-os, em particular, à protecção social no seu todo e encorajando os Estados-Membros a consagrarem o direito a um rendimento, pensão ou salário mínimo; (...);
7. Insiste na importância de um sistema integrado de assistência pública na saúde/serviços sociais que viabilizem a igualdade no respectivo acesso, do livre fornecimento de medicamentos essenciais a nível mundial, da promoção da saúde, da prevenção de doenças, do combate a doenças infecciosas, (...), da prevenção da dependência, da prestação, em larga escala, de serviços dignos e equitativos de prestação de cuidados no domicílio e a longo prazo, bem como da distribuição e do desenvolvimento de novas tecnologias médicas;
8. Exorta todas as instituições (...) a um reforço da cooperação visando a implementação do plano de acção internacional para o envelhecimento (...);
9. Insta os Estados-Membros a ratificarem e a observarem as normas fundamentais consagradas nas Convenções da OIT e requer a imediata ratificação e aplicação, por parte dos Estados-Membros, da Convenção 128 da OIT sobre prestações de invalidez, de velhice e de sobrevivência;
10. Chama a atenção para os problemas específicos dos migrantes e refugiados idosos na UE em termos de integração social;
11. Destaca o papel desempenhado pelos parceiros sociais (...), que incluem a negociação salarial, conducentes à conclusão de acordos colectivos sobre diferentes políticas de gestão dos recursos humanos que constituem os trabalhadores idosos no local de trabalho;
12. Insiste na necessidade de reforçar o diálogo civil a nível da UE, a fim de dar voz às organizações representantes dos idosos;
13. Encarrega o seu Presidente de transmitir a presente resolução ao Conselho, à Comissão, bem como à Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre envelhecimento.

---

**Quadro 03: Resolução do Parlamento Europeu sobre a segunda Assembléia Mundial das Nações Unidas sobre envelhecimento de 9 de abril de 2002.**

Fonte: Resolução do Parlamento Europeu sobre a segunda Assembléia Mundial das Nações Unidas sobre envelhecimento de 9 de abril de 2002. Disponível em: <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+MOTION+B5-2002-0242+0+DOC+XML+V0//PT>

O conjunto de medidas apresentadas anteriormente é resultado do Comitê Europeu e tem como base a Resolução nº 46/91 das Nações Unidas que orienta como idéia central a elaboração dos princípios para os idosos e apóia os direitos dos mesmos em relação à participação, à dignidade, à independência, à realização pessoal e à prestação de cuidados.

É preciso se ter em conta a Carta Européia dos Direitos Fundamentais, o artigo 13º do Tratado, elaborada na segunda Assembléia Mundial das Nações Unidas sobre envelhecimento (Madrid, 8 a 12 de Abril), além de se considerar que, a fim de criar uma sociedade inclusiva para todas as faixas etárias, os princípios gerais em que a mesma assenta suas reflexões devem ser traduzidos em orientações específicas e em planos de ação, internacionais e nacionais, incluindo a observância das Convenções da Organização Internacional do Trabalho, notadamente as convenções relativas ao desenvolvimento da proteção social e do combate à discriminação, e a respectiva avaliação regular<sup>38</sup>.

O princípio fundamental que rege as determinações do conjunto de políticas apresentados pela União Européia e que deveria ser base para toda e qualquer política pública, social e conseqüentemente ambiental acerca do papel do idoso na sociedade contemporânea está centrado no respeito e na garantia da alteridade, independente da condição de idade, classe social, gênero ou raça.

Para atingir a sofisticação do pensamento acerca da condição do idoso na sociedade fruto dos processos globalitários e de exclusão se faz necessário refletir a partir de alguns pressupostos.

Assim, apresenta-se o quadro 04<sup>39</sup> como fundamental instrumento para a construção de uma “atmosfera” mais abrangente em relação ao idoso e o espaço relacionado à manutenção da vida.

O grande apelo que se faz junto às entidades sociais, às grandes empresas e aos indivíduos que compõem o tecido social é que seja percebida a necessidade de que os idosos tenham um apoio social, uma vez que inexoravelmente esse grupo proporcionará alterações na estrutura etária do globo, e por isso as políticas públicas precisarão ser construídas focalizada e consistentemente.

---

<sup>38</sup> Resolução do Parlamento Europeu sobre a segunda Assembléia Mundial das Nações Unidas sobre envelhecimento de 9 de abril de 2002.

<sup>39</sup> O quadro será apresentado obedecendo às normas da gramática oficial lusitana, em consonância com a fonte em que foram recorridas as informações originalmente.

- A. Considerando que a Segunda Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento se realiza em Abril de 2002, proporcionando uma ocasião para o reconhecimento das questões relativas ao envelhecimento nos países industrializados e no mundo em desenvolvimento;
- B. Considerando que o envelhecimento da sociedade, tanto nos países industrializados como nos países em desenvolvimento, é frequentemente encarado em termos negativos, isto é, em termos de desafios colocados à estrutura etária da população activa, à sustentabilidade dos sistemas de protecção social e de saúde e como um sorvedouro para os recursos familiares nos países em desenvolvimento (...);
- C. Considerando que esta imagem não faz justiça ao enorme recurso cultural e profissional que representam as pessoas idosas e reformadas, (...);
- D. Considerando que é necessária uma mudança de atitudes se se pretende que a sociedade seja para todas as idades, (...);
- E. Considerando os direitos dos cidadãos idosos à plena participação nas suas sociedades, (...), e reconhecendo os obstáculos enfrentados pelos idosos no mundo inteiro no tocante ao emprego e ao apoio ao rendimento, (...), problemas esses que devem ser resolvidos;
- F. Considerando que a migração com origem no mundo em desenvolvimento está a causar uma diminuição do apoio familiar, o que leva a um aumento do problema do isolamento das pessoas idosas; que, na UE, a alteração dos padrões familiares em resultado das mutações da sociedade está a provocar isolamento e exclusão social;
- G. Considerando que a erradicação da pobreza na velhice, a nível mundial, é um objectivo fundamental do Plano de Acção Internacional sobre o Envelhecimento, (...), tanto na UE como no mundo em desenvolvimento;
- H. Considerando que o acesso a cuidados médicos para todos, um bom nível de saúde física e mental e o bem-estar social são direitos humanos fundamentais;
- I. Considerando que a exclusão das pessoas idosas dos programas contra VIH (...), pelo que o VIH nas pessoas idosas não é geralmente detectado (...); reconhecendo o papel fundamental dos idosos na prestação de cuidados (...), bem como o seu papel potencial como educadores e actores na prevenção do VIH nos países em desenvolvimento;
- J. Considerando que no mundo inteiro, (...), as pessoas idosas são objecto de todas as formas de abuso, e que a violência contra as pessoas idosas deve ser condenada com a maior veemência (...);
- K. Considerando que as mulheres sobrevivem aos homens em todas as sociedades e que, (...), no mundo em desenvolvimento, as mulheres idosas são particularmente vulneráveis, (...);
- L. Considerando que, a fim de criar uma sociedade inclusiva para todas as faixas etárias, os princípios gerais em que a mesma assenta devem ser traduzidos em orientações específicas e em planos de acção internacionais e nacionais alicerçados numa estratégia a longo prazo no domínio do envelhecimento, incluindo a observância das Convenções da Organização Internacional do Trabalho, (...);
- M. Considerando que os idosos não podem ser considerados como um grupo homogéneo (...);
- N. Considerando que várias estimativas sobre as alterações demográficas (...) apresentam divergências que atingem os 60%, o que demonstra que as previsões em matéria de desenvolvimento social para um período de cinquenta anos devem ser tratadas com precaução (...);
- O. Considerando que é imperioso integrar a dimensão da idade nos indicadores e nas intervenções em matéria de pobreza;
- P. Considerando que o envelhecimento da população deverá tornar-se uma questão de primeira importância nos países em desenvolvimento, cuja população, de acordo com as projecções, envelhecerá rapidamente durante a primeira metade do século XXI; (...);
- Q. Considerando que o objectivo do Plano de Acção Internacional sobre o Envelhecimento (...) é o de garantir que, (...), as pessoas possam envelhecer com segurança e dignidade, continuando a participar na sociedade como cidadãos dotados de plenos direitos, (...).

---

**Quadro 04: Considerações sobre a condição dos idosos e do processo de envelhecimento elaborada pela União Européia.**

Fonte: Resolução do Parlamento Europeu sobre a segunda Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre envelhecimento de 9 de abril de 2002. Disponível em:

<http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+MOTION+B5-2002-0242+0+DOC+XML+V0//PT>

Percebe-se com isso o início da mudança dos paradigmas e preconceitos sociais frente ao processo de envelhecimento das pessoas, afinal o reconhecimento das falhas e aceitação de que as pessoas envelhecidas compõem o tecido social complexo faz com que a racionalidade vá de encontro às tentativas de hostilidade.

Em relação ao quadro 04 é possível estabelecer algumas reflexões: o ponto J, por exemplo, é visto como um grande avanço em relação ao reconhecimento da condição do idoso na sociedade moderna. No entanto, está no ponto Q a grande possibilidade de transformação social, porém é indispensável que as ações tenham como reflexo as dimensões apresentadas no ponto M, pois, ainda que considerados enquanto um grupo, as necessidades, desejos e forma de inserção social das pessoas idosas são tão complexos quanto aos dos demais grupos sociais, pois, eles refletem a complexidade existente na própria sociedade. Dimensão fácil de ser entendida quando se percebe o processo de composição social a partir das ‘partes’ com ‘todo’ e o processo de totalização<sup>40</sup>.

No Brasil, o principal documento que estabelece as diretrizes sobre as ações em relação ao grupo dos idosos é popularmente chamado de “Estatuto do Idoso”, e foi criado na forma de lei sob o número 10.741 de 1º de outubro de 2003 (anexo 01) atentando às demandas internacionais oriundas do Encontro Internacional da Espanha. É o primeiro documento de referência nacional construído no Brasil acerca da condição dos idosos e assume como pressuposto um conjunto de normas já apresentadas no relatório da União Européia.

Uma das primeiras referências à política estabelecida na União Européia é encontrada no artigo 4º do estatuto, “*nenhum idoso será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão, e todo atentado aos seus direitos, por ação ou omissão, será punido na forma da lei*” (BRASIL, 2003). Com esse artigo o governo brasileiro se coloca contrário a grande opressão que historicamente o grupo dos idosos é acometido.

No artigo 8º a lei brasileira entende que “*o envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social, nos termos desta Lei e da legislação vigente*” (BRASIL, 2003).

---

<sup>40</sup> (...) o todo somente pode ser conhecido através do conhecimento das partes, e as partes somente podem ser conhecidas através do conhecimento do todo. Essas duas verdades são, porém, parciais. Para alcançar a verdade total, é necessário reconhecer o movimento do todo e das partes, através do processo de totalização (SANTOS, 2005).

O parágrafo segundo do artigo 10º ao ser lido e interpretado não permite dúvidas quando o direito e respeito ao princípio da dignidade humana, resgatando para o grupo dos idosos a noção de independência e de manutenção da sua imagem de ser humano.

§ 2º O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, de valores, idéias e crenças, dos espaços e dos objetos pessoais (BRASIL, 2003).

Esses pequenos recortes feitos no estatuto do idoso servem para exemplificar que mesmo o conjunto legal prevendo as mais diversas especificidades em relação à manutenção, à reprodução e ao direito à vida a sua aplicabilidade não se verifica efetivamente. Neste sentido, é imperioso destacar que o mundo legal não corresponde *ipsi literis* ao mundo real, e há muito que se construir para que os direitos adquiridos, legalmente, sejam aplicados na prática, uma vez que as cidades que os abrigam exibem sinais claros de uma incapacidade sociometabólica de sustentar as diversas nuances indispensáveis à reprodução e manutenção da vida.

O conjunto de políticas com base legal ainda não foi capaz de transformar a condição do idoso na contemporaneidade, e para atingir a realidade se faz necessário recorrer ao pensamento de Simone de Beauvoir (1990) quando é denunciada a forma de vida a que esses indivíduos estão submetidos.

### ***Indicativos da Condição do Idoso na contemporaneidade***

O processo de envelhecimento se apresenta como um elemento constante ao tecido social, as questões transitam entre as mais diversas escalas, a sociedade e a ciência precisam discutir a questão quase como uma tomada de consciência coletiva em que o idoso seja entendido para além do princípio da reciprocidade, ou melhor, a população envelhecida precisa ser entendida como pertencente a uma *praxis* social.

Essa reciprocidade, como aponta Beauvoir (1990, p. 260) através de Sartre é uma condição que tem a necessidade de que 4 dimensões sejam atendidas:

A primeira dimensão é fundamentada no outro como *meio* de um fim transcendente, e assim espera-se que a dimensão da alteridade seja garantida, independentemente da condição desse outro, ou seja, o outro é capaz de elevar a minha condição, pois, é só no outro que eu me realizo.

A segunda dimensão propõe que eu reconheça a alteridade, “o outro” como *práxis*, uma vez que a condição de *práxis* estabeleça o outro como ponto principal do projeto totalizador.

Com isso, apresenta-se a terceira dimensão como a tentativa ou a capacidade “*que eu reconheça seu movimento em direção aos seus fins no movimento pelo qual eu me projeto em direção aos meus*” (BEAUVOIR, 1990, p. 260).

E por fim, a quarta dimensão se estabelece na perspectiva de atingir a reciprocidade, ou seja, evoca a necessidade de “*que eu me descubra como objeto e instrumento de seus fins pelo próprio ato que o constitui como instrumento objetivo para os meus fins*” (BEAUVOIR, 1990, p. 260).

À luz desse pensamento, se estabelece que o princípio da reciprocidade cria entre os humanos um contrato de identidade e identificação em que “*cada um rouba ao outro um aspecto do real, e lhe indica seus limites (...)*” (BEAUVOIR, 1990, p. 260).

Sendo a sociedade “*uma totalidade destotalizada*” (BEAUVOIR, 1990, p. 260) em que os indivíduos se comunicam e compartilham através de sua *práxis*, e da diversidade dela, o que se coloca como reflexão é que as pessoas envelhecidas não partilham dessa *práxis*, sendo isso o velho corresponderia a uma *exis* social, em que o imaginário social conduziria a uma condição de estranhamento social, a um não pertencimento ao mesmo grupo.

A condição inexorável do processo de envelhecimento das pessoas e da sociedade, e a aceleração dessas relações nos últimos 50 anos fazem com que a condição da população idosa seja ponto de análise. As releituras necessárias acerca da condição de vida dos idosos e como esses se relacionam com o espaço que os cerca faz com que a questão tome caminhos novos, e essas novidades anunciadas não poderiam tomar a sociedade de surpresa, uma vez que, como lembrava o Sauvy citado pela Beauvoir (1990), de todos os fenômenos contemporâneos, o menos contestável, o mais certo em sua marcha, o mais fácil de prever com muita antecedência, e, talvez, o de conseqüências mais pesadas é o envelhecimento da população.

Não obstante, os dados e reflexões feitas acima revelam uma intensa contradição da identificação e trato do processo de envelhecimento, pois, há historicamente um desapego da sociedade perante a condição do velho, e ao mesmo tempo a própria sociedade precisa se reconhecer enquanto entidade que está envelhecida. O que nas

projeções das agências de estatísticas, essa condição não parece ser reversível ao menos nos próximos 50 anos.

### ***2.1. – O envelhecimento da população brasileira.***

Em países em processo de desenvolvimento, a exemplo do Brasil, os estudos sobre o processo de envelhecimento populacional e as suas conseqüências são feitos de maneira pontual e exibindo certo grau de desarticulação. Além disto, estão concentrados fundamentalmente na análise das condições de saúde, aposentadoria e arranjos familiares para o suporte dos idosos, como aponta o relatório Camarano (2002) sobre o envelhecimento da população brasileira.

No Brasil, o desenvolvimento de estudos demográficos sobre o processo de envelhecimento é fruto de preocupações recentes. A preocupação central dos estudos sobre esse fenômeno populacional concentrou esforços na investigação acerca da queda da fecundidade e as suas conseqüências na década de 1980 com publicações voltadas ao tema, além dos encontros da Abep. Apenas no VI Encontro Nacional da Abep é que as questões sobre o envelhecimento populacional foram postas em destaque<sup>41</sup>.

O processo de envelhecimento nos países em desenvolvimento, e mais especificamente no Brasil é fomentado pela discussão acerca do “peso” da população idosa em relação à sua participação na previdência social. No entanto, com base no relatório do IPEA é possível supor que investimento na melhoria da qualidade de vida da população, em geral, pode contribuir para uma diminuição dos gastos públicos com a saúde, pois, uma vida mais equilibrada resulta em indivíduos mais saudáveis<sup>42</sup>.

---

<sup>41</sup> A grande maioria dos trabalhos mencionados se concentra na descrição da dinâmica demográfica do segmento idoso, incluindo uma visão prospectiva dos arranjos familiares em que estes estão inseridos, sua participação no mercado de trabalho bem como suas condições de saúde e mortalidade. A preocupação com o crescimento desse segmento também tem sido objeto de muitos trabalhos. Alguns trabalhos medem o impacto que o crescimento da população idosa tem sobre a razão de dependência demográfica, sobre os gastos de previdência, gastos de saúde, dentre outros. Condições de saúde e mortalidade da população idosa são também temas bastante recorrentes na literatura. Na maioria desses estudos, predomina a preocupação com a pressão que o crescimento da população idosa pode fazer sobre os gastos previdenciários, a utilização dos serviços de saúde e, conseqüentemente, com os custos destes. (CAMARANO, 2002, não paginado)

<sup>42</sup> A evidência empírica tem comprovado essa pressão. No entanto, essas análises se baseiam, em geral, num ponto no tempo. Não se conhece nenhum trabalho que tenha medido o tipo de repercussão que as melhoras nas condições de vida da população idosa possam ter nesses gastos. Pode-se supor que melhores condições de vida podem levar a uma menor pressão sobre os gastos de saúde e previdenciários, por exemplo. (CAMARANO, 2002, não paginado).

Sem dúvidas, a relação harmônica entre qualidade de vida e velhice saudável precisa de uma série de fatores que dote de equidade os elementos da longevidade, condições de trabalho, renda, saúde, lazer, educação, etc.

Entretanto, em relação à contribuição dos associados à previdência social alguns estudos apontam na direção da ampliação em relação à participação desse grupo, em relação ao tempo de contribuição com o adiamento da idade mínima para o recolhimento dos benefícios mensais, ou seja, discutem a alteração para cima na idade mínima que um previdenciário precisa contribuir para conseguir se aposentar. Já que alguns trabalhos discutem o gasto social inserido no processo de envelhecimento da população, o que reivindica uma participação maior e uma continuidade prolongada da força de trabalho.

É a partir desse elemento econômico-financeiro que se justifica a condição de perversidade que alguns idosos são submetidos, e denuncia-se com isso a expropriação dos mesmos do tecido social produtivo<sup>43</sup>, o que reforça a percepção dos idosos como uma *exis* social. Inicia-se assim um conflito entre a participação no mundo do dinheiro e a necessidade de realização e desenvolvimento da vida.

É denunciado, ainda, pelo relatório apresentado por Camarano (2002) o caráter catastrófico de um conjunto de pesquisas sobre a manutenção da previdência social e o processo de envelhecimento. Assim, é revelada uma preocupação numérica em relação à condição de vida social, quando na verdade a preocupação central deveria estar centrada no estado de bem-estar coletivo.

(...) alguns trabalhos de cunho prospectivo chegam a alardear catástrofes, colocando em risco a reprodução da vida social, caso as contribuições e/ ou impostos não aumentem ou o valor dos benefícios sociais não sejam reduzidos, ou, mesmo, a idade mínima para a aposentadoria não aumente. Na verdade, apresentam uma preocupação puramente contábil e politicamente “neutra”. Contraditoriamente, instituições sociais como a aposentadoria, que foram criadas para gerir riscos, são transformadas em fontes de produção de outros riscos como a inviabilização do sistema [Debert (1999)]. Na verdade, a

---

<sup>43</sup> Sumarizando, a grande maioria dos trabalhos parte da premissa de que a partir de determinada idade, que se convencionou chamar idosa, o indivíduo consome mais do que produz. Isso tem levado a que se encontre freqüentemente na literatura uma associação entre envelhecimento e dependência. O aumento da “dependência” se dá, pois, por um lado, a queda da fecundidade reduz ao menos relativamente, no médio/longo prazo, a população adulta, ou seja, os indivíduos em idade produtiva (contribuintes potenciais para o Estado) bem como os “cuidadores de idosos”. Por outro lado, a queda da mortalidade faz com que os idosos, “os dependentes”, vivam por mais tempo. Em relação aos trabalhos mencionados, dois pontos são levantados. (op. Cit, não paginado).

---

prioridade das políticas públicas deveria ser com a qualidade de vida e o bem-estar coletivo (CAMARANO, 2002, não paginado).

O processo de envelhecimento é um tema que suscita grandes perguntas, desde a definição exata de que período (biológico, cultural, político, psicológico, social) está se tratando até quais as implicações do processo para a reprodução da vida, e todas as discussões têm que levar em conta as variações culturais e as questões pertinentes a uma conexão intergeracional entre os indivíduos, “*especialmente o suporte que tem sido dado pelos idosos às gerações mais novas*” (CAMARANO, 2002, não paginado).

É com base nesse intercâmbio de gerações e o fluxo das trocas desse intercâmbio que muitos pesquisadores estabelecem questionamentos acerca da visão de dependência a que os idosos estão condicionados socialmente<sup>44</sup>.

Em nota veiculada pelo IBGE<sup>45</sup> foi apresentado um conjunto de dados e informações acerca da projeção do crescimento populacional brasileiro, neste documento alertava-se para uma paulatina desaceleração das taxas de crescimento, percebidas desde os anos 1960. Assim, em um intervalo de 50 anos, o Brasil, tendo como base o grupo de mulheres que poderiam ter filhos durante a sua vida fértil, teve uma redução considerável nas taxas de fecundidade, o que representa um envelhecimento pela base.

De acordo com a nota no intervalo 1950-1960, a taxa de crescimento da população era de 3,04% ao ano e atualmente apresenta-se em 1,05%. Com base nas projeções estatísticas, a taxa de crescimento em 2050 será negativa em 0,291%, representando uma nova etapa no processo de crescimento populacional no Brasil.

As informações atuais contradizem as projeções feitas na década de 1950, em que as taxas de crescimento evoluíam a 3% ao ano<sup>46</sup>.

---

<sup>44</sup> Alguns estudos mostram que nas famílias brasileiras as transferências intergerações se dão nas duas direções. Outros estudos — Camarano e El Ghaouri (1999), Saad (1999) e Turra (2001) — falam de um fluxo entre gerações na direção dos mais velhos para os mais jovens. Camarano e El Ghaouri (1999), com base nesse fluxo, questionam a questão da “dependência” dos idosos (CAMARANO, 2002, não paginado).

<sup>45</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Projeção da População do Brasil*.

Comunicação social, disponível em:

[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_impressao.php?id\\_noticia=1272](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impressao.php?id_noticia=1272)

<sup>46</sup> Desde os anos 1960 que a taxa de crescimento da população brasileira vem experimentando paulatinos declínios, intensificando-se juntamente com as quedas mais pronunciadas da fecundidade<sup>1</sup>. No período 1950-1960, a taxa de crescimento da população recuou de 3,04% ao ano para 1,05% em 2008. Mas, em 2050, a taxa de crescimento cairá para -0,291%, que representa uma população de 215,3 milhões de habitantes. Segundo as projeções, o país apresentará um potencial de crescimento populacional até 2039, quando se espera que a população atinja o chamado “crescimento zero”. A partir desse ano serão registradas taxas de crescimento negativas, que correspondem à queda no número da população. Vale

Com base na revisão de 2008 e utilizando os dados da PNAD no intervalo 2002 – 2006, o IBGE divulgou o seguinte gráfico:

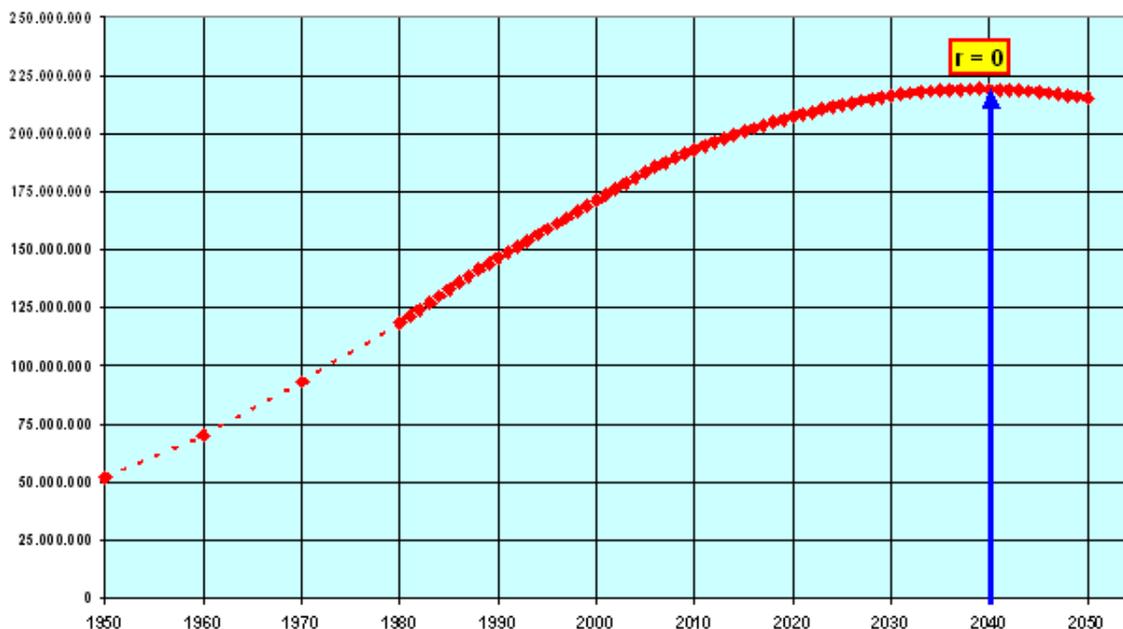


Gráfico 01: **Projeção do crescimento populacional no intervalo 1950-2050.**

Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Projeção da População do Brasil*. Comunicação social, disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_impressao.php?id\\_noticia=1272](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impressao.php?id_noticia=1272).

Pode-se constatar que as taxas de crescimento da população brasileira serão positivas até o ano de 2039, alcançando assim em 2040 o nível de crescimento zero (0), assumindo uma redução, ou seja, um crescimento negativo a partir de 2041.

Em outra nota veiculada pela imprensa, o IPEA divulgava em outubro de 2008 os seus dados sobre a análise da população brasileira, a partir dessa publicação é possível analisar os gráficos (02 e 03) que seguem, mostrando os números da desaceleração do crescimento populacional.

---

ressaltar que se o ritmo de crescimento populacional se mantivesse no mesmo nível observado na década de 1950 (aproximadamente 3% ao ano), a população brasileira chegaria, em 2008, a 295 milhões de pessoas e não nos 189,6 milhões divulgados pelo IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Projeção da População do Brasil*. Comunicação social, disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_impressao.php?id\\_noticia=1272](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impressao.php?id_noticia=1272).

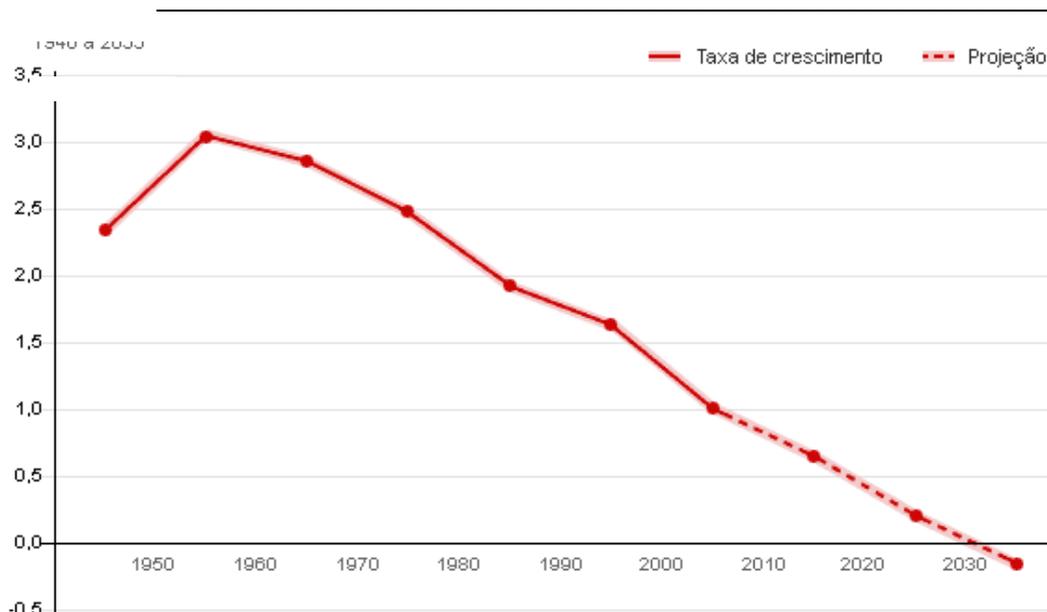


Gráfico 02: Taxa e projeção do crescimento da população brasileira (1940 – 2035).

Fonte: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2008/10/07/ult5772u970.jhtm>, acessado em 7 de outubro de 2008 às 23h55.

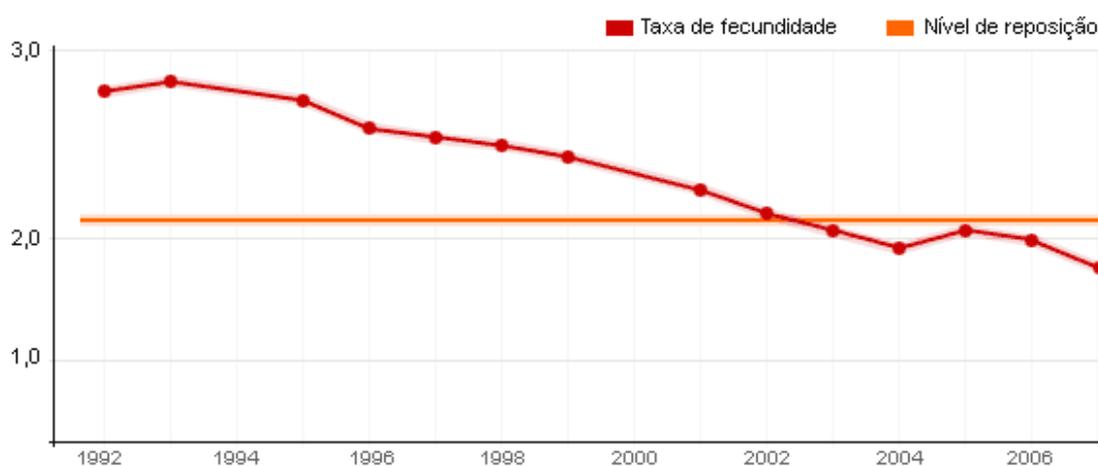


Gráfico 03: Taxa de fecundidade nacional no período de 1992 a 2007.

Fonte: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2008/10/07/ult5772u970.jhtm>, acessado em 7 de outubro de 2008 às 23h55.

O crescimento populacional brasileiro atinge um nível de desaceleração ainda maior do que aqueles apresentados pelo IBGE, o IPEA antecipa a taxa de crescimento negativo em 10 anos em relação ao IBGE, ou seja, em 2030, como mostra o gráfico 02.

O Brasil já apresentará crescimento negativo no tocante a sua população representando um ambiente de grandes transformações sociais. Como base nas informações do IPEA a taxa de crescimento negativa tem vinculações fortes com a diminuição das taxas de fecundidade, o que significa dizer que o número médio de filhos por mulher brasileira, já em 2007, se tornou insuficiente para manter ou repor a atual população.

Desde a divulgação da PNAD pelo IBGE já é sabido que a taxa média de filhos por mulheres estava inferior a 2. Há época da divulgação dos dados da PNAD a taxa era de 1,95 filho por mulher, e de acordo com os dados apresentados pelo IPEA essa taxa é ainda menor, representando 1,83 filho por brasileira em condições de gestação. Ainda que os números da PNAD e do IPEA não sejam idênticos, em função de metodologias diferenciadas, ambos os estudos apontam para um caminho igual, ou seja, a inevitabilidade do fenômeno do decrescimento da população brasileira e conseqüente envelhecimento populacional.

Comparando os dados atuais apresentado pelo IPEA com anos anteriores, é possível afirmar que em 1992 a taxa de filhos por mulher era superior a 2, com número real se aproximando a 3, ou seja, a taxa era de 2,8 filhos. A projeção feita há época considerava que o máximo populacional brasileiro seria atingido em 2030 com aproximadamente 204,3 milhões de habitantes e a partir de 2035 a população nacional cairia para 200,1 milhões de habitantes.

De acordo com os dados dessa pesquisa alguns grupos já apresentam taxas negativas de crescimento, a exemplo daqueles que estão abaixo dos 30 anos, e além desses, nos próximos 25 anos outros grupos terão essa mesma configuração, a única exceção se dará no grupo dos que apresentarão idade superior a 45 anos, pois, esses ainda apresentarão crescimento positivo.

Em um dos subtítulos de sua nota à população sobre os dados da projeção populacional, o IBGE afirma: *“O país caminha velozmente rumo a um perfil demográfico cada vez mais envelhecido”*.

O índice de envelhecimento aponta para mudanças na estrutura etária da população brasileira. Em 2008, para cada grupo de 100 crianças de 0 a 14 anos existem 24,7 idosos de 65 anos ou mais. Em 2050, o quadro muda e para cada 100 crianças de 0 a 14 anos existirão 172, 7 idosos. (IBGE, 2008)

A análise dos grupos e das estruturas etárias exhibe modificações em relação às pessoas que estão se inserindo no grupo das economicamente ativas e aquelas que estão entrando no grupo das inativas. Em 2000, para cada pessoa com 65 anos ou mais de idade, aproximadamente 12 estavam na faixa etária chamada de potencialmente ativa (15 a 64 anos). Já em 2050, para cada pessoa com 65 anos ou mais de idade, pouco menos de três estarão na faixa etária potencialmente ativa. *“No tocante às crianças e*

*jovens, existirão cada vez mais pessoas em idade potencialmente ativas destinadas a suprir suas necessidades*”. (IBGE, 2008).

Com base na dinâmica populacional é possível analisar o gráfico 04 sobre a distribuição etária da população brasileira na janela temporal de 2000 a 2035, em que está em destaque os dados de 2000 e em projeção os dados para 2035, mostrando assim uma alteração substancial na pirâmide populacional brasileira.

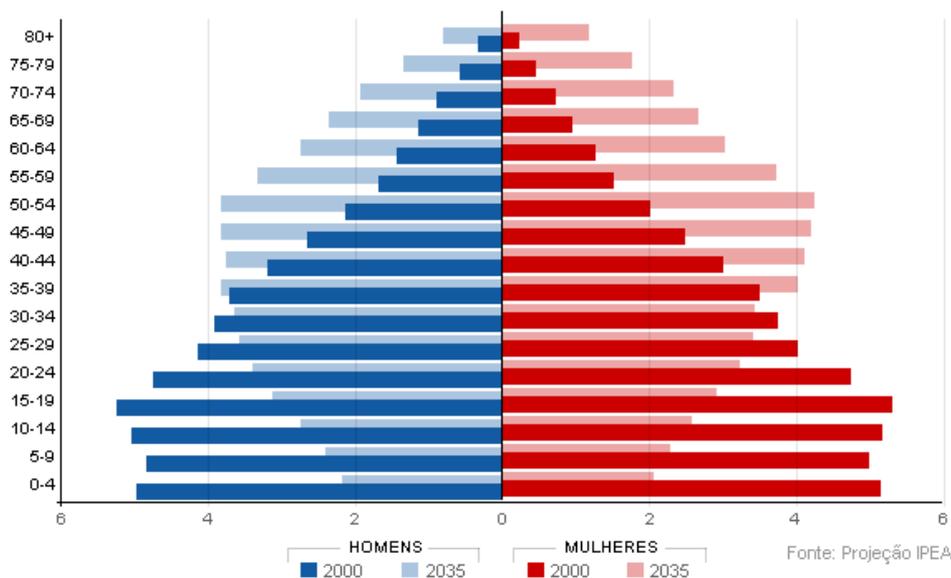


Gráfico 04: **Distribuição etária da população por sexo, 2000 - 2035.**

Fonte: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2008/10/07/ult5772u970.jhtm>, acessado em 7 de outubro de 2008 às 23h55.

Ao se observar o gráfico 4, fica evidente o processo de envelhecimento da população do Brasil. No intervalo de 35 anos o corpo da pirâmide perde a sua estrutura padrão, a base está passando por um processo de adelgaçamento, enquanto o topo apresentará um perfil esticado para os lados. Essa deformidade na estrutura da pirâmide revela que dentro de pouco o Brasil não mais representará a juventude e o poder de produção que estava associado ao imaginário nacional coletivo e o slogan dos anos 1990 de que o Brasil era um país de jovens, não poderá ser repetido.

E, nesse ambiente, as políticas públicas precisarão ser focadas não mais numa nação em que as bases produtivas estão voltadas para o aproveitamento da força de trabalho juvenil, senão, numa população que contará com um quadro de pessoas em processo de envelhecimento.

Momentaneamente, o Brasil atinge um período em que se amplia o número de indivíduos com mais de 15 anos e conseqüentemente a participação na população economicamente ativa também aumenta.

De 1992 para 2007 a PIA passou de 58,3% para 64,2% da população. No entanto, a população idosa também vem crescendo consideravelmente. Os números reais desse crescimento representam uma alteração de 7,9% para 10,6% da população. Além disso, o percentual de idosos com mais de 80% passou de 1% para 1,4%, o que representa 1,6 milhões de pessoas.

Esses dados demonstram a revolução que irá passar a base produtiva nacional em relação à participação de pessoas acima dos 45 anos, pois, a PIA madura e idosa deverá ter um acréscimo tanto em seus valores absolutos, quanto em participação total da população. Estima-se, assim, que em 2035 o número da PIA madura e idosa atingirá 47%. Esses são os primeiros sinais do tempo influenciando significativamente as pessoas e as estruturas produtivas.

O grupo dos indivíduos de 0 a 14 anos, de acordo com o IBGE (2007), começa a demonstrar uma acentuada diminuição no seu valor absoluto. No que tange ao grupo das pessoas maiores que 65 anos, começa-se a perceber uma elevação para cima, ainda que os dados oscilem, estas taxas são as mais elevadas, podendo superar os 4% ao ano entre 2025 e 2030.

Os indivíduos de 0 a 14 anos correspondem a um contingente de 26,47% da população total, já os idosos com mais de 65 anos representam 6,53% da mesma população total. Em contrapartida no ano de 2050, de acordo com as projeções, os quadros populacionais serão invertidos, pois, o grupo de 0 a 14 anos representará um total de 13,15% da população, enquanto a população idosa ultrapassará os 22,71% do total populacional, consagrando sobremaneira as teses do envelhecimento populacional do Brasil (IBGE, 2008).

Ainda como reflexo do envelhecimento da população brasileira, a razão de dependência total, que mede o peso da população em idades potencialmente inativas sobre a população em idades potencialmente ativas, diminuirá até aproximadamente 2022, em decorrência das reduções na razão de dependência das crianças. A partir desse ano, a razão dependência retoma uma trajetória de elevação em virtude do aumento da participação absoluta e relativa dos idosos na população total. Assim, a idade mediana da população duplica entre 1980 e 2035, ao passar de 20,20 anos para 39,90 anos,

respectivamente, podendo alcançar os 46,20 anos, em 2050, como pode ser visto na tabela 01.

Tabela 01 – Participação relativa percentual da população por grupos de idade na população total: 1980 – 2050.

Grupos de Idade	1980	1990	2000	2010	2020	2030	2040	2050
<b>TOTAL</b>	<b>100,00</b>							
0 a 14	38,24	35,33	29,78	26,47	25,58	20,07	16,99	13,15
15 a 24	21,11	19,53	19,74	18,11	17,41	16,34	13,27	10,45
0 a 24	59,35	54,96	49,52	44,57	42,99	36,41	30,25	23,60
15 a 64	57,75	60,31	64,78	67,00	67,59	70,70	69,68	64,14
55 ou mais	8,71	9,58	11,29	13,36	14,10	19,24	24,60	36,73
60 ou mais	6,07	6,75	8,12	9,49	9,98	13,67	18,70	29,75
65 ou mais	4,01	4,36	5,44	6,53	6,83	9,23	13,33	22,71
70 ou mais	2,31	2,95	3,45	4,22	4,46	5,90	8,63	15,95
75 ou mais	1,20	1,45	1,90	2,46	2,60	3,53	5,11	10,53
80 ou mais	0,50	0,63	0,93	1,27	1,37	1,93	2,73	6,39

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais, disponível em <http://www.ibge.gov.br>

Como se pôde perceber, o cruzamento entre os dados do IPEA e do IBGE, apesar de possuir pequenas variações quanto ao número absoluto da população, exibem a mesma tendência de ritmo, evidenciando assim uma desaceleração do crescimento populacional brasileiro, fazendo com que o país entre na rota definitiva para o envelhecimento populacional, como já vem sendo alertado por grande parte dos pesquisadores demográficos. A condição dos idosos vem sendo denunciada quase como uma expropriação do mundo do trabalho e dos matizes de reprodução da vida e nesse contexto, a condição da mulher idosa é uma preocupação a parte, pois, historicamente é o homem quem está inserido mais fortemente no mercado de trabalho. Esse quadro faz refletir sobre a condição da mulher idosa na sociedade brasileira daqui a 20 ou 30 anos.

A superioridade estatística no número de mulheres tem justificativa em elementos clássicos. Em 1980, para cada grupo de 100 mulheres, havia 98,7 homens. Em 2000, já se observam 97 homens para cada 100 mulheres e, em 2050, espera-se que a razão de sexo da população fique por volta de 94%. Assim, a diferença entre o número de mulheres e homens, pode chegar ao valor absoluto de 7 milhões, como pode ser visto no gráfico 05 (IBGE, 2008).



Gráfico 05: Excedente feminino em milhares na população 1980 – 2050.

Fonte: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/>

Mesmo com as projeções exibindo uma desaceleração no crescimento populacional brasileiro, é importante mencionar que o país, em 2008, ocupou a 5ª posição no grupo de países mais populosos do mundo, e em 2050, está previsto que, o país esteja na 8ª posição do mesmo grupo, como pode ser visto na tabela 02.

Tabela 02 - Posição do Brasil com respeito à população projetada para 2008 e 2050  
25 países mais populosos e os 15 menos populosos

Posição	Países ou áreas	População	
		2008	2050
	<b>Mundo</b>	<b>6.749.678</b>	<b>9.191.287</b>
1	China	1.336.311	1.408.846
2	Índia	1.186.186	1.658.270
3	E.U.A.	308.798	402.415
4	Indonésia	234.342	296.885
<b>5</b>	<b>Brasil</b>	<b>189.613</b>	<b>215.287<sup>(8)</sup></b>
6	Paquistão	166.961	292.205
7	Bangladesh	161.318	254.084
8	Nigéria	151.478	288.696
9	Federação Russa	141.780	107.832
10	Japão	127.938	102.511
11	México	107.801	132.278
12	Filipinas	89.651	140.466
13	Vietnã	88.651	119.971
14	Etiópia	85.219	183.404
15	Alemanha	82.534	121.219
16	Egito	76.840	121.219
17	Turquia	75.830	98.946
18	Irã	72.212	100.174
19	Rep. Dem. Do Congo	64.704	186.837
20	Tailândia	64.316	67.376
21	França	61.946	68.270
22	Reino Unido	61.019	68.717
23	Itália	58.946	54.610
24	Mianmar	49.221	58.709
25	África do Sul	48.832	55.590
181	Nova Caledônia	245	360
182	Vanuatu	232	454
183	Guiana Francesa	207	406
184	Antilhas Holandesas	194	186
185	Samoa	189	215
186	Guam	176	242
187	Santa Lucia	167	216
188	São Tomé e Príncipe	160	296
189	Channel Islands (6)	150	144
190	São Vicente	121	106
191	Federação dos Estados da Micronésia	112	134
192	United States Virgin Islands	111	82
193	Grenada	106	95
194	Aruba	104	104
195	Tonga	101	123

Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Projeção da População do Brasil*. Comunicação social, disponível em:

[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_impressao.php?id\\_noticia=1272](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impressao.php?id_noticia=1272).

A participação do idoso no tecido social contemporâneo e as tendências e projeções em relação ao aumento da sua participação na sociedade brasileira já foram estudadas nas partes iniciais desse capítulo. No entanto, um dado novo na discussão e na condição de vida das pessoas que estão em processo de envelhecimento se configura

---

através da condição da moradia. Esse ponto de observação é quem dá a condição do diálogo entre o 1º e o 2º capítulo deste trabalho, pois, assim se relaciona a condição de envelhecimento das pessoas com a sua necessidade de realizar a vida, nesse caso, o morar evoca a relação das pessoas com o espaço urbano, conseqüentemente com o bairro e com os objetos que o compõe, discussão essa que será feita em páginas e capítulos mais adiante.

Entretanto, faz-se necessária introdução da questão: solidão na velhice, através dos dados apresentados no Relatório Nacional do Envelhecimento Brasileiro (2000), é cada dia maior o número e a proporção dos idosos que optam por morarem sozinhos. De acordo com o relatório (2000),

(...) a universalização da Seguridade Social, as melhorias nas condições de saúde e outros avanços tecnológicos (tais como nos meios de comunicação, elevadores, automóveis, entre outros), indicam que viver só, para os idosos, representa uma forma inovadora e bem sucedida de envelhecimento (...).

Os dados apontam para a tendência concomitante à elevação da expectativa de vida de se ampliar o número de pessoas idosas que mora só. Essa constatação instiga questões paralelas ao trabalho: *será que o Brasil está confrontado a uma nova perspectiva cultural e econômica?* Os números indicam que 10,6% dos idosos mais jovens declaram morar só, enquanto 16,7% são aqueles pertencentes ao grupo de idade mais avançadas, como pode ser visualizado no gráfico 06. *Será que se esboça um novo quadro para o capital imobiliário? Será que se demanda um novo arranjo sócio-espacial dos serviços nos núcleos urbanos? Como o Brasil está se organizando para esse novo perfil e tendência demográfica?* Ou vai permanecer por quanto tempo trabalhando sobre o mote de pais de jovens?

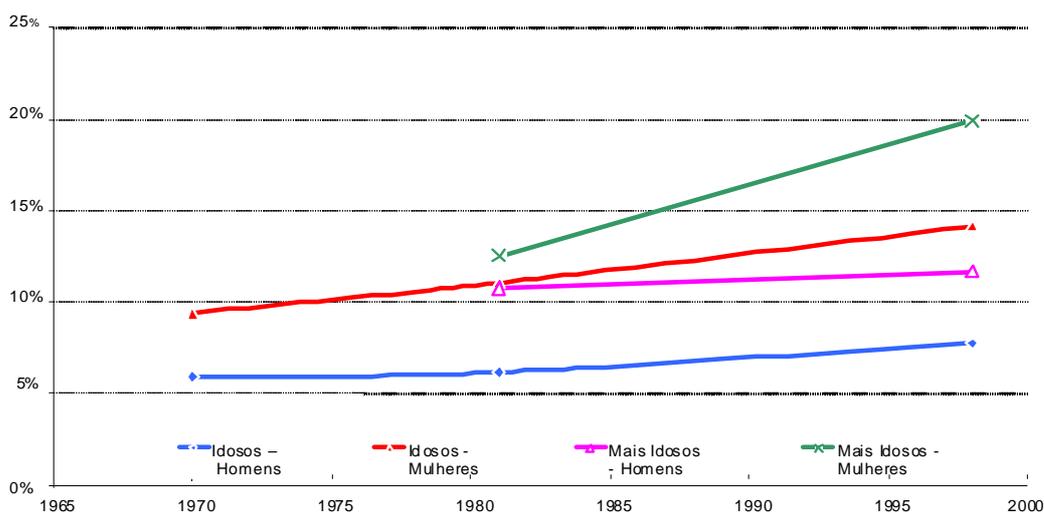


Gráfico 06: Proporção de idosos e “mais idosos” morando sozinhos por sexo, 1970, 1981 e 1998

Fonte: IBGE, censo 1970; PNAD 1981 e 1998.

## 2.2. – O envelhecimento nas metrópoles: o caso do Recife com ênfase no bairro da Boa Vista.

Como apresentado anteriormente, o processo de envelhecimento da sociedade tem sofrido uma aceleração recente em seus processos nos países em desenvolvimento. No entanto, as metrópoles desses países são as grandes impulsionadoras dessa nova perspectiva social. A vida, em “quantidade”, está concentrada nas cidades, e mais especificamente nas metrópoles. É nesses lugares que a dinâmica populacional assume todas as suas vertentes, e com o processo de envelhecimento não seria distinto.

O Brasil, dentre os países em processo de desenvolvimento é um dos que apresentam maiores índices de urbanização, ainda mais quando se relaciona o número de população que vive em ambiente urbano em detrimento aos ambientes rurais.

No Brasil, a realidade apóia a participação mundial. Segundo pesquisa do IBGE, no ano de 2025, o Brasil contará com mais de 32 milhões de pessoas acima dos 60 anos, ou seja, 15% da população do país, e será o sexto país com maior número de idosos. A região nordestina tem 3.087.586 idosos, ou seja, 7,32% do total. Em Pernambuco, são 559.068 pessoas na faixa da terceira idade, e, na cidade do Recife, há um total de 68.770 maiores de 65 anos (BACELAR, 2002, p. 33-34).

Nas últimas décadas, o Recife tem passado por um processo generalizado de envelhecimento da sua população, seguindo assim a tendência nacional. No entanto,

ainda não atingiu o crescimento negativo da população. Fazendo-se a comparação entre os dados estatísticos do IBGE no intervalo dos anos 1991 e 2000 a taxa de crescimento da população recifense cresce a uma proporção de 0,93, positiva.

O Recife apresenta uma grande quantidade de pessoas envelhecidas em seu tecido social, ficando entre a classificação de todas as capitais brasileiras com a 6ª posição no que tange ao índice de envelhecimento, e pessoas.

Com base na tabela 03, apresentada a seguir, o Recife em relação ao índice de envelhecimento só fica atrás de capitais como Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo, Belo Horizonte e Vitória, e ainda assim a diferença não atinge mais de 1 ponto. O que pode ser facilmente analisado a seguir.

Tabela 03 – Índice de envelhecimento das capitais brasileiras, 2000.

Capital	2000 (em %)
Palmas	4,8
Boa Vista	7
Macapá	7,34
Porto Velho	8,26
Manaus	9,31
Rio Branco	10,77
Brasília	11,58
São Luís	12,61
Cuiabá	12,62
Teresina	13,86
Maceió	14,47
Belém	16,42
Campo Grande	16,94
Fortaleza	17,26
Aracaju	17,36
Salvador	17,44
Goiânia	17,78
Natal	19,44
João Pessoa	20,11
Curitiba	22,91
Florianópolis	23,91
<b>Recife</b>	<b>24,88</b>
Vitória	25,49
Belo Horizonte	25,63
São Paulo	25,87
Porto Alegre	36,25
Rio de Janeiro	40,36

Fonte: IBGE, disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb2001/a15.htm>.

De acordo com o índice de envelhecimento obteve-se 3 grupos diferenciados em relação a quantidade de pessoas em idade avançada com base no grupo de mil jovens com idade inferior a 15 anos.

O primeiro grupo corresponderia a uma população com um número grande de idosos, o que corresponderia no índice àquelas populações com números fluando entre 40 até 26. No Brasil apenas as capitais do Rio de Janeiro e Porto Alegre com 40,36 e 36,25 cada, respectivamente assumem tal característica.

Um segundo grupo compreende as capitais com índices de envelhecimento populacional abaixo de 26 e acima de 15, o que corresponde a uma população em processo de envelhecimento, entretanto com um nível intermediário de idosos em seu tecido populacional, o que corresponde a capitais como Recife, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, entre outras.

E um terceiro grupo com baixa incidência de população idosa, o que estaria de acordo com o índice agrupado entre abaixo de 15, a exemplo de Palmas, Boa Vista, São Luís, Teresina, dentre outras.

Dentre as capitais do Norte e Nordeste, Recife é a que concentra o maior contingente de população idosa, o que representa socialmente uma metrópole, que em tese, necessita de uma maior atenção em relação às políticas públicas que contemplem a inserção dos idosos na matriz de reprodução da vida, a fim de diminuir os níveis relativos e absolutos de exclusão desse grupo social.

Não obstante, ao associar-se a taxa de crescimento populacional ao índice de habitantes, é possível perceber que o Recife apresenta números bastante pequenos, configurando menos de 1 ponto de crescimento populacional, ou seja, 0,93, de acordo com o IBGE. O que representa que a população que está substituindo a atual ainda o faz positivamente. Entretanto, tendencialmente esse número será diminuído, o que revela que a população do Recife dentro de pouco não mais será suficiente para repor a quantidade daqueles que morrem. O casamento da baixa natalidade, associado a diminuição das taxas de mortalidade e o conseqüente melhoramento das condições de vida faz com que o processo de envelhecimento na cidade seja demograficamente configurado.

A cidade reforça a sua condição de multiplicidade, o que torna ainda mais complexo o exercício da gestão. Principalmente, ao analisarmos a imagem 03 que

retrata espacialmente a taxa de crescimento nos bairros do Recife entre os anos de 1991 e 2000.

A cidade, então, revela a sua condição de mosaico, representada por descontinuidades e falta de “tendência estatística”. Ainda que o somatório das taxas revele uma condição de crescimento refreada, a especificidade dos bairros não representa a dinâmica geral da cidade, e por isso, o recorte da pesquisa foi elaborado a partir do bairro da Boa Vista, pois, este apresenta reflexos muito significativos dos processos de envelhecimento da população, bem como um notado processo de envelhecimento de suas estruturas urbanas, enquadrando-se assim com as preocupações apresentadas inicialmente.

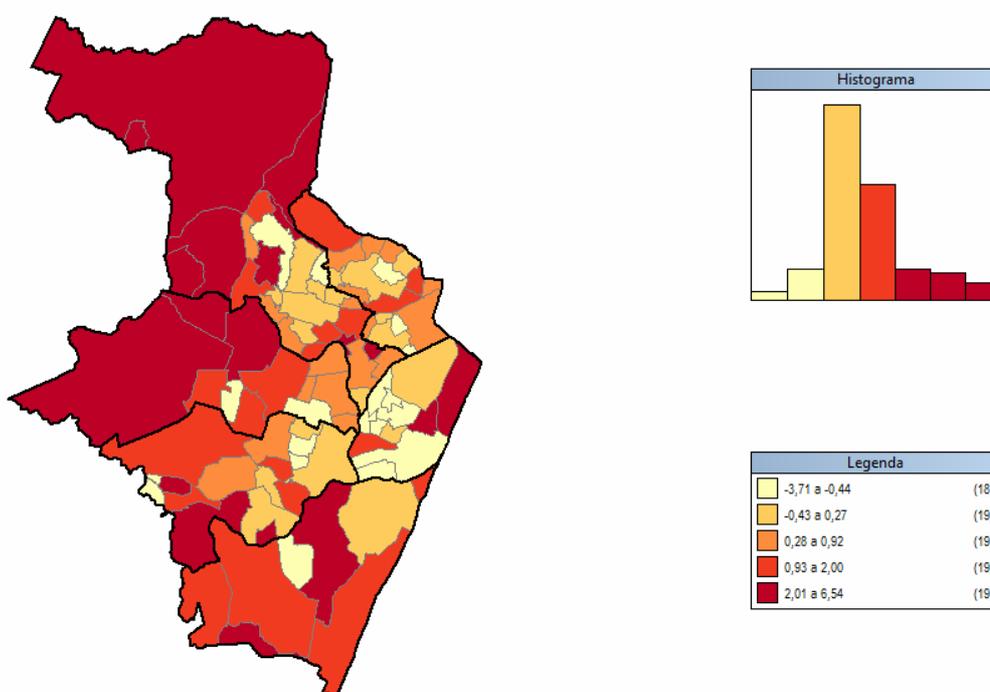


Imagem 03 – Taxa de Crescimento populacional da cidade do Recife no intervalo 1991 – 2000.  
Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife, PNUD/ PREFEITURA DO RECIFE

Dessa forma, ainda que se apresente fragmentada, a cidade do Recife se insere no roteiro de cidades que precisam ser observadas em função do seu acentuado processo de envelhecimento, uma vez que essa condição de envelhecimento se revela com ares de “novidade”, substituindo a idéia de que a população o espaço vinculado a ela era, em todas as partes, um retrato de juventude e da força juvenil.

Esse processo tem se intensificado nos últimos anos, pois, o bairro em sua origem tinha associada ao seu corpo sócio-territorial a idéia de que representava o signo da modernidade, como vai ser aprofundado no capítulo 4.

Ao analisar uma série histórica acerca da população vinculada aos bairros centrais a Boa Vista concentrava os maiores valores do seu entorno, como pode ser analisado na tabela 04 que segue.

Tabela 04 – População residente nos bairros centrais (1910, 1913, 1923).

Freguesia	1910	1913	1923
B. do Recife	13.204	5.146	3.203
Santo Antônio	19.234	14.857	20.915
São José	21.576	32.404	31.143
<b>Boa Vista</b>	<b>22.876</b>	<b>22.726</b>	<b>50.900</b>

Fonte: CAMPOS, 1995, p. 19.

Como bem coloca Campos (1995, p. 19),

(...) a continuidade deste crescimento não é demonstrada nos censos de 1970 e 1980, havendo, ao contrário, um declínio em relação à década de vinte, declínio este que se acentua ainda mais no censo de 1991. Este diferencial pode ser atribuído a novas migrações de população, só que, desta vez, de todo o centro, incluindo o bairro da Boa Vista, para os bairros da periferia sul – bairros de Boa Viagem e Piedade – e oeste – Casa Forte, Apipucos. Contudo é provável que o principal motivo desta diferença, foi a mudança dos limites do bairro considerados pelo IBGE ao logo destes anos.

É fácil perceber que as áreas centrais da cidade passaram por grandes mudanças em relação ao seu tocante demográfico. Com a Boa Vista não foi diferente e a partir do censo de 1991 se evidencia uma queda substancial no número da população residente, e assim, o perfil do bairro começa a ser alterado, ou seja, a grande pujança populacional não mais é uma característica inerente ao lugar, como pode ser observado na tabela 05.

Tabela 05 – População residente no bairro da Boa Vista (1910 - 1991).

Ano	Habitantes
1910	22.876
1913	22.726
1923	50.900
1970	35.462
1980	36.009
1991	17.034

Fonte: CAMPOS, 1995, p. 20.

Ainda que apresentando, a partir de 1991, uma redução considerável no tecido populacional, o bairro da Boa Vista, concentra um dos maiores contingentes populacionais. Entretanto, desde esse ano base, as taxas de crescimento do bairro não evoluem de maneira positiva. O interessante é que o bairro tem associado ao seu tecido um grande número de unidades residenciais, principalmente localizados na Rua da Aurora e nas imediações da Gervásio Pires.

Essa condição faz com que em relação à cidade, o bairro da Boa Vista represente uma unidade territorial que tem no seu conjunto populacional um crescimento negativo, como pode ser visto nas imagens que seguem.

Ao se recortar a região político administrativa (imagem 4) em que o bairro da Boa Vista está associado é possível perceber que a taxa de crescimento populacional é negativa, refletindo assim uma população em processo de substituição dos seus jovens por idosos. Na configuração territorial, a população da Boa Vista apresenta os menores índices de crescimento.

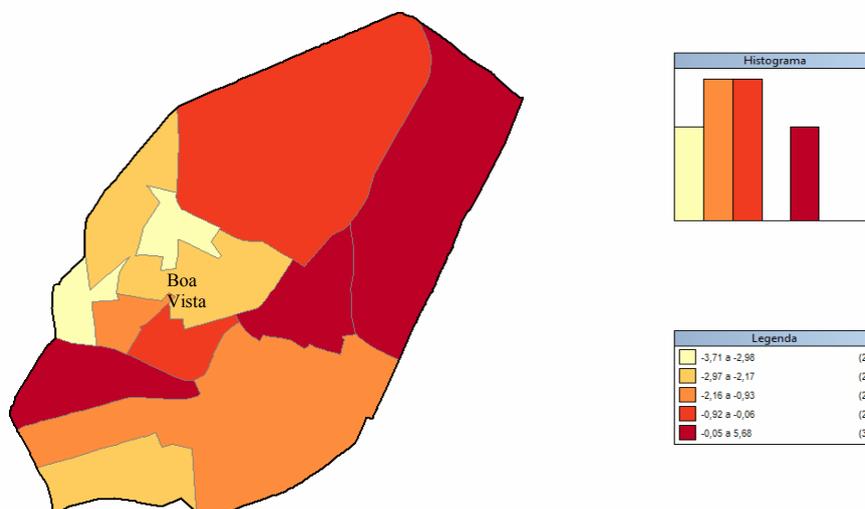


Imagem 04 – Taxa de Crescimento populacional da RPA 1 no intervalo 1991 – 2000.

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife, PNUD/ PREFEITURA DO RECIFE

O índice de envelhecimento é um recurso metodológico fundamental para a classificação do envelhecimento populacional. O índice consiste no número de pessoas de 60 e mais anos de idade, para cada 100 pessoas menores de 15 anos de idade, na população residente em determinado espaço geográfico, no ano considerado.

É possível observar na imagem 5, os índices para o envelhecimento da população da cidade do Recife em relação ao ano base de 2000. De acordo com as informações apresentadas e reunidas pelo atlas do desenvolvimento humano da cidade do Recife, e é possível perceber que os bairros da cidade representam um mosaico de informações e diferentes índices e estágios de envelhecimento populacional.

No entanto, e sem sombra de dúvidas, é possível revelar que o Recife é uma cidade que caminha sintomaticamente para o envelhecimento da população, contudo essa condição ainda não se apresenta materializada em todos os lugares da cidade. A zona central da capital pernambucana ainda é, especialmente, a grande concentradora da população que está em estágio avançado de transição demográfica.

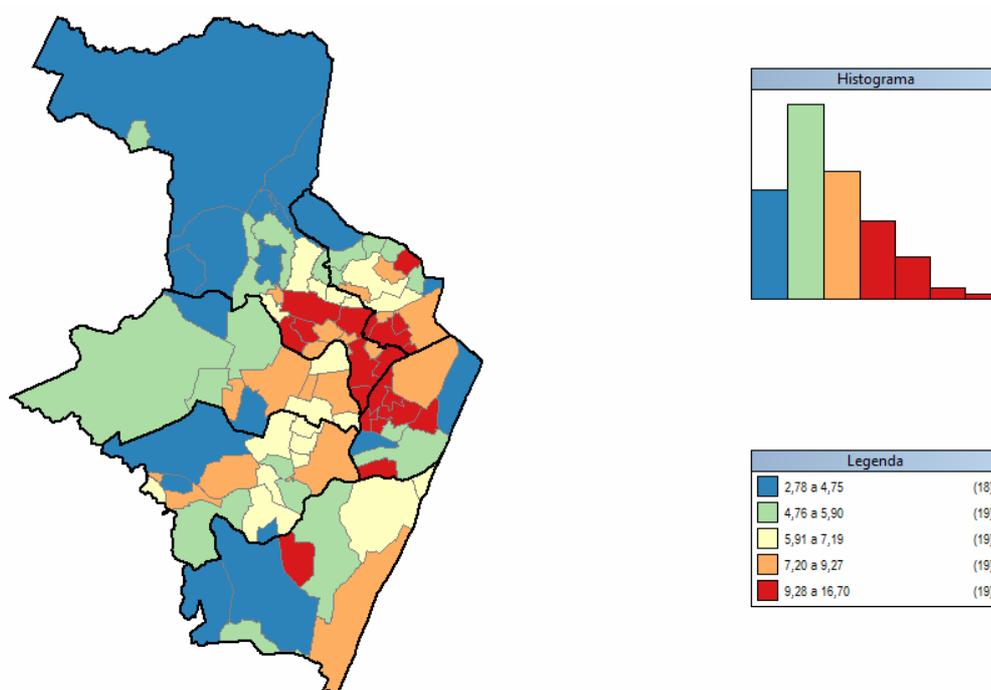


Imagem 05 – Índice de envelhecimento para todos os bairros da Cidade do Recife, 2000.  
Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife, PNUD/ PREFEITURA DO RECIFE

Frente às principais capitais brasileiras, o Recife assume um elevado índice de envelhecimento, configurando-se no Nordeste como a capital com mais alto índice de envelhecimento, o que significa afirmar que a transição demográfica está se acelerando.

Voltando para o bairro da Boa Vista, o índice de envelhecimento é identificado como 13,15 (tabela 6), o que na configuração da cidade é o terceiro maior índice de envelhecimento.

Tabela 06 – Taxa de Crescimento anual da população dos bairros da cidade do Recife no intervalo de 1991-2000 e índice de envelhecimento.

Bairro	Taxa de crescimento anual da população, 1991-2000	Índice de envelhecimento, 1991	Índice de envelhecimento, 2000
Aflitos	2,92	8,20	9,27
Afogados	-0,19	6,12	7,35
Água Fria	-0,21	5,38	6,48
Alto do Mandu	-0,33	7,46	8,31
Alto José Bonifácio	-0,76	4,35	5,46
Alto José do Pinho	0,19	5,31	6,57
Alto Santa Terezinha	-0,32	4,62	5,58
Apipucos	1,58	4,74	5,83
Areias	-0,01	5,63	7,19
Arruda	1,08	5,99	6,82
Barro	3,66	4,84	5,09
Beberibe	0,51	4,92	5,83
Boa Viagem	1,45	5,73	8,57
<b>Boa Vista</b>	<b>-2,17</b>	<b>9,50</b>	<b>13,15</b>
Bomba do Hemetério	0,46	6,53	7,44
Bongi	0,09	5,24	6,81
Brasília Teimosa	1,12	4,48	5,95
Brejo da Guabiraba	1,14	3,14	4,00
Brejo do Beberibe	2,18	3,13	4,37
Cabanga	-2,19	9,03	12,17
<b>Caçote</b>	<b>5,51</b>	<b>3,45</b>	<b>3,90</b>
Cajueiro	0,13	7,67	9,72
Campina do Barreto	1,45	4,79	5,13
Campo Grande	0,92	6,18	7,40
Casa Amarela	0,00	8,48	9,96
Casa Forte	0,11	6,95	10,28
Caxangá	4,16	2,85	3,31
Cidade Universitária	1,22	4,07	5,31
Coelhos	-0,06	4,58	5,46
Cohab	1,01	3,26	4,60
Coqueiral	-2,06	5,04	6,44
Cordeiro	1,41	5,93	7,33
Córrego do Jenipapo	0,55	4,05	5,58
Curado	1,44	3,20	4,32
Derby	-0,11	6,97	10,11
<b>Dois Irmãos</b>	<b>5,06</b>	<b>4,08</b>	<b>3,81</b>
Dois Unidos	1,26	3,89	4,75
Encruzilhada	0,21	10,81	12,54
Engenho do Meio	-0,44	8,45	9,26
Espinheiro	0,53	9,14	12,06
Estância	-0,39	5,26	6,23
Fundão	-0,56	5,79	7,33
Graças	0,83	7,87	10,19
Guabiraba	4,51	2,85	3,12
Hipódromo	-1,01	11,06	12,64

Ibura	1,62	3,49	4,31
Ilha do Leite	-0,93	10,56	11,47
Ilha do Retiro	0,44	4,70	5,93
Ilha Joana Bezerra	1,98	3,13	3,56
Imbiribeira	2,16	4,16	5,36
Ipsep	-0,70	7,41	10,01
Iputinga	2,33	4,35	5,07
Jaqueira	2,23	5,84	8,08
Jardim São Paulo	0,28	5,54	7,23
Jiquiá	0,98	4,63	5,22
Jordão	4,61	4,31	5,49
Linha do Tiro	0,72	4,42	4,83
Macaxeira	6,17	2,79	3,52
Madalena	0,41	7,23	7,98
Mangabeira	0,46	5,21	6,22
Mangueira	-0,53	5,22	5,91
Monteiro	0,56	5,72	6,41
Morro da Conceição	-0,35	6,12	7,12
Mustardinha	-0,84	5,72	7,16
Nova Descoberta	-0,63	3,98	5,20
Paissandu	-3,71	4,97	10,73
Parnamirim	1,86	7,51	8,89
Passarinho	6,54	2,26	2,78
Pau-Ferro	5,13	3,72	5,06
Peixinhos	0,90	2,36	3,80
Pina	0,27	4,94	6,20
Poço	0,46	6,60	9,31
Ponto de Parada	-0,25	6,55	7,77
Porto da Madeira	0,31	4,94	5,90
Prado	-0,46	5,58	6,42
Recife	5,68	2,83	3,57
Rosarinho	0,54	7,57	10,13
San Martin	0,64	4,77	6,55
Sancho	2,26	3,98	4,65
Santana	1,81	6,74	9,03
Santo Amaro	-0,36	7,08	7,89
Santo Antônio	2,73	21,46	16,70
Sao José	-1,97	5,28	5,74
Sítio dos Pintos	3,96	3,35	3,87
Soledade	-2,98	9,75	13,45
Tamarineira	2,00	9,39	10,20
Tejipió	0,95	6,19	8,53
Torre	0,64	5,06	6,80
Torreão	-0,70	9,71	12,33
Torrões	1,15	2,98	4,24
Totó	-0,74	6,32	7,64
Várzea	2,06	3,78	4,87
Vasco da Gama	-0,32	4,86	6,28
Zumbi	0,72	7,18	8,25
<b>Total Recife</b>	<b>0,93</b>	<b>5,28</b>	<b>6,50</b>

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Recife, PNUD/PREFEITURA DO RECIFE

---

Ao observar a tabela 06 pode-se perceber que nenhum dos bairros da cidade do Recife apresentam uma taxa de crescimento populacional maior que 7, o que ainda seria elevado. No entanto, alguns bairros já apresentam taxas negativas de crescimento, a exemplo da Boa Vista, Paissandú, São José, Soledade, dentre outros. Essa condição revela uma cidade ainda muito heterogênea no tocante à distribuição populacional.

Ao se comparar os índices de envelhecimento entre os bairros e entre os anos de 1991 e 2000, percebe-se que em quase todos os bairros houve um crescimento do número de idosos, o que representa uma consonância com o movimento nacional de um envelhecimento paulatino em todas as frações da população. Didaticamente, a tabela foi iluminada de vermelho quando os bairros apresentavam um alto crescimento populacional e de marrom claro os que apresentam um crescimento negativo, proporcionalmente os que apresentam um crescimento negativo, ainda que não supere o número dos que crescem positivamente, estes já representam um universo bastante significativo.

### CAPÍTULO III:

#### 3. Os processos de envelhecimento do espaço urbano.

*(...) A cidade sonhada o possuía jovem; em Isidora, chega em idade avançada. Na praça, há o murinho dos velhos que vêem a juventude passar; ele está sentado ao lado deles. Os desejos agora são recordações.* (CALVINO, 1990, p. 12)

De acordo com o pensamento de Kant (1983, p. 21), pode-se representar a sucessão do tempo “*por uma linha prolongável até o infinito, cujas diversas partes constituem uma série de uma só dimensão*”. E, a partir desta linha consegue-se derivar todas as propriedades do tempo.

Entretanto, é de suma importância entender “*que as partes das linhas [espaço] são simultâneas, enquanto que as do tempo são sempre sucessivas*”. E assim, Kant apresenta a capacidade que o tempo tem em “manipular” o espaço.

O tempo é a condição formal “a priori” de todos os fenômenos em geral. O espaço, como forma pura de todas as intuições externas, só serve como condição “a priori”, para os fenômenos exteriores. Pelo contrário, como todas as representações, tenham ou não por objeto coisas exteriores, pertencem, não obstante, por si mesmas, com esse estado, sob a condição formal da intuição interna, pertence ao tempo, é o tempo uma condição “a priori” de todos os fenômenos interiores (de nossa alma) e a condição imediata dos fenômenos externos. Donde se deduz também que a representação do tempo é uma intuição, porque todas as suas relações podem ser expressas por uma intuição exterior. (KANT, 1983, p. 21).

O espaço e o tempo funcionam como as duas principais categorias para estudar as realidades sociais na atualidade, e a preocupação das ciências modernas com a discussão desses conceitos auxilia os pesquisadores sociais na interpretação de questões que necessitam de uma análise não apenas das causas, mas também dos efeitos da organização e movimentação da vida, o que se configura como campo de interesse multidisciplinar sendo fonte de preocupação não apenas da geografia, filosofia e das ciências da natureza, como também, fonte de questionamento e instrumento ao entendimento da própria sociedade.

Das Verhältnis von Moderne bzw. Spät-Moderne und „Raum“ ist, wie beispielsweise der beachtliche Erfolg und das häufig bedrohliche Potential regionalistischer und nationalistischer Diskurse zeigt, zu einem wichtigen Aspekt der Alltagswirklichkeit geworden. Auf der wissenschaftlichen Ebene ist ebenfalls ein bemerkenswertes Interesse

an diesem Verhältnis festzustellen, sei es als empirischer Forschungsbereich oder als Gegenstand der Theoretisierung im Hinblick auf die Integration von „Raum“ und „Zeit“ in die allgemeine Gesellschaftstheorie. „Raum“ und „Zeit“ sind heute nicht mehr „bloß“ für Geographie und Geschichte, Philosophie und Physik privilegierte Themen und Probleme. Wissenschaftlerinnen und Wissenschaftler aller sozialwissenschaftlichen Disziplinen beschäftigen sich inzwischen mit der raum-zeitlichen Dimension des Alltagslebens und mit der räumlichen und zeitlichen Organisation von Gesellschaftsformen (WERLEN, 1999, p. 189)<sup>47</sup>.

A busca pelo significado moderno do que seja o espaço e as suas relações com o tempo são à base da construção do pensamento acerca das ações dos homens na sociedade, o espaço e o tempo, mesmo que longe de serem aqueles conceitos absolutos apresentados por Kant (1983, p. 21) são estruturas que definem a escala da reprodução da vida.

Nesse sentido, *“die Frage ist nun nicht mehr, was „Raum“ ist oder welche Raumkonzeption für die Naturwissenschaften die angemessene sein könnte, sondern welche Rolle „Raum“ und „Zeit“ im Erkenntnisprozeß spielen”*<sup>48</sup> (WERLEN, 1999, p. 194).

Na definição de Kant, a partir do ponto de vista de Leibniz e Newton, o homem só pode interagir com o espaço a partir do corpo, e assim finalmente o espaço é entendido como divisível, porém, isso só é possível quando o homem entende o conceito de espaço como substancializado.

A partir de então surgem quatro (4) conseqüências que estão conectadas à definição de espaço. A primeira noção é que o espaço é apenas um conceito atingível a partir da teoria relacional, e levando em consideração o seu relacionamento com o corpo.

A segunda conseqüência é que o corpo é entendido como ação central, aquela em que a forma da existência está concentrada no seu interior.

---

<sup>47</sup> A relação entre modernidade, modernidade tardia e "espaço" funciona como um exemplo indiscutível no discurso regionalista e nacionalista, pois, revela o potencial importante da realidade cotidiana. Do ponto de vista científico essa relação apresenta um notável interesse quando se analisa a dimensão empírica, ou quando é vista como objeto de teorização que diz respeito à integração do "espaço" e "tempo" na teoria social geral. "Espaço" e "tempo" já não são mais temas privilegiados da geografia e história, filosofia e física. Cientistas de todas as disciplinas das ciências sociais agora lidam com a dimensão espaço-temporal da vida cotidiana e com a organização espacial e temporal das formas sociais. (Tradução do autor, 17/11/2008).

<sup>48</sup> A pergunta que se estabelece agora não é mais o que é o espaço, mas, sim *“qual o papel do espaço e do tempo no jogo de construção e manutenção da vida?”* (Tradução do autor, 17/11/2008).

A terceira conseqüência denuncia que a dissociação do corpo não é mais dependente da vastidão pormenorizada das materialidades, mas, dependente da sua força ou da diminuição dela.

E, a quarta conseqüência diz que os espaços grandes, não são nada menos do que a vastidão das impressões da sua força e o do seu movimento. Nesse sentido, não podem ser tomados como absolutos, mas sim como relativos<sup>49</sup>.

A leitura das idéias apresentadas por Kant (1982) e a interpretação a elas dada por Werlen (1999, p. 190-269) na perspectiva do espaço na contemporaneidade inspirou algumas das questões importantes desta pesquisa.

Assim como as pessoas, os espaços passam por um processo de envelhecimento que está diretamente vinculado ao tempo da vida e a forma de organização da vida em sociedade.

O velho e o novo convivem simultaneamente no espaço real, material. E, esse espaço real, imediato encontra uma maior configuração de suas necessidades e estruturas quando analisados a partir das cidades, pois, é na cidade que os signos e sinais do tempo se revelam com maior ênfase.

O urbano, quase em contraposição ao rural, reflete a necessidade de inovações e mudanças constantes, assim, as formas do passado e do presente se chocam com projeções de um futuro vindouro, e assim os diálogos metropolitanos revelam uma coexistência temporal entre aquilo que ainda permanece como símbolo do progresso, mas, evidencia aquilo que revela o antigo, a geração passada.

Com base nessa evidência é que se impõe a pergunta: *Como saber que o espaço e os objetos que estão conditos nele envelheceram?* A exemplo do envelhecimento dos humanos, o espaço exhibe em seu tecido um conjunto de elementos que revelam a expressão da ação do tempo. Essa expressão do tempo é senão, materializada através de “entes” que têm uma finalidade específica de revelar o estado de um determinado ser.

Inegavelmente a cidade do Recife, e mais especificamente os bairros centrais, exibem em seu tecido urbano, evidências claras de um processo de envelhecimento das estruturas. Esse processo é socialmente mais aparente quanto maior o conjunto das

---

<sup>49</sup> Damit sind vier wichtige Konsequenzen verbunden: Erstens ist „Raum“ nur noch relational bzw. ideal begreifbar, und zwar als Ausdruck von Beziehungen zwischen Körpern. Zweitens werden die Körper als Aktionszentren begreifbar, die aufgrund der ihnen innewohnenden Kräfte aufeinander wirken. Drittens ist die Verbreitung von Körpern nicht mehr von der materiellen Ausdehnung der einzelnen Körpers abhängig, sondern von ihrer stärkeren oder schwächeren Kraft. Und schließlich viertens: „Raumgrößen“ ist im Sinne von Ausdehnung nichts anderes mehr als Ausdruck des Intensitätsmaßes ihrer Kräfte, und Bewegungen sind nicht mehr absolut aufzufassen, sondern relativ (WERLEN, 1999, p. 196-201).

fragilidades que ajudam a definir o processo de obsolescência que o bairro da Boa Vista vem passando.

O tempo e o espaço se consorciam e auxiliam na formação de sinais que revelam a condição de fragilidade e insustentabilidade que os ambientes urbanos em áreas degradadas estão subjugados.

As nuances exibidas entre os elementos que dão apoio às categorias tempo e espaço serão exibidas em seguida como justificativa de entender os processos e os cenários que compõe o processo de envelhecimento, estabelecendo para isso uma trilha teórica densa e com diversas encruzilhadas.

### ***3.1. Montando cenários teóricos para a investigação do envelhecimento das estruturas no espaço: sinais, eventos, objetos e temporalidade.***

Utilizando do pensamento de Heidegger encontra-se o ente sinal como um “*instrumento que indica estruturas ontológicas*” (TOLFO, 2000. p. 140). E assim, o próprio Heidegger (1997, p. 126-127) escreve:

O sinal não está apenas disponível junto com outro instrumento, mas, em sua disponibilidade, o mundo circundante (*Umwelt*) se torna, cada vez, explicitamente acessível à circunvisão. O sinal está onticamente disponível e, enquanto esse instrumento determinado desempenha, ao mesmo tempo, a função de alguma coisa que indica a estrutura ontológica de disponibilidade, totalidade de remissão e mundanidade.

Ou seja, o sinal é o grande mediador entre aquilo que se apresenta pela forma, e aquilo que se é pela estrutura. Podendo assim revelar características das funções e dos processos que estão ligados intrinsecamente a determinado ser.

E, com isso, o sinal se apresenta como um ente, um recurso filosófico na ajuda de identificação daquilo que está em processo de envelhecimento. É como se fosse possível, através dos sinais de “juventude” e “velhice”, identificar as principais questões pertinentes ao processo de envelhecimento das estruturas urbanas, e também da sociedade que a enreda, a partir de uma visão fenomenológica do mundo<sup>50</sup>.

---

<sup>50</sup> 1) O conceito "mundo" é empregado como termo ôntico e designa a totalidade dos entes que podem estar presentes no mundo: mesas, cadeiras, leões, bicicletas, números, fórmulas, etc. (Welt wird als ontischer Begriff verwendet und bedeutet dann das All des Seiendes, dass innerhalb der Welt vorhanden

Os sinais do velho e do novo funcionam como um filtro de entendimento da realidade, uma vez que interferem na forma de ação e percepção do mundo em que as manifestações da vida acontecem.

Esse mundo, como alertava Heidegger, é o local da mundanidade; é onde o ser desempenha as suas atividades e se reconhece como pertencente a um conjunto político, social, econômico e culturalmente concebido. Assim, a própria percepção do que é velho e o que é novo vai ser relativizado com base em cada grupo social em análise.

Recorrendo a um trecho específico da nota de rodapé apresentada há pouco, enfatiza-se que “*a noção de mundo refere-se ao próprio ser (...) [e o local] em que (...) o ser-aí (Dasein) concreto vive. Por ex., o seu mundo pessoal ou seu mundo público*” (HEBECHE, 1999, p. 3).

Com isso, percebe-se que o sinal possui uma finalidade específica, mas, essa condição o dota de uma remissão que se revela da conexão de algo para algo. Sendo assim, com a finalidade de mostrar, o sinal se apresenta como “*um ente disponível que mostra uma totalidade instrumental*”, ou seja, ele “*está mostrando toda a amplitude do mundo circundante*” (*Umwelt*) e dessa maneira o sinal aciona o Dasein (o ser-aí; o ser em consciência de si mesmo) e esse percebe a complexidade que enreda a partir do que o sinal mostra. (TOLFO, 2000. p. 140-141).

O sinal então assume a função de indicar estruturas ontológicas, e assim, tende a se apropriar da realidade do ser a partir do que revela os seus elementos. Quando os seres humanos, que em Heidegger são aqueles seres que têm consciência da própria existência e podem interferir no mundo através das ações (*Dasein*), fazem uso do sinal é possível entender o mundo que o circunda (*Umwelt*) a partir de uma nova forma de enxergar o mundo. Inaugura-se assim uma forma ampla de analisar e entender a existência. Com isso, essa forma de enxergar faz com que o mundo seja revelado com

---

sein kann) (SZ, p.64). 2) Mundo tem o papel de um termo ontológico e significa o ser dos entes como os citados acima no item 1. (Welt fungiert als ontologischer Terminus und bedeutet das Sein des unter n.1 genannten Seienden) (SZ, p.64). “Mundo” é a região que abarca a totalidade dos entes. 3) A noção de mundo refere-se ao próprio ser-aí (Dasein). Mundo quer dizer: este em que (Worin) o ser-aí (Dasein) concreto vive. Por ex., o seu mundo pessoal ou seu mundo público. Mas ela é, todavia ôntica na medida em que se limita a mostrar onde o ser-aí (Dasein) vive, sem analisar a “estrutura intrínseca” que torna esta vida possível (ela tem uma significação pré-ontológica - eine vorontologisch-existenzielle Bedeutung). Esta compreensão todos nós já sempre temos uma vez que em nós está em jogo nosso próprio ser. 4) O termo mundo significa a noção ontológica existencial da mundanidade. Esta noção é ontológica porque visa à estrutura do ser-no-mundo, o que pertence necessariamente a cada mundo como tal - a mundaneidade. Ela é existencial na medida em que é um elemento estrutural do ser-aí (Dasein). (HEBECHE, 1999, p. 3).

base numa visão panorâmica em que cada envergadura que ele possui seja revelada<sup>51</sup>. (TOLFO, 2000, p. 141).

É com base na apresentação do sinal que se aperfeiçoa a pergunta com novas indagações que colaboram para a sua compreensão. Só através da utilização desse “ente” que se pode decifrar o mundo que está entorno da existência, e a partir dessas revelações é que se estabelece um julgo sobre a evidência de juventude ou envelhecimento das coisas. Com isso, é possível perceber de maneira mais clara a condição de envelhecimento no tecido urbano que em análise.

É preciso entender que o processo de envelhecimento e o seu oposto, a juventude, nos espaços e unidades materiais (objetos e coisas) acontecem por intermédio de algum fenômeno que exhibe uma marca no tempo e no espaço. É, então, com base na necessidade de entender o processo que forma a lógica da dinâmica do espaço no tempo, e assim identificando pistas para o processo de envelhecimento das estruturas urbanas que se busca apoio à luz das idéias de Milton Santos. Entender a lógica que anima a natureza do espaço e os elementos que o compõe numa sociedade fruto de um meio técnico, científico e informacional é a grande missão e justificativa do autor mencionado.

Para Santos (2002, p. 144), um dos principais elementos que marca o tempo no espaço é o evento. A idéia de evento ora encontra similaridade com as idéias de momento (em Léfèbvre), instante (em Bachelard) e ocasião (em Whitehead), ora se apresenta quase como uma categoria que as engloba. O próprio Milton Santos (2002, p. 144) tomando emprestadas as palavras de Russel (1948, 1966, p. 289) apresenta que “*um evento resulta de uma série de instantes*”<sup>52</sup>. Já em Lefebvre, o momento é a tentativa visando à realização total de uma possibilidade<sup>53</sup> e ela “*se dá*”; “*se descobre*”, e pode ser vivido com uma totalidade, o que significa realizá-la (SANTOS, 2002, p.

---

<sup>51</sup> Se o sinal mostra o mundo circundante e, se o mundo evidencia-se na ocupação do mundo circundante, então, o sinal indica o mundo. Entretanto, não é apenas o fenômeno do mundo (a mundanidade) que o sinal indica. Ele também indica a estrutura ontológica da disponibilidade e totalidade das remissões. (TOLFO, 2000).

<sup>52</sup> (...) gostaríamos de definir instante de tal modo que cada evento existisse numa série contínua e linear de instantes [...] não devemos ver os instantes como algo independente dos eventos e que possa ser ocupado por estes como os chapéus ocupam os cabides. Somos, pois, compelidos a buscar uma definição que faça do instante uma estrutura composta de uma seleção adequada de eventos. Cada evento será parte integrante de muitas dessas estruturas, que serão instantes durante os quais ele existe: “a” cada instante, que é uma estrutura da qual o evento faz parte (...) (SANTOS, 2002, p. 287)

<sup>53</sup> A possibilidade se oferece; descobre-se; é determinada, conseqüentemente limitada e parcial. Querer vivê-la como totalidade significa de fato, esgotá-la, ele se esgota enquanto vivido. Toda realização como totalidade implica uma ação constitutiva, um ato inaugural. Esse ato simultaneamente cria um sentido e o libera. (SANTOS, 2002, p. 287)

144). O que então se apresenta como uma grande questão reflexiva, pois, “*se considerarmos o mundo como um conjunto de possibilidades, o evento é um veículo de uma ou alguma dessas possibilidades existentes no mundo*”.

E por isso, o evento se apresenta como o grande transformador da realidade, ele marca a passagem do tempo, pois, ele registra o momento exato em que a ação foi desenvolvida, e assim “*o evento pode ser o vetor das possibilidades existentes numa formação social*”. Essa formação social é necessariamente hospede de um recorte espacial, quer seja ele um território ou um lugar<sup>54</sup>, e sendo o lugar “*o depositário final, obrigatório, do evento*”, ele ocorre então, no plano do cotidiano<sup>55</sup>.

É com a força do cotidiano e o poder transformador da realidade que o evento é por definição, “*todo, presente*”. Com isso, tem-se claro que os eventos “*acontecem em um dado instante, uma fração do tempo que eles qualificam*” e desta forma eles “*são, simultaneamente, a matriz do tempo e do espaço*” (Ibid, p. 145). Assumindo essa condição, os eventos, então, se comportam como criadores do tempo e simultaneamente agem como portadores das ações do presente.

Ainda que ocupe a condição de presente, de instantaneidade e realização do agora, o evento pode ser adjetivado enquanto passado e enquanto futuro. Sendo passado, ele representa uma presença anterior em certo ponto da flecha do tempo, e assim constitui uma realização do passado que encontra materialidade no presente e ainda se faz acontecer. E, enquanto futuro, ele reflete uma suposição a ser montada, a ser constituída e realizada num presente-futuro.

É essa condição eminentemente temporal que coloca o evento como um instrumento para se entender o sinal do tempo nas estruturas urbanas e no tecido social, pois, assim como identificava já no início do século XX, o Whitehead (1919, p. 61),

---

<sup>54</sup> Há hoje um debate muito profícuo sobre o sentido da noção de lugar. Podemos iniciar a reflexão com Milton Santos que afirma que existe uma dupla questão no debate sobre o lugar. O lugar visto “de fora” a partir de sua redefinição, resultado do acontecer histórico e o lugar visto de “dentro”, o que implicaria a necessidade de redefinir seu sentido. Para o Autor o lugar poderia ser definido a partir da densidade técnica (que tipo de técnica esta presente na configuração atual do território), a (densidade informacional (que chega ao lugar tecnicamente estabelecido) a idéia da densidade comunicacional (as pessoas interagindo) e, também em função de uma densidade normativa (o papel das normas em cada lugar como definitório). À esta definição seria preciso acrescentar a dimensão do tempo em cada lugar que poderia ser visto através do evento no presente e no passado. Acredito, no entanto, que podemos acrescentar ao que foi dito pelo professor o fato de que há também a dimensão da história que entra e se realiza na prática cotidiana (estabelecendo um vínculo entre o “de fora” e o “de dentro”), instala-se no plano do vivido e que produziria o conhecido-reconhecido, isto é, é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões (CARLOS, 2007a, p. 41).

<sup>55</sup> (...) um evento é um instante do tempo e um ponto do Espaço, [ou seja...] trata-se de um instante do tempo dando-se em um ponto do espaço. (EDDINGTON, 1968, p. 168)

citado por SANTOS (2002, p. 145) “os eventos *passam*” e essa condição de efemeridade, esse prazo de validade dos eventos faz com que a sua passagem deixe resquícios. Somado a essa constatação, tem-se que os eventos não se repetem<sup>56</sup>, e por isso, eles ganham condição de identidade, ou seja, eles assumem um endereço geográfico; uma coordenada espaço-temporal.

A condição de efemeridade que o evento evoca não significa que o mesmo não deixe marcas, que não funcione como um agente modificador no momento – realidade, pois, quando os eventos emergem, eles vêm com a força de promoção de uma nova história, e por isso, ao passo que são efêmeros, momentâneos, são também, irreversíveis. É na caracterização da irreversibilidade dos eventos que se pode entender como se processa a evolução do tempo no espaço, pois, “o evento é uma eficaz”, “a cada novo acontecer às coisas preexistentes mudam o seu conteúdo e também mudam a sua significação” (SANTOS, 2002, p. 146).

A partir dessa forma de enxerga as transformações do mundo é que dar-se a possibilidade da aproximação ao pensamento de Sartre (1938, p. 85), pois, é “quando ganhamos a certeza de que nenhum momento se repete, nem volta, que então decidimos agir dentro dessas malhas estreitas”.

Com isso, tem cada vez mais clara a dimensão de que o mundo é um eterno e constante devir, ou seja, as coisas que se apresentam como material são apenas signos de uma transitoriedade em que as formas são apenas o reflexo do mundo abstrato, e refletem assim ações do passado que já foram apresentadas com “data de validade” vencida, e por isso, “a repetição seria a exceção, o desvio, a anormalidade. A novidade é a essência da história” e com essa definição os eventos ganham a força da possibilidade inovadora<sup>57</sup>, em outras palavras, a capacidade de mudar as coisas, transformar os objetos e dotar a realidade de novas características é condição do evento, só ele, em sua instantaneidade é capaz de dar novos papéis a atores antigos. É assim, então, que os tempos vão sendo colecionados no espaço, e os resquícios vão se tornando inteligíveis ao tecido social.

---

<sup>56</sup> Essa condição de unicidade dos eventos confere ao mesmo a condição de eterna renovação e uma temporalidade bem determinada, pois “cada ato difere do precedente e do seguinte (G. Kubler, 1973) e assim como aponto o Morin (1972) define a sua singularidade.

<sup>57</sup> “Uma inovação é um caso especial de evento, caracterizada pelo aporte a um dado ponto, no tempo e no espaço, de um dado que nele renova um modo de fazer, de organizar ou de entender a realidade” (SANTOS, 2002, p. 148).

---

Sendo assim, os eventos se comportam não apenas como noção de apoio ao conhecimento científico, mas, como categoria de análise, pois, como categoria os eventos “*dissolvem as coisas, eles dissolvem as identidades propondo-nos outras, mostrando que não são fixos e por isso submetendo-nos ao “teste do saber”*”. A partir de então é necessário afirmar que “*não há evento sem ator, não há evento sem sujeito*” (SANTOS, 2002, p. 146).

A força transformadora da ação humana é o motor propulsor que gera a grandes conquistas dos humanos no papel de decodificar o mundo e o tornar uma realidade próxima, por isso tem-se que “*a história da humanidade parte de um mundo de coisas em conflito para um mundo de ações em conflito*” (SANTOS, 2002, p. 147).

Os eventos assim, se organizam também como sinônimo de ação. E a ação não apenas está restrita a um mundo concreto, fechado e objetivo, ela é fruto de um mundo descolado da condição de existência, e por isso, “*os eventos são também idéias e não apenas fatos*” (Ibid, p. 148). Enquanto produção de um mundo das idéias, então, os eventos podem ser entendidos como finitos quando resultam da distribuição de possibilidades e recursos finitos, e infinitos se são oriundos da distribuição de possibilidades e recursos cujos usos não se esgotam.

Os eventos consecutivos (duração natural – natureza original, qualidades individuais, estrutura interna) ou simultâneos (duração organizacional – ações externas, de fim organizacional) não acontecem de maneira isolada, eles são fruto de uma organização (duração e amplitude) que se associam em “*conjuntos sistêmicos*” (Ibid, p. 149), e assim são entendidos como eventos de natureza social, pois, apresentam elementos propriamente técnicos e organizacionais, ou seja, obedecem uma lógica de construção social, artificialmente concebida, e podem sofrer variações em proporção, definindo assim uma ação com diferentes escalas<sup>58</sup>.

Os eventos são atuais, absolutos, individualizados, finitos, sucessivos. Mas, na medida em que se estendem uns sobre os outros, participando uns dos outros, eles estão criando a continuidade do mundo vivente e em movimento, ou em outras palavras, a continuidade temporal e a coerência espacial. É assim que as situações geográficas se criam e recriam (SANTOS, 2002, p. 156).

---

<sup>58</sup> Com base no pensamento de Santos (2002, p. 151) a escala de um evento é sempre um limite e um conteúdo que estão sempre mudando ao sabor das variáveis dinâmicas que decide sobre o acontecer regional ou local.

Com essa perspectiva os eventos contribuem com a definição de marcas que servem com *sinais* da condição dos objetos no espaço, ou seja, o tempo se apresenta como intérprete da realidade dos objetos.

O objeto e a própria criação da realidade, por intermédio da “força” humana e da sociedade, não tem significado<sup>59</sup> quando se apresentam descontextualizados<sup>60</sup> de sua origem, pois, a realidade do objeto é por si mesmo apenas uma realidade apresentada com base em sua constituição material<sup>61</sup>. O tecido intrínseco a cada objeto é formado pela essência do material que o originou, mas, também pelo conjunto de interferências e elementos que o circunda. É a partir dessa lógica que organização interna no objeto revela a sua composição, que só poderá ser alterada com base em uma teia relacional de influências<sup>62</sup>.

O objeto, então, assume dois valores distintos, o valor absoluto e o valor sistemático. O valor absoluto, como o próprio nome evoca, representa o valor em si do objeto, ou seja, o que tem de valor na sua condição de objeto sem levar em consideração as estruturas a que ele esteja vinculado, enquanto o valor sistemático pressupõe a condição do objeto, ou seja, vai ao cerne da existência do objeto, representa assim essa condição inserida num sistema de objetos.

Todo objeto tem por necessidade, haja vista a sua condição de elemento material, um lugar - ou seja, todo objeto assume um endereço espacial/geográfico que é ao mesmo tempo nítido e fixo - e uma idade que representa o seu conteúdo temporal<sup>63</sup>. Contudo, a idade do objeto se apresenta com o mesmo grau de importância que o Milton Santos (2002, p. 158) a apresentou, ou seja, “*a idade do objeto é a chave de tudo*”. E a assim, a junção entre o lugar e a idade dos objetos evocam a necessidade de uma sequência entre os eventos que compõe a materialidade do mesmo, pois, os objetos engendram as ações do território com base numa lógica de instalação, já que no espaço a ordem de instalação das coisas (objeto) influência no resultado final da paisagem.

A dimensão do tempo é elemento indispensável na análise dos objetos e na atribuição dos valores para os mesmos. O tempo, assim estabelece uma condição de

---

<sup>59</sup> O objeto tem autonomia de existência, mas não tem autonomia de significação (Ibid, p. 156).

<sup>60</sup> (...) um objeto tomado isoladamente tem um valor como coisa, mas o seu valor como dado social vem da sua existência relacional (Ibid, p. 156) Caráter contingente E. Laclau (1990, p. 119).

<sup>61</sup> Objeto tem uma realidade “per si” que vem da sua constituição material (SANTOS, 2002, p. 156).

<sup>62</sup> A mudança em um objeto vem das diferentes relações quem mantém com os diversos elementos (Ibid, p. 156).

<sup>63</sup> O objeto tem a idade da técnica que lhe deu origem, mas a idade expressa em termos absolutos é a idade do objeto fora do contexto (S. Alexander apud Santos, 2002, 1963. p. 12).

inseparabilidade em relação aos objetos, e com isso se estabelece complicações à duração moral e física dos objetos.

A duração física não pode ser completamente conhecida com autoridade, porque o comportamento dos objetos em tal ou qual meio é apenas imaginado em função da resistência dos materiais, mas só depois que um objeto é instalado e utilizado é que sabemos quanto tempo dura aquela estrutura inicial (SANTOS, 2002, p. 158).

A condição de envelhecimento dos materiais vinculados ao objeto reflete então, apenas, uma das vertentes do próprio processo de envelhecimento das coisas, outra vertente seria o seu envelhecimento social e relacional, e a partir disso se apresenta a pergunta: *Até que ponto o envelhecimento material das estruturas e dos objetos pertencentes ao espaço urbano revelam uma condição envelhecimento das estruturas de fato?*

Recorrendo aos argumentos apresentados por Santos (2002, p. 158) percebe-se que “*difícil é discutir sobre a idade social do objeto. O envelhecimento moral depende de um jogo de fatores que não é conhecido ex ante, somente ex post”*. Já que a grande questão que se coloca é que as formas, por mais que sejam reveladoras dos sinais do tempo, funcionam apenas como uma leitura da linguagem dos objetos, e nesse sentido, estaria, ainda, aleijada das observações e considerações pertinentes às estruturas, aos processos e às funções existentes na dinâmica e “capacidade” de existir das coisas no espaço.

Os objetos são resultado de um processo de construção social que têm uma data de validade e um período de fabricação, e integram uma rede no espaço. Essa rede se configura a partir de uma série de nexos que também têm significados e significâncias sociais. E, essa rede se justifica através dos eventos<sup>64</sup>, pois, esses forjam as conexões dos/entre os objetos. Essa conexão e inter-relação dos objetos com o espaço só pode ser justificada quando se percebe que o tempo é o elemento que interage com os próprios objetos se empirizando<sup>65</sup>.

O mundo em movimento supõe uma permanente redistribuição dos eventos, materiais ou não, com uma valorização diferencial dos lugares. A base mesma da Geografia é que o mundo está sempre se

<sup>64</sup> (...) A conexão existente entre os objetos é dada pelos eventos (SANTOS, 2002, p. 158).

<sup>65</sup> (...) o tempo se fazendo empírico para encontrar os objetos (Ibid, idem).

---

redistribuindo, se regeografizando. Em cada momento, a unidade do mundo produz a diversidade dos lugares (SANTOS, 2002, p. 158)

E, essa diversidade evocada é apreendida a partir de uma co-existência de símbolos, ações, matérias, energia e informação que definem e redefinem as mais diversas escalas de ação dos eventos e seus efeitos nos objetos, fazendo assim com que a dinâmica e a valorização das coisas passem constantemente por um processo de releitura social.

É o instante que valoriza diferentemente os objetos. A cada momento muda o valor da totalidade [...], mudam os processos que asseguram a incidência do acontecer, e muda a função das coisas, isto é, seu valor específico. O valor total das coisas se modifica, a cada momento, arrastando a alteração do valor de cada coisa [...] a distribuição dos valores não é aleatória. Ela revela as determinações pelas quais a realidade total vai mudando para encaixar nas formas preexistentes ou criadas. O modelo de sistemas de objetos/sistemas de ações somente se entende como um modelo espaço-temporal (SANTOS, 2002, p. 158)

O espaço e os elementos que o compõe são em sua essência contraditórios e dispares, e essa essência conflituosa é quem gera um equilíbrio dinâmico dos elementos, e assim esses se apresentam à realidade de uma maneira, mas, podem a qualquer momento, por força de alteração de uma variável, se transformar completamente. Dessa forma, se o mundo fosse representando a partir de um plano cartesiano a diacronia e a sincronia dos elementos estaria esquematizada a partir de dois eixos: o eixo da sucessão<sup>66</sup> e o eixo das coexistências<sup>67</sup>.

Esses efeitos de sucessão e de coexistência permitem que as ações tenham uma significação social e que elas possam ocorrer ao mesmo tempo em diversos lugares ou de diversas formas em um mesmo lugar. Essa condição é real e pode ser percebida a todo o instante, como lembra Milton Santos (2002, p. 159), “*no espaço geográfico, se as temporalidades não são as mesmas, para os diversos agentes sociais elas, todavia, se dão de modo simultâneo*”. Essa simultaneidade permite que o espaço seja uma coexistência de ações (eventos), temporalidades e materialidades, ou seja, todos os

---

<sup>66</sup> (...) em cada lugar, os sistemas sucessivos do acontecer social distinguem períodos diferentes, permitindo fatos hoje e de ontem (Ibid, p. 159).

<sup>67</sup> (...) o tempo das diversas ações e dos diversos atores e a maneira como utilizam o tempo social não são os mesmos (Ibid, idem).

conjuntos dos sistemas de ação e dos sistemas de objetos<sup>68</sup> interagem se complementando ou se excluindo de maneira contraditória e/ou harmônica para formar o plano material de reprodução da vida, e ele está preso às leis de existência, sendo assim, o espaço assume ora características de pujança e modernidade, ora assume, com o passar do tempo, o perfil das estruturas em processo de envelhecimento.

O espaço é, então, como lembra Leibniz (1695), “*a ordem das coexistências possíveis*” em que se percebe, “*de um lado, uma assincronia na seqüência temporal dos diversos vetores e, de outro lado, a sincronia de sua existência comum, num dado momento*”. E por isso, a identificação do verdadeiro estado atual das coisas precisa ter em consideração uma perspectiva histórica dos elementos que dotam o presente de sentido. Para tanto, é indispensável considerar as inter-relações existentes no eixo das sucessões e no eixo das coexistências<sup>69</sup>.

A condição da realização da vida está cada dia mais presa a um mundo mediado pelas “coisas”; pelos objetos. Este mundo “coisificado” está cada dia mais envolvendo as pessoas. É como se o mundo não estivesse mais sendo produzido como necessidade de realização da vida humana, senão como uma grande prótese que necessita se atualizar constantemente para buscar justificativas para sua permanência.

Assim, os objetos assumem nesse cenário uma supervalorização, fazendo o filósofo Jean Baudrillard (1970, p. 18) afirmar que “*vivemos o tempo dos objetos*”. E, o mesmo Baudrillard resume que “*os objetos se tornaram os atores do mundo como se apresenta atualmente*”. Esse mundo vivido pelo prisma do objeto reflete um simulacro social, é como se a ciência e a técnica vivessem sobre os auspícios de um mundo construído a partir de uma realidade alheia à vida das pessoas.<sup>70</sup> É como se os objetos e as coisas que têm importância fossem elementos de uma realidade fraudada, que não reflete o sentido social, senão apenas a força da imagem de um grupo hegemônico.

---

<sup>68</sup> O espaço é a ordem das coexistências possíveis (Ibid, ,idem).

<sup>69</sup> (...) cada ação se dá segundo o seu tempo (Ibid, ,idem).

<sup>70</sup> O encarceramento do objeto científico é igual ao dos loucos e dos mortos. E da mesma maneira que toda a sociedade está irremediavelmente contaminada por este espelho da loucura que ela entregou a si própria, a ciência não pode senão morrer contaminada pela morte deste objeto que é o seu espelho inverso. Aparentemente é ela que o domina, mas é ele que investe em profundidade, segundo uma reversão inconsciente, dando apenas respostas mortas e circulares a uma interrogação morta e circular [...] assim, toda a ciência e técnica se mobilizaram recentemente para salvar a múmia de Ramsés II, depois de a terem deixado apodrecer durante algumas dezenas de anos no fundo de um museu. [...] Ramsés não significa nada para nós, apenas a múmia é de um valor incalculável, pois é ela que garante que a acumulação tem um sentido. É toda a nossa cultura linear e cumulativa que se desmorona se não pudermos armazenar o passado à luz do dia. Para isso é preciso fazer sair os faraós da sua tumba e as múmias do seu silêncio. (BAUDRILLARD, 1981, p. 17,18 e 19).

Então, além de vivermos o tempo dos objetos, vivemos também sob o ritmo deles e o seu jogo constante de sucessão<sup>71</sup>.

A celeridade das mudanças deve-se, substancialmente, à multiplicidade de vetores que o percorrem, à rapidez de sua substituição, à novidade das forças que portam e à sua incidência sobre os objetos. Estes, mesmo recentes, são rapidamente trocados, revalorizados ou desvalorizados (SANTOS, 2002, p. 213).

O que difere o tempo presente e o seu quadro técnico de objetos do tempo anterior é que hoje os objetos ganharam uma importância “viva”. Assim, os objetos técnicos de todas as ordens assumem um papel de controle na realização da vida e com isso, a cada dia substituímos, muitas vezes, o contato com os amigos e a família por horas compartilhadas com objetos que fazem com que vivamos cada vez mais presos à lógica da simulação da realidade<sup>72</sup>.

“*Ante a banalidade e o mistério da técnica atual, o objeto técnico é inspirador de metáforas*” e elas assumem diversas facetas se incorporando à vida cotidiana<sup>73</sup>, forjando necessidades penetrando na vida como se assumisse a função de um ente e por isso Sartre lembra que o “*objeto atual é um objeto que se tornou sujeito*”.

Ao mesmo tempo em que a condição moderna da sociedade colocou o objeto técnico quase como um “membro” da família, o sistema técnico estabeleceu prazo de validade de circulação aos mesmos. Assim, com o tempo os objetos que assumiam o lugar central da atenção das pessoas são postos em segundo plano em função do lançamento de um novo modelo, ou entram em desuso pela incapacidade de receber novas atualizações. Essa condição revela um mundo ao mesmo tempo dinâmico e descartável em que as permanências são quase tão efêmeras, quanto à valorização do antigo. Estabelece-se, então, a substituição do funcional, tomando, o belo, o seu lugar.

---

<sup>71</sup> É assim [de acordo com o ritmo dos objetos] que o espaço está sempre mudando em sua fisionomia, em sua fisiologia, em sua estrutura, em suas aparências e em suas relações (SANTOS, 2002, p. 213).

<sup>72</sup> Encontra-se a mesma perspectiva citada em Santos (2002, p. 214) tomando emprestadas as palavras de Attali (1981) em que se discute que “*a grande distinção entre o hoje e o ontem, é que antes os objetos eram poucos numerosos, viviam em comunhão conosco e nos eram subordinados – objeto-vivo*”.

<sup>73</sup> Hoje, vivemos juntos com os objetos técnicos, eles se apoderam do nosso cotidiano, mas com eles nossa interação é prática, mas não profunda (SANTOS, 2002, p. 214).

---

Fica claro que o sistema de hierarquias e valores sociais tem os princípios básicos invertidos, caracterizando assim um cenário de alienação social<sup>74</sup>, pois, reforça a condição de submissão que os homens assumem perante os objetos produzidos.

A supervalorização dos objetos na sociedade atual está inquestionavelmente relacionada à própria condição e característica do sistema técnico atual.

De acordo com Milton Santos (2002, p. 214 – 215) o sistema técnico obedece a cinco (5) características ou pontos de ação. É como se esses pontos diagnosticassem o sistema técnico atual e revelasse a face da organização da vida, uma vez que os objetos técnicos e a sociedade se amalgamaram de tal forma que não é mais possível analisar um em detrimento ao outro.

1. Universalidade e auto-expansão;
2. Vida sistêmica;
3. Concretude;
4. Conteúdo em informação;
5. Internacionalidade.

Essas cinco características estão fortemente vinculadas à própria condição dos objetos e o sistema relacional entre os objetos e a sociedade. Com base nisso, é possível entender os nexos existentes entre a idade dos materiais e o valor atribuído aos objetos pela sociedade. Além do que, é possível entender quais os valores que conduzem a uma lógica do envelhecimento social e das estruturas urbanas.

A cada época as técnicas e os objetos técnicos estavam condicionados ao “conteúdo” cultural de cada local em particular. Com o advento da globalização e a comunicação rápida, através das mais diversas redes de comunicação, circulação, etc., o mundo perdeu, em relação às características técnicas, às particularidades, assim, o mesmo objeto construído no Brasil tem as mesmas funções dos objetos construídos no Japão, EUA ou na Alemanha, e com isso aumenta-se a condição de intercâmbio entre as mais diversas tecnologias. Os objetos condicionados ao novo sistema técnico

---

<sup>74</sup> A submissão do produtor diante do objeto produzido é para B. Olman (1971, p. 46), uma das causas da alienação contemporânea (SANTOS, 2002, p. 214).

apresentam um caráter de universalidade, pois, os mesmos objetos podem se apresentar tanto aqui quanto alhures<sup>75</sup>.

O conjunto técnico, através dos objetos produzidos, assume a característica da auto-expansão. Com isso, e em função da competitividade mundial que se estabelece em função das redes de ação e difusão dos objetos, os sistemas técnicos apresentam uma vida articulada de maneira sistêmica e assim, a auto-expansão se apresenta de maneira correlata<sup>76</sup>.

O objeto é científico graças à natureza de sua concepção, é técnico por sua estrutura interna, é científico-técnico porque sua produção e funcionamento não separam técnica e ciência. E é, também, informacional porque, de um lado; é chamado a produzir um trabalho preciso – que é uma informação – e, de outro lado, funciona a partir de informações (SANTOS, 2002, p. 215)

Sendo então os objetos técnicos, científicos e informacionais<sup>77</sup> eles são instrumentos convergentes não apenas de energia e informação, mas também dos seus mais diversos matizes, fazendo com que eles reproduzam o mundo técnico-operacional de uma determinada época, ou seja, eles registram consigo um cabedal de características comuns há uma época; representam o “espírito do tempo”<sup>78</sup> de uma determinada organização social, ou da própria sociedade global.

A emergência de um objeto técnico sempre está associada a uma operação de convergência<sup>79</sup> de elementos, e por isso, o objeto é tão notadamente um registro do pensamento e das influências de sua época.

Atualmente, essa representação das necessidades do grupo social não é mais o ponto final do objeto, mas, sim o início de um novo jogo de necessidades criadas, ou seja, a sociedade não é mais a mola propulsora da criação dos objetos, senão se

---

<sup>75</sup> A universalidade é, também, resultado de que o sistema técnico funciona no nível global (SANTOS, 2002, p. 214).

<sup>76</sup> “A vida sistêmica e auto-expansão são correlatos [...] as atividades tendem a se difundir largamente, graças à sua competitividade” (Ibid, idem).

<sup>77</sup> Os objetos são eles próprios, informação: e não apenas movidos pela informação [...] os objetos já não trabalham sem o comando da informação, mas, além disso, passam a ser, sobretudo, informação. Uma informação especializada: específica e duplamente exigida: informação para os objetos, informação nos objetos (Ibid, p. 215).

<sup>78</sup> *Der Zeitgeist* – O espírito do tempo é uma tradução equivalente a palavra de origem alemã: *Zeitgeist*, que no seu idioma de origem representa todo o arsenal de pensamento e de influências pertinentes a uma determinada época, seria o equivalente ao conceito Webberiano de *Ethos*.

<sup>79</sup> Um objeto técnico nasce porque uma série de operações, intelectuais, técnicas, materiais, sociais e políticas convergem para a sua produção. É o que Simondin (1958) chama de operações de convergência (SANTOS, 2002, p. 216).

apresenta como o nicho em que os objetos serão inseridos com fins à difusão de uma nova necessidade criada para a sociedade, revelando assim mais uma vez a condição de sociedade simulacro defendida por Baudrillard (1981).

Como um desdobramento dos objetos técnicos serem construídos a partir de necessidades inventadas por quem os produz não é mais o material que define o motivo pelo qual o objeto será construído, mas, ele se apresenta primeiro no mundo das idéias e apenas depois é transformado em realidade<sup>80</sup>. O diagnóstico que se estabelece, então, é de que a sociedade nunca teve em momento histórico algum uma situação que se assemelhasse à condição atual dos objetos técnicos.

Em nenhuma outra fase da história do mundo, os objetos foram criados, como hoje, para exercer uma precisa função predeterminada, um objetivo claramente estabelecido de antemão, mediante uma intencionalidade científica e tecnicamente produzida, que é o fundamento de sua eficácia (SANTOS, 2002, p. 217).

Os objetos técnicos são inspiradores de grandes metáforas. Neste sentido, eles se tornam sujeito e “*não mais nos obedecem*” (MAFFESOLI, 1989). O controle do plano de ações está sob a responsabilidade e o julgo do conjunto de objetos, em termos mais metafóricos, seria como se a vida humana estivesse sendo uma marionete do sistema técnico criado por ela mesma, ou seja, “*hoje no lugar onde estamos os objetos não mais obedecem a nós, mas sugerem o papel a desempenhar, porque são instalados obedecendo a uma lógica que nos é estranha*” (SANTOS, 2002, p. 217).

Entre o conflito estabelecido pela *physis*<sup>81</sup> e a *technè*<sup>82</sup> parece que a *physis* está sendo paulatinamente substituída em detrimento da *technè*.

---

<sup>80</sup> No passado, o material determinava como objeto seria fabricado. Mas, hoje, é a forma do objeto, criado na mente do homem, produzido no laboratório antes do que pela técnica, e a função que dele se espera, que vão determinar o material com o qual esse objeto imaginado será construído. (Parrochia, 1993, p. 26). As naves espaciais, o avião e, mesmo em menor escala, o automóvel e os próprios edifícios instruem a criação de um material adequado àquilo que o arquiteto ou o engenheiro desejam obter (Ibid, idem).

<sup>81</sup> Inserida como conceito fortemente desenvolvido no período pré-socrático o conceito de *physis* é apresentado por Chauí (1999, p. 35) como sendo “o fundo eterno, perene, imortal e imperecível de onde tudo brota e para onde tudo retorna é o elemento primordial da Natureza e chama-se *physis* (em grego, *physis* vem de um verbo que significa fazer surgir, fazer brotar, fazer nascer, produzir). A *physis* é a natureza eterna e em perene transformação [...] embora a *physis* seja imperecível, ela dá origem a todos os seres infinitamente variados e diferentes do mundo, seres que, ao contrário do princípio gerador, são perecíveis ou mortais. A *physis* é imortal e as coisas físicas são mortais.

<sup>82</sup> Técnica, do grego *technè*, remonta a um verbo muito antigo, *teuchō*, cujo sentido central é “fabricar”, “produzir”, “construir” [...] *Technè* torna-se logo a produção ou o fazer eficaz, adequado em geral [...], mas a *technè* procede sempre a partir do que já é, é reunião, ajustamento recíproco, transformação apropriada dos materiais. [...] a *technè* é uma *hexis poiètikè*, isto é, criadora acompanhada de razão

Não raro é percebida uma dimensão de “concretude” aos objetos técnicos, eles não mais imitam a natureza, mas, querem assumir o seu lugar, estabelecem-se, então, como uma sofisticação da força criadora, pois, diferente do quadro natural, o fruto da *technè* não se apresenta alheio às vontades ou aos desejos da força criadora, mas, o transforma naquilo que ele não pode ser e assim a *technè* torna possível as vontades e os desejos de produção dos humanos.

O conflito entre a técnica e a “força criadora”, ainda que se caracterize com ênfase em bases filosóficas e conceituais, encontra fácil aplicabilidade no mundo prático e inteligível, pois, a configuração do modo de produção que a sociedade tem estabelecido para os objetos técnicos inverte consideravelmente o papel daquilo que seja eminentemente natural<sup>83</sup>, mesmo que a força da natureza seja o ponto de criação e o de finitude de todas as coisas no mundo, ela não garante que os processos de criação de novos elementos sejam conduzidos pelas regras da natureza.

Em contraponto aos sistemas naturais, os objetos técnicos atuais se formam com uma finalidade objetiva<sup>84</sup>. Assim, reforça-se a máxima de que a ação natural não se estabelece obedecendo às lógicas do pensamento humano, a natureza age de acordo com a reunião dos elementos sem uma finalidade pré-estabelecida, pois, ainda somos nós os seres humanos, os únicos elementos da terra que têm consciência da condição de consciência e interferem no mundo a fim de modificá-lo obedecendo a padrões e lógicas próprias<sup>85</sup>.

Quanto mais sofisticada é a elaboração dos objetos técnicos, mais eles se apresentam como condicionados a um sistema<sup>86</sup>, e esse viés sistêmico conduz o objeto a ser produzido em cadeia para responder uma finalidade, um código informacional que carrega<sup>87</sup>.

É sob a luz transformadora da função do mundo técnico na formação dos objetos, e dos mesmos como condição para a formação, articulação e definição dos

---

verdadeira. [...] Há, portanto, um domínio onde o fazer humano é criador: ou a *technè* em geral imita a *physis*, ou efetua o que a natureza está na impossibilidade de realizar (CASTORIADIS, 1997).

<sup>83</sup> (...) os objetos naturais respondiam às questões de outros objetos naturais, mediante troca de energia em estado bruto (SANTOS, 2002, p. 220).

<sup>84</sup> Pode-se dizer que os sistemas naturais se constituíam sem finalidade (Ibid, idem).

<sup>85</sup> Os primeiros objetos sociais (e, mesmo os objetos mecânicos) retiravam sua finalidade da ação humana. O mesmo se pode dizer da socialização dos objetos naturais (Ibid, idem).

<sup>86</sup> Esses objetos polivalentes [os naturais e os primeiros objetos naturais] constituíam um sistema a partir de sua disponibilidade para um uso social. Era a partir de escolas sociais, que eles se tornavam sistêmicos. A noção de poder e de escassez era ligada a essas escolhas

<sup>87</sup> Atualmente os objetos tendem a se dar cada vez mais como sistemas, ao mesmo tempo em que, a cada dia que passa, eles se vão formando objetos técnicos (SANTOS, 2002, p. 220).

territórios que pode generalizar que a organização espacial da vida humana obedece às condições do sistema técnico vigente.

É consenso que a condição atual dota a sociedade hodierna como a primeira na história que está sob a égide de um único<sup>88</sup> sistema técnico, e assim, esse sistema unitário tem a capacidade de reger a atividade dos humanos, com isso afirma-se que todos estão presos às mesmas regras do jogo, não importa se estamos mais próximos dos centros financeiros ou mais afastados deles, todos se submetem aos mesmos padrões de ação de um sistema técnico<sup>89</sup> que tem como condição de existência o seu caráter invasor<sup>90</sup>.

Os espaços, então, assumem no seu tecido “fundamental” a técnica, os objetos técnicos e os sistemas técnicos como a grande “verdade” criadora e definidora de padrões, e com isso, o jogo da simulação se configura no tecido social fazendo com que a relação forjada entre objetos e construção social seja reveladora de um caminho “positivo” e que precisa ser seguido indiscutivelmente.

A criação do mundo se torna refém do espetáculo denunciado por Debord (1991) que “*apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é «o que aparece é bom, o que é bom aparece»*”.

“*Os espaços inteligentes, espaços da racionalidade, coincidem com as frações do território marcadas pelo uso da ciência da tecnologia e da informação*” (SANTOS, 2002, p. 222). É com isso que se torna claro o papel estruturador da ciência, da tecnologia e da informação nas relações estabelecidas na sociedade.

Assim, reassume-se a postura de que o mundo é construído com base em elementos que se transformam cotidianamente e que se renovam gerando ao mesmo tempo uma quantidade enorme de material ultrapassado, pois, se a tecnologia e os objetos técnicos necessitam constantemente ser discutido, então o seu envelhecimento assume o mesmo ritmo. Afinal de contas para o espetáculo ser montado ele precisa de bases sólidas e os instrumentos têm que obedecer às reivindicações mais urgentes do imaginário social de tecnologia e avanço técnico.

---

<sup>88</sup> É a primeira vez na história do homem em que há apenas um sistema técnico regendo toda a atividade humana (Ibid, p. 221).

<sup>89</sup> O espetáculo é ao mesmo tempo parte da sociedade, a própria sociedade e seu *instrumento de unificação*. Enquanto parte da sociedade, o espetáculo concentra todo o olhar e toda a consciência. Por ser algo *separado*, ele é o foco do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza não é outra coisa senão a linguagem oficial da separação generalizada (DEBOURD, 1991).

<sup>90</sup> Nunca na história do mundo houve um sub-sistema de técnicas tão invasor (SANTOS, 2002, p. 221).

---

Os objetos preexistentes vêm-se envelhecidos pela aparição dos objetos tecnicamente mais avançados, dotados de qualidade operacional superior. Desde modo, cria-se uma tensão nos objetos do conjunto, paralela à tensão que se levanta, dentro da sociedade, entre ações hegemônicas e ações não-hegemônicas. A situação é diferente daquela do passado, onde as ações de um nível inferior não eram obrigatoriamente hegemônicas. Agora há uma clara hierarquia daquelas ações que se instalam em objetos igualmente hierarquizados. Mas esse processo não é técnico, ele é histórico (SANTOS, 2002, p. 222).

A questão do envelhecimento dos objetos está indiscutivelmente relacionada à dimensão do valor social atribuído aos objetos técnicos, ao envelhecimento das estruturas e das formas existentes e a superação de padrões tecnológicos. Entretanto, na sociedade atual, o envelhecimento dos objetos está muito mais associado a uma dimensão política do que a uma dimensão técnica dos próprios objetos.

O que se discute então é que a condição de obsolescência dos materiais e o desgaste dos elementos químicos e físicos que compõem os objetos não é o ponto preponderante na análise do envelhecimento. Configuram, indiscutivelmente, uma das etapas do processo de criação e estabelecimento de sinais reveladores desse processo. Mas, não podem ser entendidos como únicos elementos necessários para a diagnose de áreas envelhecidas. É importante analisar o envelhecimento associado à representação social da idade e da vida útil dos objetos<sup>91</sup>. Esses dois elementos em consórcio contribuem para uma análise coerente acerca do processo de envelhecimento das estruturas urbanas.

A denúncia que se faz é que a condição do sistema técnico atual é portadora de uma hiper valorização do novo em detrimento ao velho, ainda que o velho tenha a capacidade plena de exercer a função para qual foi designado. Assim, o quadro de alienação é configurado plenamente, por que as coisas não são mais utilizadas com base no seu valor, senão são pensadas a partir de parâmetros de competitividade.

O que conduz a esse envelhecimento rápido do patrimônio técnico que nos cerca é a doutrina e a prática da competitividade. Esta induz a um uso acelerado, e rapidamente substituído de novos “novos-novos” objetos, de novas “novas-novas” formas de organização. Esse resultado imperativo da competitividade faz com que equipamentos e

---

<sup>91</sup> Uma outra história, menos preocupada com a velocidade e com a rapidez das mudanças, permitiria que a vida útil – do ponto de vista econômico e social – dos objetos fosse maior. Não é a técnica em si que leva ao envelhecimento rápido das situações, mas a política. Desse modo, podemos conceber como velhos, objetos recentes e que instalamos recentemente (SANTOS, 2002, p. 222).

lugares se tornem rapidamente envelhecidos e sejam declarados incapazes ou insuficientes para tornar novos esforços úteis (SANTOS, 2002, p. 222).

Monta-se junto à necessidade do novo e a busca incessante dos padrões de competitividade um mundo em que as pessoas são colocadas em segundo plano, pois, o poder de decisão e da escolha do que consumir, do como consumir já foi retirado de seu controle há muito.

### ***3.2. A técnica como elemento da construção do espaço: os nexos existentes no processo de envelhecimento do urbano.***

Como já ilustrado anteriormente, a técnica, desde a sua origem, é entendida como a capacidade de fazer; transformar; é aquilo que torna a vida humana uma criação, uma obra dele próprio. É com a técnica enquanto *poièsis*<sup>92</sup> que o mundo é transformado; é com essa condição que o homem estabelece um hábito criador de caminhos<sup>93</sup>, como bem lembrou Castoriadis (1997). Então, a força de criação da técnica recebe como sentido de influência a mesma origem do poder de criação do poeta, ou seja, a capacidade de transformar algo bruto em um produto mais bem elaborado e com uma finalidade objetiva.

(...) “numerosos são os terríveis, mas nenhum mais do que o homem” [demonstra] a potência humana de fazer manejar, fabricar no plano material e criar, inventar, instituir no plano não-material. Se “o princípio do ser e do advir se encontra no criador e não no criado”, como diz Aristóteles a respeito da *technè*, a única revelação de que possa ser questão é a revelação do produtor enquanto origem do ser e do advir. É mais ou menos o que Marx dirá vinte e três séculos mais tarde. Mas, Aristóteles não é Marx [...] a idéia de criação, *poièsis* e *technè*, permanece necessariamente no primeiro ambígua e enigmática; a frase da Física citada poderia ser muito bem traduzida: “A *technè* (...) arremata (*èpitèlei*) o que a natureza não tem condições de elaborar até o fim (*apergazesthai*)”. Em todo caso, o fazer criador fundamenta-se em dois pressupostos: há o possível, o mundo não está

---

<sup>92</sup> (...) do sentido da habilidade apropriada e eficaz a partir de um sentido de fabricação, convém constatar o resgate, infinitamente mais lento e incerto até o fim, a partir do “fabricar” material, do conceito de criação (*poièsis*) ao qual finalmente Aristóteles ligará a *technè* [...] Platão é que primeiro dará a plena determinação da *poièsis*: “causa que, qualquer que seja a coisa considerada, faz passá-la do não-ser ao ser” de tal modo que “os trabalhos que dependem de uma *technè*, qualquer que seja, são *poièsis* e seus produtores são todos poetas (criadores)” (CASTORIADIS, 1997, p. 296).

<sup>93</sup> O hábito criador de caminhos é apresentado por Castoriadis (1997, p. 296) como sendo uma *hexis hodopoiètikè*

---

esgotado pelo *anankè*; e há logos *alèthès* (digamos: verdadeira razão; e a ausência de arte, a *atechnia*, está explicitamente ligada por Aristóteles aos logos *pseudès*, à razão falsa). Esses dois pressupostos estão longe de não serem relacionados: é evidentemente o logos *alèthès* que percebe que uma coisa poderia ser ou não ser, advir ou não, e num outro nível, que conhece não só o o-quê mas o por-quê, permite que o agir que esclarece coloque na relação apropriada os protéra e hystéras, os antecedentes e os conseqüentes cujo modelo, ao mesmo tempo geral e específico da produção considerada, ele encontra na *physis*. Mas, se a *technè* efetua o que a natureza está na impossibilidade de realizar, isso já era produzido pelo *endéchoméinon*, portanto é atualização não natural do possível e que não pode não ser natural, por intermédio deste agente particular, o homem, cuja *physis* própria contém precisamente a virtualidade de atualizar o virtual da *physis* em geral. (CASTORIADIS, 1997, p. 298-299).

O conflito entre a *physis* e a *technè*, como ilustrado anteriormente, constrói cotidianamente um arranjo territorial, uma *poièsis* específica e particular que está indubitavelmente vinculada às heranças culturais dos grupos sociais, e isso faz com que Milton Santos (2002, p. 171) afirme que “*as características da sociedade e do espaço geográfico, em um dado momento de sua evolução, estão em relação com um determinado estado das técnicas.*” Esse estado das técnicas é revelador de um conjunto transformador e construtor da realidade, além disso, o estado das técnicas é o denunciador do estado das coisas no espaço, ou seja, a qual ordem de valores as coisas estão conectadas.

À luz dessas constatações é possível perceber que para se entender o estado de conservação dos objetos vinculados aos espaços e para entender e as nuances existentes entre as formas da organização do mundo construído e do mundo vivido é preciso ter claro como se estabelece o conhecimento dos sistemas técnicos.

Contudo, o que se está em evidência não é apenas a materialidade imediata desses sistemas técnicos, mas, como esses se estabelecem numa cadeia sucessiva, pois assim decompõe-se a estrutura, o funcionamento e a articulação de todos esses sistemas técnicos com o território ao longo do tempo podendo assim se atingir uma projeção de como os eventos sucederam até o tempo presente, e como esses se comportaram numa projeção em relação a um futuro próximo, imediato<sup>94</sup>.

---

<sup>94</sup> (...) o conhecimento dos sistemas técnicos sucessivos é essencial para o entendimento das diversas formas históricas da estruturação, funcionamento e articulação dos territórios, desde os albos da história até a época atual (SANTOS, 2002, p. 171).

Por isso, é que se apreender que “*cada período é portador de um sentido, partilhado pelo espaço e pela sociedade, representativo da forma como a história realiza as promessas da técnica*” (SANTOS, 2002, p. 171).

Conseqüentemente ao fato de que cada período social está agregado a um período técnico alguns autores classificam fases marcantes de grandes transformações sociais e técnicas, como se pode perceber ao ler o quadro 05, simplificado abaixo.

<b>Autores</b>	<b>J. Attali (1982); J. Rose (1974)</b>	<b>Ortega y Gasset (1939)</b>	<b>L. Mumford (1934)</b>
	Técnica do corpo – revolução neolítica	Técnica do acaso – não há método (técnica dos antigos (Heidegger) – não ciência).	Técnicas intuitivas – utilizam “água e vento” até 1750.
	Técnica das máquinas – revolução industrial	Técnica do artesão – pouca coisa consciente; destreza e não ciência.	Técnicas empíricas – utilizam “ferro e carvão” até 1900.
<b>Períodos técnicos</b>	Técnica dos signos – revolução cibernética	Técnica do técnico ou do engenheiro – tecnologia; estudo consciente; técnica dos mais modernos – nascimento do método analítico moderno.	Técnicas científicas – eletricidade e ligas metálicas até hoje

**Quadro 05 - Evolução dos períodos técnicos ao longo da evolução da sociedade (simplificado).**

Fonte: Adaptado a partir de Santos (2002, p. 172).

Cada vez mais a sociedade se configurou como o lócus da inovação, e com isso a sociedade urbana representava a ponta desse processo, pois, o signo do desenvolvimento estava nos objetos artificiais e na capacidade dos mesmos realizarem tarefas<sup>95</sup>.

Entretanto, é através da máquina que a técnica encontra o significado e materialidade de sua existência, para o grupo social, e como marco para essa contagem do tempo tem-se a revolução industrial<sup>96</sup>.

A maioria dos pensadores modernos enxerga à evolução da sociedade e das técnicas apresentadas em três níveis bem claros e que tomam como ponto de partida a revolução industrial, assim a tecnologia é, inicialmente, marcada pelo advento da máquina a vapor, o que causou uma reforma em todos os processos de relação dos

<sup>95</sup> A história dos instrumentos artificiais utilizados pelo homem pode ser simplificada em três palavras: “ferramenta, máquina, autômato” (SANTOS, 2002, p. 172).

<sup>96</sup> O papel que as técnicas alcançaram, através da máquina, (...) a partir da revolução industrial, faz desse momento um marco definitivo (...). Por isso é freqüente iniciar com essa data a periodização da história da técnica, confundindo-a com a história do maquinismo (Ibid, idem).

humanos com os sistemas naturais, em seguida apresenta-se o estágio da eletricidade e mais recentemente a automação<sup>97</sup>.

Alguns pensadores identificam o tempo vindouro como uma linha que avança em quatro (4) frentes: os sistemas multiuso de informação, a fusão nuclear, as mais recentes descobertas da biotecnologia e o controle da dimensão do tempo<sup>98</sup>.

Como uma estratégia de existência ou até mesmo como condição do meio ao qual a técnica é desenvolvida, é necessário que elas sejam encadeadas num sistema que funciona de maneira integrada, o que revela a solidariedade dos sistemas e essa solidariedade exhibe uma ordem sistêmica de organização das ações que revela traços de um tecido cultural e cronológico. Com isso, fica fácil entender que “*a vida das técnicas é sistêmica e sua evolução também o é*” (op. Cit., p. 176).

Conjuntos de técnica aparecem em um dado momento, mantêm-se como hegemônicos durante certo período, constituindo a base material da vida da sociedade, até que outro sistema de técnicas tome o lugar. É essa a lógica de sua existência e de sua evolução (SANTOS, 2002, p. 176).

Os sistemas técnicos para existir pressupõem um arsenal que está organizado também de maneira sistêmica o que evoca a dimensão cíclica que está condicionada a coexistência da técnica. É como se cada elemento estivesse encaixado num conjunto específico de outros elementos, e isso provoca a produção sistemática e ordenada de encaixes para esse conjunto técnico<sup>99</sup>. Quando os elementos desse sistema começam a ser substituídos e os encaixes não se estabelecem de maneira coerente, todo o sistema técnico reivindica alteração, “*cada etapa vencida no progresso técnico supõe a produção paralela de rigidezes, levando a novas disfunções e à emergência de novas invenções que, por sua vez, são erigidas em sistemas*” (SANTOS, 2002, p. 176).

A característica marcante do sistema técnico atual está pautada no que David Harvey (1994) já apontava quando tratava da condição pós-moderna em que era denunciado um sistema de acumulação flexível baseado em um modo de produção

---

<sup>97</sup> Para Hanna Arendt (1958, 1981. p. 160-162), três são os estágios do desenvolvimento da tecnologia desde (a revolução industrial): o da máquina a vapor, com a imitação de processos naturais e onde a grande novidade foi a descoberta das minas de carvão; o da eletricidade; e finalmente, o da automação (Ibid, p. 173).

<sup>98</sup> A quarta revolução industrial prevista por A. E. Anderson (1986) seria marcada pelos sistemas multiuso de informação, ligados aos escritórios e às residências, a fusão nuclear, novos avanços na biotecnologia e o controle do tempo (SANTOS, 2002, p. 173 – 174).

<sup>99</sup> As técnicas estabelecem entre elas relações de dependência e o seu desenvolvimento histórico “multiplica o número de inter-relações (J. Perrin, 1988. p. 28, citado em Milton Santos, 2002).

também flexível em que as fronteiras do estado-nação não são obedecidas com rigores físico definidor de barreiras e impedimentos. É com essa similitude dos elementos e das formas de ação da sociedade técnica atual que o próprio sistema técnico se compõe como bem lembra Milton Santos (2002, p. 177) quando afirma que esse sistema é “flexível, auto-regulado, de máquinas polifuncionais, utilizando meios de circulação materiais e imateriais (informacionais), descentralizados e interativos (telemática em redes)”.

Esse mundo telemático e em processo de virtualidade tem como força de impulsão uma estrutura composta em macrossistemas que compõem o tecido aglutinador das ações e forjam uma rede de poder que exerce influência direta na produção do espaço, das materialidades e do conjunto social. Surge então, como fonte de reprodução da vida e como necessidade imanente do conjunto técnico atual uma miríade de possibilidades de novos produtos, qual pode ser visto no quadro 06 abaixo:

- 1º Inovações ligadas à mídia rádio-televisiva (SCARDIGLI, 1983)
- 2º Novos serviços ligados à rede telefônica
- 3º Microcomputadores e computadores domésticos, utilizados em jogos, na gerência das atividades e do orçamento doméstico, no aprendizado, como carnê de endereços
- 4º Produtos novos nascidos da combinação das três precedentes categorias
- 5º “Produtos que invisivelmente incorporam componentes eletrônicos”

**Quadro 06 - Produtos frutos da revolução técnico-científica (simplificado).**

Fonte: (Santos, 2002, p. 177).

Acompanhando a tendência da nova condição dos sistemas técnicos e a conseqüente criação de novos produtos e novas demandas sociais, é indispensável apontar para o tempo em que essas “novidades” se enraízam, pois, quanto mais telemática, fluída e global a sociedade se torna, mais rápido estão sendo os processos de difusão e penetração dessas inovações no tecido social, como pode ser percebido a partir do quadro 07 que segue abaixo:

Implantação da inovação tecnológica	Aceitação pública (inovação – difusão)
Início do século XX	37 anos em média
Entre as duas grandes guerras	24 anos em média
Depois da segunda guerra	14 anos em média

**Quadro 07 – Época da implantação tecnológica e tempo de aceitação pública até o pós 2ª grande guerra.**  
Fonte: (SANTOS, 2002, p. 178).

Esse quadro de difusão da inovação é fundamental para entender o fundamento do período técnico em que se vive e a força da revolução industrial, em menos de 100 anos a difusão e aceitação pública dos elementos técnicos assumiu uma velocidade estonteante, e isso é reflexo e condição *sine qua non* de um mundo mediado pela força “*inovativa*” que transforma tudo, e muda toda a base de produção ou simplesmente define algo como novo ou velho, dependendo do conjunto técnico que está inserido no processo de produção das coisas.

*Ipso facto*, vive-se numa era da inovação galopante<sup>100</sup> em que a velocidade de difusão não é mais essa apresentada no quadro acima, os processos são, ainda, muito mais acelerados, o ritmo da vida urbana contemporânea revela uma justaposição de temporalidades, materialidades e até de abstrações, ou seja, a sociedade vive o cotidiano como se existissem diversas lâminas de influências que além de se justapõem, se sobrepõem e montam um quadro complexo do real<sup>101</sup>.

O processo de envelhecimento que nada mais é do que a presença material de um tempo social anterior se estabelece através de uma “*espacialização que desrespeita os laços solidários e cria outros*” (SANTOS, 2002, p. 166).

A técnica, os espaços construídos pelas técnicas, os laços e vínculos estabelecidos pelos sistemas técnicos, os sistemas de ação, o acontecer solidário e seus matizes, os sistemas de informação e os diálogos estabelecidos entre todos esses elementos constroem uma materialidade como essência se auto-reproduz

<sup>100</sup> A rapidez com que geograficamente se difundem as tecnologias do presente período mostra-se ainda maior quando a comparamos com o que o mundo conheceu nessa fase anterior. Era, então, um processo gradual de difusão, enquanto em nossos dias esse processo é brutal. Paralelamente, as novas tecnologias envolvem muito mais gente e colonizam muito mais áreas. [...] a mecanização parou na plataforma da estrada de ferro, enquanto o rádio e a televisão penetram no coração dos países, estão presentes nos lugares mais ermos e invadem nossas casas. (SANTOS, 2002, p. 179).

<sup>101</sup> A era da telecomunicação é criada pela convergência tecnológica e a coalização telemática que saiu vencedora frente à coalização postal-industrial. Assim, a era da telecomunicação é baseada na combinação entre a tecnologia digital, a política neoliberal e os mercados globais (SANTOS, 2002, p. 183).

cotidianamente, quer seja pela força dos eventos, quer seja pela estruturas superiores e verticais que a forjam.

Essas dinâmicas, vetorizadas pelas ações da inovação, elaboram um mundo sistêmico em que a vida se estabelece com prazos de validade em que a técnica marca a idade dos objetos e do mundo construído, e os humanos, em consonância com as diretrizes elaboradas e impostas por esse sistema, elaboram estruturas mentais de valor, hierarquia e desenvolvimento que são abastecidas pelo ideário do progresso ilimitado mediado pela força de inclusão concatenada pelo poder do capital e pelos processos metabolizados a partir dessa lógica, o que cria área de forte interesse social e econômico e desprivilegiam outras, conduzindo assim a gestão dos espaços *pari passu* às tendências de inovação e inclusão em tempo real.

Associado a isso tem a formação de espaços de exclusão formados pela contraposição e como efeito colateral desse ideário desenvolvimentista, o que consolida uma dimensão de envelhecimento social das estruturas que uma vez estavam inseridas nas engrenagens dessa “grande máquina” que por motivos diversos não representam mais os interesses dos centros de controle, criando assim, no espaço material, zonas que se fragmentam<sup>102</sup> em relação ao tecido urbano, e que necessitam ser tratada com base em uma nova perspectiva paradigmática. Perspectivas que não tenham como cerne da questão as exigências de um modelo constituído em fundamentos de reprodução e desenvolvimento sistemático que tenha a técnica como visão única da transformação e produção do mundo e da vida.

É só com o entendimento do sentido primeiro da técnica e das suas formas de difusão e materialização no espaço que é possível desvendar os nexos de construção do espaço urbano e conseqüentemente as variáveis que justificam o envelhecimento das estruturas urbanas no espaço.

---

<sup>102</sup> O espaço aparece como mercadoria, apesar de suas especificidades, produzido e vendido enquanto solo urbano, cujo conteúdo escapa aos indivíduos, posto que submissos à troca e à especulação — uma troca que se autonomiza em relação ao uso num processo de produção assentado na propriedade privada da terra que gera a apropriação diferenciada do espaço por extratos diferenciados da sociedade. Com isto transforma-se, constantemente o lugar e produz-se o estranhamento do lugar com através da perda das referências (CARLOS, 2007b, p. 36).

#### **CAPÍTULO IV:**

#### **4. Bairro da Boa Vista: Acompanhando a evolução do bairro em relação à cidade em busca das justificativas espaciais ao processo de envelhecimento.**

*(...) Evitem dizer que algumas vezes cidades diferentes sucedem-se no mesmo solo e com o mesmo nome, nascem e morrem sem se conhecer, incomunicáveis entre si. Às vezes, os nomes dos habitantes permanecem iguais, e o sotaque das vozes, e até mesmo os traços dos rostos; mas os deuses que vivem com os nomes e nos solos foram embora sem avisar e em seus lugares acomodaram-se deuses estranhos. É inútil querer saber se estes são melhores do que os antigos, dado que não existe nenhuma relação entre eles, da mesma forma que os velhos cartões-postais não representam a Maurília do passado, mas, outra cidade que por acaso também se chamava Maurília. (CALVINO, 1990, p. 30-31)*

Um das primeiras áreas ocupadas na Cidade do Recife, o bairro da Boa Vista tem a sua toponímia vinculada à expressão holandesa “*Schoonzit*” que em tradução livre seria o equivalente em português a “boa vista”. A boa vista referida era a paisagem que o príncipe Nassau tinha do seu palácio, de mesmo nome, que se localizava a margem do Capibaribe na ilha de Antônio Vaz, onde hoje está localizado o bairro de Santo Antônio, e que o príncipe passava bons momentos de seu dia a observar. Como consequência dessa paisagem, o palácio recebeu o nome de “boa vista” e junto com ele a área que se avistava a partir do palácio também passou a ser denominada boa vista, o que se mantém até hoje dando nome ao bairro.

De acordo com Menezes (1988); Vainsencher (2007), o início da ocupação do atual bairro da Boa Vista se fez pela formação de um povoado às margens do Rio Capibaribe e o surgimento de três ruas / caminhos que hoje corresponderiam às ruas de São Gonçalo (matriz), da Glória e Rua Velha, ou seja, esse pequeno aglomerado teria se formado no período de ocupação holandesa em Pernambuco, entre os anos de 1630 a 1654.

Na planta genográfica (1749) (Imagens 06 e 07) retirada de Menezes (1988) é possível perceber graficamente como estava “materializado” o aglomerado da época. Essa aglomeração não possuía características urbanas sendo considerada uma zona rural vinculada ao núcleo urbano com “*as propriedades que chegavam até as margens do rio e dos mangues indicados, por sua vez, com clareza*”.

No mapa de Golijath, na parte defronte à ilha de Antônio Vaz, no lado continental, se encontra representada uma linha de trincheira que desde uma fortificação, margeia o rio e segue até um ponto, de onde partem caminhos que vão em direções diferentes. Acreditamos que a

margem do rio e a linha fortificada bem corresponde a atual Rua do Hospício, primeiras partes habitadas por, talvez, pescadores no trecho em tela do Recife. Assim, considerando, tal caminho, infletia próximo ao pé da ponte antiga da Boa Vista, isto é, daquela que do Palácio de Verão de Nassau, o ligava com o Continente. De maneira tal ponte seguia para a parte onde deveria haver algum casario; logo adiante teríamos o cemitério dos Judeus (MENEZES, 1988, p. 85).

Há essa época a “boa vista” não tinha uma ocupação intensa com a sua população concentrada, em sua maioria, em pequenos pescadores que encontrava próximo ao rio possibilidade de sobreviver.

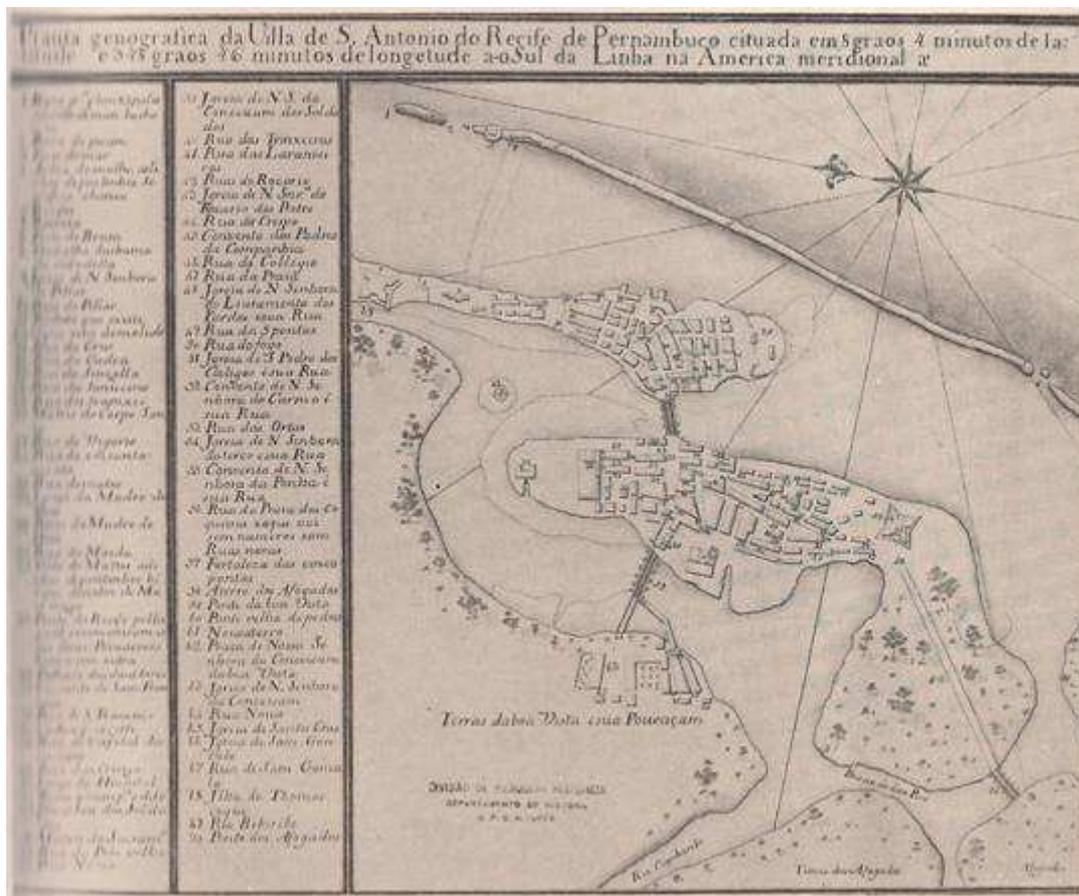


Imagem 06 – Planta Genográfica da Villa de Santo Antônio do Recife de Pernambuco, 1749. Fonte: (MENEZES, 1988).



**Imagem 07 – Recorte da porção edificada da cidade do Recife a partir da planta genográfica da Villa de Santo Antônio do Recife de Pernambuco de 1749, com a aglomeração da Boa Vista na zona central inferior da imagem.**

Fonte: (MENEZES, 1988).

Essa planta genográfica, segundo aponta Menezes (1988), é a primeira informação oficial que se tem registro sobre a aglomeração da Boa Vista, entre o intervalo de 1648 a 1745. No entanto, vale salientar que o objetivo da elaboração da planta era identificar as ruas do Recife, sendo por isso a aglomeração da Boa Vista identificada e contextualizado

103

No mapa considerado uma rua segue desde o pé da ponte até o pátio da igreja de Santa Cruz. A Rua que vai para São Gonçalo seria a primeira, porquanto a outra, a da Santa Cruz é considerada *Nova* – e quando outra rua surge, depois, a do Aterro, passa a tal nova se titular de Velha, e a Rua de São Gonçalo de Glória, a conta de um recolhimento de N. S<sup>a</sup> da Glória. Deste modo o núcleo inicial da povoação é aquele formado pela área triangular, definida pelo antigo caminho, já assinalado desde 1648, o de S. Gonçalo, depois da construção da igreja, tendo pequeno casario em torno, a rua que, sendo nova é dirigida para a Igreja de Santa Cruz, e a rua, que de Sul para o Norte, ligava as duas igrejas, desde o largo de uma ao da outra, e que depois, ao chegar a propriedade de Pires Ferreira, se chamaria Rua do Pires. Assim, acreditamos que foi o pequeno núcleo e casas, ao redor da igreja da irmandade de pardos, de S. Gonçalo, a origem da povoação que se gerou desde a antiga ponte para o Palácio da Boa Vista (MENEZES, 1988, p. 85).

A essa época a Rua do Aterro, atual Rua da Imperatriz Teresa Cristina, e o aterro da Boa Vista ainda não estavam ocupados, como se pode perceber ao analisar a Planta Genográfica de 1745. Desde essa época até 1827 a ocupação da Boa Vista se deu de maneira lenta e em momentos bastante diferentes. Como é possível enxergar no mapa

<sup>103</sup> Durante o período da ocupação em Pernambuco (1630-1654), os holandeses construíram também algumas pontes. Uma delas favoreceu o surgimento de uma povoação e das tradicionais ruas Velha, da Matriz e da Glória. Vale registrar que, nesta última, recentemente, foi descoberto o primeiro Cemitério Judeu das Américas, criado durante o período de ocupação batava, e o funcionamento da Sinagoga Kahal Zur Israel, também a primeira das Américas (VAINSENER, 2007).

---

desenhado por Pedro Cronenberger (Imagem 08) que integra o acervo da Diretoria do Serviço Geográfico do Exército e é intitulado de “Plano do Porto e Praça de Pernambuco e seu contorno Meridional e Ocidental”

Em primeiro lugar vem o aterro do Casimiro, o qual compreende o aproveitamento do mangue até a Rua Formosa, atual Conde da Boa Vista. Neste trecho aterrado se instalou a Fundação Aurora, dos ingleses, e no extremo da área aterrada situou-se a Igreja dos Ingleses, demolida nos anos quarenta do século atual. A segunda etapa compreende as obras realizadas pelo Barão de Beberibe desde o seu sobrado e indo até a atual Rua do Riachuelo. Uma terceira etapa compreende o trecho que daí surge até a Avenida Norte atual, e onde se encontram localizados a Assembléia e o Ginásio Pernambucano. Tal aterro, que toma todo o século XIX, vem se constituir na maior obra realizada no bairro da Boa Vista, definindo sua maior ampliação enquanto limitada a oeste pelos sítios de vários proprietários (MENEZES, 1988, p. 97).

A coleção dos mais diversos aterros na boa vista, em relação ao aparato técnico da época, coloca-a como um “centro” convergente do progresso e do desenvolvimento, ainda que não ocupada por grandes prédios ou casarões, a imagem dessa Boa Vista não está associada a nenhum momento a um tecido urbano fragmento ou em processo de obsolescência.

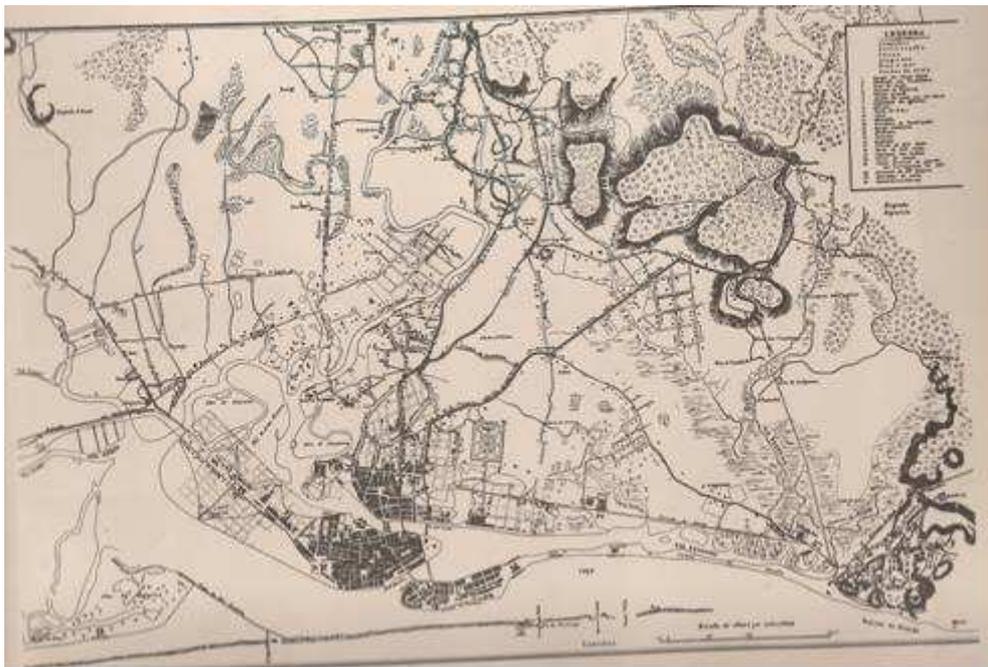


**Imagem 08 – Plano do Porto e Praça de Pernambuco e seu contorno Meridional e Ocidental, desenhado por Pedro Cronenberger, 1827.**

Fonte: (MENEZES, 1988).

A segunda representação gráfica oficial existente no Arquivo Público Estadual é referente ao ano de 1876 (Imagem 09) e já apresenta o bairro da Boa Vista totalmente articulado à dinâmica da cidade e em processo de expansão, principalmente em direção

ao aterro da Aurora se visto ao norte em relação à ponte da Boa Vista (imagem 10), e ao sul, também em relação à ponte, a Rua da Soledade<sup>104</sup>.



**Imagem 09 – Recife, 1876.**

Fonte: (MENEZES, 1988).



**Imagem 10 – Ponte da Boa Vista (data e desenho original desconhecido).**

Fonte: (MENEZES, 1988).

Ainda no contexto das transformações causadas pelos diversos aterros que constituíram a inauguração do Bairro da Boa Vista, tem que atrelado a isso a inauguração da ponte da Boa Vista, que como comentado anteriormente, através das palavras de Menezes, a vida urbana nessa área da cidade foi dotada de grande celeridade

<sup>104</sup> Em 1870, segundo um mapa do Recife [...] a área da Boa Vista continua sua expansão para a Rua da Soledade, e, em direção ao norte, ao longo do rio, no aterro da Aurora. O mapa define trechos em projeto, desde a parte do rio ao sul da ponte da Boa Vista até aquela ao Norte, com pequenas diferenças daquele parcelamento urbano programado desde 1839 (MENEZES, 1988, p. 105).

e com isso o processo de urbanização, como a criação de um pequeno sistema de ruas montavam a base estrutural dos sistemas de objeto do local. Embalados por esse processo, ao mesmo tempo de expansão e de “urbanização” do tecido da cidade, ainda no século XIX, outras áreas de mangue foram aterradas o que corresponde às instalações do Ginásio Pernambucano, da Assembléia Legislativa e da Fundação d’Aurora.

É nessa mesma direção que nasce o conceito do bairro da Boa Vista como um bairro que representa o desenvolvimento e o moderno, e assim, tem a sua imagem ligada ao que inversamente se observa atualmente. Assim, recolhe-se em Rezende (2005, p. 69) um depoimento do Tollenare em que este revela: *“as ruas e as calçadas são ali mais largas, têm algumas casas bonitas habitadas por gente rica, mas que não pertencem ao comércio, porquanto quase todos os negociantes moram no Recife”*.

É com esse espírito que os humanos foram transformando o bairro da Boa Vista e a tornando espaço habitado, quase que numa constante substituição do natural pelo artificial engendrada pela força da técnica. E assim, mundo construído vai tomando o signo da modernidade da época como pode ser visto nas imagens (11, 12 e 13).



**Imagem 11 – Rua do Hospício (1878 – 85).**

Fonte: (MENEZES, 1988).



**Imagem 12 – Matriz da Boa Vista na Rua da Imperatriz Teresa Cristina (1878 – 85).**  
Fonte: (MENEZES, 1988).



**Imagem 13 – Vista da Rua da Aurora, desde o Rio Capibaribe (1878 – 85).**  
Fonte: (MENEZES, 1988).

A força transformadora que colocou não só o bairro da Boa Vista, mas, todo o Recife na ponta dos modernismos tecnológicos é representado por Francisco do Rego Barros quando foi presidente da província de Pernambuco (1837-1844). Há sua época o ambiente da cidade vivia uma constante briga entre os pensamentos de vanguarda (modernistas) e as tendências de permanência (conservadores). Esse ambiente, e esse conjunto de materialidades incorporadas à cidade, é chamado por Rezende (2005) como

---

os “sinais de modernidade”, ou que poderíamos chamar de *sinais* de juventude que estão historicamente vinculados há um tempo/passado<sup>105</sup>.

Rezende (2005, p. 80) chama atenção para um fato interessante acerca do governo de Rego Barros:

Eis aí um registro interessante: um conservador em busca de mudanças na sua urbe, ainda tão provinciana, se comparada às grandes capitais européias da época. O modelo era Paris, cidade emblemática do mundo ocidental, onde Rego Barros estudou. Ele não trouxe apenas as idéias, mas trabalhadores e técnicos franceses.

Com essa força de inovação a cidade do Recife inaugura o século XX com o espírito modernista e modernizante<sup>106</sup>, o bairro da Boa Vista assume a partir de então dimensões de dinamismo e articulação na cidade, concentrando alguns dos edifícios públicos de maior envergadura no contexto da cidade, além de ter em seu território o maior parque da cidade, o parque 13 de maio, ainda conhecido no momento da representação como passeio público 13 de maio.

É de Douglas Fox o mapa (Imagem 14) que se apresentará agora e de acordo com Menezes (1988, p. 109) “*a Boa Vista se encontra em maior dimensão, resultante da abertura da Av. Conde da Boa Vista até a Soledade, com a Rua da Oficina, desde o Hospício, e o seu prosseguimento até o Derby*”.

Há essa época, o bairro da Boa Vista se configurou como uma das zonas mais residenciais da cidade, com propriedades de pessoas, as mais influentes há época.

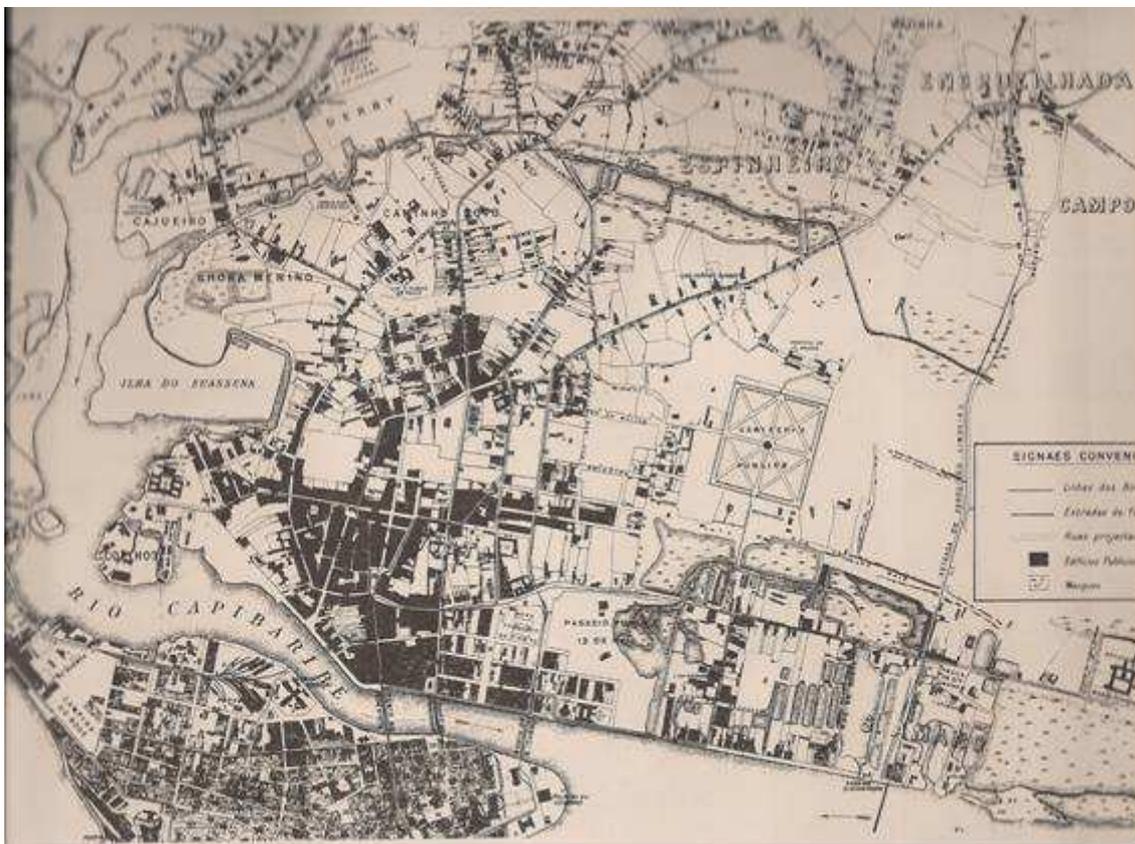
A abertura desta rua e a do Intendente, a Manuel Borba dos dias atuais, veio a conduzir o maior número de casas de moradias e conseqüente aparecimento de outras ruas em demanda ao caminho para os aflitos desde o Mondego. Lentamente vem ser ocupada a parte centra do trecho considerado. Na Rua da Aurora, fruto de aterros, as casas, palacetes, se debruçam sobre o rio, em tratamento nobre e de grande efeito paisagístico. O rio é valorizado e realça as construções à

---

<sup>105</sup> (...) Continuava a difícil travessia em que a grande questão era conciliar a intenção com o gesto, o discurso da modernidade com uma prática político-social, efetivamente democrática. O antigo e o moderno pareciam estabelecer intermináveis e paradoxais negociações, nas quais o moderno perdia espaços e travestia-se com as máscaras do antigo. Conservar era preciso, mantendo a ordem, com disfarces, às vezes sutis (REZENDE, 2005, p. 89).

<sup>106</sup> As origens espontâneas [do Recife...] sucumbem ao lema do progresso ansiado, dissipando as singularidades das gêneses primitivas. [...] O que a cidade ganhou de progresso e desenvolvimento material, perdeu em pitoresco e feitiço próprio. Não levamos em conta o contingente precioso de um passado tão rico em sugestões. E deixamos que tomasse vulto um Recife com ar de civilização de transatlântico, e onde de balde procuramos procurar hoje um pouco de nós mesmos (Gomes, 2006, p. 112-114).

sua margem, restando como tema de litogravuras e fotografias, além de constante motivo de cartões postais (MENEZES, 1988. p. 109).



**Imagem 14 – Recife, 1906-07.**

Fonte: (MENEZES, 1988).

Como um complemento da época em que o bairro da Boa Vista estava inserido nos contextos de modernização com todos os sinais de juventude saltando aos olhos dos cidadãos, apresenta-se um mapa de 1918, ainda da coleção de Menezes, que mostra o bairro relativamente consolidado em relação a sua importância à cidade e a sua condição de centralidade. Com o mesmo efeito descritivo dos mapas (Imagem 14) apresentados anteriormente, apresento as observações de Menezes (1988, p. 113):

Na planta do Recife de 1918 temos a expansão maior da Boa Vista até a data considerada, onde já se definiam alguns dos monumentos mais importantes com os seus entornos completos. Assim, em primeiro lugar o prédio dos Cursos Jurídicos, a Academia de Direito, concluída desde 1912 e com plano de ajardinamento em execução. Depois a valorização da Matriz da Boa Vista com a abertura maior da Rua do Hospício, em sua frente, definida já no mapa de Douglas Fox. O Hospital Pedro II, as igrejas Matriz da Boa Vista, S. Gonçalo, Rosário e Conceição. A Assembléia, em magnífico prédio, projetado e

construído pelo pernambucano, engenheiro José Tibúrcio Perreira Magalhães. O Ginásio Pernambucano, projeto e construção do também pernambucano, engenheiro José Mamede Alves Ferreira. Resta ainda parte do aterro da Aurora a ser ocupado, o que se dará após 1918, inclusive com o grande parque Treze de Maio.

É assim, então, que se configura o bairro da Boa Vista sob os auspícios do poder há época e apadrinhado pela técnica, quer seja a técnica de construção dos novos espaços quer seja a técnica que representa a instalação das principais funções urbanas. O bairro da Boa Vista assume então noções de um espaço da racionalidade, igual aqueles mencionados por Milton Santos, exemplo assim de um tecido urbano dentre aqueles que estão no centro de comando. A vista do bairro no início do século XX é emblematicamente representada numa vista parcial do bairro, como pode ser visto nas imagens 15 e 16.



**Imagem 15 – Vista parcial do bairro da Boa Vista, início do século XX.**

Fonte: (MENEZES, 1988).



**Imagem 16 – Vista parcial II do bairro da Boa Vista, início do século XX.**

Fonte: (MENEZES, 1988).

Durante as décadas seguintes o bairro da Boa Vista respira esse ambiente concentrador de grandes movimentos artísticos, culturais, ele reflete o perfil de uma cidade conectada aos novos simbolismos vindo da Europa, principalmente. Como aponta Rezende (2005, p. 127),

Nas décadas de 50 e 60, a presença dos estudantes fazia parte do cotidiano da cidade, com seus trotes e manifestações políticas, pois o “campus universitário” localizava-se no bairro da Boa Vista (por exemplo, a Escola de Engenharia situava-se na Rua do Hospício, próxima a Faculdade de Direito, ainda hoje em frente ao Treze de Maio; a Faculdade de Filosofia ficava na Soledade, em frente à antiga fábrica de guaraná Fratelli Vita, muito consumido na época). Com a instalação da cidade universitária, na Várzea, houve uma efetiva mudança no poder de impacto da ação dos estudantes.

Como marco de entrada aos anos do século XX os principais os bairros do Recife, em função das influências advindas do capital internacional com a necessidade de inserção das metrópoles numa teia de modernidade, houve uma “*maior articulação com os bairros periféricos, através de novos meios de transportes como as maxanbombas e os bondes elétricos*” (CAMPOS, 1995, p. 5). No entanto, depois de então os processos urbanos foram, nas grandes cidades, entrando em rota de desaceleração, principalmente nas grandes cidades brasileiras com origem colonial. E,

com isso tem-se através da década de 1970 e chegando aos anos 80 com algum rebatimento nos dias atuais, a vociferação de problemas sociais vinculados a profundas crises econômicas mundiais e políticas em nível nacional. Com isso, os anos de 1970 começam com boa parte do tecido urbano em processo de fragmentação e o início do processo de obsolescência, o que no âmbito da política nacional fez surgir programas que voltado à revitalização e à reabilitação urbana<sup>107</sup>.

Com a expansão e crescimento de centros periféricos da Região Metropolitana do Recife a partir dos anos 70, o Centro da Cidade começou a apresentar sinais de decadência, sobretudo pela degradação de ruas e praças. Surgiram, então, as primeiras iniciativas de preservação destas áreas. Ao nível do planejamento municipal, novas recomendações eram perseguidas através de programas e projetos de revitalização, quase sempre direcionados a setores da cidade com atividades polarizadoras, como comércio, lazer e cultura (CAMPOS, 1995, p. 15).

Ainda durante a década de 1970 uma série de programas de intervenção que tiveram como propósito principal estabelecer alterações em um conjunto de ruas ligadas ao centro expandido da cidade, com ênfase em projetos de circulação e tráfego. Já no final dos anos 1970 foi executado, pela prefeitura, um projeto de “pedestrianização” na Rua da Imperatriz, e em 1978 foi publicado o plano de preservação dos sítios históricos, o que afetou especificamente o bairro da Boa Vista, em função da grande quantidade de espaços vinculados à proteção atrelados ao seu tecido e nessa decisão não seria possível fazer nenhuma alteração nas áreas protegidas<sup>108</sup>.

Durante os anos 1980, a grande fonte de intervenções na Boa Vista foi a Rua da Imperatriz Tereza Cristina, muito em função da quantidade de representantes que possuía oriundos da sua associação de comerciantes que estavam cadastrados nos órgãos públicos.

---

<sup>107</sup> O urbanismo no Brasil não foge à regra. O desenvolvimento do capitalismo industrial brasileiro, iniciado no período de substituição de importações e aguçado nas décadas de 1960 e 1970, criou os chamados "problemas urbanos" e com eles, a necessidade de buscar soluções nas propostas elaboradas nos países desenvolvidos. Assim, as diversas tendências e correntes surgidas no centro do sistema capitalista vão sendo incorporadas "tardamente" pela periferia (MONTE-MOR, 2007, p. 72).

<sup>108</sup> (...) as edificações deverão permanecer inalteradas na sua volumetria e nas suas características de fachadas. Não devem ser permitidas demolições nem construções novas, ou reformas que alterem as características externas das edificações. Quanto às formas internas, serão tanto permitidas como estimuladas desde que venham acompanhadas do projeto de restauração, aprovado pelo órgão competente (CAMPOS, 1995, p. 16).

Os anos 1990 chegam com a mesma pauta de preocupações assumidas nos anos 1980<sup>109</sup>, tendo como um dos principais instrumentos de reflexão a preservação de áreas históricas e uma preocupação com a dimensão ambiental, porquanto surge à necessidade de um pensamento ambientalmente estruturado inaugurador de uma postura de ação multidisciplinar. Um exemplo desse fenômeno são as diretrizes que o planejamento urbano no Brasil assume, ou seja, as equipes deixam de serem técnicas e começam a ser compostas a partir de quadros inter e multidisciplinares<sup>110</sup>, surgem então às reflexões acerca dos planos diretores, agendas 21, etc.<sup>111</sup>, revelando assim a necessidade de se pensar a cidade e as áreas associadas aos seus antigos centros com uma atenção especial, uma vez que as demandas por um ambiente de intervenções multidisciplinar só foram evocadas a partir de uma complexificação dos problemas.

Entretanto, mesmo com as reivindicações técnicas e sociais para uma tentativa de resgate do dinamismo do tecido urbano, as intervenções são pontuais e descontextualizadas, fazendo com que essas ações não signifiquem uma reintegração das áreas centrais com um “acontecer global”, assim, os centros das metrópoles mantêm a tendência de envelhecimento do seu tecido urbano.

De acordo com Campos (1995, p. 18),

(...) o que tem caracterizado as intervenções realizadas no centro do Recife nestas 3 últimas décadas, mais especificamente no bairro da Boa Vista, é o que tratamento as formas arquitetônicas e do padrão de ocupação de forma superficial. O não incentivo à ação dos proprietários em investir nos seus imóveis, repercute diretamente nos espaços públicos com intervenções pontuais em ruas, estimulando o movimento e o uso em áreas já consagradas, contudo sem uma maior preocupação com a conservação de áreas próximas, mais segregadas.

---

<sup>109</sup> O rápido processo de urbanização trazia consigo problemas urbanos "menores, quotidianos". As cidades brasileiras começavam a demandar ações governamentais, visando soluções técnicas e políticas para os problemas sociais e econômicos que se avolumavam. A necessidade de atuação do governo ao nível das cidades, não apenas nos casos "de luxo", mas principalmente quando a livre-iniciativa não conseguia resolver os problemas, já era princípio amplamente aceito a partir da noção keynesiana de distinção entre serviços de caráter social e de caráter individual. Usando estes conceitos, o urbanismo extrapola os limites urbanos, atingindo a região ou a "planificação espacial". Ou, visto de outro ângulo, o paradigma do planejamento difundido ao nível nacional e regional, ganhava também a cidade. A "visão compreensiva" da cidade se desenvolve logo também no Brasil (MONTE-MOR, 2007, p. 79).

<sup>110</sup> (...) as cidades deixavam de ser encaradas apenas como problemas de técnica de engenharia e de embelezamento arquitetônico. Sociólogos, economistas, cientistas políticos, enfim, os cientistas sociais, descobriam a cidade como foro de estudo da sociedade capitalista industrial que se consolidava no país (MONTE-MOR, 2007, p. 82).

<sup>111</sup> A fundamentação do planejamento integrado intersectorial que caracterizou os anos 1960 e se impõe ainda hoje, só se efetivou nos trabalhos realizados em 1960 em São José dos Campos e na Região do Recife, quando à equipe de arquitetos e engenheiros foram incorporados sociólogos e economistas para a análise de áreas de sua especialidade (MONTE-MOR, 2007, p. 79).

Com essa forma de ação e com uma desarticulação do conjunto de políticas públicas eficientes os bairros centrais, e conseqüentemente o bairro da Boa Vista se entrega às intempéries do tempo e o que se observa atualmente é um recorte espacial em grande estágio de obsolescência.

Entretanto, como todos os aspectos da vida, com o espaço não seria diferente, o bairro da Boa Vista enreda um conjunto amplo de elementos, e todos eles revelam uma condição de complexidade, fragmentação e contradição. O que significa dizer que, ainda que, o tecido urbano em sua condição geral represente uma unidade espacial em processo de obsolescência, algumas intervenções privadas e outras públicas efetuadas em momentos, lugares e condições pontuais se refletem em “espasmos de vida moderna” para esse bairro em processo de envelhecimento.

O bairro concentra uma série de funções vitais à metrópole do Recife, e por isso a vida dos que habitam o bairro é constantemente subjugada em detrimento aos que habitam o bairro, além de que o bairro concentra serviços de dimensões metropolitanas que não necessariamente se prestam para a manutenção da dinâmica da vida dos que nele habitam. Um exemplo claro dessa característica é a principal avenida do bairro, a Conde da Boa Vista, ela é um dos principais corredores de acesso da cidade, classificada pela Prefeitura da Cidade do Recife como um corredor leste-oeste, por ela passam mais da metade das principais linhas de ônibus da cidade.

A recente intervenção na avenida dotou-a de condições de acessibilidade<sup>112</sup> aos pedestres, atendendo as diretrizes da ABNT, o que facilita a circulação e o acesso a lojas e alguns serviços que se instalam à avenida. No projeto da requalificação da avenida um dos objetivos expressos pela Prefeitura era dotar a via de condições de conforto, além de estimular o ordenamento do trânsito e facilitar o acesso ao comércio atrelado ao eixo<sup>113</sup>.

Essa intervenção recente é um dos poucos “sinais” de uma possível juventude vinda do bairro da Boa Vista, entretanto, é necessário perceber dois pontos específicos:

---

<sup>112</sup> Na segunda quinzena de julho, haverá a substituição da calçada da Avenida Conde da Boa Vista, que seguirá a Norma Brasileira de Acessibilidade (NBR-9050). O novo piso será de concreto intertravado (de encaixe) que permitirá mobilidade plena dos pedestres, especialmente às pessoas com necessidades especiais. As calçadas ainda ganharão uma estética moderna e colorida, seguindo a tendência atual de urbanização (PREFEITURA DO RECIFE, 2009).

<sup>113</sup> A requalificação urbana da Avenida Conde da Boa Vista e a criação da faixa exclusiva de ônibus ligando a zona Oeste ao Centro do Recife vai facilitar o acesso ao centro comercial da cidade, gerando mudanças na economia do bairro, ordenando o tráfego de veículos, proporcionando mais fluidez e diminuição no tempo de viagens dos ônibus. Com isso, os usuários do transporte coletivo ganharão mais conforto e rapidez (Ibid.).

---

Primeiro, a reforma da Avenida não representa um investimento no bairro, senão, um investimento na estrutura da circulação da cidade, pois, como mencionado anteriormente a avenida funciona como um dos principais eixos de circulação da cidade. Sendo assim, o investimento é muito mais significativo para a dinâmica da cidade. E, ao caminhar nos arredores da avenida é fácil perceber que as demais vias não receberam qualquer espécie de investimento público. E, essas vias secundárias são as mais acessadas por aqueles que vivem no bairro, o que mais uma vez exhibe os “sinais” de velhice nas estruturas urbanas.

O segundo aspecto a ser percebido é que a acessibilidade de uma via não significa melhoria na acessibilidade ao bairro, assim, o que tem que ser analisado é que mais uma vez a estrutura da cidade produz um espaço que servirá muito mais numa dimensão metropolitana do que numa dimensão local. A acessibilidade aos centros de compra não é e nunca será acessibilidade à cidadania. Então, nessa lógica fragmentada em que as cidades são compostas, o bairro da Boa Vista apresenta com a Avenida Conde da Vista uma materialização do discurso do “acontecer” solidário hierárquico apresentado por Milton Santos.

É preciso também perceber que mesmo com a requalificação urbana proposta para a Avenida Conde da Boa Vista e as suas calçadas, ainda que representem uma renovação de algumas estruturas urbanas, o que a avenida abriga revela um espaço/tempo obsoleto. Com um simples passeio pela avenida, ao se olhar os edifícios que a compõem, percebe-se claramente que há um nítido envelhecimento do material que o compõe, e que em relação ao conjunto e estado atual da técnica, os objetos revelam um intenso processo de envelhecimento, e o conteúdo da estrutura urbana está claramente subutilizado, exibindo assim característica de um espaço deteriorado tanto pelo uso, quanto pela forma.

Em um passeio pelas ruas do bairro da Boa Vista, não é raro se deparar com grandes estruturas envelhecidas, edifícios abandonados, calçadas sem capeamento, ambulantes instalados nas calçadas, como pode se perceber ao analisar o conjunto de imagem que segue. A imagem 17 representa a articulação das três fotos que a acompanham, as imagens 18, 19 e 20.



**Imagem 17 – Articulação das imagens 18, 19 e 20.**  
Fonte: Adaptado do Quickbird,2003.



**Imagem 18 – Prédio na Rua Princesa Izabel em grande estágio de envelhecimento material.**  
Fonte: O autor



**Imagem 19 – Subutilização de prédios em estágio avançado de envelhecimento.**  
Fonte: O autor



**Imagem 20 – Condição reduzida de acesso em detrimento da instalação de barraqueiro na calçada.**  
Fonte: O autor

As três imagens exibidas anteriormente representam um eixo relativamente “desenvolvido” do bairro da Boa Vista, e mesmo assim apresenta um grau de obsolescência bastante elevado, o que permite estabelecer várias leituras sobre a dinâmica da cidade e do próprio bairro, revelando que entender a condição dos espaços envelhecidos não é só um trabalho para ser desenvolvido pelos planejadores urbanos ou as autoridades administrativas, mas, precisa ser pensado como tema daqueles que estudam a dinâmica ambiental, pois, as pessoas têm a sua vida atrelada aos espaços urbanos.

Então, em um segundo passeio pelos arredores do bairro, em uma área mais afastada do fluxo intenso de pessoas é possível exibir outra coleção de imagens que justificam o estudo do envelhecimento do tecido urbano construído, uma vez que esse diagnóstico pode ser base para a formulação de políticas públicas.

Desta forma, mais uma vez apresenta-se uma imagem articulando e localizando as imagens sobre o bairro, desta vez somando um total de 7 imagens (21 – 27). As fotos obedeceram ao sentido Rua Velha – Rua Barão de São Borja.



**Imagem 21 – Articulação das imagens 22, 23, 24, 25, 26 e 27.**

Fonte: Adaptado do Quickbird, 2003

**Imagem 22 – Casario em intenso processo de obsolescência na Rua Velha.**  
Fonte: o autor.



**Imagem 23 – Casario histórico da Rua Velha, exemplo material do processo de envelhecimento das estruturas urbanas.**

Fonte: o autor.



**Imagem 24 – Final da Rua Velha e o estado de conservação dos casarios históricos da Boa Vista.**

Fonte: o autor.

A Rua Velha é no contexto do bairro, talvez, o maior exemplo da dimensão do tempo trabalhando no processo de envelhecimento do tecido urbano. Essa rua representa, historicamente, o início do processo de ocupação do que iria se tornar o bairro da Boa Vista, como retratado anteriormente, e como resultado da implementação de novas tecnologias era o signo da modernidade, abrigando em seu conjunto uma miríade de famílias de alto poder aquisitivo, ou seja, exibia sinais constantes da modernidade, de juventude. Com as diversas sucessões da base técnica, esse recorte territorial foi se fragmentando em relação ao contexto de crescimento da cidade, fazendo com que esta área que era ocupada por uma população de classe média a alta, passasse a ser ocupada por uma parcela significativa da população de baixa renda. Não obstante, essa população “carente” foi se fixando ao longo dos anos, o que associado

com a baixa capacidade de mobilidade, foi decisivo para sua permanência ao longo do tempo, sendo então esse espaço, habitado por uma população que foi envelhecendo junto com ele. Desta forma, em especial nesse ponto da cidade, envelhecer junto com o espaço revelou proximidades com a estrutura e condição de reprodução da vida, o que significa dizer que tanto a população quanto o espaço a ela associados exibem fragilidades decorrentes do processo de envelhecimento típico dos países periféricos, evocando assim a necessidade de assistência por parte do poder público.

Continuando o percurso atrás dos sinais de envelhecimento no bairro da Boa Vista continua-se a trajetória apontada anteriormente na imagem 21.



**Imagem 25 – Prédio eclético com influências neo-manuelinas, localizado no Pátio de Santa Cruz.**  
Fonte: o autor.



**Imagem 26 – Casario histórico em intenso processo de envelhecimento na Rua Barão de São Borja.**  
Fonte: o autor.



**Imagem 27 – Recorte territorial sob proteção do patrimônio histórico na Rua Barão de São Borja.**

Fonte: o autor.

O prédio apresentado na figura 25 é um dos principais denunciadores da falta de investimento público nas estruturas urbanas, principalmente aquelas de valor histórico, o que denota não apenas um processo de envelhecimento material do espaço, mas, um envelhecimento social das ações que refletem a memória social. Alguns pernambucanos demonstraram a sua perplexidade frente ao estado de abandono que este prédio se encontra, quer seja em periódicos diários, que seja em páginas da internet, a impressão clara que se tem é que além de estar condenado a uma condição de esquecimento, o prédio leva consigo parte da história de um povo, o que reforça a necessidade de não só rejuvenescer as estruturas urbanas, bem como rejuvenescer o conteúdo imaterial que está em vias de não mais envelhecer, mas, de deixar de existir<sup>114</sup>.

<sup>114</sup> Entre os muitos casarões-fantasma do Recife, o primeiro que me vem à mente é o do Pátio de Santa Cruz, esquina da Gervásio Pires com a Barão de São Borja. Nos meus tempos de rapaz, ali funcionou um educandário oficial, o Grupo Escolar Manoel Borba. Defronte ao Posto de Saúde Gouveia de Barros. Diferentemente do Posto, que ainda lá se encontra, o grupo escolar foi transferido para outras áreas, ficando aquele edifício desocupado durante anos. Desde a gestão de José do Rego Maciel, como prefeito do Recife, ali funcionava a Associação dos Ex-Combatentes do Estado de Pernambuco. O velho prédio está, hoje, no mais completo e deplorável abandono. Ao visitá-lo, há 4 anos, assim me expressei, em artigos escritos para este **JC**: “O prédio, em ruínas, afugenta os que ali pensam entrar. Faz medo até aos que passam pela rua, não vá ele desabar naquele exato momento. Nas suas paredes descascadas, pintura desbotada, em palavras já ilegíveis, os nomes dos pernambucanos mortos em campanha. Ao lado, o roteiro da FEB na campanha da Itália, com suas mais expressivas vitórias, e a lista completa dos 36 navios brasileiros torpedeados, com data e hora de Berlim, e o nome dos comandantes dos submarinos torpedeadores. Noutros painéis, os feitos da Marinha e da Força Aérea Brasileira, registro de uma gloriosa campanha que tanto nos dignifica. Subo, temeroso, a escadaria em ruínas. Vou ao primeiro andar, onde funciona, quase ao ar livre – tal o estado do telhado e de suas janelas, quebradas, sem vidraças, permanentemente abertas, sem nada proteger do vento e da chuva – a Associação Brasileira dos Integrantes do Batalhão Suez em Pernambuco, parte da Força Internacional da Paz da ONU, outro importante episódio da nossa história, que merece, também, ser lembrado e exaltado para as gerações atuais e futuras. Vejo, com tristeza, o esquecimento e a omissão de nossas autoridades na preservação

---

A Rua Barão de São Borja representa um recorte espacial complexo no contexto do bairro da Boa Vista, ela abriga uma sorte de uso e ocupação do solo, além de uma diversidade de padrão socioeconômico, analisando os sinais apresentados no sentido Pátio de Santa Cruz – Rua Barão de São Borja, demonstram duas (2) tipologias bastante claras para essa rua, a primeira é repleta de casas históricas, porém, apresentando características de forte processo de envelhecimento, além disso, o gabarito das unidades são baixo, com no máximo 3 a 4 pavimentos, a maioria de uso residencial e poucas unidades comerciais ou destinados a serviços. Enquanto na outra área, os sinais são de um envelhecimento não declarado, alguns prédios apresentam gabarito alto, com uma grande quantidade de famílias morando em condições que se assemelham a uma classe média. A paisagem em entorno apresenta uma quantidade razoável de verde, sendo assim, os sinais de envelhecimento, como se convencionava interpretar em metrópoles periféricas, não são tão acentuados.

Dessa maneira se afina o discurso com Carlos (2007, p. 37) quando ela coloca que “*a vida urbana impõe conflitos e confrontos e o processo de fragmentação aparece como justaposição de atividades parcelares cujo conjunto escapa ao indivíduo*”. E, ela segue o discurso comentando sobre o processo de fragmentação e ao mesmo tempo, porém de maneira contraditória, o processo de homogeneização nas cidades, o que fez suscitar a matriz dinâmica e ao mesmo tempo heterogênea da cidade quando lugar dos acontecimentos.

Assim a produção do espaço deve ser entendida sob uma dupla perspectiva, ao mesmo tempo em que se processa um movimento que constitui o processo de mundialização da sociedade urbana produzindo, como decorrência, um processo de homogeneização do espaço, produz-se e acentua-se o processo de fragmentação tanto do espaço quanto do indivíduo. Este processo se manifesta no plano do vivido, no lugar onde se desenrola a vida humana (CARLOS, 2007, p. 37).

---

desse passado, numa evidente demonstração de que a memória do brasileiro é curta. Noutros países, o prédio, devidamente restaurado, seria motivo de visitação pública por parte daqueles, estudantes e professores, a quem cabe conhecer e preservar nossa memória.” Passados quase quatro anos, vejo que de nada adiantaram aqueles artigos, bem como os escritos, com o mesmo objetivo, por várias outras pessoas. O prédio, visivelmente mais deteriorado, ameaçando ruir a qualquer momento, não mereceu nenhuma atenção das autoridades municipais. Parece-me, até, que elas só fizeram atrapalhar algumas tentativas de particulares no sentido de restaurá-lo. Lembro-me das palavras com que terminei aquele artigo e que continuam bem atuais: “Pobre do povo que não cultua os seus heróis e não cuida dos seus monumentos. Pobre do povo que esquece o seu passado. Um povo sem memória é um povo fadado a outro tipo de escravidão, a escravidão da cultura. Um povo sem passado, alguém já disse, é um povo sem futuro.” (PARAISO, 2006).

---

Entretanto, essa base fragmentadora e homogeneizante ao mesmo tempo em que explica não justifica a condição de abandono em que os espaços em processo de envelhecimento técnico e social vêm passando.

Está claro então que a cidade é construída por aquilo que alguns pensadores chamam de “valor de troca e valor de uso”, ou seja, a subjugação do valor de uso e a consagração do valor de troca. Assim, Carlos (2007, p. 37) entende essa luta entre o valor de troca e o valor de uso como uma das justificativas para entender “*a natureza do processo de fragmentação do espaço*”, e, desta maneira, é o que se aplica ao recorte territorial do bairro da Boa Vista, ou seja, a composição de um espaço/tempo reproduzido a partir de lógicas “perversas” que têm como pano de fundo as reverberações de um processo global de construção dos territórios sob o domínio do modelo de inclusão/exclusão que dá o sentido à criação de espaços marginalizados típicos de um tecido urbano fragmentado, o que configura um espaço envelhecido e obsoleto.

## **CAPÍTULO V:**

### **5. A flânerie como uma forma de ilustração dos diálogos sobre o envelhecimento do/no bairro central da cidade do Recife – “passeando” na Boa Vista.**

*As ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado, que, entre os muros dos prédios, vive, experimenta, reconhece e inventa tanto quanto os indivíduos ao abrigo de suas paredes (BENJAMIN, 1986, p. 194).*

#### ***Entendendo as formas do bairro***

O bairro da Boa vista com seus 1,7 quilômetros de área, abriga uma população de 14.033 habitantes. Com base nos últimos dados do IBGE (2008), 17,63% dos que moram no bairro estão classificados do grupo de população idosa. Essa concentração figura entre as maiores na cidade do Recife (como pôde ser visto no capítulo 2), criando perspectivas de análise bastante promissoras.

Essa condição de bairro concentrador de pessoas envelhecidas suscita algumas questões sobre a gestão dos espaços. Uma primeira idéia para o bairro da Boa Vista e as análises subseqüentes acerca do envelhecimento é a necessidade de construir um perfil do envelhecimento para que estratégias de ação sejam pensadas.

Tendo como referência a dimensão concreta e material apresentada nos capítulos 2 e 4, reforçada pela discussão teórica dos capítulos 1 e 3, é possível construir um parâmetro de análise capaz de revelar o bairro da Boa Vista em suas especificidades temporais. Assim, o quadro do envelhecimento do espaço e das pessoas aplicados ao bairro revela a necessidade de cuidado e atenção especial para com o grupo dos idosos, além de revelar a necessidade de revisão de políticas públicas do ponto de vista da necessidade de se estabelecer parâmetros para a reprodução da vida, que garantam o desenvolvimento de uma vida autônoma e livre.

Uma das dimensões que compõe a análise é o caráter de centralidade e relevância do processo de construção do trabalho, centralidade quer seja no tema, quer seja na localização espacial do bairro da Boa Vista. O bairro está diretamente vinculado ao centro, suas formas e o tecido que ocupa configuram-se como área “core” da cidade (Ver imagem 28). Esta condição apresenta-o como um fragmento indispensável no processo de construção e identificação da dinâmica, bem como da história da evolução, da cidade do Recife. O estudo acerca desse bairro e da condição de sua população é,

senão, um estudo acerca da própria cidade do Recife, pois, revelam-se heranças e pressupõem-se diagnoses para um futuro próximo.

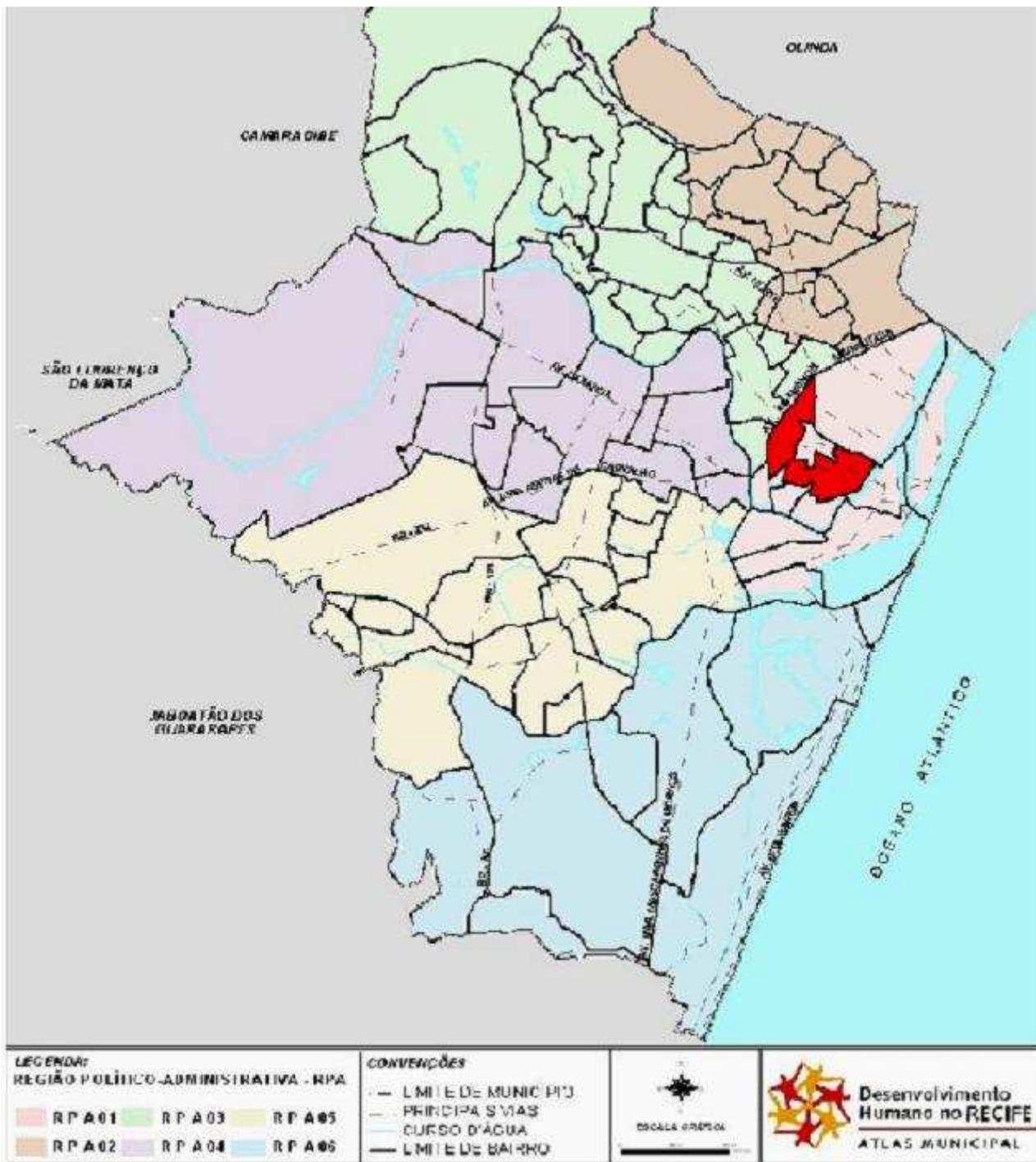


Imagem 28 – Localização do bairro da Boa Vista frente à cidade do Recife.

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano do Recife.

---

Nesse processo de definição das formas urbanas do bairro, será utilizado o sistema de mapeamento que compõe o banco de dados da Prefeitura da Cidade do Recife. O estudo da prefeitura apresenta o bairro da Boa Vista sitiado em 3 eixos: eixo 04, 05 e pedaços do eixo 06.

Apresentar-se-á três imagens (29, 30 e 31) que compõe a base do processo de análise do uso e ocupação do solo no recorte espacial escolhido. Em relação à ocupação (Ver imagem 29), os prédios do bairro da Boa Vista se encontram majoritariamente ocupados, representando então que as condições de abandono, obsolescência e conseqüente envelhecimento não representam uma simples falta de manutenção das estruturas em função do abandono, senão, revela que o processo de envelhecimento corresponde às condições relacionadas ao conteúdo sociometabólico de reprodução da lógica do capital que faz com que espaços sejam relegados a uma ordem inferior de preocupações administrativas, políticas e sociais, já que estão localizados em áreas cristalizadas no mosaico de interesse e reprodução da cidade.

Diante disso, percebe-se que a fragmentação do tecido urbano forçando que áreas, ainda que centrais, não participem dos processos reprodução do capital não se justifica apenas pelo desinteresse social. Mas, porque os sistemas obedecem a uma lógica “perversa” de produção do espaço que está diretamente vinculada à produção de elemento novo e à capacidade que essas áreas têm em participar ao espetáculo de formação de uma lógica/cultura da sociedade do consumo. Sendo assim, espaços desprivilegiados de tal “animação” são metaforicamente desconectados da produção da cidade, fazendo com que as desigualdades reflitam a dinâmica do processo de reprodução, permitindo que áreas ricas e pobres coexistam, revelando traços de um processo excludente e perverso, possibilitando assim que o envelhecimento seja entendido como problema social e não como uma fase inexorável a todos os seres e a todos os objetos.

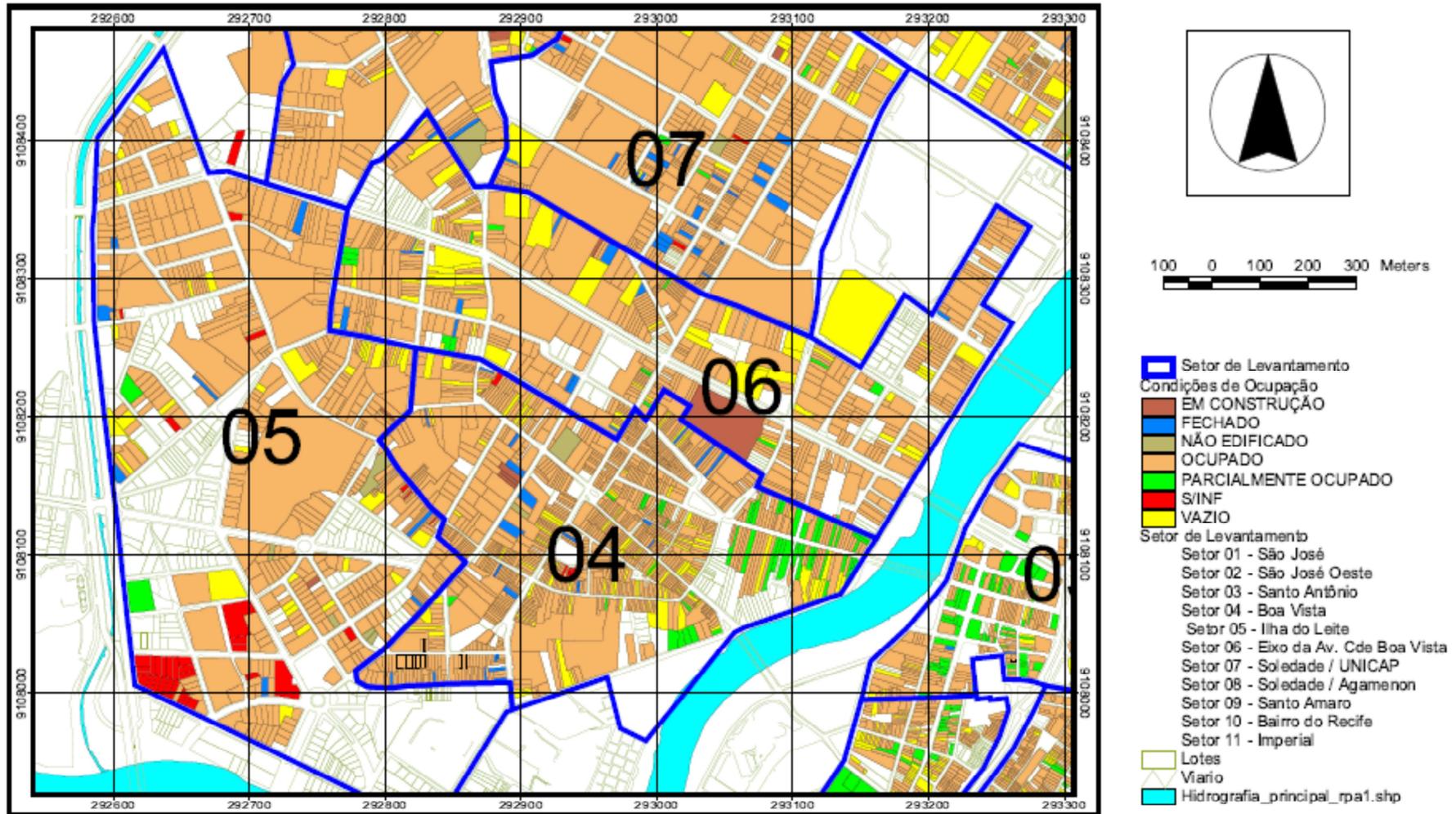


Imagem 29 – Mapa da condição de ocupação do imobiliário no bairro da Boa Vista.

Fonte: Prefeitura da Cidade do Recife, Geossistema engenharia e planejamento.

---

Estabelecendo um paralelo entre as imagens 29 e 30 é possível perceber que a maioria dos prédios ocupados compartilha funções entre aqueles que se prestam a usos residências e o que são de uso não residenciais. Entretanto, e principalmente margeando a Avenida Conde da Boa Vista, a maioria dos prédios e equipamentos é de uso misto, com os andares térreos ocupados por atividades comerciais, e os andares superiores ocupados por residências e/ou escritórios (atividades de serviço).

Um desafio para a gestão das atividades, principalmente no tocante à análise das escalas, é a existência de serviços e funções metropolitanas que estão diretamente vinculadas ao bairro da Boa Vista. Esse comprometimento multiescalar faz com que o bairro tenha uma sobrecarga administrativa, ou seja, a grande concentração de atividades metropolitanas ofusca as relações de bairros, deixando a população desprovida da assistência que necessita, pois, a todo instante é patente o confronto entre os usos metropolitanos e os usos locais. Isso compõe um dilema paradoxal na análise, pois, se o bairro exerce um conjunto de serviços e funções urbanas classificadas na dimensão metropolitana, como pode esse mesmo bairro exibir um processo de obsolescência tão marcado?

Outrossim, não é possível esquecer que uma parcela considerável da população que habita o bairro da Boa Vista já entrou em um processo de envelhecimento mais acentuado que o processo de envelhecimento da própria cidade. Aliado a isso, a população vem decrescendo de uma maneira extraordinária. Significa dizer que muito mais do que equipamentos voltados para a dinâmica metropolitana, a gestão desse recorte espacial urbano precisa ser montada com base na produção de espaços que garantam a qualidade de vida. As condições de acessibilidade precisam ser cada vez mais entendidas como indispensáveis a fim de construir uma cidade que respeite os direitos de circulação da população, bem como a construção de um ambiente equilibrado e que dê possibilidades a se elevar os níveis de qualidade de vida.

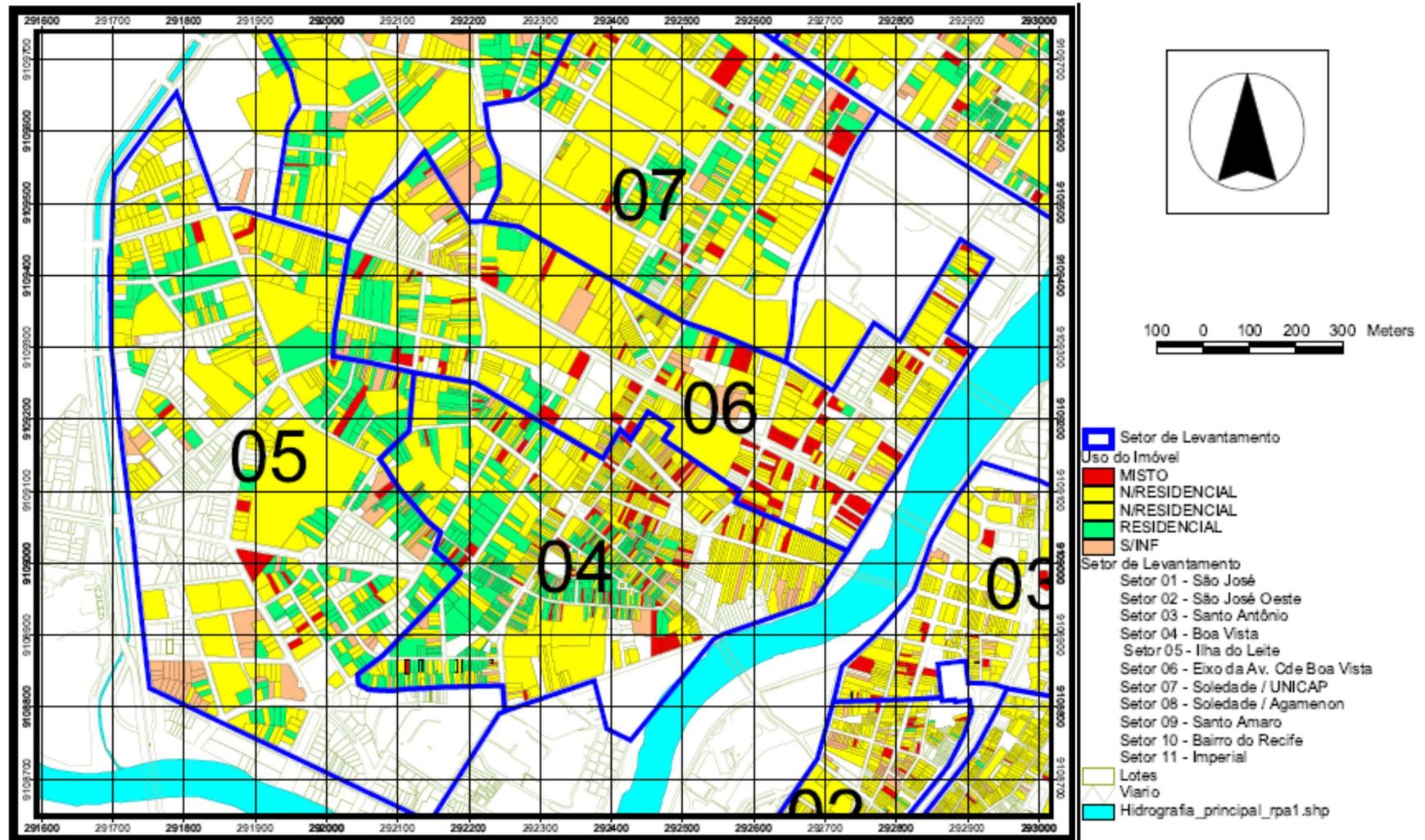


Imagem 30 – Mapa do uso no bairro da Boa Vista.

Fonte: Prefeitura da Cidade do Recife, Geossistema engenharia e planejamento.

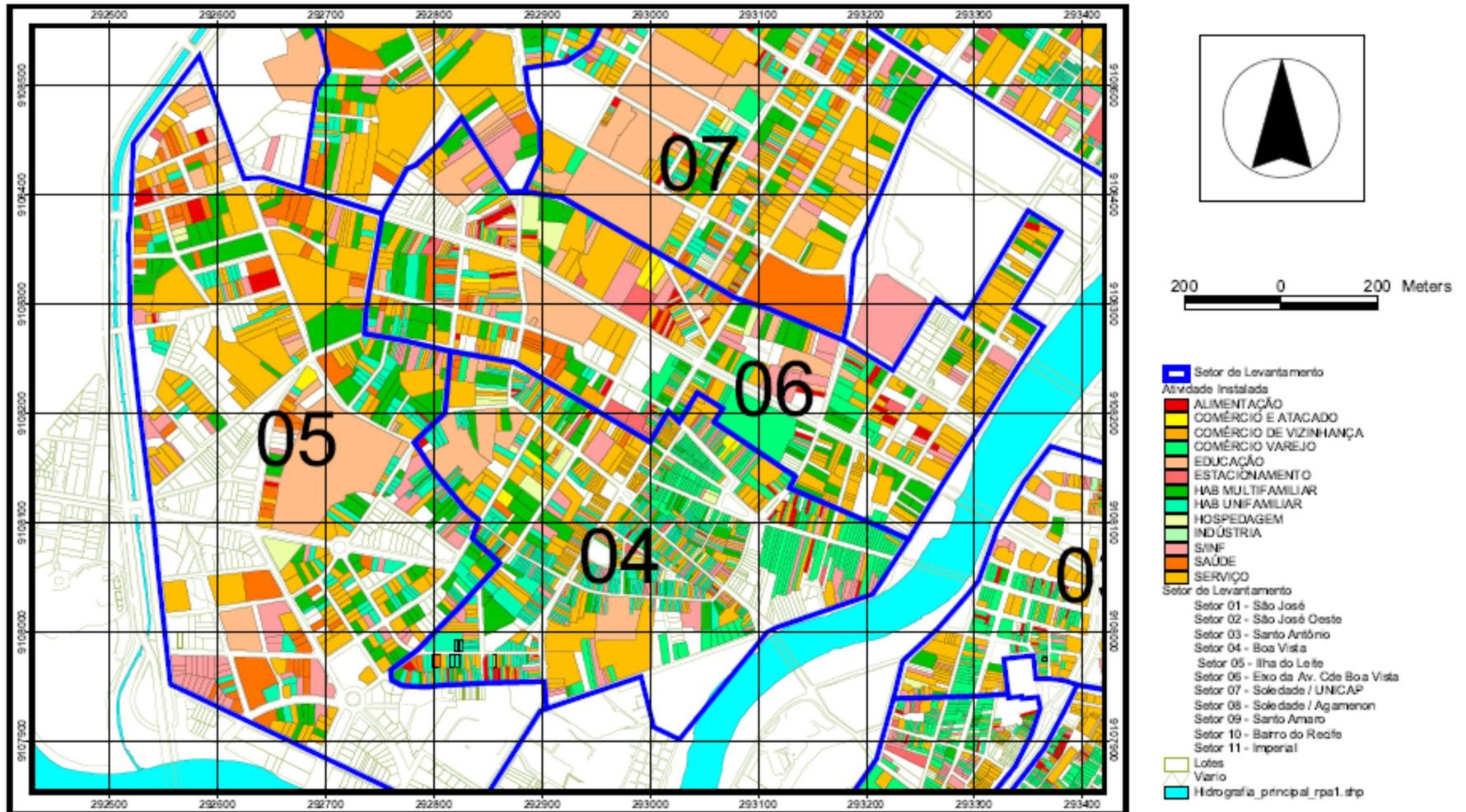


Imagem 31 – Mapa das atividades no bairro da Boa Vista.

Fonte: Prefeitura da Cidade do Recife, Geossistema engenharia e planejamento.

---

### *Justificando a forma da análise*

O espaço é tão mais desvendado quanto maior a experiência prática e vivência daqueles que se propõem estudá-lo. Nesse sentido, optou-se nessa pesquisa a refletir sobre as questões do envelhecimento a partir da experiência e depoimentos daqueles que vivenciam o bairro da Boa Vista.

Coerente aos espaços centrais que funcionam como laboratórios urbanos, nos quais as experiências do mais moderno convivem com o mais obsoleto, ou ainda, espaços nos quais as velocidades do tempo têm seus extremos, do mais veloz ao mais lento. Buscou-se dar voz aos seus habitantes para que eles relatassem o quadro diacrônico vivido.

Nesse âmbito, o bairro da Boa Vista será observado a partir das suas materialidades, conduzidas sob os olhares daqueles que vivenciam o bairro, objetivando desvendar os espaços, em especial das vias, como frações do bairro que se integram à manutenção da vida e por isso precisam ser acessíveis a todos, em especial aqueles que o habitam.

Walter Benjamin (1986) ensina que o flâneur, com a sua capacidade de observação, consegue identificar as questões mais diversas na dinâmica da cidade, ele não só a observa, mas, interfere astutamente, pois se apresenta a ela como um detetive, ou algo parecido. Utilizar-se-á, desde modo, os atributos do flâneur para estabelecer vínculos, identificar falhas, ou seja, para recompor, ainda que mentalmente, os diálogos próprios à cidade e ao meio que ela evoca. Justificando um controle social elaborado pelos que a habitam e não por elementos externos ao tecido cotidiano que não entendem as nuances que compõem o mosaico complexo único que a cidade enreda.

O observador – diz Baudelaire – é um príncipe que, por toda a parte, faz uso do seu incógnito. Desse modo, se o flâneur se torna sem querer detetive, socialmente a transformação lhe assenta muito bem, pois justifica a sua ociosidade. Sua indolência é apenas aparente. Nela se esconde a vigilância de um observador que não perde de vista o malfeitor. Assim, o detetive vê abrirem-se à sua auto-estima vastos domínios. Desenvolve formas de reagir convenientes ao ritmo da cidade grande. Capta coisas em pelo vôo, podendo assim imaginar-se próximo ao artista (BENJAMIN, 1989, p. 38).

Aparentemente, usar a cidade como uma flânerie representa está em meio à multidão, significa ter consciência do que não está bem no espaço público, e por isso, ser um flâneur é assustador para os políticos, pois, para transformar a cidade na flânerie possível, é necessário que a cidade forneça possibilidade para isso, não é à toa que o flâneur de Baudelaire e Benjamin elegeu Paris como palco de possibilidade, pois, flunar necessita e pressupõe calma,

reivindica apreciação, é quase que rejeitar o convite e a sedução do privado e se entregar ao esconderijo aberto das multidões; é fazer da rua a casa<sup>115</sup>. O flâneur como método e metodologia de análise dos espaços urbanos, além de revelar ousadia, revela uma postura de análise miúda, em que o centro de preocupação está estabelecido nos processos cotidianos e na percepção diretamente vinculadas àqueles que vivem a cidade.

É preciso reconhecer que a flânerie de Benjamin e de Baudelaire representa uma época histórica específica marcada pela crítica ao capitalismo em sua forma mais abrangente; revelava uma necessidade de proteger a cidade em detrimento do poder acachapante da transformação e subjugação do antigo em detrimento do novo, ou seja, estavam expostos os dilemas do processo de transformação inseridos pela noção progressista. Então, o contexto da narrativa do flâneur em Benjamin critica essa renovação das formas, principalmente, as grandes transformações urbanísticas que existiram em Paris. Com isso, o flâneur se apresenta como o crítico do novo, como um boêmio apaixonado que não mais reconhece os espaços públicos da cidade.

O resgate e a contribuição do flâneur são redirecionados. Metodologicamente aplicar a flânerie ao bairro da Boa Vista parece uma impropriedade científica, teórico-metodológica. Mas, o que se pretende é resgatar essa forma analítica que vem apenas sob os auspícios do flâner para entender como o bairro sofre transformações significativas ao longo do tempo, o que do flâneur se resgata é essa capacidade investigativa de decompor a cidade e mostrar as suas fragilidades. Em um primeiro momento Benjamin e Baudelaire se serviram do flâneur para entender um ambiente de desenvolvimento e transformações na base produtiva e tecnológica, o resgate à flânerie é necessário, porém sob os cuidados de outro tempo e de outra fase do modelo produtivo. Ou seja, é utilizar a mesma ferramenta para contextos diferentes, porém análogos quando o ponto de reflexão está concentrado nos processos de transformação e no estranhamento da cidade enquanto fonte de reprodução da vida cotidiana. Estrategicamente, essa pesquisa se apropria do flâneur para estudar e analisar as transformações causadas pelo esquecimento e pelo abandono. Muda-se o cenário, mas, a

---

<sup>115</sup> (...) o flâneur, que precisa de espaço livre e não quer perder sua privacidade. Ocioso, caminha como uma personalidade, protestando assim contra a divisão do trabalho que transforma as pessoas em especialistas. Protesta igualmente contra a sua industriiosidade. Por algum tempo, em torno de 1840, foi de bom-tom levar tartarugas a passear pelas galerias. De bom grado, o flâneur deixava que elas lhe prescrevessem o ritmo de caminhar. Se o tivessem seguido, o progresso deveria ter aprendido esse passo. Não foi ele, contudo, a dar a última palavra, mas sim Taylor, ao transformar em lema o “Abaixo a flânerie”. A tempo, alguns procuraram imaginar o que estava por vir. “O flâneur – escreve Rattier em 1857, em sua utopia *Paris não Existe* – que encontrávamos nas calçadas e em frente das vitrines, esse tipo fútil, insignificante, extremamente curioso, sempre em busca de emoções baratas e que de nada entendia a não ser de pedras, fiacres e lâmpadas a gás... tornou-se agora agricultor, vinhateiro, fabricante de linho, refinador de açúcar, industrial do aço (Benjamin, 1989, p. 51).

---

acuidade do olhar do flâneur continua representativa, ajuda a apontar as fragilidades da forma como a cidade vem sendo concebida e reproduzida na modernidade.

Atentos para esses elementos, é que se investiga o bairro da Boa Vista utilizando as ferramentas do flâneur, na tentativa de resgatar e identificar os sinais do processo de envelhecimento através de um passeio pelo bairro.

Como analisado e apresentado no capítulo 4, a configuração e caracterização do bairro da Boa Vista nem sempre reproduziu ou apresentou as suas formas tal qual se observa atualmente. As suas fachadas se pudessem expressar para além das obsolescências e tentativas de requalificação, as histórias de vida que testemunharam certamente não caberiam em seus conteúdos volumétricos, e nessa perspectiva de dialogar com os dados estatísticos apurados é que se procurou registrar e simular, com a ajuda dos depoimentos extraídos dos antigos e novos moradores, passantes, e visitantes, os cenários mais significativos que contrastassem o antigo moderno com o novo desenvolvido. E assim, através da reunião dos depoimentos e registros junto aos acadêmicos e nostálgicos da cidade, preocupados com o planejamento e gestão socioambiental, revela-se um olhar melancólico para com o bairro e o seu notado processo de envelhecimento.

Como a obsolescência marca a vida das pessoas desse bairro, os limites que se identifica na atualidade se coadunam aos desafios postos para a gestão desse espaço. Assim, a partir do cotidiano de três personagens que convivem com a cidade ao longo do tempo, e principalmente com este bairro, procurou-se uma aproximação com o desafio contemporâneo e futuro que se acerca de nossa sociedade contemporânea: as cidades não foram concebidas para essa expectativa longa de vida. Assim, como o capital imobiliário não concebeu a cidade dessa forma, ela foi concebida dentro de um sociometabolismo que a descarta, e, no entanto, ela sobrevive.

O universo da amostra não se restringe aos três personagens apresentados na dissertação, sendo esses, condensações e esforços para compilar as idéias presente no conjunto daqueles que foram consultados e escutados a partir das íntimas relações que têm ou tiveram com o bairro. Assim, o relato da de experiências são um esforço metodológico quantitativo em desvendar os principais problemas do bairro através de 3 histórias de vida diferentes, mas, que possuem como lógica analítica um olhar para as questões apresentadas sob uma mesma temporalidade e espacialidade. Essa linha adotada permitiu recortar personagens que conhecem o bairro na contemporaneidade, mas, que tiveram com ele uma experiência que remete a tempos passados.

Dessa forma, as três narrativas acerca do bairro, o emprego de uma perspectiva de desvendar a flânerie através do flâneur apoiadas por uma metodologia de pesquisa qualitativa<sup>116</sup> constroem um material analítico bastante rico no que tange a possibilidade interpretativa frente aos espaços envelhecidos e a população em notada tendência de envelhecimento.

Esse ambiente multidimensional de fundamentação de análise é uma das bases para se construir os diálogos necessários à humanidade frente às vinculações com o ambiente. E, assim, o que se convencionou classificar como discurso das ciências sociais é convertido como necessidade de discurso das ciências que tenham como uma de suas interfaces o ser humano, quer seja como ponto central da reflexão, quer seja como parte constituinte sistema complexo de inter-relações da sociedade com a natureza.

(...) nas ciências sociais em geral, diferentemente das ciências naturais, os fenômenos são complexos, não sendo fácil separar causas e motivações isoladas e exclusivas. Não podem ser reproduzidos em laboratório e submetidos a controle. As reconstruções são “sempre parciais, dependendo de documentos, observações, sensibilidades e perspectivas”. Mas, se por um lado, isso tudo não inviabiliza a observação, por outro, é preciso reconhecer que na pesquisa sociológica não é possível ignorar a influência da posição, da história biográfica, da educação, interesses e preconceitos do pesquisador. Com isso quero deixar claro que para mim, como para autores como Thiollent (1980) e Becker (1977), no trabalho de pesquisa sociológica, a neutralidade não existe e a objetividade é relativa, diferentemente do que ocorre no positivismo — do qual, aliás, partem muitas das críticas feitas à metodologia qualitativa (MARTINS, 2004, p. 291).

A forma de se construir o universo analítico dessa pesquisa está diretamente vinculado a uma dimensão básica do método qualitativo, ou seja, a flexibilidade<sup>117</sup>. Essa flexibilidade na coleta dos dados, faz com que o pesquisador utilize mais fortemente a capacidade reflexiva e analítica no que tange ao tratamento dos dados, o que surge como necessidade uma articulação e aproveitamento das capacidades de criação e de intuição.

A maior dificuldade da disciplina de métodos e técnicas de pesquisa está na dificuldade de ensinar como se analisa os dados — isto é, como se atribui a eles significados — sendo mais fácil ensinar a coletá-los ou a realizar

---

<sup>116</sup> A pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise. Enfatiza-se a necessidade do exercício da intuição e da imaginação pelo sociólogo, num tipo de trabalho artesanal, visto não só como condição para o aprofundamento da análise, mas também — o que é muito importante — para a liberdade do intelectual. (MARTINS, 2004, p. 289)

<sup>117</sup> Se há uma característica que constitui a marca dos métodos qualitativos ela é a flexibilidade, principalmente quanto às técnicas de coleta de dados, incorporando aquelas mais adequadas à observação que está sendo feita (MARTINS, 2004, p. 290).

---

trabalho de campo. A intuição aqui mencionada não é um dom, mas uma resultante da formação teórica e dos exercícios práticos do pesquisador (MARTINS, 2004, p. 291).

Como todo processo de escolha, a eleição da metodologia e as justificativas de sua aplicabilidade possuem pontos falhos e perspectivas a considerar. Uma crítica bastante clara ao processo de construção de investigações a partir de metodologias qualitativas é a escolha de personagens para construir os enfoques analíticos. A herança positiva de pensamento exigia que as pesquisas acadêmicas fossem construídas com base em indicadores amostrais e coeficientes de amostra, sempre calculados com o apoio da estatística. A principal inquietude está no questionamento da escolha do universo de análise, pois como aponta Martins (2004, p. 297)

Como essa metodologia trabalha sempre com unidades sociais, ela privilegia os estudos de caso — entendendo-se como caso, o indivíduo, a comunidade, o grupo, a instituição. O maior problema, neste sentido, segundo os críticos, se encontraria na escolha do caso: até que ponto ele seria representativo do conjunto de casos componentes de uma sociedade? A indagação acerca da representatividade está relacionada às possibilidades de generalização e se baseia na noção estatística de amostra. Pensar em amostra é reportar-se a um conjunto selecionado em determinada população, da qual seria representativo.

No entanto, é imprescindível ter claro que do ponto de vista estatístico sempre haverá o questionamento acerca da representatividade da amostra do estudo de caso. O que os estatísticos não conseguem considerar é que para as análises fruto das ciências sociais, os processos que compõe a manifestação dos problemas são muito mais importantes do que a definição exata do coeficiente de análise, pois, a pesquisa qualitativa está interessada em desvendar os conteúdos ocultos do processo de construção da realidade, e por isso, as análises de um grupo ou de um conjunto de indivíduos podem gerar muita fonte de reflexão, o que inevitavelmente acarretará numa acuidade no trato dos problemas.

### *Analizando os processos.*

Para tanto, selecionou-se três trajetos distintos que, talvez, possam apreender a dinâmica e coleção de lugares que o bairro abriga. Três trajetos percorridos por três diferentes personagens que têm em comum o fato de terem visto a evolução do bairro ao longo do tempo, não somente o visto, senão, o vivenciado. Esses personagens na verdade mais do que

personagens são sujeitos da história e através do seu cotidiano representam a vida do bairro e conseqüentemente a dificuldade de vivenciá-lo.

O primeiro sujeito da história é um artista local, ele se chama Antônio Goes tem 78 anos e sempre viveu na Boa Vista, desde os “*seus tempos de menino*” como ele se refere. Já é artista plástico há 52 anos. Ele revela ter se apaixonado pela pintura ainda quando criança, quando tentava desenhar, ainda há papel e lápis, tudo o que via e lhe chamava atenção. Esses processos de criança não foram esquecidos com o tempo, e como ele mesmo afirma : “*com o tempo fui tomando gosto pelo desenho e pela pintura*”.

A inclinação deste personagem para o mundo das artes revela um ser humano sensível e conectado às mudanças que foram ocorrendo ao longo do tempo. Essa sensibilidade artística e a disposição por viver, fazem do senhor Antônio um “marco referencial” da história do bairro da Boa Vista e um elemento chave no processo de revelar antigas e novas formas.

Há várias décadas é residente do bairro da Boa Vista, mais especificamente, morador do 7º andar do bloco A do edifício Duarte Coelho<sup>118</sup> (imagem 33), localizado entre a Rua da Aurora (imagem 34) e a Avenida Conde da Boa Vista (imagem 35). Da varanda do seu apartamento, o pintor, tem uma excelente vista da cidade e pode observar o rio Capibaribe e toda a paisagem formada em direção ao bairro do Recife, enquanto de um dos seus quartos a vista é voltada para a Avenida Conde da Boa Vista, de onde ele tem uma visão clara, porém, nem tão poética, do edifício Pessoa de Mello (imagem 36) que abriga há décadas o Hotel Plaza Recife e alguns pontos de comércio e serviço. A paisagem que se forma a partir da janela do quarto define de maneira bastante clara o que representa o processo de obsolescência do tecido urbano no bairro da Boa Vista. De uma maneira bastante clara é possível identificar o conflito entre um mesmo equipamento que em tempos antigos era signo dos sinais de juventude do tempo, e agora, funciona como um sinal de envelhecimento do tempo. (imagem 32 – articula 11 fotos).

Como um exercício de apresentar os problemas, recuperar as histórias e caracterizar espacialmente os diálogos, o bairro da Boa Vista foi percorrido com o intuito de construir uma espécie de “pesquisação”, articulando as categorias de compreensão espacial - forma, função, estrutura e processo – que funcionam como um fio condutor do processo de construção de análises, leitura e interpretação da paisagem.

Sendo o bairro da Boa Vista a flânerie, e o primeiro personagem o flâneur iniciou-se o primeiro trajeto de observação. Levando em consideração o Marco Zero como referência para

---

<sup>118</sup> No andar térreo desse edifício funcionou até pouco tempo o cinema São Luiz, um dos exemplos da modernidade atrelado ao bairro da Boa Vista, a sua desativação é sem sombra de dúvidas um dos sinais mais recentes do processo de envelhecimento das estruturas do bairro da Boa Vista.

se definir o que é início e fim de um bairro as análises foram construídas a partir do início do bairro da Boa Vista. Assim, a primeira referência é a ponte Duarte Coelho<sup>119</sup> (Imagem 37). Esta ponte, conta ele, “*tem muitas histórias para contar, mais do que muitos outros lugares do Recife*”.



**Imagem 32 – Boa Vista com o senhor Antônio Góes, 1ª parte.**

Fo

nte: Adaptado das imagens do Quickbird, 2003.

**Imagem 33 – Edifício Duarte Coelho, fachada do bloco A, onde no 7º andar reside o senhor Antônio Goes, e um dos edifícios que representam o processo de envelhecimento no bairro da Boa Vista.**

Fonte: Autor.



<sup>119</sup> Em função aos fatores de localização está considerando que a ponte Duarte Coelho revela o início do bairro, pois, exerce uma função de centralidade para aqueles que moram as margens da Avenida Conde da Boa Vista, entretanto, historicamente, como foi mostrado no capítulo 4, o bairro teve início a partir de um aglomerado de pescadores que construíram uma ponte na altura do que hoje seria a Ponte da Boa Vista.



**Imagem 34 – Edifícios e Rua da Aurora no bairro da Boa Vista.**

Fonte: Autor.



**Imagem 35 – Avenida Conde da Boa Vista, localizada no bairro da Boa Vista.**

Fonte: Autor.



**Imagem 36 – Vista lateral do edifício Pessoa de Mello.**

Fonte: Autor.



**Imagem 37 – Ponte Duarte Coelho**

Fonte: Autor.

Entre essas tantas histórias, algumas contam como a ponte muda os seus usos ao longo do tempo, principalmente quando chega o mês de fevereiro e é montado por sobre ela um galo gigante, símbolo do carnaval do Recife. Ainda sobre o carnaval e a ponte, porém em tempos que não o atual, era possível flagrar famílias em festa, casais de namorados transitando tranquilamente e aproveitando da condição de centralidade que o bairro da Boa Vista evocava, centralidade que poderia ser facilmente interpretada como um sinal de juventude, em que a dinâmica e fluidez dos espaços centrais refletiam uma forma de relação bastante diferente das atuais.

Essas diferenças na forma de viver o bairro e nas estruturas que estavam por detrás dos processos e das funções faz com que na contemporaneidade as cenas flagradas sejam de violência, marginalidade e subutilização dos espaços públicos. Reflexo de tudo isso, e síntese dessas novas formas de se relacionar é que Antônio revela que de sua varanda o que ele observa são “*meninos de rua assaltando alguns passantes desprevenidos*”, presenciou ele também, imagens de “*tráfico de drogas e prostituição*” em geral, “*ação de delinqüentes*” que de já tão comuns se confundem com a paisagem degradada do bairro e contribuem no processo de identificação dos sinais de envelhecimento das estruturas urbanas.

Essa condição da vida no bairro da Boa Vista o tem assustado, pois, ele, mesmo com uma vitalidade invejável, reconhece que os anos já lhe passaram e por isso, ele sente necessidade de uma proteção pública, uma vez que contar apenas com a força física não é mais uma opção para ele, que se mostra preocupado com o alto nível da violência urbana.

Para Antônio a ponte da Boa Vista (imagem 38), detém uma beleza que inspiram as pessoas, ou ao menos ele, e diz que nem mesmo em Paris havia ele contemplado ponte de tamanha beleza exalando tanta simplicidade, ao mesmo tempo. Ela é um símbolo claro a



juventude do bairro da Boa Vista, e também reflexo de que o processo de envelhecimento das cidades não precisa ser acompanhado de um processo de obsolescência.

**Imagem 38 – Ponte da Boa Vista.**

Fonte: Autor.

Após contemplar o início do bairro e identificar onde os sinais de juventude foram modificados pelos sinais de envelhecimento, através das duas pontes que conectam o bairro da Boa Vista ao bairro de Santo Antônio, além da constatação material das grandes mudanças ocorridas na dinâmica do bairro expressa de maneira clara nas condições de conservação e alteração no fluxo do Hotel Plaza Recife, seguiu-se em direção a Avenida Conde da Boa Vista.

Esta parte do trajeto segue Boa Vista adentro em direção ao mercado da Boa Vista. Antônio relata que mesmo sendo uma via de grande movimentação, ele prefere utilizá-la, pois, assim é possível ver mais vida, uma vez que de todo o bairro essa é a Avenida de maior movimento. Essa vontade que Antônio tem em encontrar pessoas, ver movimento é facilmente entendida pela necessidade que os seres humanos têm em comunicar, em trocar experiências. O que em uma cidade totalmente fragmentada em que os lugares são acessados apenas pela sua funcionalidade se torna um exercício bastante complicado. Assim, é perceptível que além dos espaços urbano concreto, feito pelos agentes imobiliários não permitir a existência de um grupo social que persiste, a sociedade não está se desenvolvendo no sentido de proporcionar a esses indivíduos uma possibilidade de interação e pertencimento. Uma vez que já é claro que: quanto mais estágios etários se atingem, maior é a tendência à solidão e ao isolamento que acomete as pessoas. Configura-se aí um dos pontos que precisam ser discutidos pela coletividade: “Os idosos precisam de atenção, cuidado e precisam sentir que fazem parte da sociedade”, pois, o contrário disso leva a que cada vez mais esse grupo, que é hostilizado e posto à margem do processo de reprodução, sinta-se cada vez mais oprimido e excluído do tecido social.

O sentimento de exclusão e não pertencimento é diretamente afetado pela aceleração no ritmo da vida das pessoas, pois, não há mais tempo para nada – não há mais tempo para as trocas sociais, não há mais tempo para construir os laços de solidariedade e não há mais tempo para enxergar o outro como pertencente ao mesmo grupo social. Essa dimensão toma foro e clareza quando se retira do discurso do Antonio a seguinte frase: “*há algumas décadas atrás as pessoas não andavam tão ligeiro, curtiam a cidade, principalmente os boêmios que entre um bar e outro passam pelas calçadas apreciando as moças bonitas*” e continua ele: “*As pessoas, também eram mais simpáticas e desejavam bom dia e boa tarde aos que estavam à rua*”.

Uma outra análise que se pode fazer sobre a velocidade do ritmo das pessoas à rua, é que com o processo cada vez mais forte da exclusão, fragmentação e obsolescência do bairro, a rua passou a ser o local de perigo, ou seja, o palco de reprodução das atividades do flâneur

não é mais convidativo. Em outras palavras, o retiro coletivo do flâneur não é mais seguro para ele. Essa é o sinal claro de que o processo de envelhecimento acompanhado da obsolescência do bairro constrói relações diretas e muito claras com o tecido social, e quando esse tecido social se encontra em processo de envelhecimento a situação de abandono, reclusão e não pertencimento se agrava cada vez mais. Revelando uma fase clara do processo sociometabólico do capital: só estão incluídos no processo aqueles que estão inseridos nos mecanismos de reprodução do capital, emblematicamente representado pela capacidade de desempenhar um trabalho.

Ao se caminhar pela Avenida e sob a companhia de pessoas que têm dificuldade de locomoção revela mais uma vez, só que por outra ótica, que a cidade não está projetada para as necessidades que o grupo dos idosos tem. Ainda que obras com indicativos de que a acessibilidade está sendo pensada estejam sendo realizadas, a quantidade do fluxo e a capacidade de carga das calçadas ainda têm que ser pensada, além de que mesmo com o projeto de diminuição do comércio informal, a quantidade de barracas e vendedores ambulantes diminui a capacidade de circulação (nível de impedância) e dificultam o trânsito, principalmente daqueles que precisam de alguma assistência para se locomover. Os obstáculos postos à calçada podem significar problemas enormes para a locomoção dos que necessitam de atenção especial, o direito à cidade passar por um conjunto complexo de elementos, em que a calçada também integra um papel importante.

Os conteúdos volumétricos do bairro e a necessidade cada vez mais crescente de intervenções, revelam que o processo de envelhecimento do espaço e das estruturas urbanas necessita urgentemente de compor a lista de prioridades do poder público, enquanto necessidade de construir formas mais condizentes às necessidades de reprodução da vida. É notado que o processo de envelhecimento está, neste caso, inteiramente vinculado ao abandono e as diretrizes do processo de obsolescência. Ao continuar a tentativa diurna de se



flanar pelo bairro algumas imagens, ao longo do caminho, deixavam claras as regras do processo desigual de reprodução do capital, principalmente aquelas localizadas à Rua da União (imagem 39), à Rua da Saudade (imagem 40) e em alguns lugares aparentes

**Imagem 39 – Casa em alto grau de obsolescência à Rua da União.**

Fonte: Autor.

da Rua 7 de setembro (imagem 41), como também alguns edifícios na própria Avenida Conde da Boa Vista (imagem 42).



**Imagem 40 – Edifícios na proximidade da Rua da Saudade no bairro da Boa Vista.**  
Fonte: Autor.

**Imagem 41 – Edifícios à Rua 7 de Setembro, Boa Vista.**  
Fonte: Autor.



**Imagem 42 – Edifício habitacional por trás da Avenida Conde da Boa Vista.**  
Fonte: Autor.

Ao se confrontar o estado físico das pessoas acima de 60 anos que estão subjugadas a uma condição de marginalidade social e ao se deparar com a condição de obsolescência do espaço, é inevitável construir vínculos. Esses vínculos têm como base a idéia de que assim como os seres humanos, os espaços, inexoravelmente envelhecem, mas, que mesmo assim, eles, assim como os humanos, quanto mais envelhecem, mais histórias têm pra contar, e histórias que são tão importantes quanto à implantação de algum elemento novo. E assim: se envelhecer é inevitável, e se para nós esse é um tema tão recente, *quais são as políticas públicas conduzidas pelo Estado que podem garantir à vida humana, nesses espaços, sem ter que descartar o então, sempre renovado, velho tecido urbano?*

Dando continuidade ao flunar pelo bairro, persiste a busca pelos os sinais de envelhecimento, agora, seguindo em direção à Rua de Santa Cruz, passando pela Rua Gervásio Pires. A primeira marca clara no espaço é a presença do Shopping Boa Vista e da Loja de departamento Riachuelo, ambas são intervenções modernas e que significam um pedaço de novidade no tecido envelhecido do bairro. Em linhas gerais, a Avenida Conde da Boa Vista é o pedaço do bairro onde se apresentam marcadamente processos de renovação do tecido urbano. Entretanto, as transformações no conteúdo dos edifícios só representam juventude por que são áreas que estão integradas à necessidade de circulação do capital. Ao se observar o entorno, para além das fachadas, é fácil perceber que as estruturas internas estão seriamente comprometidas e que a falta de cuidado só faz reforçar a tese de que o capital se apropria de área com fins exclusivos para a sua reprodução, ou seja, os espaços que não estão diretamente vinculados à produção de riquezas são automaticamente entregues ao processo de obsolescência e conseqüente envelhecimento.

Esse foco de modernidade é entendido por Antônio como sendo uma conseqüência direta do bairro, revelando que muitas vezes as pessoas só conseguem apreender o campo das aparências acerca das materialidades existentes. Assim, nas palavras de Antônio: *“sendo lugar “das modernidades” esse shopping trouxe para o bairro uma vida cheia de juventudes, à noite eu não venho até essas “bandas”, por que diz fico assustado com a quantidade de “jovens rebeldes””,* ainda de acordo com ele: *“os jovens se vestem de preto e não respeitam a ninguém, assim, durante a noite esse é um território proibido”*. Desde ponto até o mercado é preciso cruzar ainda a Rua do Giriquiti e a Manoel Borba.

Na parte de fora do mercado da Boa Vista (imagem 44), é possível encontrar uma grande variedade de lojas e produtos, quase todas à moda antiga, ou seja, vendem-se grãos em sacas grandes que são pesadas na balança a chumbo, com pesos de 1, 2 ou 3 quilos. Ao se deparar com o tempo lento que o mercado evoca, é quase como se o anjo do Paul Klee não

tivesse passado por esse local, o antigo se manifesta aí com toda a sua força, e nesse bairro que, ora apresenta sinais do envelhecido associado com os processos de obsolescência, ora apresenta sinais de uma juventude mal lograda, também é possível perceber exemplos claros de como o velho pode conviver em meio ao novo e ainda assim não ser sinônimo de obsolescência e descaso.

Ao se entrar no mercado, certo estranhamento pode ser causado, pois, o local, originalmente, deveria ser destinado para compras, agora também é ponto de encontro dos amigos e dos artistas locais e de um pedaço da juventude não tão facilmente encontrada pelas ruas tradicionais do bairro. A lógica das temporalidades mais uma vez muda, e a dinâmica do local encontra-se com o século XXI, reservado um espaço de juventude dentro do tecido envelhecido do bairro da Boa Vista. Sobre as relações existentes no mercado Antônio revela: *“Aqui encontramos mercearias, quitandas e até um salão de beleza. O que vem predominando, no entanto, são os bares, que viraram um novo filão no mercado. Muitos comerciantes daqui já perceberam e estão mudando de ramo”*.

Retornando mais uma vez a flanerie, o caminho segue pela Rua de Santa Cruz, essa parte do bairro é repleta de casarões antigos e entregues ao processo de obsolescência, o tempo não só não passou, como deixou marcas significativas. Na Rua Velha (imagem 45) os sinais de obsolescência ficam bastante evidentes. Ao se caminhar pela rua os processos de envelhecimento das pessoas e das estruturas urbanas, ficam extremamente evidentes. O casamento entre envelhecimento das estruturas urbanas e envelhecimento das pessoas encontra a sua máxima, celebra um casamento. Não obstante, pessoas e objetos se confundem em uma imagem quase que poética e ao mesmo tempo reveladora de uma face de como envelhecer, em países periféricos e que obedecem a uma lógica sociometabólica de reprodução do capital, pode ser bastante “perverso”.

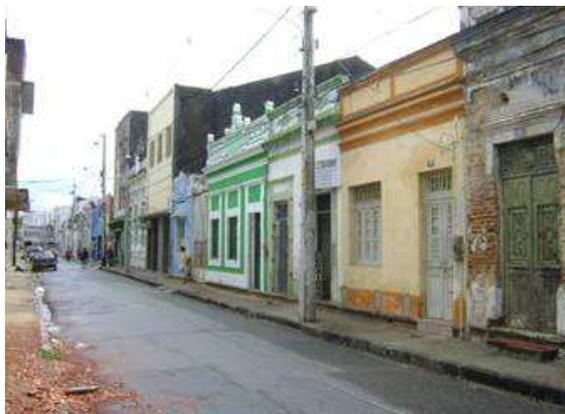
O flandar pelo bairro segue até a Rua da Matriz (foto 46), e logo depois se chega à Praça Maciel Pinheiro (foto 47), que abriga uma diversidade de comerciantes ambulantes em seu entorno, além de que apresenta vinculada à praça a Matriz da Boa Vista (foto 48). Neste mesmo local há a presença de grande fluxo de jovens e de velhos, representando uma dinâmica dialética do bairro. A presença de jovens está diretamente vinculada à existência de um posto de venda de passagens metropolitanas que abastece os cartões de passageiros dos que usam o sistema metropolitano de transportes; Grande Recife Consórcio de Transporte (foto 49). E, mais a frente, como se configurando como o pólo de concentração de grande número de aposentados e novos antigos boêmios se encontra um conjunto de bares com cadeiras e mesas espalhadas pelo espaço público. (ver imagem 43).



**Imagem 43 – Segunda parte do passeio pelo bairro da Boa Vista com o senhor Antônio Goes.**  
Fonte: Adaptado das imagens do Quickbird, 2003.



**Imagem 44 – Pátio interno ao Mercado da Boa Vista.**  
Fonte: Autor.



**Imagem 45 – Rua velha.**  
Fonte: Autor.

**Imagem 46 – Rua da Matriz, Boa Vista.**  
Fonte: Autor.





**Imagem 47 – Matriz da Boa Vista.**  
Fonte: Autor.



**Imagem 48 – Praça Maciel Pinheiro.**  
Fonte: Autor.



**Imagem 49 – Teatro do Parque.**  
Fonte: Autor.

O segundo sujeito da história do bairro da Boa Vista vivenciou o bairro ainda quando criança. Guarda então, em relação ao bairro, carinho, e além disso, preservar suas memórias individuais e que ao se juntam às memórias dos amigos, vizinhos e colegas formam uma memória coletiva, o que gera uma paisagem de como o bairro se configurava e como eram estabelecidas as relações sociais<sup>120</sup>.

O personagem tem 76 anos, ocupa o cargo de professor da Universidade Federal de Pernambuco. Há muito não mais reside no bairro da Boa Vista, pois, sua família, assim como a maior parte das famílias que habitavam as regiões centrais, preferiu mudar para uma porção da cidade mais afastada do centro, já em processo de desarticulação frente às dinâmicas de expansão e fragmentação das cidades. Bem como a história pessoal do personagem 2, o bairro da Boa Vista foi palco de uma grande fuga de moradores em função dos processos de fragmentação e ampliação da cidade. Neste contexto, os bairros centrais perderam a condição de bairros residenciais e houve uma alteração do perfil de moradores.

As áreas centrais, ao longo da história, foram sofrendo grandes transformações, e constantemente as intervenções no espaço eram entendidas como mudanças no tecido sócio cultural da cidade. Não raro são os registros públicos de descontentamento com as políticas e intervenção elaboradas pelo poder público. Um dos registros mais representativos se encontra no poema de Manuel Bandeira, morador do bairro da Boa Vista. No poema evocação do Recife (Anexo 02) identifica-se o registro das forças estatais na produção de um espaço sinônimo da juventude, se Bandeira estivesse vivo hoje, ele não mais escreveria um poema criticando os sistemas produtivos que apagando o passado pensando na produção do futuro, senão, criticaria a falta de incentivo para a conservação e manutenção do patrimônio público que está sendo lentamente deteriorado.

Assim com Bandeira, o colega dessa nova jornada pelo bairro da Boa Vista revela que também sente falta de seu tempo de criança quando morava à Rua Visconde de Goiânia (imagem 50). Uma das características do processo de ocupação do bairro da Boa Vista foi o grupo dos judeus que se instaurou no local. Reflexo do processo de ocupação e da ativa participação desse grupo nos processos de construção do cotidiano desse bairro está expresso na fala do Gilmar da Silva quando este revela que uma das suas maiores saudades é o grupo de amigos, boa parte deles judeus. *“Nas proximidades da nossa casa tinham sedes o Clube e o*

---

<sup>120</sup> A guisa de esclarecimentos, os elementos que compõe essa história são baseados e agrupados a partir de uma coleção de depoimentos acerca do bairro da Boa Vista, reunidos sob um único personagem que então se apresenta lúdico e realista ao mesmo tempo.

---

*Colégio Israelita, além das associações de jovens, o "Dror" e o "Hashomer. "Os judeus foram os habitantes dos primeiros prédios do bairro" <sup>121</sup>.*

Da mesma forma que as memórias da infância de Manuel Bandeira não mais refletem o bairro da Boa Vista, as memórias de Gilmar também não refletem mais a realidade atual do bairro, esse exercício de confrontar o passado com o presente é um dos artifícios para revelar a face do processo de envelhecimento que se configura no bairro. Entretanto, esse envelhecimento não seria sinônimo de problemas ambientais se o espaço em transformação estivesse se preparando para receber a população que também está envelhecendo junto com o bairro, como já mencionamos anteriormente, a impressão que se tem é que o bairro da Boa Vista, em função da lógica sociometabólica que constrói as relações das pessoas com o espaço sob os signos de uma modernidade necessária, o que revela que os espaços das metrópoles periféricas não estão prontos para cuidar/ receber um tecido social envelhecido, o que constrói assim uma imagem social coletiva de que os espaços “expulsam” as pessoas mais velhas, pois, as estruturas funcionais apenas servem para dar “abrigo” ao conjunto jovem.

É iluminando as questões sob a luz focada dessa realidade que se concebe a primeira diferença básica entre o discurso saudoso das memórias de Gilmar e as realidades socioespaciais do presente que se desconstrói a idéia acerca da Rua Visconde de Goiânia, mesmo ainda compondo uma unidade residencial bastante clara, a rua não mais exhibe as “feições” de uma explosão de vida, ou seja, a rua não mais é o espaço da brincadeira. O espaço estreito das vias e a concorrência com os automóveis afastaram as crianças, as que ainda lá residem.

Não mais se observam bicicletas guiadas pelas crianças e a gritaria e agitação que é peculiar a pessoas dessa faixa etária, o que se escuta agora são os motores dos carros, e as gritarias deram lugar a uma atmosfera séria, o espaço da festa foi ocultado (CARLOS, 2007) e o acontecer urbano não mais é espontâneo, em termos simples poderíamos dizer que o espaço envelheceu e junto com a velhice ele perdeu uma série de características que lhe eram peculiares<sup>122</sup>.

---

<sup>121</sup> Parte dessa narrativa é composta a partir das lembranças expostas pelo texto publicado no jornal do comércio por Gonçalves e Silva (2009).

<sup>122</sup> Os moradores da Rua Visconde de Goiana, onde vivi, constituíram uma grande família. Crescemos juntos nas brincadeiras, nos estudos, nos namoros, consolidando uma amizade que perdura até hoje [...] Fomos também capazes de gestos nobres só percebidos posteriormente, pois eram ações espontâneas. Assim foi quando um dia, juntamente com Roberto e Arnaldo de Carli, encontramos um jovem paraplégico, por seqüela de poliomielite. Era Walter, filho de um inglês, Mr. Petty. Andava numa cadeira de rodas, quase não saía de casa, pois ficava com vergonha quando as pessoas o chamavam de "aleijado". Levamos Walter para o nosso grupo. Quando saíamos de bicicleta, íamos empurrando a cadeira dele, que tinha uma catraca a ser acionada com a mão. Logo, andava com menos velocidade. Por isso não era incomum cairmos todos, inclusive ele, que aprendeu a rir e ser feliz. Quando íamos a uma festa num primeiro andar, carregávamos Walter junto com sua cadeira, para que ele

Os jovens há época se reuniam formando grupos que apreendiam a cidade de várias formas. Os limites do grupo não obedeciam ao limite do bairro, ou seja, eles ocupavam, em parte, as ruas do bairro, mas, as ações iniciadas no bairro não ficavam restritas a ele. Não raro, se freqüentava as festas de clube, os encontros às escondidas a procura das primeiras aventuras, paqueras e namoros, o Recife em si se abria para as possibilidades e viver na Boa Vista significava estar sempre perto dos acontecimentos. Se Gomes (2002) analisasse a relação com o bairro e a cidade, este a descreveria como uma forma de exercer a vida a partir de laços afetivos, ou seja, o espaço seria reflexo de uma matriz que levaria em consideração o *genoespaço*<sup>123</sup>, o mesmo *genoespaço* que descreve Gonçalves e Silva (2009):

O grupo de amigos da Boa Vista fez o que todos os jovens da época faziam. Íamos aos Clubes Português, Internacional e Jet, a Festa da Mocidade, as Missas do Salesiano e os Cinemas do bairro, íamos ver a saída das meninas do N. Sra. do Carmo, tomar sorvete nas Sorveterias Gemba e Fri-Sabor, íamos ainda à praia e às pescarias no mar e no Rio Capibaribe, além das boates do Bairro do Recife e da Rua do Rangel, para as primeiras experiências sexuais, o local dependia da disponibilidade financeira, sendo mais caras as do Rangel. Tomávamos o Maltado da Galeria ou comíamos na Cantina Star, para recuperar as forças, após as nossas noites.

O “Galerias” nunca foi no bairro da Boa Vista, sempre ficou localizado no bairro do Recife, mas, sempre foi uma sensação para os jovens que sempre depois das noites iam se encontrar para tomar o famoso maltado e conversar sobre os mais diversos temas.

Os cinemas do bairro deram lugar ao sistema multiplex do Shopping, e por isso, o São Luiz (imagem 51), o Veneza (52) e o cinema da Boa Vista (53) estão todos desativados, o primeiro ainda preserva a imagem da época em que exibia os maiores sucessos do cinema, causando as famosas filas de espera às margens da Avenida Conde da Boa Vista, foi o último a ser desativado, atualmente foi comprado por uma instituição de ensino privada. A desativação dos cinemas, e em especial o Cinema São Luiz, pode ser alegoricamente comparada como a confirmação do processo de obsolescência do bairro.

---

dela participasse. Não imaginávamos, na época, o quanto estávamos fazendo bem a ele. Só havia algo que nos separava. A casa que ele morava na Rua Gervásio Pires, esquina com a Av. Conde da Boa Vista era “assombrada” e quem dormiu lá sofreu horrores com os fantasmas. A família sabia conviver com o sobrenatural. Walter já não se encontra mais entre nós, mas deixou grande saudade (GONÇALVES E SILVA, 2009).

<sup>123</sup> (...) o que estamos chamando de *genoespaço*, o tipo de agregação social que qualifica o território é o grupo ou a comunidade. A escolha dessa etimologia está relacionada à importância fundamental que tem a leitura das origens comuns nesse tipo de relação entre o espaço e as comunidades. O discurso que funda a identidade comunitária é o da diferença. Em outras palavras, a diferenciação se faz exagerando os traços distintivos daquele grupo de pessoas e diminuindo a importância de todas as outras características comuns compartilhadas como os outros grupos. Sublinhar um nível de diferença significa que, a despeito do infinito patamar de diferenciação teoricamente possível, um limite será privilegiado, aquele que distingue o grupo dos demais (GOMES, 2002, p. 60).

O cinema Veneza foi desativado em meados da década de 1990, localizava-se em um prédio não acabado, um grande edifício que apenas os pavimentos inferiores tinham infraestrutura. E, o cinema da Boa Vista funcionava próximo à Praça Chora Menino onde atualmente funciona a loja do Atacadão de papelaria.



**Imagem 50 – Rua Visconde de Goiânia.**  
Fonte: Autor.

**Imagem 51 – Cinema São Luiz.**  
Fonte: Autor.



**Imagem 52 – Antigas instalações do Cinema Veneza.**  
Fonte: Autor.



**Imagem 53 – Atuais instalações do Atacadão de papelaria, e antigas instalações do cinema da Boa Vista.**  
Fonte: Autor.

O terceiro sujeito da história é Maria Fernanda, hoje aposentada e viúva, ela conta que depois de casada sempre residiu à Rua Marquês Amorim (imagem 55), segundo ela: “*esse sim é que é um pedaço residencial da Boa Vista*”, pois, a maioria dos edifícios à rua são construções com fins residenciais, ainda que algumas tenham mudando a funcionalidade e sirvam para negócios familiares ou fábricas de “fundo de quintal”.

Fernanda foi casada quase 50 anos e há 5 está viúva, atualmente vive só e esse é um dos temas que sempre permeia o discurso de quem está entrando no grupo dos idosos, a solidão associada à reclusão podem se transformar em um vetor de doença sério para quem já atingiu algumas etapas do conjunto etário. Envelhecimento populacional associado à solidão e a falta de estrutura urbana capaz de promover a interação social se transforma pode estimular uma série de problemas psicossociais.

A relação que Fernanda construiu com o bairro não foi apenas de moradora, senão se usuária e estudante, pois, cursou a Faculdade de Comunicação Social na UNICAP, só que depois de formada nunca exerceu de fato a profissão.

Uma exímia flâneur da Boa Vista, percebe-se que Fernanda conhece vários recantos do bairro. Entretanto, tem-se claro, ao analisar o discurso dela, que as imagens que guarda na memória são bastante diferentes das paisagens percebidas atualmente. Segundo ela, esse sempre foi um lugar de pessoas muito educadas e distintas e esse é uma grande marca entre o passado e o presente. No presente as pessoas não têm mais tempo para cordialidades e isso reflete na forma como o lugar é usado, em como a cidade vai se construindo.

Usando a mesma metodologia exploratória de flunar pelo bairro, iniciou-se o trajeto pela Rua Marquês Amorim, logo se acessou a Rua Visconde de Goiana (imagem 50), essa rua, conta Fernanda, era uma das mais “animadas” do bairro. Com dificuldades em andar, principalmente porque as calçadas são muito estreitas e o espaço da rua é disputado também pelos carros, cruzou-se a Rua José de Alencar (imagem 56) com o objetivo de chegar até a Rua de Santa Cruz e Rua Velha, e em seguida a Rua Barão de São Borja (imagem 57), passando novamente pela Rua José de Alencar e chegando até a Rua da Soledade (imagem 58).

A rua, os edifícios e as pessoas evocavam a todo instante a dimensão do velho, do antigo. O movimento das pessoas revelou fragilidades associadas à condição de abandono do espaço associado.

Ao se aproximar da Avenida Conde de Boa Vista, muda-se mais uma vez a temporalidade e as relações com o espaço. As inversões de capital público e privado

contribuem significativamente para que o espaço e o fluxo de pessoas se aproximam mais de uma lógica de juventude em detrimento da lógica do envelhecimento.

As imagens contraditórias e conflituosas marcam todo o percurso traçado, quanto mais se adentra em direção à Universidade Católica mais se sente os elementos de um espaço jovem, conectado às transformações da base produtiva e ao mesmo tempo se percebe como o cenário de fragmentação da cidade se compartilha de maneira clara, indiscutivelmente coexistem no espaço áreas de grande renovação técnica e tecnológica com zonas de abandono e obsolescência.

A área de entorno à UNICAP representa um elo afetivo com o espaço, e Fernanda assinala não reconhecer os mesmos lugares, em relação aos lugares da memória. Isso se dá, notadamente porque a base produtiva foi alterada significativamente na cidade, o que antes era um espaço de comércio, hoje se converteu em espaço de serviço e, como uma estratégia do processo de reprodução do capital, as casas que foram perdendo a ocupação familiar, no entorno da UNICAP, foram substituídas por papelarias, lojas de material de escritório, lanchonetes, restaurantes e principalmente lojas de reprodução xerográfica, exibindo ainda uma relação dialética entre o público e o privado, entre o informal e o formal (imagem 59).

Essa análise é reflexo direto de uma frase de Fernanda: *“essa região está diferente do que estou acostumada a ver, ou melhor dizendo, daquilo que eu estava acostumada a ver, o que se percebe hoje é uma quantidade enorme de prédios abandonados ou essas casinhas de tirar cópias”*.

Essas mesmas mudanças, porém com outros atores, podem ser percebidas na Rua Bernardo Guimarães, conhecida como Rua do Lazer (imagem 60), o serviço alimentício ocupou todo o espaço da rua a convertendo em uma praça de alimentação, reproduz aqui, não mais relações de um espaço envelhecido, senão um espaço sem controle ou ordenamento de ocupação urbana.

Ao se ter uma visão panóptica do bairro, pode-se perceber que a imagem formada é de um espaço que está obsoleto, e por isso, revela fortes processos de decadência, obsolescência e envelhecimento (imagem 61). A imagem 54 articula todos os pontos em que foram registradas fotos no percurso feito com a ajuda de Maria Fernanda.





**Imagem 55 – Casa à Rua Marquês Amarin.**  
Fonte: Autor.



**Imagem 56 – Rua José Alencar no cruzamento com a Rua Visconde de Goiânia.**  
Fonte: Autor.



**Imagem 57 – Casario na Rua Barão de São Borja.**  
Fonte: Autor.

**Imagem 58 – Casas em processo e envelhecimento à Rua da Soledade.**  
Fonte: Autor.





**Imagem 59 – Terreno abandonado e casas transformadas em reprodutoras de cópias na Rua do Príncipe.**  
Fonte: Autor.



**Imagem 60 – Barracas de lanche na Rua Bernardo Guimarães (Rua do Lazer).**  
Fonte: Autor.



**Imagem 61 – Vista do bairro da Boa Vista, a partir do 8º andar do bloco “G” da UNICAP.**  
Fonte: Autor.

Os três personagens, ainda que representem uma pequena parcela das histórias possíveis da Boa Vista, eles têm algumas características em comum. A primeira delas é que são todos pertencentes ao grupo daqueles que possuem mais de 60 anos, e por isso, representam a história viva do próprio bairro. Mais do que isso, eles também representam uma geração que foi testemunha das transformações do bairro, e como tal são excelentes indicadores do processo de envelhecimento por qual o bairro passou e vem passando.

A contribuição de todos os personagens na tentativa de recompor cenários, fustigar novas reflexões e apresentar as dinâmicas de transformação do novo e do velho é de um valor indiscutível para a composição desta pesquisa. Ainda que o recurso do depoimento oral, como forma de construção do documento, represente sérias discussões no âmbito das ciências sociais, a aproximação desses personagens com a dinâmica da cidade é a maneira mais próxima de tentar penetrar nos meandros das relações sociais e os vínculos de proximidade entre o processo de envelhecimento do espaço e o processo de envelhecimento social. Assim como o flâneur, a construção dos modelos reflexivos tente a uma dinâmica pontual e pessoal em que cada indivíduo estabelece relações com o bairro. Por isso mesmo que montar os cenários analíticos através da dimensão qualitativa se apresenta como um desafio para a academia e para o pesquisador, sendo apenas possível de se realizar na contemporaneidade, uma vez que a ciência já evoluiu para além dos limites impostos pela lógica positivista.

Um outro tema delicado é se utilizar da memória como recurso investigativo, pois, não raro são levantadas questões sobre “às peças que a memória prega”. Além disso, é recorrente afirmar que a dimensão da memória não contempla o vazio que se instala entre o tempo do acontecimento e o tempo presente do relato. Mesmo diante desse risco é necessário que a ciência ouse e abra espaços de diálogos em cima das incertezas, principalmente se o ambiente de análise se comporta como social e/ou interdisciplinar. Não obstante é indispensável mencionar que esse risco não dota a pesquisa de falta de credibilidade, senão, valoriza o papel dos processos e o valor dos indivíduos no estabelecimento de análises multidimensionais, complexas e interdisciplinares.

Uma característica talvez da velhice, como coloca Beauvoir (1990, p. 552), é a memória<sup>124</sup>, ela é um dos recursos a que os mais velhos recorrem com frequência, e isso se

---

<sup>124</sup> Muitos dos escritores idosos queixam-se da aridez de seus dias. “o tempo tomou minhas mãos entre as suas. Não há mais nada a colher em dias sem flores”, diz Chateaubriand. Segundo ele, é o peso do passado que torna sombrio o presente. “Quando já se viu a catarata no Niágara, não existe mais outra queda d’água. Minha memória opõe sem cessar minhas viagens a minhas viagens, montanhas a montanhas, e minha vida destrói minha vida. A mesma coisa me acontece com relação à sociedade e aos homens”. Stendhal que, no entanto, não estava realmente velho, queixa-se, nas *Promenades dans Rome*: “Ai de mim! Toda ciência se parece num ponto com a velhice, cujo pior sintoma é a ciência da vida, que impede de se apaixonar, de fazer loucuras por nada. Eu gostaria, depois de ter visto a Itália, de encontrar em Nápoles a água do Letes, esquecer tudo, e depois recomeçar

---

apresentou claro em relação ao bairro da Boa Vista, ou seja, o que foi vivenciado antes é sempre um ponto de reflexão acerca do que é hoje, e assim, passado e presente se misturam e manifestam-se constantemente na memória coletivas desses.

No entanto, a lembrança do passado não pode ofuscar a vida real do presente e por isso, há que se pensar na experiência com a cidade como uma forma única, como palco de intensos e eternos reencontros.

Nossas lembranças não podem desqualificar nossa experiência atual; é antes a consciência de ter esquecido tantas coisas que a desvaloriza: nós a esqueceremos também. Quando jovens, imaginamos que nos lembraremos de tudo, sempre: mas escapamos ao tempo porque dispomos de um futuro infinito. O instante me tirava o fôlego quando eu pensava apreender nele a eternidade; era eternamente indelével. Desde que meu futuro está limitado, os instantes não são mais eternos, não me dão mais o absoluto: parecerão inteiros, ou cairão em cinzas que meu túmulo trará comigo. Em suas longas caminhadas fantasiosas Rousseau encantava-se com o vagabundear de seus devaneios; ao voltar à casa de Mme de Warens, num momento em que não a amava mais, a precisão do objetivo defraudava sua imaginação, o encanto dissipava-se. “Eu estava onde estava, ia onde ia, nunca mais longe”. Essa aridez é o quinhão de muito de nós, ao passarmos dos 60 anos: sabemos demais para onde vamos.

Essa quase aridez reflete uma vida que não encontra mais o sentido primeiro de ser, e, por isso, não raro, a imagem que se tem dos idosos é que eles representam um grupo que já contribuiu com a sua geração, mas, que não encontram espaços de realização junto à nova geração que se apresenta, antes de tudo, detentora dos meios de produção e reprodução não apenas no capital, mas também da vida. Quando, confrontamos esse quadro de desestímulo pela vida, também materializado pela falta de condições de acessar e viver à cidade, o problema é catalisado e o envelhecimento se apresenta como sinônimo de não pertencimento.

Igualmente, a cidade se apresenta polinucleada e conseqüentemente fragmentada, como já mostramos anteriormente, e, essa condição dá a entender que a cidade enquanto produto humano não lhe serve, e por isso, precisa ser constantemente feita e refeita, entretanto esse fazer/refazer na/da cidade sempre representa e estabelece as bases para uma construção socioambiental desconectada com as necessidades daqueles que habitam, constroem e se reproduzem no espaço. Não obstante, a cidade que se reinventa elimina o passado do seu tecido efervescente e ansioso por inovações. Nesse mecanismo, fragmentos escapam desse ciclo de transformações, e quase como uma conseqüência do tecido sociometabólico que a

---

a viajar, e passar meus dias assim”. Schopenhauer exprime um ponto de vista análogo: “A velhice só tem uma semiconsciência da vida... Insensivelmente, o intelecto se embota de tal maneira pelo longo hábito das mesmas percepções, que cada vez mais tudo acaba por deslizar nele, sem impressioná-lo” (BEAUVOIR, 1990, 550-551).

enreda, esses lugares e recantos que escaparam do processo de reprodução cristalizam-se no tempo, e esvaem-se no espaço, criando zonas que refletem em sua forma sinais claros do abandono, da falta de investimento por parte dos detentores do capital.

Ainda mais grave o quadro se configura, quando a população também vem sistematicamente resistindo ao tempo, o que se configura é um grupo social que nasce como novidade à cidade e ao bairro, e tanto por isso não se reconhece mais nos lugares que há pouco eram à base da sua identificação com o espaço. Posto isso, esse grupo se coloca à sociedade como um contingente de pessoas que não mais conseguem se apropriar dos elementos que compõe a vida cotidiana, e entram em um processo quase autofágico de esquecimento e eliminação da vida social coletiva, restando-lhes apenas os quadros bonitos da memória e uma coleção de fotos que sugerem um antigo pertencimento que agora se apresenta como abandono.

Esse é o conteúdo das falas dos três personagem/sujeitos da história, eles falam de um espaço/tempo que não existe mais, os textos não casam com as imagens, e as imagens revelam que modelos e signos do desenvolvimento de ontem, não representam o sucesso de hoje. E assim, o que se revela é que em algum ponto entre o hoje e o ontem as dimensões de respeito, coletividade, cidadania ficaram presas em uma espécie de barreira espacial que tem como “cela”, como grades que impedem à circulação alguns critérios econômicos e étários.

A ausência e precarização de projetos e planos urbano-ambientais que contemplem a cidade e a população em suas especificidades e necessidades é um dado cada vez mais concreto e desafiador. . E indispensável uma aproximação coerente entre os dados apontados pelo próprio avanço do conhecimento e da técnica com o que se pretende para a cidade do presente e do futuro. Se esta se ampliando a expectativa de vida há que se ter igualmente planos para essa etapa da vida nos processos contemporâneos do urbanismo. Não é mais época de se preferir o complexo em detrimento ao simplificado, muito pelo contrário, o estágio evolutivo das capacidades reflexivas do homem exige um comprometimento maior com a gestão das pessoas e dos espaços entendidos enquanto elementos consorciados.

Essas responsabilidades acerca dos humanos e da sua forma de organizar a vida se tornam mais socializadas e compartilhadas, quanto maior o poder da sociedade em participar dos processos de planejamento e gestão. Quando condicionadas a agir de acordo com padrões e paradigmas as pessoas não conseguem se livrar desses padrões de comportamento, e reproduzem as “regras do jogo” de maneira involuntária, fazendo com que corpo e mente se agrupem em uma unidade que tem a sua capacidade de ação, inovação e transformação bastante reduzidas.

Como exemplo de que o processo de envelhecimento tem vinculação direta com a forma como as pessoas vêem a sua condição, acrescentarei ao debate um caso apresentado por Chopra (1994, p. 109-112) em que um senhor de 67 anos começou a se portar bastante diferente do usual, e sua mulher o levou ao consultório de Chopra,

Quando perguntei a Perry como se sentia, ele foi evasivo: “Só estou ficando velho”, disse. “Não há nada de errado comigo que não pudesse ser corrigido se eu tivesse menos vinte anos de idade.” Mas na verdade o Perry de vinte anos atrás já estava cultivando as sementes dos hábitos e crenças que o transformaram no que ele é hoje em dia. Como muitas pessoas da sua geração, Perry sobrevivera a seus pais, que tinham morrido aos 70 e 72 anos, respectivamente, após uma vida de trabalho árduo em fábricas de sapatos Boston. As expectativas dele para se próprio eram fortemente marcadas por tê-los visto envelhecer. Seu pai foi “posto numa prateleira” aos 65 anos e aposentou-se em cima de uma cadeira de balanço. [...] A mãe de Perry, por outro lado, permaneceu ativa toda a sua vida. Como muitas mulheres do seu tempo, também tomava conta do marido e da família, fazendo todo o trabalho da casa ao mesmo tempo em que se conservava num emprego de contadora. Não obstante tudo o mais que possa ser dito de sua vida, a verdade é que ela manteve uma forma física melhor do que a de seu marido [...] No entanto, ela ficou apática e solitária após a morte do marido, parecendo ter perdido seu objetivo de vida.

Chopra mostra que a visão de envelhecimento que o Perry tinha era essa de seus pais, o que fez com que ele tivesse aprendido uma maneira de envelhecer, que muito mais do que fenômenos biológicos, foram apresentadas justificativas psicológicas que construíram um entendimento da forma de envelhecer. “*O envelhecimento como um todo é um círculo vicioso. Quando alguém espera ser desligado, isolado e inútil após uma certa idade, cria as condições que irão justificar as suas crenças.*” (op. Cit., p. 115)<sup>125</sup>.

O exemplo trazido por Chopra, e o diagnóstico da força da mente no processo de construção da idéia do envelhecimento em cada indivíduo e a força da construção coletiva do que se define como característica do que é se tornar velho são duas vertentes bastante fortes e ao mesmo tempo definem caminhos bastante distintos acerca do projeto humano e social do que é envelhecer, e por isso, reivindicar a consciência do próprio homem de que a sua vida é uma construção aberta é fundamental para se desenvolver modelos e propostas de gestão que integrem os diversos elementos que compõe da diversidade da vida.

Aliado a isso, esse processo de conscientização da força que a mente impõe ao corpo pode conduzir a uma alteração na forma de conceber o espaço para os idosos, e a partir da

---

<sup>125</sup> A consciência, uma vez que se torna condicionada, assume a forma de hábito; a repetição automática reforça os padrões destrutivos, e, a menos que um novo aprendizado tome lugar, a inércia irá empurrar o corpo morro abaixo ano após ano (op. Cit., p. 116).

alteração da forma com que o mundo vivido é apreendido, pode-se conseguir alterações significativas na forma como as verticalidades são impostas, sugerindo horizontalidades que representem o desejo daqueles que resistem ao tempo e exigem do espaço releituras em suas materialidades. Dessa maneira, sugere-se que um elemento indispensável para subverter as obsolescências é um grupo social representativo e consciente a sua importância para construção de novos paradigmas.

***5.1. – Perspectiva de soluções para o tecido urbano envelhecido: contribuições da Alemanha para pensar os espaços do bairro da Boa Vista no Brasil.***

Na literatura alemã trabalhar com a dimensão da degradação urbana não é mais novidade, ao longo do tempo os processos de reprodução do espaço urbano foi fonte de grandes preocupações do poder público. A degradação do espaço urbano assume um caráter de normalidade frente às posturas e a preocupação alemã na resolução dos problemas relativos às formas urbanas<sup>126</sup>.

De acordo com Freitag (2003), os espaços urbanos centrais “*são aqueles locais que foram construídos em períodos coloniais, e que foram invadidos pela modernidade*”. Assim, as áreas centrais são locais que foram cedendo ou não “*às pressões dos especuladores de terrenos, dos engenheiros civis, dos arquitetos modernos e pós-modernos*”, e essa condição, deixa marcas muito claras no processo de reprodução da cidade, o que inevitavelmente, ao passar do tempo e com o deslocamento do centro de interesse para áreas afastas do caos urbanos do antigo centro, gera um processo clássico de degradação urbana.

Lichtenberger (1990) afirma que, diferente do passado, a atual situação de *Stadtverfall* (degradação urbana) não é o resultado de um sistema político e uma crise econômica, mas sim, resultante de uma estabilidade política e prosperidade econômica relacionada com grande estratificação social<sup>127</sup>.

---

<sup>126</sup> Lichtenberger (1990) atribui ao conceito de *stadtverfall* (degradação urbana) e sua posterior recuperação um caráter de normalidade, ou seja, compõe o ciclo normal de produção e reprodução do urbano independentemente do país a que esteja vinculado, o que pode variar é a intensidade em função dos diversos vínculos, meio de produção, circulação do capital, etc.

<sup>127</sup> Zum Unterschied von der Vergangenheit ist der aktuelle Stadtverfall nicht mit einer Auflösung von politischen Systemen und Wirtschaftskrisen, sondern mit politischer Stabilität und wirtschaftlicher Prosperität breiter Bevölkerungsschichten verbunden (LICHTENBERGER, 1990).

---

### *Formas de intervenção*

As intervenções no espaço urbano podem atingir um conjunto múltiplo de possibilidades, o pesquisador alemão Mertins (2006), revela que existem vários termos que podem ser trabalhados como, proteção, restauração, conservação, renovação, revitalização, revalorização entre outros. Todos apresentam pequenos desdobramentos que os diferenciam. Entretanto, essas formas de intervenção representam, ainda que isolada e parcialmente uma busca pelas melhorias das áreas degradadas e conseqüentemente geram um interesse do capital.

Os processos de renovação têm como objetivo principal recuperar áreas degradadas e abandonadas sob uma perspectiva de requalificação, principalmente no que diz respeito às formas e às funções equipamento urbano.

Outra ação interventora é a revitalização dos centros históricos, em geral prédios, áreas públicas (ruas, pátios, calçadas) com base em seu valor histórico-cultural passam por um processo de revitalização frente às intempéries inexoráveis do tempo. As intervenções urbanísticas no espaço solucionam problemas para além da simples aparência, pois, a revitalização urbana não muda somente a forma física do meio ambiente urbano, porém transformam a imagem da cidade, os caminhos em que ela é percebida e experimentada e, as relações psicológicas e emocionais entre a sociedade e o espaço<sup>128</sup>.

Neste sentido, as ações promotoras de uma nova vida aos espaços vinculados aos centros históricos influenciam significativamente na imagem da cidade, buscando substituir a percepção de um local de não investimento, de deterioração, de criminalidade e de pobreza para uma nova imagem de progresso, crescimento, vitalidade e prosperidade<sup>129</sup>. Em outras palavras, é dizer que as atividades de intervenção urbana auxiliam a troca dos sinais de envelhecimento para os sinais de juventude, ainda que os espaços sejam originalmente velhos.

À luz dos conceitos e interpretações do código alemão de construção é possível identificar dois objetivos acerca do processo de restauração em espaços inseridos em

---

<sup>128</sup> Urban revitalization changes not only the physical form of the urban environment but also transforms the image of the city, the ways in which it is perceived and experienced, and psychological and emotional relationships between humans and urban places (HOLCOMB & BEAUREGARD, 1981).

<sup>129</sup> Revitalization efforts consciously try to remold the image of the city, to replace the perception of the city as a place of disinvestment, deterioration, crime and poverty. The new image is to be one of progress, growth, vitality, and prosperity (HOLCOMB & BEAUREGARD, 1981).

---

territórios urbanos: *i)* buscar melhorias das circunstâncias de vida tanto na moradia quanto no trabalho da população e *ii)* buscar o fortalecimento das funções do território<sup>130</sup>.

Com isso, aponta-se para a constatação de que a restauração de áreas urbanas deve ser tratada não apenas como um problema técnico, relacionado apenas a recuperação de materiais deteriorados ao longo do tempo, mas sim, tem que ser entendido como um problema de grande influência nas questões sociais, afinal, a população habitante de regiões renovadas estão diretamente envolvidos no processo.

---

<sup>130</sup> In einer Interpretation des Städtebauförderungsgesetzes stellen Bundt und Roosch zwei Zielkomponenten der Stadtsanierung heraus: „(1) die Verbesserung der Lebensverhältnisse der wohnenden und arbeitenden Bevölkerung und (2) die Funktionsertüchtigung von Gebieten“ (HESS, 1975)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

### *O direito à cidade, ao acesso, à reprodução da vida*

Uma das primeiras reflexões conclusivas é que a vida para ser realizada em busca de uma plenitude precisa ser conduzida numa dimensão de respeito, em que as possibilidades tenham a dimensão das realidades, ou seja, o espaço e as relações estabelecidas nele precisam ser coerentes com o campo do possível, fazendo com que sejam garantidos a todos os mecanismos básicos para que haja escolhas acerca dos caminhos a serem trilhados. Não só os idosos, mas, todos os cidadãos têm o direito de desenvolver as suas vidas dentro de um campo/espectro de possibilidades que não vitime as pessoas à ditadura do socialmente possível e permitido.

Quando se recorta o universo de análise para grupos minoritários, a exemplo dos idosos, os questionamentos na direção de políticas públicas, elementos de gestão e ações coletivas direcionadas para garantir níveis de inclusão e comprometimento com a qualidade de vida são elevadas à primeira potência, ou seja, as reflexões e ações acerca desse tecido social, que tem necessidades muito claras, precisam compor a posição número 1 na pauta de discussão e intervenções dos fóruns, encontros, debates e reuniões acerca da evolução da vida em sociedade, o que compromete boa parcela dos ramos do conhecimento e dos órgãos que gerenciam a vida coletiva.

A cidade, modernamente, compõe um campo privilegiado de possibilidades e também significa espaço de impossibilidades para alguns. E, é justamente nessa segunda condição que se situou esta pesquisa, ou seja, situou-se no campo das impossibilidades geradas na equação da vida humana com sua expectativa etária ampliada, de um lado, e do outro a insuficiência dos recursos físicos e de fluidez das coisas e equipamentos que constituem o urbano.

As reflexões foram baseadas na perspectiva de que o envelhecimento das pessoas quando vinculado diretamente a uma base espacial, que exhibe traços muito claros de coexistências de obsolescências e novidades de equipamentos e mais ainda, movidos por um afluxo crescente de pessoas mais jovens num tempo veloz, cria desigualdades muito grandes e refletem um processo excludente de reprodução da vida.

O que se apresenta, então, é que a cidade com o seu discurso polissêmico tem exibido, historicamente, grande dificuldade em estabelecer diálogos com todos os elementos que dela vivem, o que se caracteriza, e não é novidade, com um grande número de pessoas que vivem à margem do processo de reprodução da vida.

A cidade, é planejada e gerida de forma fragmentada e com uma intencionalidade que a transforma em instrumento de fragmentação contínua. O grande problema agora não é mais o fato da cidade ou dos fragmentos das cidades não mais permitirem a reprodução da vida dos idosos, mas, é que as próprias cidades estão envelhecendo e não acompanham mais as necessidades do grupo dos idosos que vêm, nos países em desenvolvimento, crescendo em uma velocidade alta pelo menos nos últimos 50 anos, como mostrou os dados estatísticos apresentados no capítulo 2. O que instaurou um desafio: *como se faz para gerir vidas que precisam de uma atenção especial e estão isoladas em fragmentos da cidade que não têm possibilidade de gerar o nível de atenção e especificidade reivindicada pelo grupo dos idosos e que, além disso, estão em um processo acelerado de obsolescência?* Esta condição diminui em muito as possibilidades de diálogo.

Envelhecer não significa que a vida está chegando a seu termo final, e além disso, essa época da vida pode e deve ser tão intensa quanto às demais, devendo apenas ter-se atenção para necessidades especiais que venham ao encontro desse novo estágio da vida. Indubitavelmente, o envelhecimento do espaço, de um bairro, de um fragmento da cidade, de uma cidade ou de um país, não é necessariamente sinônimo de um estado/condição de obsolescência e abandono das estruturas.

Uma nova forma de ver os processos e integrar as mais diversas formas que necessitam de um alto grau de integração mediante as necessidades dos grupos de idosos é sem sombra de dúvida levar em consideração *“as políticas públicas e serviços sociais para a velhice ligados às novas tecnologias; os usos e representações das pessoas de idade sobre os objetos técnicos; e o lugar da pessoa envelhecida na oferta técnica”* (PEIXOTO; CLAVAIROLLE, 2005, p. 16).

Há necessidade de se investir em tecnologias que contemplem o desafio da *obsolescência dos equipamentos urbanos e a sua reintegração possível*. Por outro lado, há que se pensar em modelos que contemplem a projeção das necessidades dessa população que está com expectativa de vida ampliada. Assim, deslocar a técnica e a tecnologia a serviço dos grupos sociais parece ser mais um dos desafios necessários a uma nova condição urbana dos países em processo de desenvolvimento que apresentam um tecido urbano esgarçado e conseqüentemente uma população carente de assistências em relação ao processo de envelhecimento.

O crescimento da população com mais de 60 anos coincide com o acelerado desenvolvimento tecnológico das sociedades ocidentais, a ponto de “jamais, e sem dúvidas em época alguma da história da humanidade, nosso cotidiano

---

ter sido tão perturbado pela invenção sistemática e jamais, ao longo da vida de um homem, se ter produzido o que se desenrola hoje no mundo: a modificação constante das nossas condições de existência” (op. Cit., p. 38).

Não obstante, considera-se que

A noção de “técnica” designa um campo de mediação, de ajustamento permanente entre os fatores materiais (necessidades biofísicoquímicas, princípios de funcionamento dos ecossistemas etc.) e um sistema de representações e relações sociais, visando melhorar e ampliar as performances corporais na sua relação com o meio ambiente. [...] A tecnologia, ao mesmo tempo em que aumentou seu poder e suplantou a técnica propriamente dita, se viu confrontada com enorme crítica: a idéia de que todo progresso tecnológico seria igualmente um “progresso da humanidade” (ibid).

Em pesquisa realizada por Peixoto e Clavairolle, em uma pequena cidade nos arredores de Paris, foi constatado que diferente do que o imaginário popular entende, o grupo de idosos não apresenta muita resistência para incorporar as novas tecnologias a sua vida cotidiana. No entanto, as entrevistas e questionários apontaram uma situação a ser analisada: o discurso popular entre os idosos de maneira geral se configura como resistência às tecnologias implantadas, entretanto, na prática os idosos seguiam na direção contrária, ou seja, incorporam as inovações tecnológicas em sua forma de vida e nas relações cotidianas.

O que se faz urgente como política pública, além de introduzir elementos tecnológicos no cotidiano da vida da cidade a fim de facilitar os processos de reprodução da vida, é criar instrumentos que garantam uma interpretação diferente do que seja a velhice e o processo de envelhecimento, colocando como prioridades questões que garantam a qualidade de vida dos grupos em análise e discussão. No entanto, é necessário que se caminhe para além de criação de grupos de encontros, palestras ou associações de idosos, pois, essas muitas vezes criam secções da vida das pessoas, como se essas estivessem desvinculadas do contexto social, como se vivem uma vida à parte da sociedade, e no entanto medidas eficientes e de alto grau de complexidade necessitam trabalhar a integração dos idosos junto à sociedade, afinal ser social evoca a dimensão de várias pessoas, em suas mais diversas fases de vida, vivendo em conjunto, confrontando interesses e sugerindo soluções ativamente. Pensar nos idosos e no processo de envelhecimento tanto social, quanto do espaço não é reunir uma miríade de pontos de pauta em uma lista de lista de discussões sem que esses pontos sejam articulados com os demais temas pertinentes à cidade, o que se precisa é garantir e viabilizar meios de gestão compartilhada, sem simplificar, fragmentar ou reduzir o que já é historicamente fragmentado, reduzido e simplificado.

---

A vida precisa ter sentido para que no fim da vida não atinjamos quadros como o apresentado por Canoas (1985, p. 19)

No cansaço e no desgaste do dia-a-dia, a vida foi passando, os filhos, quando existem, já estão enfrentando os seus próprios problemas, o velho ficou só, sem reservas, sem saúde, sem planos, precisando somente de um lugar para comer, limpar-se e dormir. Pode parecer exagero quando dizemos que toda uma existência foi passada dessa forma. Buscamos nas palavras de Paul Lafargue uma simples e pura explicação do cotidiano do trabalhador: “acontece que, à noite chegam a casa vencidos pela necessidade de dormir e que, no dia seguinte, voltam a sair antes de estarem completamente refeitos, para estarem na oficina à hora da abertura”.

Não se reivindica uma vida apenas baseada em lazer ou coisa parecida, a crítica que se monta é que uma vida construída sem qualidade acaba influenciando em idosos esgotados psicológica e fisicamente. O que reivindica é que a reprodução da vida tenha a garantia de elementos básicos de lazer e descanso, para que quando se atinja a condição de idoso, essas pessoas possam continuar produtivas, pois, com base nas observações em campo, pelas conversas compartilhadas e também confirmadas pelo estudo de Bacelar (2002), os idosos produtivos são mais saudáveis do que aqueles que se entregam a uma vida sem desafios.

A atividade, a ocupação, que denomino de produtividade, desperta o interesse dos estudiosos do envelhecimento, por que aí reside a grande diversidade de comportamento entre os idosos. [...] O rendimento financeiro não é indispensável para a valorização da atividade do idoso. Ademais, para ser eficaz na velhice, não basta restringir-se à família, é preciso algo mais, uma ampliação para fora de si e dos seus interesses: pode ser cuidar de obras sociais numa participação sistemática, por exemplo, como se vê nas informações de alguns entrevistados. Por outro lado, o sentimento de desvalia, de inutilidade, é um dos maiores problemas que acompanha a velhice.

Diante do *lusco/fusco* da própria condição humana é preciso se perguntar e repensar sobre quais são os desafios que estão agendados? Qual é a nossa pauta de prioridades? Gomes (2002) lembra que “*nossos paradigmas disciplinares se edificaram sobre uma base comum onde o projeto progressista de racionalização não comporta o senso comum, o idealizado impede o reconhecimento das co-existências e bloqueia as possibilidades de outras construções*”.

No entanto, uma coisa é certa, há que se resgatar o pensamento moderno de Sen (2000) e as noções necessárias das de cinco liberdades instrumentais como fundamento para

qualquer plano de desenvolvimento que esteja preocupado com o homem (cidadão) em sua condição ontológica.

As liberdades defendidas por Sen (2000) são “(1) liberdades políticas; (2) facilidades econômicas; (3) oportunidades sociais; (4) garantia de transparência e (5) segurança protetora”, essas liberdades foram pensadas como condição para o desenvolvimento econômico, mas elas são facilmente transportadas para a discussão à reprodução da vida e se articulam para nos ajudar a diagnosticar e refletir acerca do processo de envelhecimento da sociedade e do espaço vinculado a ela.

Com base nessas necessidades, elabora-se uma lista com as principais soluções para que se desenhe um modelo mais equitativo e uma perspectiva de inclusão para o grupo dos idosos que estão vinculados a espaços obsoletos, como é o caso do bairro da Boa Vista.

Lista de prioridade para a intervenção urbana na boa vista frente às necessidades do grupo dos idosos:

1. Desenvolver grupos de encontros destinados ao pessoal da terceira idade;
2. Trabalhar a acessibilidade em todas as vias de circulação do bairro;
3. Melhorar a acessibilidade aos principais edifícios públicos;
4. Implantação de um programa de requalificação e reestruturação dos edifícios e casas, notadamente aquelas em que os idosos sejam os moradores;
5. Melhoria nas condições de segurança do bairro;
6. Implantação de grupos de assistência social aos idosos moradores do bairro;
7. Requalificação dos espaços públicos, além da necessidade de implementação de uma política de controle e manutenção dos espaços públicos;
8. Desenvolvimento e aplicação de novas tecnologias que auxiliem no acesso ao bairro, bem como a facilitação das atividades relacionadas à dinâmica local do bairro;
9. Instituição de fóruns de discussão e articulação das pessoas idosas do bairro frente às demandas de integração e melhor adaptação às necessidades do grupo;
10. Criação de um conjunto de práticas sociais que melhorassem a vida dos idosos (criação de casas especializadas, abrigos, isenção de taxas, alugueis mais baratos, prioridade de atendimento, acesso aos serviços públicos, etc.)

## Referências

ALMEIDA, Maria da Conceição. *Mapa inacabado da complexidade*. In: SILVA, Aldo A. Dantas; GALENO, Alex. *Geografia: Ciência do complexus*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

ALTERUNGSPROZESS. Disponível em [http://www.pflege-aktuell.com/pflege1\\_a/01/index1.php?url=mainframerechts1](http://www.pflege-aktuell.com/pflege1_a/01/index1.php?url=mainframerechts1), acesso em 20 de abril de 2008.

ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no nordeste*. 7º ed. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. *Espaço, Polarização e Desenvolvimento*. 4º ed. São Paulo: Grijalbo, 1977.

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. *Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro: heranças e urgências*. Rio de Janeiro, RJ: Revan, 2000.

BACELAR, Rute. *Envelhecimento e produtividade: Processos de subjetivação*. 2 ed. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches – FASA, 2002.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Galilée, 1981.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice: o mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições da vida dos idosos*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. (obras escolhidas; vol. 3).

\_\_\_\_\_. *Teses sobre o conceito de História*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BOLLNOW, Otto Friedrich. *Mensch und Raum*. Berlin: Kohlhammer, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *Distinction: a social critique of the judgment of taste*. Londres: [s.n.], 1980.

\_\_\_\_\_. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus. 1996.

BRAGA, João. *Trilhas do Recife; guia turístico, histórico e cultural*. Recife: [s. n.], 2000.

BRASIL. Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

CAMARANO, Ana Amélia. *Envelhecimento da população brasileira: Uma Contribuição Demográfica*. Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

CAMARGO, Luís Henrique Ramos de. *A ruptura do meio ambiente: conhecendo as mudanças ambientais do planeta: A geografia da complexidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

CAMPOS, Heleniza Ávila. *O uso dos Espaços Públicos como fator de conservação de estruturas históricas em áreas centrais urbanas: um recorte no centro expandido da cidade do Recife*. Recife: MDU/UFPE, 1995. (Dissertação de mestrado).

CANÔAS, Cilene Swain. *A condição do humano velho*. São Paulo: Cortez, 1985.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O espaço urbano: Novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Labur Edições, 2007a.

\_\_\_\_\_. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Labur Edições, 2007b.

CARVALHO, José Alberto Magno & GARCIA, Ricardo Alexandrino. *O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico*. In: Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 19(3):725-733, mai-jun, 2003.

- CARVALHO, Maria Clotilde Barbosa Nunes Maia de. *O diálogo intergeracional entre idosos e crianças: projeto “era uma vez... atividades intergeracionais”*. Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em Serviço Social).
- CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas dos labirintos I*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- CAVALCANTI, Carlos Bezerra. *O Recife e seus bairros*. Recife: Câmara Municipal, 1998.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia da cidade: a produção do espaço urbano*. Goiânia: Alternativa, 2001.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 12 ed. São Paulo: Ática, 1999.
- CHOPRA, Deepak. *Corpo sem idade, mente sem fronteiras: A alternativa quântica para o envelhecimento*. 7 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. 2 ed. Florianópolis: UFSC, 2001.
- DE CERTEAU, Michel. *Teoria e método no estudo das práticas cotidianas*. In: Cotidiano, cultura popular e planejamento. São Paulo: Fauusp, 1985.
- DEBORD, Guy. *Sociedade de Espetáculo*. Lisboa: Mobilis en Móbile, 1991.
- DOLL, Johannes. *Bem-estar na velhice: mitos, verdades e discursos, ou a gerontologia na pós-modernidade*. In: RBCEH, Passo Fundo, 9-21 - jan./jun. 2006.
- FERNÁNDEZ, Rosario Paniagua. *El proceso de envejecimiento y la intervención social*. In: RBCEH, Passo Fundo, v. 4, n. 1, p. 57-75, jan./jun. 2007.
- FRANCA, Rubem. *Monumentos do Recife: estátuas e bustos, igrejas e prédios, lápides, placas e inscrições históricas do Recife*. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1977.

FREITAG, Ulrike. *Der Islam in der arabischen Welt*. In: *Aus Politik und Zeitgeschichte*. Nr.37, S.25, 2003.

FREITAS, Ruskin Marinho de. *Entre a saudade e a promessa: práticas espaciais cotidianas atuais em espaços de lazer no bairro da Boa Vista – Recife PE*. Recife: UFPE/DCG, 1995 (dissertação de mestrado).

FRUMI, Cailene; CELICH, Kátia Lilian Sedrez. *O olhar do idoso frente ao envelhecimento e à morte*. In: RBCEH, Passo Fundo, 92-100 - jul./dez. 2006.

FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GAGLIETTI, Mauro; BARBOSA, Márcia Helena Saldanha. *Que idade tem a velhice?*. In: RBCEH, Passo Fundo, v. 4, n. 2, p. 136-148, jul./dez. 2007.

GAI, Eunice Terezinha Piazza. *GOETHE: vida e obra fáusticas*. In: HELFER, Inácio. *Pensadores Alemães dos séculos XIX e XX*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

GALVÃO, Sebastião de Vasconcellos. *Diccionario chorografico, histórico e estatístico de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.

GOMES, Edvânia Tôrres Aguiar. *Dilemas nas (Re)Estruturações das Metrôpoles*. In: Revista Terra Livre. São Paulo: AGB, 2002.

\_\_\_\_\_. *Agendando velhos reencontros: relações entre os humanos e a natureza nos espaços socialmente produzidos*. In: Sposito, Maria Encarnação Beltrão. *Urbanização e cidades: Perspectivas geográficas*. Presidente Prudente: [s.n.], 2001.

\_\_\_\_\_. *Discutindo a natureza possível na cidade contemporânea uma pesquisa no Recife- PE -Brasil*. In: Encuentro de Geografos de America Latina. Santiago: Universidad de Chile, 2001.

\_\_\_\_\_. *Recortes de paisagens na cidade do Recife: uma abordagem geográfica*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, ed. Massangana, 2007.

GOMES, Paulo César da Costa. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GONÇALVES E SILVA, Gilson Edmar. *Lembranças da Boa Vista*. In: JORNAL DO COMMERCIO, Recife: Jornal do Commercio, 26 de março de 2009.

GUERRA, Flávio. *Velhas igrejas e subúrbios históricos*. Recife: Fundação Guararapes, 1970.

HAAD, Eneida G. Macedo. *O direito à velhice: os aposentados e a previdência social*. São Paulo: Cortez, 1993.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

\_\_\_\_\_. *Espaços de Esperança*. São Paulo: Loyola, 2004.

HEBECHE, Luiz. *Remissão e Sinal: ensaio sobre "Ser e tempo"*, [s.l.]: [s.n.], 1999. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/sinal.pdf>, acesso em 20 de fevereiro de 2008.

HEIDEGGER, Mártir. *Ser e tempo*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

HESS, Bernhard . *Methoden zur Abgrenzung von Sanierungsgebieten*. [s.l.]: [s.n.], 1975.

HOLCOMB, B.; BEAUREGARD, R. A. *Spatial targeting vs. political dispersion: Ramification of Urban Development Action Grants*, [S.l.]: [S.n.], 1981.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Projeção da População do Brasil*. Comunicação social, disponível em:  
[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_impressao.php?id\\_noticia=1272](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impressao.php?id_noticia=1272)

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Abril cultural, 1983.

\_\_\_\_\_. *Immanuel Kant textos seletos*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

KAUFMAN, Tânia Neumann. *Passos perdidos, história recuperada: a presença judaica em Pernambuco*. Recife: Edição do Autor, 2000.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

\_\_\_\_\_. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LEFF, Enrique. *Epistemologia Ambiental*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LICHTENBERGER, E. *Stadtgeographie-Perspektiven* In: Geographische Rundschau 38, 1986, p. 388-394.

\_\_\_\_\_. *Stadtgeographie*. Stuttgart, 1990.

MARTINS, Heloisa H. T. de S. *Metodologia qualitativa de pesquisa*. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004

MAZUTTI, Cristiane; SCORTEGAGNA, Helenice de Moura. *Velhice e envelhecimento humano: concepções de pré-escolares do município de Tapejara – RS*. In: RBCEH, Passo Fundo, 101-112 - jul./dez. 2006.

MENDES, Filpe. *Meu bairro: Boa Vista*. Disponível em:  
<http://www.recife.pe.gov.br/agendacultural/>, acessado em 1 de abril de 2009.

MENDONÇA, Nadir Domingues. *Contemporaneidade: Conceito e Questões*. In: *Conhecimento Interativo*, São José dos Pinhais, PR, v. 2, n. 1, p. 127-138, jan./jun. 2006.

MENEZES, José Luiz da Mota (org.). *Atlas histórico cartográfico do Recife*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, editora Massangana, 1988.

MERTINS, Günter. *et. ali*. *Zum Verstädterungsprozess im nördlichen Südamerika*. Marburg: Marburger geographische Schriften, 2006.

MERTINS, G. *Wachsende Marginalisierung und Marginalviertel in Großstädten der Dritten Welt*. In: Kieler Geographische Schriften 111 (2006), 2006.

MÉSZÁROS, István. *A crise estrutural do Capital*. Revista Outubro, disponível em: [http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/04/out4\\_02.pdf](http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/04/out4_02.pdf), acesso em: 16/04/2008.

\_\_\_\_\_. *Para além do capital: Rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2002.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *Relatório Nacional brasileiro sobre o envelhecimento da população brasileira*. Brasília: Divisão de Temas Sociais, 2004.

MONTE-MOR, Roberto Luís de Melo. *Planejamento Urbano no Brasil: Emergência e Consolidação*. In: etc..., espaço, tempo e crítica. N° 1(4), VOL. 1, 15 de junho de 2007.

MORAES, Odair Barbosa de; SANTANA, Marcos Jorge Almeida. *Tecnologia, habitação e desenvolvimento sustentável*. In: III ENECS - Encontro Nacional sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis. Disponível em: [http://odairmoraes.pcc.usp.br/Nova\\_pasta/doc31459.pdf](http://odairmoraes.pcc.usp.br/Nova_pasta/doc31459.pdf), 2002?.

MOREIRA, Morvan de M. *Envelhecimento da População Brasileira: aspectos gerais*. Belo Horizonte, 1999, mimeo. (Trabalho apresentado no Seminário “Envelhecimento da população brasileira: aspectos macro e micro relevantes para políticas sociais, regionais e nacionais”. Belo Horizonte: ABEP-CEDEPLAR, 6-7 de dezembro de 1999).

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. *Ciência com consciência*. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. *Terra-pátria*. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2003

OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Pernambuco: seu desenvolvimento histórico*. 3 ed. Recife: Massangana, 1997.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Envelhecimento Ativo: um Projeto de Política de Saúde*. Madrid, 2002.

PARAISO, ROSTAND. *Casarões fantasmas no Recife*. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=721&textCode=6602&date=currentDate>. 06/06/2009, acessado em 10 de fevereiro de 2009.

PEIXOTO, Clarice Ehlers; CLAVAIROLLE, Françoise. *Envelhecimento, políticas sociais e novas tecnologias*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

PELIZZOLI, Marcelo. *A Bioética como novo Paradigma: Crítica ao Cartesianismo*. Recife: S.N, 2004?

\_\_\_\_\_. *A emergência do paradigma ecológico*. Petrópolis: Vozes, 1999.

PIERSON, Donald. *Estudos de ecologia humana*. São Paulo: Martins, [1945?]. Tomo I: Leituras de sociologia e antropologia social.

PINTO, Carlos Ignácio. *O trabalho em Marx*. In: Revista Eletrônica Klepsidra, disponível em: <http://www.klepsidra.net/klepsidra8/marx.html>, 2005?.

PREFEITURA DO RECIFE. *Atlas do desenvolvimento humano no Recife*.

\_\_\_\_\_. *Corredor leste-oeste*. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/modelo.php?id=293&Tipo=D>, acessado em 21/02/2009. Recife, 2005.

REZENDE, Antonio Paulo. *O Recife: Histórias de uma cidade*. 2 ed. Recife: Fundação de Cultura da cidade, 2005.

RIBEMBOIM, José Alexandre; MENEZES, José Luiz Mota. *O primeiro cemitério judeu das Américas*. Recife: Civitate/Bagação, 2005.

SANTIN, Janaína Rigo; BOROWSKI, Marina Zancanaro. *O idoso e o princípio constitucional da dignidade humana*. In: RBCEH, Passo Fundo, v. 5, n. 1, p. 141-153, jan./jun. 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2002a.

\_\_\_\_\_. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: EDUSP, 2005.

\_\_\_\_\_. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos da geografia*. São Paulo: Hucitec, 1991.

\_\_\_\_\_. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987.

\_\_\_\_\_. *O país distorcido: O Brasil, a globalização e a cidadania*. São Paulo: Publifolha, 2002b.

\_\_\_\_\_. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. *Por uma economia política da cidade*. São Paulo: HUCITEC, 1994.

\_\_\_\_\_. *Por uma outra globalização*. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Laura de. *Brasil: Território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

- SANTOS, Nádía Maria Weber. *Etapas psicológicas da vida humana e envelhecimento saudável, segundo a Weltanschauung da psicologia analítica*. In: RBCEH, Passo Fundo, 11-21 - jul./dez. 2006.
- SANTOS-FILHO, Sebastião David. *et. al. O interesse científico no estudo do envelhecimento e prevenção em ciências biomédicas*. In: RBCEH, Passo Fundo, 70-78 - jul./dez. 2006.
- SCHMIDT, João Pedro. *A contribuição de Karl Mannheim para a teoria das gerações*. In: HELFER, Inácio. *Pensadores alemães dos séculos XIX e XX*. Santa Cruz do Sul: UDUNISC, 2000.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.
- SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.
- SILVA, Jorge Fernandes da. *Vidas que não morrem*. Recife: Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, 1982.
- SILVA, Jose Graziano da. *Progresso Técnico e relações de trabalho na agricultura*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- SILVEIRA, Ronie Aleksandro Teles da. *A memória do absoluto*. In: HELFER, Inácio. *Pensadores alemães dos séculos XIX e XX*. Santa Cruz do Sul: UDUNISC, 2000.
- TEIXEIRA, Solange Maria. *Envelhecimento e trabalho no tempo do capital: Implicações para a proteção social no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2008.
- TOLFO, Rogério. *Linguagem e mundo: A fenomenologia do sinal em ser e tempo de Martin Heidegger*. In: HELFER, Inácio. *Pensadores alemães dos séculos XIX e XX*. Santa Cruz do Sul: UDUNISC, 2000.
- TOMASINI, Sérgio Luiz Valente. *Envelhecimento e planejamento do ambiente construído: em busca de um enfoque interdisciplinar*. In: RBCEH, Passo Fundo, 76-88 - jan./jun. 2005.

VARGAS, Paulo Rogério. *Nota sobre a atualidade do passado: Crise do Marxismo sim, e daí? Ou de te fabula narratur*. In: HELFER, Inácio. *Pensadores alemães dos séculos XIX e XX*. Santa Cruz do Sul: UDUNISC, 2000.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. 5 ed. Campinas: Papirus, 2002.

WERLEN, Benno. *Zur Ontologie von Gesellschaft und Raum*. Alemanha: Franz Steiner Verlag, 1999.

ZEA, Leopoldo. *Filosofia de la Historia Americana*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1978.

# **ANEXOS**

## Anexo 1 – Estatuto do Idoso – L10741



Presidência da República  
Casa Civil  
Subchefia para Assuntos Jurídicos

### LEI Nº 10.741, DE 1º DE OUTUBRO DE 2003.

[Mensagem de veto](#)

Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências.

[Vigência](#)

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

#### TÍTULO I Disposições Preliminares

Art. 1º É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.

Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

Parágrafo único. A garantia de prioridade compreende:

I – atendimento preferencial imediato e individualizado junto aos órgãos públicos e privados prestadores de serviços à população;

II – preferência na formulação e na execução de políticas sociais públicas específicas;

III – destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção ao idoso;

IV – viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso com as demais gerações;

V – priorização do atendimento do idoso por sua própria família, em detrimento do atendimento asilar, exceto dos que não a possuam ou careçam de condições de manutenção da própria sobrevivência;

VI – capacitação e reciclagem dos recursos humanos nas áreas de geriatria e gerontologia e na prestação de serviços aos idosos;

VII – estabelecimento de mecanismos que favoreçam a divulgação de informações de caráter educativo sobre os aspectos biopsicossociais de envelhecimento;

VIII – garantia de acesso à rede de serviços de saúde e de assistência social locais.

IX – prioridade no recebimento da restituição do Imposto de Renda. [\(Incluído pela Lei nº 11.765, de 2008\).](#)

Art. 4º Nenhum idoso será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão, e todo atentado aos seus direitos, por ação ou omissão, será punido na forma da lei.

§ 1º É dever de todos prevenir a ameaça ou violação aos direitos do idoso.

§ 2º As obrigações previstas nesta Lei não excluem da prevenção outras decorrentes dos princípios por ela adotados.

Art. 5º A inobservância das normas de prevenção importará em responsabilidade à pessoa física ou jurídica nos termos da lei.

Art. 6º Todo cidadão tem o dever de comunicar à autoridade competente qualquer forma de violação a esta Lei que tenha testemunhado ou de que tenha conhecimento.

Art. 7º Os Conselhos Nacional, Estaduais, do Distrito Federal e Municipais do Idoso, previstos na [Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994](#), zelarão pelo cumprimento dos direitos do idoso, definidos nesta Lei.

## TÍTULO II Dos Direitos Fundamentais

### CAPÍTULO I Do Direito à Vida

Art. 8º O envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social, nos termos desta Lei e da legislação vigente.

Art. 9º É obrigação do Estado, garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade.

### CAPÍTULO II

#### Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade

Art. 10. É obrigação do Estado e da sociedade, assegurar à pessoa idosa a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, políticos, individuais e sociais, garantidos na Constituição e nas leis.

§ 1º O direito à liberdade compreende, entre outros, os seguintes aspectos:

- I – faculdade de ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais;
- II – opinião e expressão;
- III – crença e culto religioso;
- IV – prática de esportes e de diversões;
- V – participação na vida familiar e comunitária;
- VI – participação na vida política, na forma da lei;
- VII – faculdade de buscar refúgio, auxílio e orientação.

§ 2º O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, de valores, idéias e crenças, dos espaços e dos objetos pessoais.

§ 3º É dever de todos zelar pela dignidade do idoso, colocando-o a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

### CAPÍTULO III Dos Alimentos

Art. 11. Os alimentos serão prestados ao idoso na forma da lei civil.

Art. 12. A obrigação alimentar é solidária, podendo o idoso optar entre os prestadores.

~~Art. 13. As transações relativas a alimentos poderão ser celebradas perante o Promotor de Justiça, que as referendará, e passarão a ter efeito de título executivo extrajudicial nos termos da lei processual civil.~~

Art. 13. As transações relativas a alimentos poderão ser celebradas perante o Promotor de Justiça ou Defensor Público, que as referendará, e passarão a ter efeito de título executivo extrajudicial nos termos da lei processual civil. ([Redação dada pela Lei nº 11.737, de 2008](#))

Art. 14. Se o idoso ou seus familiares não possuírem condições econômicas de prover o seu sustento, impõe-se ao Poder Público esse provimento, no âmbito da assistência social.

#### CAPÍTULO IV Do Direito à Saúde

Art. 15. É assegurada a atenção integral à saúde do idoso, por intermédio do Sistema Único de Saúde – SUS, garantindo-lhe o acesso universal e igualitário, em conjunto articulado e contínuo das ações e serviços, para a prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde, incluindo a atenção especial às doenças que afetam preferencialmente os idosos.

§ 1º A prevenção e a manutenção da saúde do idoso serão efetivadas por meio de:

I – cadastramento da população idosa em base territorial;

II – atendimento geriátrico e gerontológico em ambulatórios;

III – unidades geriátricas de referência, com pessoal especializado nas áreas de geriatria e gerontologia social;

IV – atendimento domiciliar, incluindo a internação, para a população que dele necessitar e esteja impossibilitada de se locomover, inclusive para idosos abrigados e acolhidos por instituições públicas, filantrópicas ou sem fins lucrativos e eventualmente conveniadas com o Poder Público, nos meios urbano e rural;

V – reabilitação orientada pela geriatria e gerontologia, para redução das seqüelas decorrentes do agravo da saúde.

§ 2º Incumbe ao Poder Público fornecer aos idosos, gratuitamente, medicamentos, especialmente os de uso continuado, assim como próteses, órteses e outros recursos relativos ao tratamento, habilitação ou reabilitação.

§ 3º É vedada a discriminação do idoso nos planos de saúde pela cobrança de valores diferenciados em razão da idade.

§ 4º Os idosos portadores de deficiência ou com limitação incapacitante terão atendimento especializado, nos termos da lei.

Art. 16. Ao idoso internado ou em observação é assegurado o direito a acompanhante, devendo o órgão de saúde proporcionar as condições adequadas para a sua permanência em tempo integral, segundo o critério médico.

Parágrafo único. Caberá ao profissional de saúde responsável pelo tratamento conceder autorização para o acompanhamento do idoso ou, no caso de impossibilidade, justificá-la por escrito.

Art. 17. Ao idoso que esteja no domínio de suas faculdades mentais é assegurado o direito de optar pelo tratamento de saúde que lhe for reputado mais favorável.

Parágrafo único. Não estando o idoso em condições de proceder à opção, esta será feita:

I – pelo curador, quando o idoso for interditado;

II – pelos familiares, quando o idoso não tiver curador ou este não puder ser contactado em tempo hábil;

III – pelo médico, quando ocorrer iminente risco de vida e não houver tempo hábil para consulta a curador ou familiar;

IV – pelo próprio médico, quando não houver curador ou familiar conhecido, caso em que deverá comunicar o fato ao Ministério Público.

Art. 18. As instituições de saúde devem atender aos critérios mínimos para o atendimento às necessidades do idoso, promovendo o treinamento e a capacitação dos profissionais, assim como orientação a cuidadores familiares e grupos de auto-ajuda.

Art. 19. Os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos contra idoso serão obrigatoriamente comunicados pelos profissionais de saúde a quaisquer dos seguintes órgãos:

- I – autoridade policial;
- II – Ministério Público;
- III – Conselho Municipal do Idoso;
- IV – Conselho Estadual do Idoso;
- V – Conselho Nacional do Idoso.

#### CAPÍTULO V Da Educação, Cultura, Esporte e Lazer

Art. 20. O idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade.

Art. 21. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.

§ 1º Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna.

§ 2º Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais.

Art. 22. Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria.

Art. 23. A participação dos idosos em atividades culturais e de lazer será proporcionada mediante descontos de pelo menos 50% (cinquenta por cento) nos ingressos para eventos artísticos, culturais, esportivos e de lazer, bem como o acesso preferencial aos respectivos locais.

Art. 24. Os meios de comunicação manterão espaços ou horários especiais voltados aos idosos, com finalidade informativa, educativa, artística e cultural, e ao público sobre o processo de envelhecimento.

Art. 25. O Poder Público apoiará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas e incentivará a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados ao idoso, que facilitem a leitura, considerada a natural redução da capacidade visual.

#### CAPÍTULO VI Da Profissionalização e do Trabalho

Art. 26. O idoso tem direito ao exercício de atividade profissional, respeitadas suas condições físicas, intelectuais e psíquicas.

Art. 27. Na admissão do idoso em qualquer trabalho ou emprego, é vedada a discriminação e a fixação de limite máximo de idade, inclusive para concursos, ressalvados os casos em que a natureza do cargo o exigir.

Parágrafo único. O primeiro critério de desempate em concurso público será a idade, dando-se preferência ao de idade mais elevada.

Art. 28. O Poder Público criará e estimulará programas de:

I – profissionalização especializada para os idosos, aproveitando seus potenciais e habilidades para atividades regulares e remuneradas;

II – preparação dos trabalhadores para a aposentadoria, com antecedência mínima de 1 (um) ano, por meio de estímulo a novos projetos sociais, conforme seus interesses, e de esclarecimento sobre os direitos sociais e de cidadania;

III – estímulo às empresas privadas para admissão de idosos ao trabalho.

## CAPÍTULO VII Da Previdência Social

Art. 29. Os benefícios de aposentadoria e pensão do Regime Geral da Previdência Social observarão, na sua concessão, critérios de cálculo que preservem o valor real dos salários sobre os quais incidiram contribuição, nos termos da legislação vigente.

Parágrafo único. Os valores dos benefícios em manutenção serão reajustados na mesma data de reajuste do salário-mínimo, **pro rata**, de acordo com suas respectivas datas de início ou do seu último reajustamento, com base em percentual definido em regulamento, observados os critérios estabelecidos pela [Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991](#).

Art. 30. A perda da condição de segurado não será considerada para a concessão da aposentadoria por idade, desde que a pessoa conte com, no mínimo, o tempo de contribuição correspondente ao exigido para efeito de carência na data de requerimento do benefício.

Parágrafo único. O cálculo do valor do benefício previsto no **caput** observará o disposto no **caput** e [§ 2º do art. 3º da Lei nº 9.876, de 26 de novembro de 1999](#), ou, não havendo salários-de-contribuição recolhidos a partir da competência de julho de 1994, o disposto no [art. 35 da Lei nº 8.213, de 1991](#).

Art. 31. O pagamento de parcelas relativas a benefícios, efetuado com atraso por responsabilidade da Previdência Social, será atualizado pelo mesmo índice utilizado para os reajustamentos dos benefícios do Regime Geral de Previdência Social, verificado no período compreendido entre o mês que deveria ter sido pago e o mês do efetivo pagamento.

Art. 32. O Dia Mundial do Trabalho, 1º de Maio, é a data-base dos aposentados e pensionistas.

## CAPÍTULO VIII Da Assistência Social

Art. 33. A assistência social aos idosos será prestada, de forma articulada, conforme os princípios e diretrizes previstos na Lei Orgânica da Assistência Social, na Política Nacional do Idoso, no Sistema Único de Saúde e demais normas pertinentes.

Art. 34. Aos idosos, a partir de 65 (sessenta e cinco) anos, que não possuam meios para prover sua subsistência, nem de tê-la provida por sua família, é assegurado o benefício mensal de 1 (um) salário-mínimo, nos termos da Lei Orgânica da Assistência Social – Loas.

Parágrafo único. O benefício já concedido a qualquer membro da família nos termos do **caput** não será computado para os fins do cálculo da renda familiar **per capita** a que se refere a Loas.

Art. 35. Todas as entidades de longa permanência, ou casa-lar, são obrigadas a firmar contrato de prestação de serviços com a pessoa idosa abrigada.

§ 1º No caso de entidades filantrópicas, ou casa-lar, é facultada a cobrança de participação do idoso no custeio da entidade.

§ 2º O Conselho Municipal do Idoso ou o Conselho Municipal da Assistência Social estabelecerá a forma de participação prevista no § 1º, que não poderá exceder a 70% (setenta por cento) de qualquer benefício previdenciário ou de assistência social percebido pelo idoso.

§ 3º Se a pessoa idosa for incapaz, caberá a seu representante legal firmar o contrato a que se refere o **caput** deste artigo.

Art. 36. O acolhimento de idosos em situação de risco social, por adulto ou núcleo familiar, caracteriza a dependência econômica, para os efeitos legais.

## CAPÍTULO IX Da Habitação

Art. 37. O idoso tem direito a moradia digna, no seio da família natural ou substituta, ou desacompanhado de seus familiares, quando assim o desejar, ou, ainda, em instituição pública ou privada.

§ 1º A assistência integral na modalidade de entidade de longa permanência será prestada quando verificada inexistência de grupo familiar, casa-lar, abandono ou carência de recursos financeiros próprios ou da família.

§ 2º Toda instituição dedicada ao atendimento ao idoso fica obrigada a manter identificação externa visível, sob pena de interdição, além de atender toda a legislação pertinente.

§ 3º As instituições que abrigarem idosos são obrigadas a manter padrões de habitação compatíveis com as necessidades deles, bem como provê-los com alimentação regular e higiene indispensáveis às normas sanitárias e com estas condizentes, sob as penas da lei.

Art. 38. Nos programas habitacionais, públicos ou subsidiados com recursos públicos, o idoso goza de prioridade na aquisição de imóvel para moradia própria, observado o seguinte:

- I – reserva de 3% (três por cento) das unidades residenciais para atendimento aos idosos;
- II – implantação de equipamentos urbanos comunitários voltados ao idoso;
- III – eliminação de barreiras arquitetônicas e urbanísticas, para garantia de acessibilidade ao idoso;
- IV – critérios de financiamento compatíveis com os rendimentos de aposentadoria e pensão.

## CAPÍTULO X Do Transporte

Art. 39. Aos maiores de 65 (sessenta e cinco) anos fica assegurada a gratuidade dos transportes coletivos públicos urbanos e semi-urbanos, exceto nos serviços seletivos e especiais, quando prestados paralelamente aos serviços regulares.

§ 1º Para ter acesso à gratuidade, basta que o idoso apresente qualquer documento pessoal que faça prova de sua idade.

§ 2º Nos veículos de transporte coletivo de que trata este artigo, serão reservados 10% (dez por cento) dos assentos para os idosos, devidamente identificados com a placa de reservado preferencialmente para idosos.

§ 3º No caso das pessoas compreendidas na faixa etária entre 60 (sessenta) e 65 (sessenta e cinco) anos, ficará a critério da legislação local dispor sobre as condições para exercício da gratuidade nos meios de transporte previstos no **caput** deste artigo.

Art. 40. No sistema de transporte coletivo interestadual observar-se-á, nos termos da legislação específica: [\(Regulamento\)](#)

- I – a reserva de 2 (duas) vagas gratuitas por veículo para idosos com renda igual ou inferior a 2 (dois) salários-mínimos;
- II – desconto de 50% (cinquenta por cento), no mínimo, no valor das passagens, para os idosos que excederem as vagas gratuitas, com renda igual ou inferior a 2 (dois) salários-mínimos.

Parágrafo único. Caberá aos órgãos competentes definir os mecanismos e os critérios para o exercício dos direitos previstos nos incisos I e II.

Art. 41. É assegurada a reserva, para os idosos, nos termos da lei local, de 5% (cinco por cento) das vagas nos estacionamentos públicos e privados, as quais deverão ser posicionadas de forma a garantir a melhor comodidade ao idoso.

Art. 42. É assegurada a prioridade do idoso no embarque no sistema de transporte coletivo.

## TÍTULO III Das Medidas de Proteção

### CAPÍTULO I Das Disposições Gerais

Art. 43. As medidas de proteção ao idoso são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta Lei forem ameaçados ou violados:

- I – por ação ou omissão da sociedade ou do Estado;
- II – por falta, omissão ou abuso da família, curador ou entidade de atendimento;
- III – em razão de sua condição pessoal.

## CAPÍTULO II Das Medidas Específicas de Proteção

Art. 44. As medidas de proteção ao idoso previstas nesta Lei poderão ser aplicadas, isolada ou cumulativamente, e levarão em conta os fins sociais a que se destinam e o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários.

Art. 45. Verificada qualquer das hipóteses previstas no art. 43, o Ministério Público ou o Poder Judiciário, a requerimento daquele, poderá determinar, dentre outras, as seguintes medidas:

- I – encaminhamento à família ou curador, mediante termo de responsabilidade;
- II – orientação, apoio e acompanhamento temporários;
- III – requisição para tratamento de sua saúde, em regime ambulatorial, hospitalar ou domiciliar;
- IV – inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a usuários dependentes de drogas lícitas ou ilícitas, ao próprio idoso ou à pessoa de sua convivência que lhe cause perturbação;
- V – abrigo em entidade;
- VI – abrigo temporário.

## TÍTULO IV Da Política de Atendimento ao Idoso

### CAPÍTULO I Disposições Gerais

Art. 46. A política de atendimento ao idoso far-se-á por meio do conjunto articulado de ações governamentais e não-governamentais da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

Art. 47. São linhas de ação da política de atendimento:

- I – políticas sociais básicas, previstas na [Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994](#);
- II – políticas e programas de assistência social, em caráter supletivo, para aqueles que necessitarem;
- III – serviços especiais de prevenção e atendimento às vítimas de negligência, maus-tratos, exploração, abuso, crueldade e opressão;
- IV – serviço de identificação e localização de parentes ou responsáveis por idosos abandonados em hospitais e instituições de longa permanência;
- V – proteção jurídico-social por entidades de defesa dos direitos dos idosos;
- VI – mobilização da opinião pública no sentido da participação dos diversos segmentos da sociedade no atendimento do idoso.

## CAPÍTULO II Das Entidades de Atendimento ao Idoso

Art. 48. As entidades de atendimento são responsáveis pela manutenção das próprias unidades, observadas as normas de planejamento e execução emanadas do órgão competente da Política Nacional do Idoso, conforme a [Lei nº 8.842, de 1994](#).

Parágrafo único. As entidades governamentais e não-governamentais de assistência ao idoso ficam sujeitas à inscrição de seus programas, junto ao órgão competente da Vigilância Sanitária e Conselho Municipal da Pessoa Idosa, e em sua falta, junto ao Conselho Estadual ou Nacional da Pessoa Idosa, especificando os regimes de atendimento, observados os seguintes requisitos:

- I – oferecer instalações físicas em condições adequadas de habitabilidade, higiene, salubridade e segurança;
- II – apresentar objetivos estatutários e plano de trabalho compatíveis com os princípios desta Lei;
- III – estar regularmente constituída;
- IV – demonstrar a idoneidade de seus dirigentes.

Art. 49. As entidades que desenvolvam programas de institucionalização de longa permanência adotarão os seguintes princípios:

- I – preservação dos vínculos familiares;
- II – atendimento personalizado e em pequenos grupos;
- III – manutenção do idoso na mesma instituição, salvo em caso de força maior;
- IV – participação do idoso nas atividades comunitárias, de caráter interno e externo;
- V – observância dos direitos e garantias dos idosos;
- VI – preservação da identidade do idoso e oferecimento de ambiente de respeito e dignidade.

Parágrafo único. O dirigente de instituição prestadora de atendimento ao idoso responderá civil e criminalmente pelos atos que praticar em detrimento do idoso, sem prejuízo das sanções administrativas.

Art. 50. Constituem obrigações das entidades de atendimento:

I – celebrar contrato escrito de prestação de serviço com o idoso, especificando o tipo de atendimento, as obrigações da entidade e prestações decorrentes do contrato, com os respectivos preços, se for o caso;

- II – observar os direitos e as garantias de que são titulares os idosos;
- III – fornecer vestuário adequado, se for pública, e alimentação suficiente;
- IV – oferecer instalações físicas em condições adequadas de habitabilidade;
- V – oferecer atendimento personalizado;
- VI – diligenciar no sentido da preservação dos vínculos familiares;
- VII – oferecer acomodações apropriadas para recebimento de visitas;
- VIII – proporcionar cuidados à saúde, conforme a necessidade do idoso;
- IX – promover atividades educacionais, esportivas, culturais e de lazer;
- X – propiciar assistência religiosa àqueles que desejarem, de acordo com suas crenças;
- XI – proceder a estudo social e pessoal de cada caso;

XII – comunicar à autoridade competente de saúde toda ocorrência de idoso portador de doenças infecto-contagiosas;

XIII – providenciar ou solicitar que o Ministério Público requisite os documentos necessários ao exercício da cidadania àqueles que não os tiverem, na forma da lei;

XIV – fornecer comprovante de depósito dos bens móveis que receberem dos idosos;

XV – manter arquivo de anotações onde constem data e circunstâncias do atendimento, nome do idoso, responsável, parentes, endereços, cidade, relação de seus pertences, bem como o valor de contribuições, e suas alterações, se houver, e demais dados que possibilitem sua identificação e a individualização do atendimento;

XVI – comunicar ao Ministério Público, para as providências cabíveis, a situação de abandono moral ou material por parte dos familiares;

XVII – manter no quadro de pessoal profissionais com formação específica.

Art. 51. As instituições filantrópicas ou sem fins lucrativos prestadoras de serviço ao idoso terão direito à assistência judiciária gratuita.

### CAPÍTULO III Da Fiscalização das Entidades de Atendimento

Art. 52. As entidades governamentais e não-governamentais de atendimento ao idoso serão fiscalizadas pelos Conselhos do Idoso, Ministério Público, Vigilância Sanitária e outros previstos em lei.

Art. 53. O art. 7º da [Lei nº 8.842, de 1994](#), passa a vigorar com a seguinte redação:

"[Art. 7º](#) Compete aos Conselhos de que trata o art. 6º desta Lei a supervisão, o acompanhamento, a fiscalização e a avaliação da política nacional do idoso, no âmbito das respectivas instâncias político-administrativas." (NR)

Art. 54. Será dada publicidade das prestações de contas dos recursos públicos e privados recebidos pelas entidades de atendimento.

Art. 55. As entidades de atendimento que descumprirem as determinações desta Lei ficarão sujeitas, sem prejuízo da responsabilidade civil e criminal de seus dirigentes ou prepostos, às seguintes penalidades, observado o devido processo legal:

I – as entidades governamentais:

- a) advertência;
- b) afastamento provisório de seus dirigentes;
- c) afastamento definitivo de seus dirigentes;
- d) fechamento de unidade ou interdição de programa;

II – as entidades não-governamentais:

- a) advertência;
- b) multa;
- c) suspensão parcial ou total do repasse de verbas públicas;
- d) interdição de unidade ou suspensão de programa;
- e) proibição de atendimento a idosos a bem do interesse público.

§ 1º Havendo danos aos idosos abrigados ou qualquer tipo de fraude em relação ao programa, caberá o afastamento provisório dos dirigentes ou a interdição da unidade e a suspensão do programa.

§ 2º A suspensão parcial ou total do repasse de verbas públicas ocorrerá quando verificada a má aplicação ou desvio de finalidade dos recursos.

§ 3º Na ocorrência de infração por entidade de atendimento, que coloque em risco os direitos assegurados nesta Lei, será o fato comunicado ao Ministério Público, para as providências cabíveis, inclusive para promover a suspensão das atividades ou dissolução da entidade, com a proibição de atendimento a idosos a bem do interesse público, sem prejuízo das providências a serem tomadas pela Vigilância Sanitária.

§ 4º Na aplicação das penalidades, serão consideradas a natureza e a gravidade da infração cometida, os danos que dela provierem para o idoso, as circunstâncias agravantes ou atenuantes e os antecedentes da entidade.

#### CAPÍTULO IV Das Infrações Administrativas

Art. 56. Deixar a entidade de atendimento de cumprir as determinações do [art. 50 desta Lei](#):

Pena – multa de R\$ 500,00 (quinhentos reais) a R\$ 3.000,00 (três mil reais), se o fato não for caracterizado como crime, podendo haver a interdição do estabelecimento até que sejam cumpridas as exigências legais.

Parágrafo único. No caso de interdição do estabelecimento de longa permanência, os idosos abrigados serão transferidos para outra instituição, a expensas do estabelecimento interditado, enquanto durar a interdição.

Art. 57. Deixar o profissional de saúde ou o responsável por estabelecimento de saúde ou instituição de longa permanência de comunicar à autoridade competente os casos de crimes contra idoso de que tiver conhecimento:

Pena – multa de R\$ 500,00 (quinhentos reais) a R\$ 3.000,00 (três mil reais), aplicada em dobro no caso de reincidência.

Art. 58. Deixar de cumprir as determinações desta Lei sobre a prioridade no atendimento ao idoso:

Pena – multa de R\$ 500,00 (quinhentos reais) a R\$ 1.000,00 (um mil reais) e multa civil a ser estipulada pelo juiz, conforme o dano sofrido pelo idoso.

#### CAPÍTULO V Da Apuração Administrativa de Infração às Normas de Proteção ao Idoso

Art. 59. Os valores monetários expressos no Capítulo IV serão atualizados anualmente, na forma da lei.

Art. 60. O procedimento para a imposição de penalidade administrativa por infração às normas de proteção ao idoso terá início com requisição do Ministério Público ou auto de infração elaborado por servidor efetivo e assinado, se possível, por duas testemunhas.

§ 1º No procedimento iniciado com o auto de infração poderão ser usadas fórmulas impressas, especificando-se a natureza e as circunstâncias da infração.

§ 2º Sempre que possível, à verificação da infração seguir-se-á a lavratura do auto, ou este será lavrado dentro de 24 (vinte e quatro) horas, por motivo justificado.

Art. 61. O autuado terá prazo de 10 (dez) dias para a apresentação da defesa, contado da data da intimação, que será feita:

I – pelo autuante, no instrumento de autuação, quando for lavrado na presença do infrator;

II – por via postal, com aviso de recebimento.

Art. 62. Havendo risco para a vida ou à saúde do idoso, a autoridade competente aplicará à entidade de atendimento as sanções regulamentares, sem prejuízo da iniciativa e das providências que vierem a ser adotadas pelo Ministério Público ou pelas demais instituições legitimadas para a fiscalização.

Art. 63. Nos casos em que não houver risco para a vida ou a saúde da pessoa idosa abrigada, a autoridade competente aplicará à entidade de atendimento as sanções regulamentares, sem prejuízo da iniciativa e das providências que vierem a ser adotadas pelo Ministério Público ou pelas demais instituições legitimadas para a fiscalização.

## CAPÍTULO VI Da Apuração Judicial de Irregularidades em Entidade de Atendimento

Art. 64. Aplicam-se, subsidiariamente, ao procedimento administrativo de que trata este Capítulo as disposições das [Leis nºs 6.437, de 20 de agosto de 1977](#), e [9.784, de 29 de janeiro de 1999](#).

Art. 65. O procedimento de apuração de irregularidade em entidade governamental e não-governamental de atendimento ao idoso terá início mediante petição fundamentada de pessoa interessada ou iniciativa do Ministério Público.

Art. 66. Havendo motivo grave, poderá a autoridade judiciária, ouvido o Ministério Público, decretar liminarmente o afastamento provisório do dirigente da entidade ou outras medidas que julgar adequadas, para evitar lesão aos direitos do idoso, mediante decisão fundamentada.

Art. 67. O dirigente da entidade será citado para, no prazo de 10 (dez) dias, oferecer resposta escrita, podendo juntar documentos e indicar as provas a produzir.

Art. 68. Apresentada a defesa, o juiz procederá na conformidade do art. 69 ou, se necessário, designará audiência de instrução e julgamento, deliberando sobre a necessidade de produção de outras provas.

§ 1º Salvo manifestação em audiência, as partes e o Ministério Público terão 5 (cinco) dias para oferecer alegações finais, decidindo a autoridade judiciária em igual prazo.

§ 2º Em se tratando de afastamento provisório ou definitivo de dirigente de entidade governamental, a autoridade judiciária oficiará a autoridade administrativa imediatamente superior ao afastado, fixando-lhe prazo de 24 (vinte e quatro) horas para proceder à substituição.

§ 3º Antes de aplicar qualquer das medidas, a autoridade judiciária poderá fixar prazo para a remoção das irregularidades verificadas. Satisfeitas as exigências, o processo será extinto, sem julgamento do mérito.

§ 4º A multa e a advertência serão impostas ao dirigente da entidade ou ao responsável pelo programa de atendimento.

## TÍTULO V Do Acesso à Justiça

### CAPÍTULO I Disposições Gerais

Art. 69. Aplica-se, subsidiariamente, às disposições deste Capítulo, o procedimento sumário previsto no Código de Processo Civil, naquilo que não contrarie os prazos previstos nesta Lei.

Art. 70. O Poder Público poderá criar varas especializadas e exclusivas do idoso.

Art. 71. É assegurada prioridade na tramitação dos processos e procedimentos e na execução dos atos e diligências judiciais em que figure como parte ou interveniente pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, em qualquer instância.

§ 1º O interessado na obtenção da prioridade a que alude este artigo, fazendo prova de sua idade, requererá o benefício à autoridade judiciária competente para decidir o feito, que determinará as providências a serem cumpridas, anotando-se essa circunstância em local visível nos autos do processo.

§ 2º A prioridade não cessará com a morte do beneficiado, estendendo-se em favor do cônjuge supérstite, companheiro ou companheira, com união estável, maior de 60 (sessenta) anos.

§ 3º A prioridade se estende aos processos e procedimentos na Administração Pública, empresas prestadoras de serviços públicos e instituições financeiras, ao atendimento preferencial junto à Defensoria Pública da União, dos Estados e do Distrito Federal em relação aos Serviços de Assistência Judiciária.

§ 4º Para o atendimento prioritário será garantido ao idoso o fácil acesso aos assentos e caixas, identificados com a destinação a idosos em local visível e caracteres legíveis.

## CAPÍTULO II Do Ministério Público

Art. 72. (VETADO)

Art. 73. As funções do Ministério Público, previstas nesta Lei, serão exercidas nos termos da respectiva Lei Orgânica.

Art. 74. Compete ao Ministério Público:

I – instaurar o inquérito civil e a ação civil pública para a proteção dos direitos e interesses difusos ou coletivos, individuais indisponíveis e individuais homogêneos do idoso;

II – promover e acompanhar as ações de alimentos, de interdição total ou parcial, de designação de curador especial, em circunstâncias que justifiquem a medida e oficiar em todos os feitos em que se discutam os direitos de idosos em condições de risco;

III – atuar como substituto processual do idoso em situação de risco, conforme o disposto no art. 43 desta Lei;

IV – promover a revogação de instrumento procuratório do idoso, nas hipóteses previstas no art. 43 desta Lei, quando necessário ou o interesse público justificar;

V – instaurar procedimento administrativo e, para instruí-lo:

a) expedir notificações, colher depoimentos ou esclarecimentos e, em caso de não comparecimento injustificado da pessoa notificada, requisitar condução coercitiva, inclusive pela Polícia Civil ou Militar;

b) requisitar informações, exames, perícias e documentos de autoridades municipais, estaduais e federais, da administração direta e indireta, bem como promover inspeções e diligências investigatórias;

c) requisitar informações e documentos particulares de instituições privadas;

VI – instaurar sindicâncias, requisitar diligências investigatórias e a instauração de inquérito policial, para a apuração de ilícitos ou infrações às normas de proteção ao idoso;

VII – zelar pelo efetivo respeito aos direitos e garantias legais assegurados ao idoso, promovendo as medidas judiciais e extrajudiciais cabíveis;

VIII – inspecionar as entidades públicas e particulares de atendimento e os programas de que trata esta Lei, adotando de pronto as medidas administrativas ou judiciais necessárias à remoção de irregularidades porventura verificadas;

IX – requisitar força policial, bem como a colaboração dos serviços de saúde, educacionais e de assistência social, públicos, para o desempenho de suas atribuições;

X – referendar transações envolvendo interesses e direitos dos idosos previstos nesta Lei.

§ 1º A legitimação do Ministério Público para as ações cíveis previstas neste artigo não impede a de terceiros, nas mesmas hipóteses, segundo dispuser a lei.

§ 2º As atribuições constantes deste artigo não excluem outras, desde que compatíveis com a finalidade e atribuições do Ministério Público.

§ 3º O representante do Ministério Público, no exercício de suas funções, terá livre acesso a toda entidade de atendimento ao idoso.

Art. 75. Nos processos e procedimentos em que não for parte, atuará obrigatoriamente o Ministério Público na defesa dos direitos e interesses de que cuida esta Lei, hipóteses em que terá vista dos autos depois das partes, podendo juntar documentos, requerer diligências e produção de outras provas, usando os recursos cabíveis.

Art. 76. A intimação do Ministério Público, em qualquer caso, será feita pessoalmente.

Art. 77. A falta de intervenção do Ministério Público acarreta a nulidade do feito, que será declarada de ofício pelo juiz ou a requerimento de qualquer interessado.

### CAPÍTULO III

#### Da Proteção Judicial dos Interesses Difusos, Coletivos e Individuais Indisponíveis ou Homogêneos

Art. 78. As manifestações processuais do representante do Ministério Público deverão ser fundamentadas.

Art. 79. Regem-se pelas disposições desta Lei as ações de responsabilidade por ofensa aos direitos assegurados ao idoso, referentes à omissão ou ao oferecimento insatisfatório de:

I – acesso às ações e serviços de saúde;

II – atendimento especializado ao idoso portador de deficiência ou com limitação incapacitante;

III – atendimento especializado ao idoso portador de doença infecto-contagiosa;

IV – serviço de assistência social visando ao amparo do idoso.

Parágrafo único. As hipóteses previstas neste artigo não excluem da proteção judicial outros interesses difusos, coletivos, individuais indisponíveis ou homogêneos, próprios do idoso, protegidos em lei.

Art. 80. As ações previstas neste Capítulo serão propostas no foro do domicílio do idoso, cujo juízo terá competência absoluta para processar a causa, ressalvadas as competências da Justiça Federal e a competência originária dos Tribunais Superiores.

Art. 81. Para as ações cíveis fundadas em interesses difusos, coletivos, individuais indisponíveis ou homogêneos, consideram-se legitimados, concorrentemente:

I – o Ministério Público;

II – a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios;

III – a Ordem dos Advogados do Brasil;

IV – as associações legalmente constituídas há pelo menos 1 (um) ano e que incluam entre os fins institucionais a defesa dos interesses e direitos da pessoa idosa, dispensada a autorização da assembléia, se houver prévia autorização estatutária.

§ 1º Admitir-se-á litisconsórcio facultativo entre os Ministérios Públicos da União e dos Estados na defesa dos interesses e direitos de que cuida esta Lei.

§ 2º Em caso de desistência ou abandono da ação por associação legitimada, o Ministério Público ou outro legitimado deverá assumir a titularidade ativa.

Art. 82. Para defesa dos interesses e direitos protegidos por esta Lei, são admissíveis todas as espécies de ação pertinentes.

Parágrafo único. Contra atos ilegais ou abusivos de autoridade pública ou agente de pessoa jurídica no exercício de atribuições de Poder Público, que lesem direito líquido e certo previsto nesta Lei, caberá ação mandamental, que se regerá pelas normas da lei do mandado de segurança.

Art. 83. Na ação que tenha por objeto o cumprimento de obrigação de fazer ou não-fazer, o juiz concederá a tutela específica da obrigação ou determinará providências que assegurem o resultado prático equivalente ao adimplemento.

§ 1º Sendo relevante o fundamento da demanda e havendo justificado receio de ineficácia do provimento final, é lícito ao juiz conceder a tutela liminarmente ou após justificação prévia, na forma do [art. 273 do Código de Processo Civil](#).

§ 2º O juiz poderá, na hipótese do § 1º ou na sentença, impor multa diária ao réu, independentemente do pedido do autor, se for suficiente ou compatível com a obrigação, fixando prazo razoável para o cumprimento do preceito.

§ 3º A multa só será exigível do réu após o trânsito em julgado da sentença favorável ao autor, mas será devida desde o dia em que se houver configurado.

Art. 84. Os valores das multas previstas nesta Lei reverterão ao Fundo do Idoso, onde houver, ou na falta deste, ao Fundo Municipal de Assistência Social, ficando vinculados ao atendimento ao idoso.

Parágrafo único. As multas não recolhidas até 30 (trinta) dias após o trânsito em julgado da decisão serão exigidas por meio de execução promovida pelo Ministério Público, nos mesmos autos, facultada igual iniciativa aos demais legitimados em caso de inércia daquele.

Art. 85. O juiz poderá conferir efeito suspensivo aos recursos, para evitar dano irreparável à parte.

Art. 86. Transitada em julgado a sentença que impuser condenação ao Poder Público, o juiz determinará a remessa de peças à autoridade competente, para apuração da responsabilidade civil e administrativa do agente a que se atribua a ação ou omissão.

Art. 87. Decorridos 60 (sessenta) dias do trânsito em julgado da sentença condenatória favorável ao idoso sem que o autor lhe promova a execução, deverá fazê-lo o Ministério Público, facultada, igual iniciativa aos demais legitimados, como assistentes ou assumindo o pólo ativo, em caso de inércia desse órgão.

Art. 88. Nas ações de que trata este Capítulo, não haverá adiantamento de custas, emolumentos, honorários periciais e quaisquer outras despesas.

Parágrafo único. Não se imporá sucumbência ao Ministério Público.

Art. 89. Qualquer pessoa poderá, e o servidor deverá, provocar a iniciativa do Ministério Público, prestando-lhe informações sobre os fatos que constituam objeto de ação civil e indicando-lhe os elementos de convicção.

Art. 90. Os agentes públicos em geral, os juízes e tribunais, no exercício de suas funções, quando tiverem conhecimento de fatos que possam configurar crime de ação pública contra idoso ou ensejar a propositura de ação para sua defesa, devem encaminhar as peças pertinentes ao Ministério Público, para as providências cabíveis.

Art. 91. Para instruir a petição inicial, o interessado poderá requerer às autoridades competentes as certidões e informações que julgar necessárias, que serão fornecidas no prazo de 10 (dez) dias.

Art. 92. O Ministério Público poderá instaurar sob sua presidência, inquérito civil, ou requisitar, de qualquer pessoa, organismo público ou particular, certidões, informações, exames ou perícias, no prazo que assinalar, o qual não poderá ser inferior a 10 (dez) dias.

§ 1º Se o órgão do Ministério Público, esgotadas todas as diligências, se convencer da inexistência de fundamento para a propositura da ação civil ou de peças informativas, determinará o seu arquivamento, fazendo-o fundamentadamente.

§ 2º Os autos do inquérito civil ou as peças de informação arquivados serão remetidos, sob pena de se incorrer em falta grave, no prazo de 3 (três) dias, ao Conselho Superior do Ministério Público ou à Câmara de Coordenação e Revisão do Ministério Público.

§ 3º Até que seja homologado ou rejeitado o arquivamento, pelo Conselho Superior do Ministério Público ou por Câmara de Coordenação e Revisão do Ministério Público, as associações legitimadas poderão apresentar razões escritas ou documentos, que serão juntados ou anexados às peças de informação.

§ 4º Deixando o Conselho Superior ou a Câmara de Coordenação e Revisão do Ministério Público de homologar a promoção de arquivamento, será designado outro membro do Ministério Público para o ajuizamento da ação.

## TÍTULO VI Dos Crimes

### CAPÍTULO I Disposições Gerais

Art. 93. Aplicam-se subsidiariamente, no que couber, as disposições da [Lei nº 7.347, de 24 de julho de 1985](#).

Art. 94. Aos crimes previstos nesta Lei, cuja pena máxima privativa de liberdade não ultrapasse 4 (quatro) anos, aplica-se o procedimento previsto na [Lei nº 9.099, de 26 de setembro de 1995](#), e, subsidiariamente, no que couber, as disposições do Código Penal e do Código de Processo Penal.

## CAPÍTULO II Dos Crimes em Espécie

Art. 95. Os crimes definidos nesta Lei são de ação penal pública incondicionada, não se lhes aplicando os [arts. 181 e 182 do Código Penal](#).

Art. 96. Discriminar pessoa idosa, impedindo ou dificultando seu acesso a operações bancárias, aos meios de transporte, ao direito de contratar ou por qualquer outro meio ou instrumento necessário ao exercício da cidadania, por motivo de idade:

Pena – reclusão de 6 (seis) meses a 1 (um) ano e multa.

§ 1º Na mesma pena incorre quem desdenhar, humilhar, menosprezar ou discriminar pessoa idosa, por qualquer motivo.

§ 2º A pena será aumentada de 1/3 (um terço) se a vítima se encontrar sob os cuidados ou responsabilidade do agente.

Art. 97. Deixar de prestar assistência ao idoso, quando possível fazê-lo sem risco pessoal, em situação de iminente perigo, ou recusar, retardar ou dificultar sua assistência à saúde, sem justa causa, ou não pedir, nesses casos, o socorro de autoridade pública:

Pena – detenção de 6 (seis) meses a 1 (um) ano e multa.

Parágrafo único. A pena é aumentada de metade, se da omissão resulta lesão corporal de natureza grave, e triplicada, se resulta a morte.

Art. 98. Abandonar o idoso em hospitais, casas de saúde, entidades de longa permanência, ou congêneres, ou não prover suas necessidades básicas, quando obrigado por lei ou mandado:

Pena – detenção de 6 (seis) meses a 3 (três) anos e multa.

Art. 99. Expor a perigo a integridade e a saúde, física ou psíquica, do idoso, submetendo-o a condições desumanas ou degradantes ou privando-o de alimentos e cuidados indispensáveis, quando obrigado a fazê-lo, ou sujeitando-o a trabalho excessivo ou inadequado:

Pena – detenção de 2 (dois) meses a 1 (um) ano e multa.

§ 1º Se do fato resulta lesão corporal de natureza grave:

Pena – reclusão de 1 (um) a 4 (quatro) anos.

§ 2º Se resulta a morte:

Pena – reclusão de 4 (quatro) a 12 (doze) anos.

Art. 100. Constitui crime punível com reclusão de 6 (seis) meses a 1 (um) ano e multa:

I – obstar o acesso de alguém a qualquer cargo público por motivo de idade;

II – negar a alguém, por motivo de idade, emprego ou trabalho;

III – recusar, retardar ou dificultar atendimento ou deixar de prestar assistência à saúde, sem justa causa, a pessoa idosa;

IV – deixar de cumprir, retardar ou frustrar, sem justo motivo, a execução de ordem judicial expedida na ação civil a que alude esta Lei;

V – recusar, retardar ou omitir dados técnicos indispensáveis à propositura da ação civil objeto desta Lei, quando requisitados pelo Ministério Público.

Art. 101. Deixar de cumprir, retardar ou frustrar, sem justo motivo, a execução de ordem judicial expedida nas ações em que for parte ou interveniente o idoso:

Pena – detenção de 6 (seis) meses a 1 (um) ano e multa.

Art. 102. Apropriar-se de ou desviar bens, proventos, pensão ou qualquer outro rendimento do idoso, dando-lhes aplicação diversa da de sua finalidade:

Pena – reclusão de 1 (um) a 4 (quatro) anos e multa.

Art. 103. Negar o acolhimento ou a permanência do idoso, como abrigado, por recusa deste em outorgar procuração à entidade de atendimento:

Pena – detenção de 6 (seis) meses a 1 (um) ano e multa.

Art. 104. Reter o cartão magnético de conta bancária relativa a benefícios, proventos ou pensão do idoso, bem como qualquer outro documento com objetivo de assegurar recebimento ou ressarcimento de dívida:

Pena – detenção de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos e multa.

Art. 105. Exibir ou veicular, por qualquer meio de comunicação, informações ou imagens depreciativas ou injuriosas à pessoa do idoso:

Pena – detenção de 1 (um) a 3 (três) anos e multa.

Art. 106. Induzir pessoa idosa sem discernimento de seus atos a outorgar procuração para fins de administração de bens ou deles dispor livremente:

Pena – reclusão de 2 (dois) a 4 (quatro) anos.

Art. 107. Coagir, de qualquer modo, o idoso a doar, contratar, testar ou outorgar procuração:

Pena – reclusão de 2 (dois) a 5 (cinco) anos.

Art. 108. Lavrar ato notarial que envolva pessoa idosa sem discernimento de seus atos, sem a devida representação legal:

Pena – reclusão de 2 (dois) a 4 (quatro) anos.

## TÍTULO VII Disposições Finais e Transitórias

Art. 109. Impedir ou embaraçar ato do representante do Ministério Público ou de qualquer outro agente fiscalizador:

Pena – reclusão de 6 (seis) meses a 1 (um) ano e multa.

Art. 110. O Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940, Código Penal, passa a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 61. ....

.....

II - .....

.....

h) contra criança, maior de 60 (sessenta) anos, enfermo ou mulher grávida;

....." (NR)

"Art. 121. ....

.....

§ 4º No homicídio culposo, a pena é aumentada de 1/3 (um terço), se o crime resulta de inobservância de regra técnica de profissão, arte ou ofício, ou se o agente deixa de prestar imediato socorro à vítima, não procura diminuir as conseqüências do seu ato, ou foge para evitar prisão em flagrante. Sendo doloso o homicídio, a pena é aumentada de 1/3 (um terço) se o crime é praticado contra pessoa menor de 14 (quatorze) ou maior de 60 (sessenta) anos.

....." (NR)

"Art. 133. ....

.....

§ 3º .....

.....

III – se a vítima é maior de 60 (sessenta) anos." (NR)

"Art. 140. ....

.....

§ 3º Se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência:

..... (NR)

"Art. 141. ....

.....

IV – contra pessoa maior de 60 (sessenta) anos ou portadora de deficiência, exceto no caso de injúria.

....." (NR)

"Art. 148. ....

.....

§ 1º.....

I – se a vítima é ascendente, descendente, cônjuge do agente ou maior de 60 (sessenta) anos.

....." (NR)

"Art. 159.....

.....

§ 1º Se o seqüestro dura mais de 24 (vinte e quatro) horas, se o seqüestrado é menor de 18 (dezoito) ou maior de 60 (sessenta) anos, ou se o crime é cometido por bando ou quadrilha.

....." (NR)

"Art. 183.....

.....  
III – se o crime é praticado contra pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos." (NR)

"Art. 244. Deixar, sem justa causa, de prover a subsistência do cônjuge, ou de filho menor de 18 (dezoito) anos ou inapto para o trabalho, ou de ascendente inválido ou maior de 60 (sessenta) anos, não lhes proporcionando os recursos necessários ou faltando ao pagamento de pensão alimentícia judicialmente acordada, fixada ou majorada; deixar, sem justa causa, de socorrer descendente ou ascendente, gravemente enfermo:

....." (NR)

Art. 111. O [O art. 21 do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941](#), Lei das Contravenções Penais, passa a vigorar acrescido do seguinte parágrafo único:

"Art. 21.....

Parágrafo único. Aumenta-se a pena de 1/3 (um terço) até a metade se a vítima é maior de 60 (sessenta) anos." (NR)

Art. 112. O [inciso II do § 4º do art. 1º da Lei nº 9.455, de 7 de abril de 1997](#), passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 1º .....

§ 4º .....

II – se o crime é cometido contra criança, gestante, portador de deficiência, adolescente ou maior de 60 (sessenta) anos;

....." (NR)

Art. 113. O [inciso III do art. 18 da Lei nº 6.368, de 21 de outubro de 1976](#), passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 18.....

III – se qualquer deles decorrer de associação ou visar a menores de 21 (vinte e um) anos ou a pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos ou a quem tenha, por qualquer causa, diminuída ou suprimida a capacidade de discernimento ou de autodeterminação:

....." (NR)

Art. 114. O [art 1º da Lei nº 10.048, de 8 de novembro de 2000](#), passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 1º As pessoas portadoras de deficiência, os idosos com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, as gestantes, as lactantes e as pessoas acompanhadas por crianças de colo terão atendimento prioritário, nos termos desta Lei." (NR)

Art. 115. O Orçamento da Seguridade Social destinará ao Fundo Nacional de Assistência Social, até que o Fundo Nacional do Idoso seja criado, os recursos necessários, em cada exercício financeiro, para aplicação em programas e ações relativos ao idoso.

Art. 116. Serão incluídos nos censos demográficos dados relativos à população idosa do País.

Art. 117. O Poder Executivo encaminhará ao Congresso Nacional projeto de lei revendo os critérios de concessão do Benefício de Prestação Continuada previsto na Lei Orgânica da Assistência Social, de forma a garantir que o acesso ao direito seja condizente com o estágio de desenvolvimento sócio-econômico alcançado pelo País.

Art. 118. Esta Lei entra em vigor decorridos 90 (noventa) dias da sua publicação, ressalvado o disposto no **caput** do art. 36, que vigorará a partir de 1º de janeiro de 2004.

Brasília, 1º de outubro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

*Márcio Thomaz Bastos*

*Antonio Palocci Filho*

*Rubem Fonseca Filho*

*Humberto Sérgio Costa Lima*

*Guido Mantega*

*Ricardo José Ribeiro Berzoini*

*Benedita Souza da Silva Sampaio*

*Álvaro Augusto Ribeiro Costa*

**Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 3.10.2003**

Anexo 2 – Poema de Manuel Bandeira: Evocação do Recife, em que o poeta apresenta a sua melancolia frente às mudanças engendradas do Recife, e em especial no bairro da Boa Vista à sua rua, a Rua da União.

<b>Poema: Evocação do Recife</b>	
Manuel Bandeira	
<i>Recife</i> <i>Não a Veneza americana</i> <i>Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais</i> <i>Não o Recife dos Mascates</i> <i>Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois</i> <i>- Recife das revoluções libertárias</i> <i>Mas o Recife sem história nem literatura</i> <i>Recife sem mais nada</i> <i>Recife da minha infância</i> <i>A rua da União onde eu brincava de chicote-queimado</i> <i>e partia as vidraças da casa de dona Aninha Viegas</i> <i>Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê</i> <i>na ponta do nariz</i> <i>Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com cadeiras</i> <i>mexericos namoros risadas</i> <i>A gente brincava no meio da rua</i> <i>Os meninos gritavam:</i> <i>Coelho sai!</i> <i>Não sai!</i>  <i>A distância as vozes macias das meninas politonavam:</i> <i>Roseira dá-me uma rosa</i> <i>Craveiro dá-me um botão</i>  <i>(Dessas rosas muita rosa</i> <i>Terá morrido em botão...)</i> <i>De repente</i> <i>nos longos da noite</i> <i>um sino</i> <i>Uma pessoa grande dizia:</i> <i>Fogo em Santo Antônio!</i> <i>Outra contrariava: São José!</i> <i>Totônio Rodrigues achava sempre que era São José.</i> <i>Os homens punham o chapéu saíam fumando</i> <i>E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver o fogo.</i>  <i>Rua da União...</i> <i>Como eram lindos os montes das ruas da minha infância</i> <i>Rua do Sol</i> <i>(Tenho medo que hoje se chame de dr. Fulano de Tal)</i> <i>Atrás de casa ficava a Rua da Saudade...</i> <i>...onde se ia fumar escondido</i> <i>Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora...</i> <i>...onde se ia pescar escondido</i> <i>Capiberibe</i> <i>- Capiberibe</i> <i>Lá longe o sertãozinho de Caxangá</i> <i>Banheiros de palha</i> <i>Um dia eu vi uma moça nuinha no banho</i> <i>Fiquei parado o coração batendo</i> <i>Ela se riu</i> <i>Foi o meu primeiro alumbramento</i> <i>Cheia! As cheias! Barro boi morto árvores destroços redemoinho sumiu</i> <i>E nos pegões da ponte do trem de ferro</i>	

*os caboclos destemidos em jangadas de bananeiras*

*Novenas*

*Cavalhadas*

*E eu me deitei no colo da menina e ela começou  
a passar a mão nos meus cabelos*

*Capiberibe*

*- Capiberibe*

*Rua da União onde todas as tardes passava a preta das bananas*

*Com o xale vistoso de pano da Costa*

*E o vendedor de roletes de cana*

*O de amendoim*

*que se chamava midubim e não era torrado era cozido*

*Me lembro de todos os pregões:*

*Ovos frescos e baratos*

*Dez ovos por uma pataca*

*Foi há muito tempo...*

*A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros*

*Vinha da boca do povo na língua errada do povo*

*Língua certa do povo*

*Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil*

*Ao passo que nós*

*O que fazemos*

*É macaquear*

*A sintaxe lusiada*

*A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem*

*Terras que não sabia onde ficavam*

*Recife...*

*Rua da União...*

*A casa de meu avô...*

*Nunca pensei que ela acabasse!*

*Tudo lá parecia impregnado de eternidade*

*Recife...*

*Meu avô morto.*

*Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro*

*como a casa de meu avô*

Fonte: <http://www.casadobruzo.com.br/poesia/m/evocacao.htm>

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)